

A ARQUITETURA DE THEÓPHILO BORGES DE BARROS NO RIO GRANDE DO SUL

TAINÁ MANFREDINI

Dissertação de Mestrado orientada por
Cláudio Calovi Pereira, Arq. PhD.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura
PROPAR / UFRGS

A ARQUITETURA DE THEÓPHILO BORGES DE BARROS NO RIO GRANDE DO SUL

Tainá Manfredini

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção
de grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Arq. PhD. Cláudio Calovi
Pereira.

Porto Alegre, novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, que permitiram a minha qualificação.

A todos meus professores, por terem instigado a busca pelo conhecimento e contribuído na minha trajetória.

Ao Prof. Cláudio Calovi, por ter me acompanhado e conduzido ao longo desta jornada. És um exemplo pra mim.

Àqueles que permitiram que eu visitasse, fotografasse e analisasse as obras. Agradecimento especial à diretora do Colégio Paula Soares, Ivalcir; à arquiteta da Secretaria da Fazenda, Adriana; ao arquivista da Secretaria de Obras Públicas, Willian e ao Ten. Cel. Campomar da Brigada Militar.

À minha família, em especial a meus pais, Oscar e Silvana, e à minha irmã, Nayane, pelo amor, apoio e incentivo.

Ao Eduardo e à Lolô, pelo companheirismo em todos os momentos.

RESUMO

A presente dissertação pretende contribuir com o estudo da arquitetura do Rio Grande do Sul, por meio da documentação e análise das obras do engenheiro arquiteto Theóphilo Borges de Barros. A dissertação é parte do trabalho de um grupo de pesquisa do CNPq, dedicado ao estudo da arquitetura do classicismo e liderado pelo orientador. Dentro da área da arquitetura gaúcha, já foram abordados os arquitetos Affonso Hebert, Maurice Gras, Theodor Wiederspahn, Hermann Menchen, Cristiano Gelbert, Antonio Monteiro Neto, Luís Fernando Corona, Edgar Graeff e Román Fresnedo. Barros atuou como arquiteto-chefe da diretoria estadual de obras públicas, sendo um importante protagonista da arquitetura do início do século XX do estado. A maioria de suas obras construídas localizam-se em Porto Alegre e há alguns exemplares de sua produção em Pelotas. A dissertação apresenta a contextualização político-social no Rio Grande do Sul, o perfil profissional de Barros e a catalogação analítica em ordem cronológica de sua produção. A partir das análises pode-se entender de forma mais precisa a contribuição de Barros no quadro da arquitetura gaúcha de seu tempo e examinar o uso da linguagem clássica da arquitetura em suas obras, tendo em vista que ele foi um de seus últimos adeptos.

ABSTRACT

The dissertation is an effort to deepen the understanding of the architecture in the state of Rio Grande do Sul, Southern Brazil, by collecting data and analyzing the works of the engineer and architect Teóphilo Borges de Barros from 1919 to 1935. This dissertation is part of a collective effort in a research group dedicated to the study of Classical architecture and led by the advisor. The group is certified by CNPq (National Council of Research), a Brazilian Government Agency. Previously to this dissertation about Barros, other architects were studied: Affonso Hebert, Maurice Gras, Theodor Wiederspahn, Hermann Menchen, Cristiano Gelbert, Antonio Monteiro Neto, Luís Fernando Corona, Edgar Graeff e Roman Fresnedo. Barros acted as chief architect of the state's public works and was an important professional during the first decades of the 20th century. The majority of his works were built in Porto Alegre, but a few are in Pelotas. The dissertation presents the sociopolitical context in the state of Rio Grande do Sul at that time, the professional profile of Barros and a catalogue raisonnée of his works. The analysis of the buildings allows for a better understanding of Barros' contribution in the context of regional architecture and also his role as one of the last classicist architects of Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CONTEXTO HISTÓRICO.....	16
BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA DE THEÓPHILO BORGES DE BARROS.....	32
BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	61
COLÉGIO COMPLEMENTAR: Atual Colégio Paula Soares.....	77
SECRETARIA DA FAZENDA E DE OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO.....	97
A FEDERAÇÃO: Atual Museu Hipólito José da Costa	125
GRANDE HOTEL PELOTAS	141
QUARTEL DO COMANDO GERAL DA BRIGADA MILITAR.....	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180
FONTES DE CONSULTA.....	183
LISTA DE FIGURAS.....	186
ANEXO I	196
ANEXO II	200

INTRODUÇÃO

Theóphilo Borges de Barros foi um importante engenheiro arquiteto da República Velha Rio-grandense. Ele é responsável pelo edifício do Colégio Complementar (atual colégio Paula Soares, 1919-22), pela sede do jornal A Federação (atual Museu Hipólito da Costa, 1921-22), pelos edifícios geminados das Secretarias da Fazenda e de Obras Públicas do estado (1920-22 e 1927-35) e pelo quartel do Comando Maior da Brigada Militar (1927-29), todos construídos em Porto Alegre. Outra obra sua de destaque é o Grande Hotel em Pelotas (1928). Outras obras menores e projetos constam em seu currículo, mas as acima citadas são suficientes para lhe atribuir uma posição de destaque na arquitetura do Rio Grande do Sul nos primórdios da era republicana. Barros se posiciona na segunda geração de arquitetos desse período. Ele assume o protagonismo de arquiteto oficial das obras públicas estaduais após cerca de 20 anos de comando dos políticos positivistas no governo gaúcho. Portanto, sua obra dá continuidade a um programa vigente, mas igualmente introduz novas particularidades. Esta dissertação pretende analisar sua obra e verificar estes aspectos.

Até o presente momento a produção de Barros não foi identificada de forma adequada por nenhum autor. Seu nome e suas obras são mencionadas apenas de forma breve e pouco aprofundada. Um autor que faz menção às obras de Barros é Günter Weimer. No livro "Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul 1892|1945"¹ e em "O Positivismo Gaúcho e sua Arquitetura"², o autor apresenta uma breve biografia do engenheiro arquiteto e cita algumas obras de sua

1 WEIMER, Günter. *Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul 1892/1945*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

2 WEIMER, Günter. *O positivismo gaúcho e sua arquitetura*. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1985.

autoria. Além disso, Weimer também menciona sobre Barros em “A Arquitetura”³ e em “A vida cultural e a arquitetura na fase positivista do Rio Grande do Sul”⁴. Outro autor que cita Barros é Fernando Corona em “50 anos de formas plásticas e seus autores”⁵. A escassez de informações e a falta de um estudo sistemático revela a necessidade de catalogar cronologicamente sua produção para entendê-la de forma adequada, e também caracteriza o ineditismo do estudo.

Estudo este que dá continuidade às pesquisas da área de concentração Teoria, História e Crítica da Arquitetura, linha de pesquisa em arquitetura gaúcha, onde estão inseridos os trabalhos desenvolvidos sob orientação do prof. PhD Cláudio Calovi Pereira sobre os arquitetos: Affonso Hebert⁶, Maurice Gras⁷, Theodor Wiedersphan⁸, Hermann Menchen⁸, Christiano de la Paix

3 WEIMER, Günter. A Arquitetura. UFRGS, 1992.

4 WEIMER, Günter. A vida cultural e a arquitetura na fase positivista do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

5 CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. In. BECKER, Klaus. (Org.). Enciclopédia Rio-grandense. 3º Volume: O Rio Grande Atual. Canoas: Editora Regional Ltda, 1957, p. 217-270.

6 DIEFENBACH, Samantha Sonza. Affonso Hebert : ecletismo republicano no Rio Grande do Sul. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/14974>.

7 KUBASKI, FRANCIELLE. As praças centrais de Porto Alegre como composições arquitetônicas : sobre o papel da arquitetura na construção dos espaços abertos. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/181047>.

8 GRIENEISEN, Vera. Aspectos transculturais na arquitetura porto-alegrense : a obra de quatro profissionais alemães entre 1900 e 1950. 2019. 402 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/198521>.

Gelbert⁹, Luís Fernando Corona¹⁰, Edgar Albuquerque Graeff¹¹, João Antônio Monteiro Neto¹² e Román Fresnedo Siri¹³. O estudo é de caráter monográfico, o objetivo geral é investigar a produção do engenheiro arquiteto Barros no período de 1913 até 1933 no Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos envolvem a revisão bibliográfica sobre o tema, a investigação da biografia do engenheiro arquiteto, o levantamento, análise e relação de suas obras, e o fornecimento de um panorama da produção da arquitetura gaúcha nos primórdios do século XX.

A metodologia compreende, inicialmente, a revisão bibliográfica, a contextualização político-social no Rio Grande do Sul na época de atuação do engenheiro arquiteto e a investigação de sua biografia. Envolve, posteriormente, a pesquisa arquivada, por meio da investigação em arquivos históricos municipais e estaduais, relatórios oficiais das obras do estado, noticiários da imprensa e nos arquivos localizados nas próprias edificações analisadas. Esta pesquisa foi

9 FESTUGATO, Taísa. A arquitetura de Christiano de la Paix Gelbert em Porto Alegre (1925-1953). 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/67061>.

10 SZEKUT, Alessandra Rambo. Vertentes da modernidade no Rio Grande do Sul : a obra do arquiteto Luís Fernando Corona. 2008. 349 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/18362>.

11 GOLDMAN, Carlos Henrique. A casa moderna em Porto Alegre : projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 - 1961. 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/6694>.

12 PEREIRA, Cristiano Zluhan. Entre textos e projetos : o arquiteto João Antônio Monteiro Neto em Porto Alegre. 2013. 388 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/67859>.

13 WEIZENMANN, Jamile Maria da Silva. A arquitetura de Román Fresnedo Siri (1938-1971). 2008. 304 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/14980>.

combinada com visitas “in loco”, registros fotográficos atuais e redesenhos para analisar as obras. Os redesenhos foram adotados em três obras, sendo elas o Colégio Complementar, a Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas e o Quartel do Comando Geral da Brigada Militar. No caso da Biblioteca Pública, do edifício sede do Jornal “A Federação” e do Grande Hotel foram adaptados os redesenhos existentes. O material gráfico que não foi produzido é devido à inexistência de desenhos e de material.

Para embasar o estudo consultou-se a bibliografia “A Linguagem Clássica da Arquitetura” de John Summerson que fornece uma abordagem sobre a linguagem clássica da arquitetura, sua relação com as cinco ordens e apresenta um glossário para facilitar a compreensão dos termos da gramática arquitetônica da antiguidade. Para compreender as diferentes linguagens arquitetônicas das obras construídas no início do século XX em Porto Alegre utilizou-se como referência a dissertação “Porto Alegre, Arquitetura e Estilo, 1880 a 1930” da autora Barbara Schäffer.¹⁴

Buscou-se analisar os projetos em termos de localização e contexto histórico, seus requerimentos funcionais (programa e atividades) e atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, composição de fachadas e espaços internos). As características construtivas (estrutura e materiais) não integram a análise, pois estes aspectos são pouco explorados nos projetos. Quanto à ortografia, optou-se pela diferenciação do português da época com o uso da fonte em itálico.

Assim sendo, a pesquisa apresenta o contexto histórico, uma perspectiva do perfil profissional de Barros e

¹⁴ Com relação ao termo “estilo”, usado nesta dissertação, seu uso se fundamenta na conceituação dada pelos seguintes autores: ELSNER (2003), SCHAPIRO (1953) E SONTAG (1965).

a catalogação analítica em ordem cronológica da produção de Barros. A fim de constituir um acervo do legado de Barros com a identificação do maior número de obras, e compreender de forma mais precisa sua contribuição no quadro da arquitetura gaúcha de seu tempo.

O primeiro capítulo apresenta uma breve síntese do contexto político-social do Rio Grande do Sul, considerando os tempos do governo e o incentivo às obras públicas. Este capítulo é consolidado por meio de uma linha do tempo, indicando a atividade construtiva da época. O segundo capítulo trata da biografia de Barros e da sua trajetória profissional, através da cronologia da obra completa identificada.

O terceiro capítulo tem como enfoque a obra construída de Barros e constitui a principal parte da dissertação. Organiza-se assim um catálogo cronológico da produção do arquiteto das obras construídas no estado do Rio Grande do Sul. Inicia-se pela primeira obra em que o arquiteto participou como coautor, a Biblioteca Pública do Estado do RS. Em seguida são apresentados os projetos assinados por Barros: o Colégio Complementar; a Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas do Estado; a sede do Jornal "A Federação"; o Grande Hotel Pelotas e o Quartel do Comando Geral da Brigada Militar, totalizando seis obras. Todas as obras citadas foram selecionadas por constituírem exemplares relevantes da produção do arquiteto e devido à amplitude de documentos encontrados. Os outros projetos, a Escola de Belas Artes; o Pantheon do Estado; o Teatro de Bagé; a Vila Santa Eulália; o Matadouro Modelo; o Albergue Noturno Padre Agnello e a ampliação do Superior Tribunal de Justiça também integram a obra

do arquiteto. No entanto, não há material suficiente que possibilitasse uma análise mais profunda dessas obras.

Nas considerações finais é desenvolvida uma síntese final, baseada nas análises efetuadas ao longo da pesquisa, são enfatizados alguns aspectos identificados e são feitas constatações considerando toda a trajetória e produção de Barros.

CONTEXTO HISTÓRICO

O advento da república em 1889, com a transferência do regime Imperial para o Republicano no Brasil, provocou diversas transformações no meio econômico, social e político. Este período ficou conhecido como “Primeira República” ou “República Velha”, sendo marcado pela inserção do capitalismo, pela formação do mercado interno, pela urbanização e pelo surgimento da indústria. Com o novo regime foi dada grande autonomia aos estados. No Rio Grande do Sul, a instauração da República ocasionou o surgimento de um regime político centralizador, baseado em ideias do positivismo de Auguste Comte. Neste contexto, surge um novo partido fundado por um grupo de jovens, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), como uma alternativa ao Partido Liberal, com concepções baseadas na ideologia positivista.

“... o PRR propunha-se a realizar a modernização econômica exigida. A ideologia importada, posta a serviço das condições histórico-objetivas locais, fornecia os elementos básicos que norteariam a ação do grupo no poder: desenvolver as forças produtivas do Estado, favorecer a acumulação privada de capital e propiciar o progresso harmônico de todas as atividades econômicas.”¹⁵

A ideologia do PRR consolidou-se e transpareceu com clareza na Constituição de 1891. A indicação de Júlio de Castilhos para presidente do estado nesse mesmo ano e, novamente, em 1893, aumentou o descontentamento e culminou na maior contestação ao governo gaúcho, a Revolução Federalista (1893 a 1895), marcada por atos de extrema violência entre as duas facções políticas (republicanos e federalistas). Após o conflito, o PRR consolidou seu domínio no Rio Grande do Sul.

15 PESAVENTO, 2014, p. 66.

“A situação de violenta disputa pelo poder reverteu-se em 1896, quando à paz seguiu-se, no Rio Grande do Sul, a consolidação do PRR, simbolizada pela volta de Castilhos ao governo do estado. O projeto de governo definido pela agremiação tinha como base o ideário de Augusto Comte, porém com versão própria – o castilhismo. Entre as suas características mais importantes destacavam-se a presença dominante do Poder Executivo e o seu comprometimento com o desenvolvimento capitalista.”¹⁶

Júlio de Castilhos preside o estado de 1893 a 1898, marcando o início de uma série de governos alinhados com o positivismo. Apesar de seu tempo de governo ter sido ocupado com a Revolução Federalista, ele deu início a uma nova fase na arquitetura de Porto Alegre. Em 1896, ele encomenda a construção de um novo palácio de governo à Diretoria de Obras Públicas, ao arquiteto Affonso Hebert. Em paralelo, promove a construção do palácio da Intendência Municipal de Porto Alegre, com projeto desenvolvido pelo italiano João Carrara Colfosco. Conforme exposto por Calovi Pereira (2011):

“O investimento em dois palácios públicos de ampla visibilidade e sofisticado tratamento escultórico e decorativo demonstra a importância da arquitetura no projeto castilhista. A arquitetura eclética de base clássica, com profusa decoração e volumes animados por projeções e ressaltos, indica o afastamento do sóbrio neoclassicismo da arquitetura imperial em Porto Alegre.”¹⁷

16 BAKOS, 1998, p. 215.

17 CALOVI PEREIRA, 2011, p. 44.

Weimer (2017) descreve:

“Ainda que fosse o projeto mais importante, o Palácio Governamental não foi o único projeto a ocupar os técnicos da Secretaria de Obras. Em 1897, Hebert fora encarregado de mais um projeto importante: o do prédio da Mesa de Rendas, [...]. Esse prédio, porém, não chegou a ser edificado.”¹⁸

Em 1898, o sucessor Borges de Medeiros assume a presidência estadual por dois termos (1898-1903 e 1903-1908) e demonstra pouca preocupação com a política construtiva do estado, interrompendo o plano da arquitetura que estava sendo desenvolvido em Porto Alegre. Os empreendimentos construídos no período envolvem os primeiros edifícios universitários: a Escola de Engenharia (1898-1900), o Instituto Eletrotécnico (1906-1910) e o conjunto do Observatório Astronômico, Chateau e Castelinho (1906-1908). Embora subsidiadas e monitoradas pelo governo provincial, essas obras eram empreendimentos privados. Attilio Trebbi, em 1906, publica uma planta da cidade de Porto Alegre: um mapa da cidade no centro da folha com obras em suas margens, sendo elas indicativos da atividade construtiva da época: Monumento à Júlio de Castilhos, Banco Brasileiro-Alemão (Palácio Chaves, 1902), Tesouro do Estado (1850-74), Escola de Engenharia, Hospício São Pedro, Atheneu Rio Grandense (1850), Intendência Municipal (concluída em 1901), Igreja da Nossa Senhora das Dores (1901-1902), Banco da Província, Palácio do Governo e Escola Militar (1872-1887).

As mudanças significativas advindas com a Proclamação da República começam a se refletir no cenário de Porto Alegre a partir de 1908, com uma série de obras

18 WEIMER, 2017, p. 231.



Figura 1- Mapa de Porto Alegre, Attilio Trebbi.

notáveis. Em 1908, Carlos Barbosa Gonçalves é eleito para a presidência estadual no período de 1908-1913 em sucessão a Borges, num momento econômico muito favorável:

O Rio Grande do Sul começava a colher os frutos do desenvolvimento das regiões da serra e planalto através dos imigrantes, cuja atividade econômica se dinamizava pela consolidação da malha ferroviária estadual. Porto Alegre era o ponto de convergência dessa atividade, que logo se manifestou na construção de fábricas, sedes de empresas comerciais e estabelecimentos bancários.¹⁹

Nascido em Pelotas (1851) e criado em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa formou-se em medicina no Rio de Janeiro (1875). Ainda quando exercia a medicina, envolveu-se com a política ao longo de sua carreira e em 1907 foi escolhido por Borges de Medeiros para se candidatar à presidência. Seu termo de governo é marcado pelo desenvolvimento da atividade construtiva, em boa parte patrocinada pelo estado. Durante o termo de Carlos Barbosa, o programa construtivo oficial foi comandado pelo arquiteto-chefe da Secretaria de Obras Públicas do Estado, Affonso Hebert, que ingressou como desenhista da Repartição de Obras Públicas em 1876 e aposentou-se em 1922. Outros arquitetos também contribuíram com o programa construtivo da época em Porto Alegre, sendo eles: Theodor Wiederspahn, Otto Menchen e Maurice Gras.

Como o objetivo de caracterizar a imagem metropolitana, Carlos Barbosa concentrou-se em localizar nas praças centrais de Porto Alegre (Matriz e Alfândega) as sedes das principais instituições públicas da cidade, consolidando a Acrópole Institucional e a Ágora Comercial²⁰ da capital gaúcha. Na área da praça da Matriz constrói o Palácio Piratini, o monumento a Júlio de Castilhos (1913), o Arquivo Público (1910), a Biblioteca Pública (1911) e a sede da Secretaria de Obras Públicas. Na área da Alfândega, dá início as obras do porto com a construção do aterro para localizar quatro novos palácios públicos junto à praça, uma avenida com canteiro central e uma gare de passageiros junto ao Guaíba. As aspirações de Barbosa podem ter sua

20 A Acrópole é a zona religiosa das cidades gregas, onde se encontram os templos principais e outras instituições, como na Acrópole de Atenas. No caso de Porto Alegre, a Acrópole é a Praça da Matriz. Já o Ágora é a zona de comércio, localizada em terreno mais baixo, próximo aos portos. Em Porto Alegre, isso equivale à Praça da Alfândega, em seu papel original.

origem na experiência que ele teve em Paris, durante sua estada entre 1875 e 1878, pois a arquitetura da metrópole parisiense unia as variantes do ecletismo Beaux-Arts com as inovações tecnológicas das grandes estruturas metálicas.

No primeiro ano de governo, Carlos Barbosa retoma o assunto do novo Palácio, que estava paralisado por Borges de Medeiros desde 1901. Ele recusa-se a usar o projeto do arquiteto-chefe de Obras Públicas, Affonso Hebert, e organiza um concurso em Paris para obter um projeto francês. Dos dois projetos avaliados por um júri local, o vencedor é o projeto de Augustin Rey, arquiteto francês nascido em Milão (1864) e graduado na École de Beaux-Arts de Paris (1888). No entanto, o resultado do concurso não satisfaz as expectativas de Carlos Barbosa, pois ele percebeu que eram necessários ajustes no projeto. Nesse cenário, em 1909 ocorreu a vinda de Maurice Gras, outro arquiteto francês, para tratar do projeto do palácio. Maurice Gras (1873-1954) formou-se na École des Beaux-Arts de Paris (1902) e teve um percurso profissional destacado. Ainda assim, o palácio²¹ que construiu em Porto Alegre é extremamente relevante para seu currículo de obras. Na praça da Matriz, o palácio de Gras compõe o conjunto monumental junto com os



Figura 2- Palácio Piratini, década de 1920-30.



Figura 3- Monumento a Julio de Castilhos, décadas de 20-30.

21 CALOVI, PEREIRA, Palácio Piratini, 2011.



Figura 4- Praça da matriz por volta de 1920.

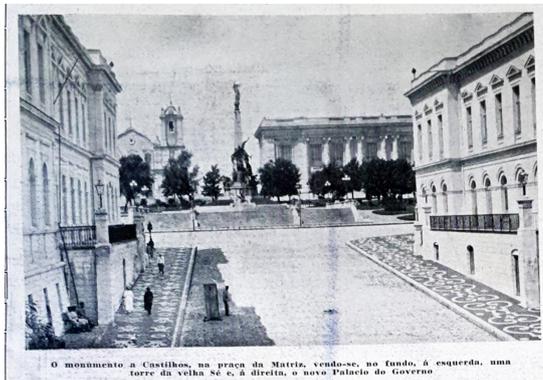


Figura 5- O monumento a Castilhos, na praça da Matriz, vendo-se, no fundo, à esquerda, uma torre da velha Sé e, à direita, o novo Palácio do Governo.

edifícios de Normann, onde já estava a igreja na face sul e os edifícios gêmeos do Teatro São Pedro (1849-58) e da antiga Casa de Câmara (depois Tesouro do Estado, 1850-74). Em seu último dia de governo (25 de janeiro de 1913), Barbosa inaugura o monumento a Júlio de Castilhos junto com seu sucessor (Borges de Medeiros). As grandes obras conferiram ao local a monumentalização da praça da Matriz.

As ambições de Barbosa e de sua equipe da Secretaria de Obras Públicas não se restringiram apenas as obras da praça da Matriz, mas sim a um projeto unindo a praça da Matriz com o outro espaço aberto nobre da cidade, a praça da Alfândega. Em 1909, Attilio Trebbi apresenta uma nova planta, contendo o projeto de ampliação e embelezamento da praça da Alfândega, com uma avenida ligando as duas praças. Devido a dificuldades compositivas e construtivas, as obras foram implantadas abdicando da avenida e respeitando a configuração tradicional da Praça da Matriz, pois gerava um conflito entre os eixos desde a praça da Matriz. A planta apresentada por Trebbi não continha nenhum edifício que viria a ser construído na praça da Alfândega, sendo a área tratada como espaço

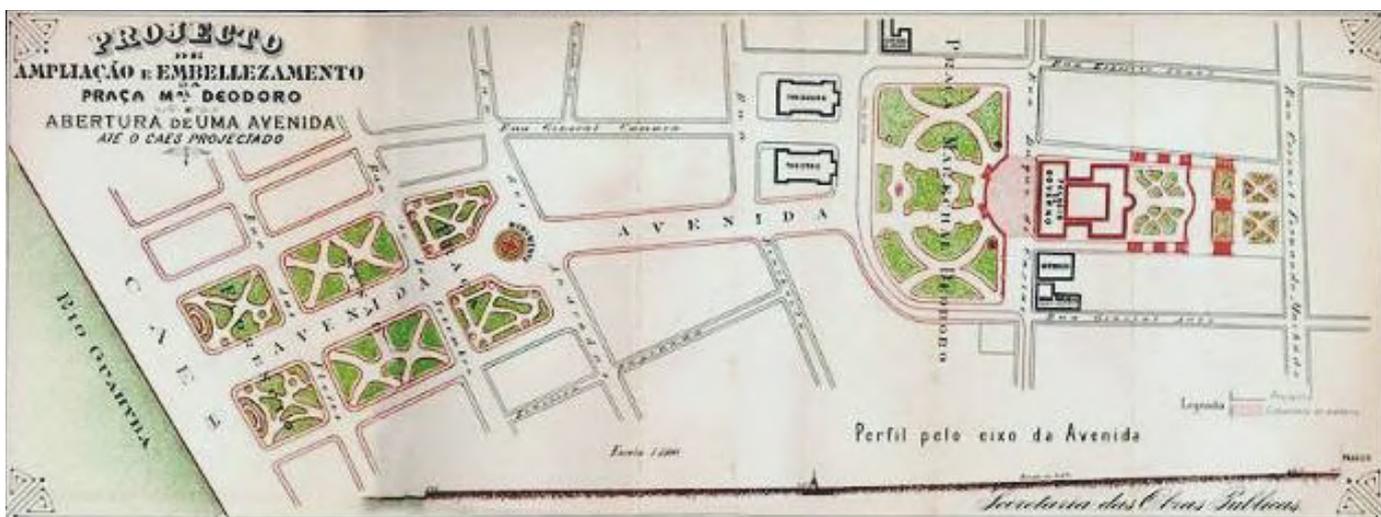


Figura 6- Attilio Trebbi: projeto de ampliação e embelezamento da praça Mal. Deodoro e abertura de uma avenida até o cais projetado.

ajardinado, de forma simplificada, sem definição de edificações, equipamentos urbanos e vegetação. No entanto, no mapa já aparecem traços delimitando a área dos quarteirões, onde posteriormente foram construídos edifícios.

Uma planta de 1910 (figura 7), sem menção de autoria, mostra a praça da Alfândega junto à área do porto, nela já se encontram os quatro edifícios posteriormente construídos na área: Edifício da Alfândega, da Mesa de Rendas, da Delegacia Fiscal e dos Correios e Telégrafos. O desenho também menciona um teatro e uma delegacia diante da rua Sete de Setembro, que não foram construídos.

O primeiro edifício construído na praça da Alfândega é o edifício dos Correios e Telégrafos (atual Memorial do RS), projeto do alemão Theo Wiederspahn, cuja construção foi iniciada em 1910, em paralelo com o início das obras do aterro do porto, e inaugurada em 1913. A presença de positivistas gaúchos no governo facilitou a construção de novos palácios de órgãos da União em Porto Alegre, com patrocínio do governo.

“Os Correios eram uma repartição ligada ao Ministério do Interior, sob chefia do Ministro José Barbosa Gonçalves, irmão do Governador Carlos Barbosa, cuja nomeação esteve vinculada ao apoio concedido pelo Partido Republicano Riograndense (PRR) ao Presidente Hermes da Fonseca, gaúcho de nascimento. O diretor geral dos Correios era o Coronel Ernesto Lírio da Siqueira, cuja nomeação também seguiu as determinações do referido pacto político.”²²

No terreno ao lado do destinado aos Correios e Telégrafos, Theo Wiederspahn projeta a segunda obra do governo a ser construída na área da praça

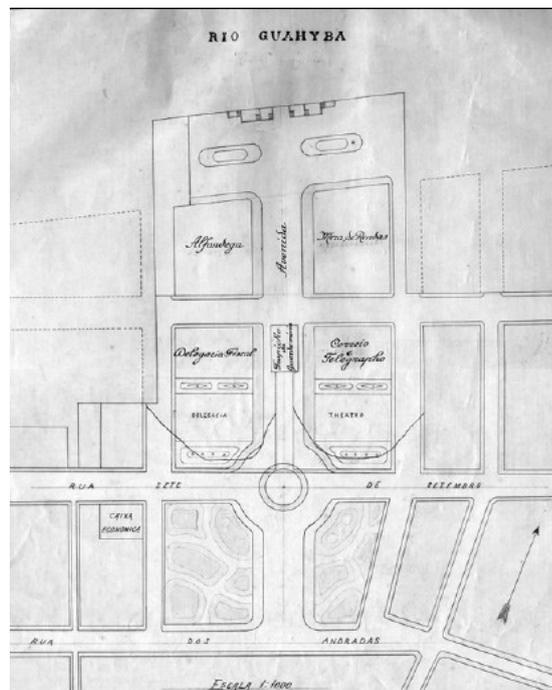


Figura 7- Projeto da praça da Alfândega junto ao cais.



Figura 8- Praça da Alfândega e avenida Sepúlveda, 1922.



Figura 9- Vista dos Correios e Telégrafos e da Delegacia Fiscal, década de 1930.

da Alfândega, a Delegacia Fiscal (atual Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS). Neste projeto, Wiedersphan contou com o apoio do arquiteto Alexander Gundlach. A concorrência pública para a construção do prédio foi aberta em 1912, e as obras foram iniciadas no ano seguinte. Os dois palácios projetados por Wiedersphan, com torres nas esquinas, definem monumentalmente a face norte da praça e enquadram a perspectiva da avenida Sepúlveda que termina no pavilhão metálico da gare portuária. Os dois palácios caracterizam-se pela composição formal com influência do neobarroco alemão. Theo Wiedersphan também projetou, na praça da Alfândega, em 1913, o edifício da Previdência do Sul (atual Banco Safra).

De acordo com Calovi Pereira, Diefenbach e Calovi (2008):

“O edifício dos Correios e Telégrafos apresenta um ecletismo claramente vinculado às formas do barroco alemão, tanto pela configuração de seus elementos (portais, janelas, frontões, cúpulas, pilastras, esculturas, rusticação) como pelo jogo de planos e volumes em saliências e reentrâncias. O edifício registra notável contraste com a solenidade clássica e rigor geométrico do Palácio Piratini, iniciado um ano antes (1909) segundo projeto do francês Maurice Gras.”²³

Sobre o Palácio da Delegacia Fiscal, os autores apontam que “as referências ao barroco alemão se manifestam nas cúpulas dos torreões e nos detalhes esculturais”²⁴.

Nas imediações da praça da Alfândega, também foi construído o prédio da Alfândega, projetado por Hermann Otto Menchen, arquiteto alemão radicado em Porto Alegre. A obra teve início em 1911 e a conclusão

23 CALOVI PEREIRA; DIEFENBACH; CALOVI, 2008, p. 15.

24 CALOVI PEREIRA; DIEFENBACH; CALOVI, 2008, p. 16.

ocorreu somente em 1933, assumida por Manoel Itaquí. O outro edifício, que já aparecia na planta de 1910 (Figura 7), da Mesa de Rendas, teve um primeiro projeto elaborado pelo arquiteto Affonso Hebert em 1912. Posteriormente, em 1920, foi elaborado um novo projeto de autoria do arquiteto Theóphilo Borges de Barros, que foi construído e atualmente é onde funciona a Secretaria da Fazenda.

A configuração da praça da alfândega a partir do aterro do porto (1910) criou um novo perfil urbano para a área, com espaços agradáveis para a permanência no local e com a ocupação dos edifícios nos quarteirões adjacentes, o que futuramente determinou o caráter sócio-cultural do lugar. Para acompanhar o novo perfil urbano da área, ocorreu mudança de uso das edificações do entorno, que passaram a abrigar novos estabelecimentos para a população, como a Confeitaria Colombo (1910) e os cineteatros Recreio Ideal (1908) e Guarany (1913).

Carlos Barbosa deixa o governo do estado, em janeiro de 1913, período em que a praça da Matriz já havia passado por uma ampla reconfiguração que conferiu uma nova imagem ao espaço aberto. Na área da praça da Alfândega o aterro do porto já estava iniciado e a construção dos Correios e Telégrafos estava em andamento. No mesmo ano, se inicia a construção do Palácio da Delegacia Fiscal e, gradativamente, a parte norte da praça se define. As demais obras integrantes do conjunto (Alfândega, Secretaria da Fazenda e pavilhões metálicos da gare portuária) só foram construídos após o governo de Barbosa. No entanto, o plano para desenvolvimento da composição urbana reflete a provável influência²⁵ do próprio presidente



Figura 10- Vista geral da Praça da Alfândega por volta de 1929.

25 Sugestão apontada por CALOVI PEREIRA; DIEFENBACH; CALOVI, 2008, p. 18.

Carlos Barbosa, do secretário Cândido de Godoy, dos arquitetos Affonso Hebert, Maurice Gras e Theo Wiederspahn.

Borges de Medeiros reassume como presidente do estado em 1913 e permanece no cargo até 1928, e com ele, as obras em andamento prosseguem em ritmo mais lento. No mesmo ano, em maio de 1913, Theóphilo Borges de Barros assume o cargo de 2º condutor da Secretaria de Obras Públicas e passa a fiscalizar diversas obras sob a direção de Affonso Hebert. Em 1922, devido a aposentadoria compulsória de Hebert, Barros é promovido à Chefe de Seção da Diretoria. Barros passa a ser o responsável por algumas das obras oficiais de Porto Alegre mais notáveis da época.

Antes da Primeira Guerra Mundial, o Rio Grande do Sul apresentava um considerável desenvolvimento econômico. Porto Alegre passava por uma febril atividade construtiva, Weimer (2017) aborda:

“O súbito enriquecimento, tanto de comerciantes como de industriais, foi a principal motivação de um esplendoroso desenvolvimento da arquitetura tanto governamental e, sem dúvida, se constituiu numa das fases mais marcantes da arte. Sem exagero, pode-se afirmar que nos anos que precederam a I Guerra, Porto Alegre foi transformada num imenso canteiro de obras que marcaram o ponto mais alto da arquitetura local, que se caracterizou pelo emprego das mais variadas linguagens arquitetônicas cuja conjugação sob o ecletismo, se constituía num permanente desafio à criatividade formal.”²⁶

Como tentativa para ordenar a ocupação urbana, em 1914, o engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel apresentou o Plano Geral de Melhoramentos ao

²⁶ WEIMER, 2017, p. 25.

Intendente José Montauray. O plano propôs a extensão e o alargamento de algumas ruas da capital, a construção de novas ruas e avenidas na área do aterro para desafogar o tráfego do centro para a periferia, e vice-versa. Conseqüentemente, para tornar o plano economicamente viável, era necessária a ocupação dos terrenos pelas obras da divisão de obras públicas.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, houve grande contração no comércio internacional e esse fato ocasionou a paralisação de muitas obras que estavam em andamento.

Como exemplo, a Construtora Rudolph Ahrons encerrou as atividades do escritório parcialmente, em decorrência dos efeitos negativos da 1ª Guerra Mundial. O fim da guerra gerou a esperança de que o panorama econômico retomasse ao patamar precedente ao conflito e, com isso, os investimentos na atividade construtiva foram retomados.

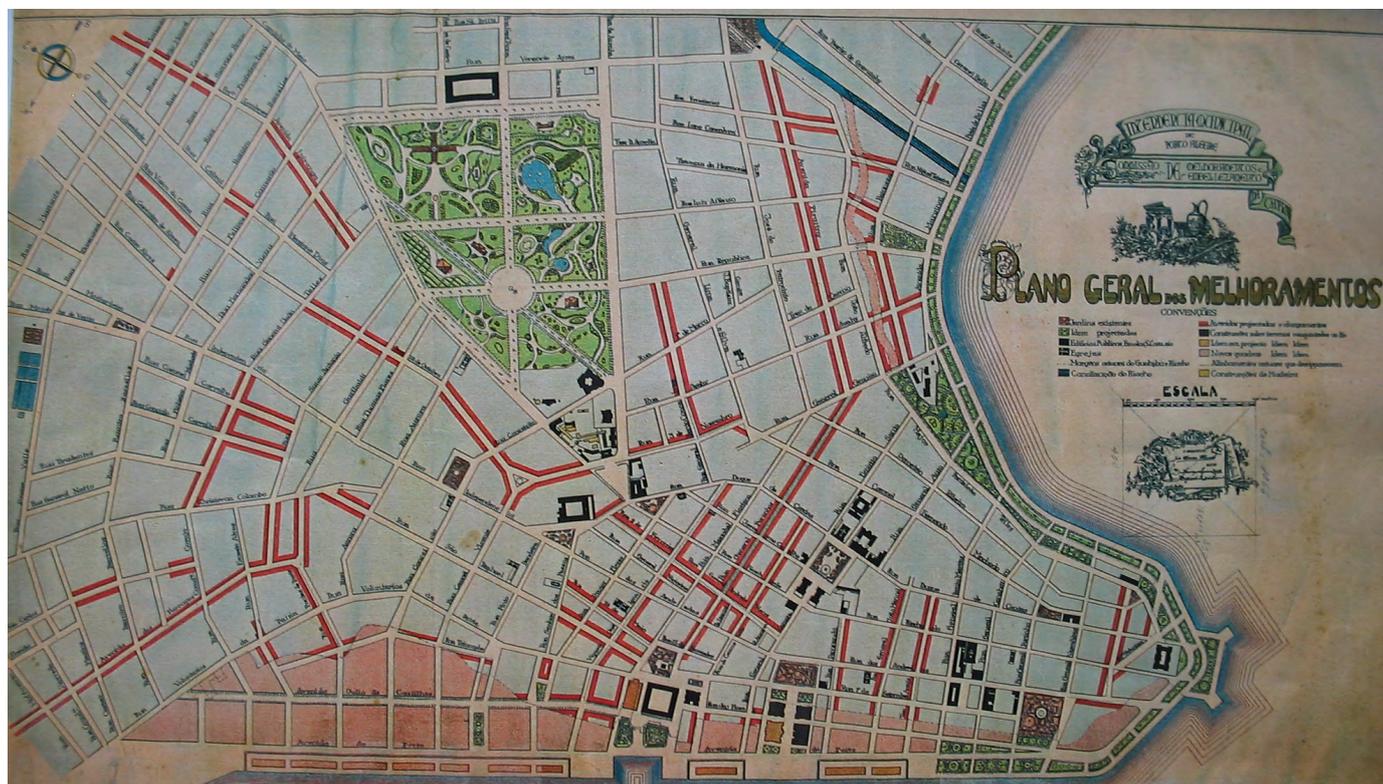


Figura 11- Mapa Plano Geral de Melhoramentos, 1914.



Figura 12- Planta da cidade de Porto Alegre, 1916.

Após a Primeira Guerra Mundial, observa-se que a maioria das obras passam a ser desenvolvidas por engenheiros e arquitetos locais, e não mais por profissionais estrangeiros.

“... temos em nosso caro Rio Grande engenheiros que dão conta do recado, sem ser necessário importar ou apelar para o Norte. (...) Em arquitetura, Manoel Itaqui, Theophilo de Barros, Adolpho Stern, Sylvio Barbedo e outros já experimentados e de apurado gosto;...”²⁷

Borges de Medeiros dá continuidade ao programa de desenvolvimento urbano que objetivava transformar Porto Alegre numa cidade metropolitana. Durante seu governo, são construídas as seguintes obras públicas na cidade: a ampliação do Arquivo Público do Estado (Affonso Hebert); a Escola Elementar na Praça General Osório (atual Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dorneles de Affonso Hebert); a ampliação do edifício da Biblioteca Pública (Affonso Hebert e Theóphilo Borges de Barros); a Escola Complementar na Rua General Auto, (atual Colégio Paula Soares de Theóphilo Borges de Barros); a Secretaria da Fazenda e a Secretaria de Obras Públicas (Theóphilo Borges de Barros). Na universidade são construídos: o Instituto de Meteorologia (atual prédio da Rádio da Universidade, A. A. Stern); o Instituto de Química (autor desconhecido); e o Instituto Parobé (C. Hoogenstraaten).

No período a construção privada também cresce. São construídos os seguintes edifícios: O edifício do Jornal “A Federação” (atual Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa de Theóphilo Borges de Barros); Edifício Ely (T. Wiederspahn); Hotel Majestic (atual Casa de Cultura Mario Quintana, de T. Whiederspahn);

²⁷ Entrevista concedida pelos incorporadores da empresa ao Jornal Correio do Sul, em 24 de abril de 1925, apud GONÇALVES (2006), p. 71.

Banco Nacional do Comércio (atual Santander Cultural, de T. Wiederspahn); Livraria do Globo (Boni); Auditório Araújo Viana (Schlupmann); Cine-Teatro Imperial (de Lucca, Weindoerfer), e outros.

Os projetos das obras públicas, em sua maioria, eram desenvolvidos pelo quadro de arquitetos/engenheiros da Secretaria de Negócios de Obras Públicas (SOP), composto por parte de egressos da Escola de Engenharia. De acordo com Heinz (2009): “de 165 funcionários da SOP repertoriados no período que vai de 1894 a 1930, 41 foram diplomados pela Escola de Engenharia e nove eram professores da instituição.”²⁸ Devido a um mercado de trabalho aquecido, os alunos da Escola de Engenharia, antes mesmo de se graduarem, já encontravam oportunidades para trabalhar na área, como foi o caso de Theóphilo Borges de Barros que integrou o quadro da SOP um ano antes de sua formatura.

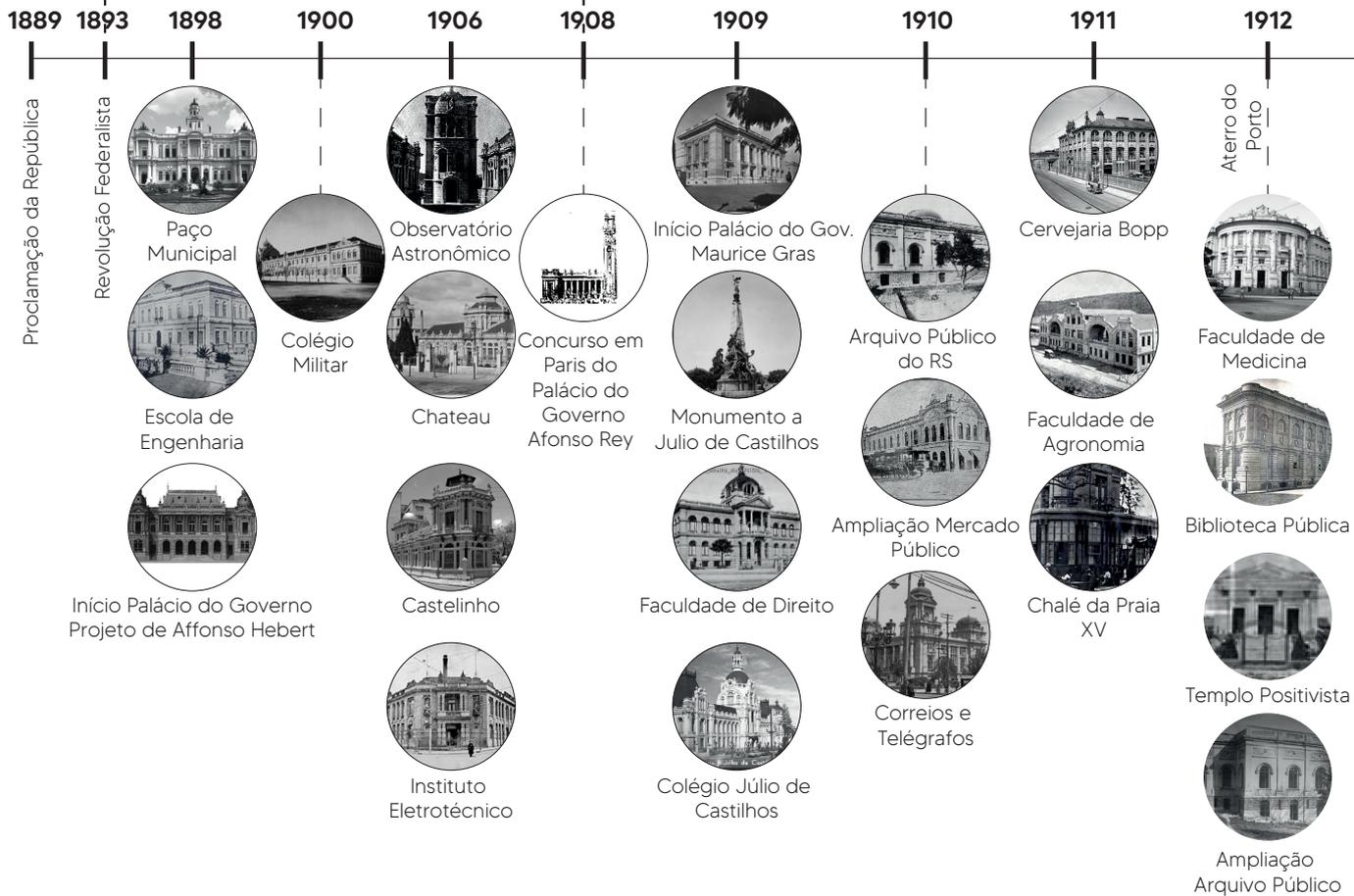
Com a Proclamação da República em 1889, os governos estaduais ganharam autonomia e puderam construir escolhendo suas referências estilísticas. No caso de Porto Alegre, no início do século XX, percebe-se que a presença de arquitetos alemães como Wiederspahn, Menchen e Gundlach, favorecem um ecletismo neobarroco em edificações públicas e privadas. Por outro lado, os arquitetos da Secretaria de Obras Públicas, Affonso Hebert e Theóphilo Borges de Barros, projetam obras ecléticas com referência ao classicismo. A arquitetura do ecletismo classicista pode ser reconhecida pelas obras com o predomínio de elementos associados com a tradição clássica grega, romana, renascentista ou neoclássica.

28 HEINZ, Flavio M. 2009. p. 270.

Governo Júlio de Castilhos 1893-1898

Governo Borges de Medeiros 1893-1908

Governo Carlos Barbosa 1908-1913



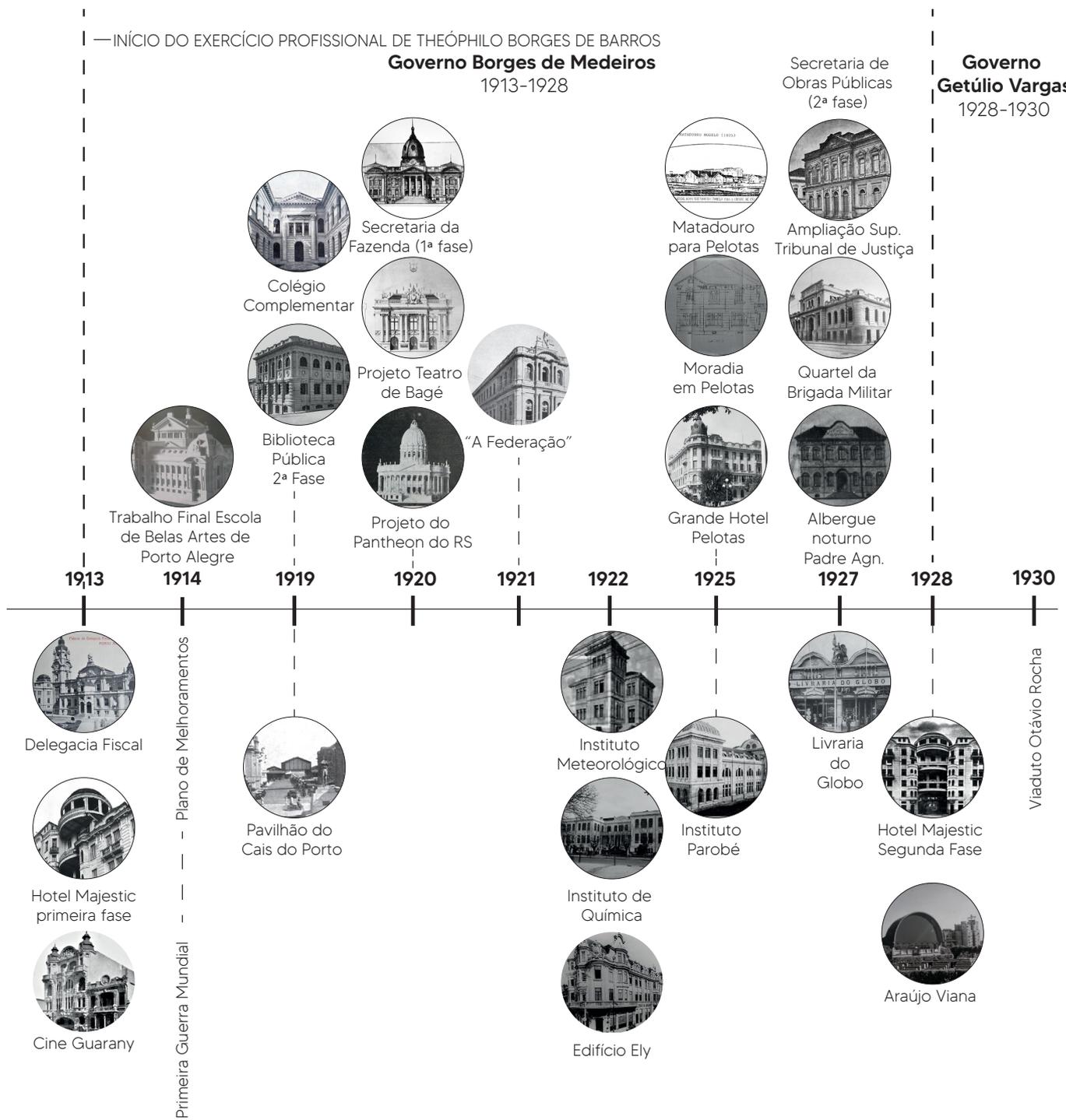


Figura 13- Linha do tempo.

BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA DE THEÓPHILO BORGES DE BARROS



Figura 14- Engenheiro Arquiteto Theóphilo Borges de Barros

Theóphilo Borges de Barros nasceu no Rio Grande do Sul em 5 de março de 1881 e faleceu em 7 de agosto de 1953, aos 72 anos de idade na cidade de Porto Alegre.²⁹ Era filho do engenheiro baiano Aurélio Borges de Barros e de Clarinda Fontoura Trindade. Foi casado com Olinda Totta Borges de Barros. Estudou Engenharia Civil na Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, tendo cursado o primeiro ano em 1908 e finalizado as disciplinas no sexto ano, em 1913. O curso de Engenharia Civil era de seis anos, sendo que os três primeiros constituíam o curso de Preparação e os restantes, de Engenharia Civil.

Baseado nos Relatórios da Escola de Engenharia³⁰, foi possível acessar as disciplinas cursadas e o desempenho do aluno Theóphilo Borges de Barros, o qual sempre foi satisfatório e com notas elevadas, expressas em graus no relatório. Verificou-se que os três primeiros anos do Curso foram dedicados ao ensino dos conhecimentos de Álgebra, Geometria e Trigonometria, Desenho à mão livre e de aquarela, sombras, perspectiva e estereotomia, Astronomia, Geodésia, Topografia, Cartografia Física e Química, com especial atenção às aulas experimentais e à resolução prática dos problemas.

Os três últimos anos foram voltados, mais propriamente, ao aprofundamento das disciplinas específicas da formação do engenheiro civil, como Resistência dos materiais, Grafostática, Construção de alvenaria e madeira, Estradas de rodagem, Máquinas e desenho de máquinas, Arquitetura e desenho de Arquitetura,

29 Informação obtida pela certidão de óbito n. 68517 (disponível no Arquivo Público do RS). Outra informação foi encontrada no Relatório da Escola de Engenharia (referente ao ano de 1908, p. 56.), onde consta a data de nascimento como 05/03/1884.

30 Anualmente, cada grande divisão da Escola, dirigia ao diretor um relatório detalhado das atividades e resultados do ano que findava.

Mineralogia e geologia geral aplicada aos materiais da construção, Pontes, estradas de ferro, Motores hidráulicos, Construção de ferro em geral, Eletrotécnica, Abastecimento de águas, esgoto e saneamento das cidades, Navegação interior, Obras marítimas, Química Industrial, Finanças e Administração e atividades práticas.

A estruturação da Escola de Engenharia era baseada no enfoque prático e no aprofundamento dos conhecimentos que deveriam advir das séries anteriores. A escola dava precedência ao saber fazer, enfatizando o ensino profissional prático.

“O longo tempo dedicado nos Institutos de Engenharia e de Eletrotécnica aos trabalhos de campo, de gabinete e de oficina, deverá forçosamente formar engenheiros e não diplomados em Engenharia”.³¹

Fazia parte do programa da Escola as viagens de estudos, como a excursão prática de construção, às minas de carvão, às pedreiras para aprofundamento dos conhecimentos de geologia e outras voltadas a pesquisa. “Em 1912, os alunos do quinto e sexto anos do Curso de Engenharia Civil, acompanhados do professor Luiz Englert, visitaram São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em viagem de estudos”³².

Ao final dos seis anos de curso, o diploma de engenheiro civil era conferido ao aluno que concluísse todas as disciplinas com aprovação e apresentasse um projeto de engenharia. Cada aluno recebia um tema com orientações para o trabalho final, que deveria ser apresentado e aprovado. O projeto final definido para o aluno Theóphilo Borges de Barros foi:

31 Relatório da Escola de Engenharia referente ao ano de 1909 apud HASSEN; FERREIRA, 1996, p. 27-28.

32 HASSEN; FERREIRA, 1996, p. 28.



Figura 15- Alunos do Instituto de Engenharia em excursão, 1910.



Figura 16- Alunos do Instituto de Engenharia em excursão, 1913.

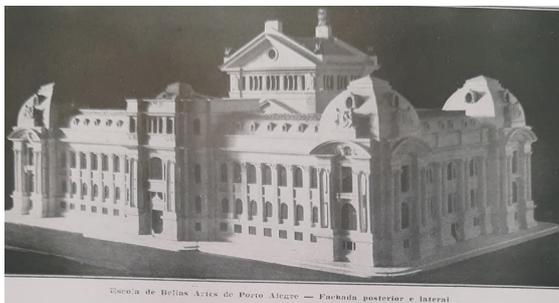


Figura 17- Escola de Belas Artes de Porto Alegre.

“ Projecto de um edificio para escola de Bellas Artes, no interior de uma cidade moderna.

O terreno a ser edificado (croquis junto) supporta em todos os seus pontos 1kg por c/m2.

O detalhe se comporá das seguintes partes:

Memoria descriptiva do projecto;

Todas as fachadas na escala de 1:50;

Plantas baixas de todos os pavimentos na escala de 1:100;

Todos os cortes necessarios para a construcção, bem como os detalhes principaes na escala de 1:20;

Serviços completos de aguas, exgottos, iluminação e aguas de chuva;

Calculo completo de tesouras e vigas em geral;

Orçamento por unidade de obra.”³³

Em 6 e 7 de maio de 1914, os alunos que haviam terminado o curso no ano letivo de 1913, foram submetidos à apresentação dos trabalhos finais para a obtenção do diploma de engenheiro civil. Três alunos apresentaram seus trabalhos, entre eles Theóphilo Borges de Barros, que apresentou o projeto para uma Escola de Belas Artes e obteve aprovação com grau 8 no trabalho final.

Atuação na Secretaria de Obras do Estado

Muitos alunos dos cursos de Engenharia atuavam profissionalmente antes mesmo de concluírem o curso. Este foi o caso de Barros, que um ano antes da sua formatura, em 1913, foi nomeado como condutor da Secretaria de Obras do Estado do Rio Grande do Sul, sob a direção de Affonso Hebert³⁴.

³³ Relatório da Escola de Engenharia referente ao ano de 1913, p. 31.

³⁴ Trabalhou no Poder Público de 1876 a 1922. Antecessor no cargo ocupado por Theóphilo.

“Nos tempos de progresso e desbravamento do Rio Grande, a demanda por profissionais da Escola era tanta que isso chegou a se tornar um problema: o aluno, muito antes de se graduar, com um ou dois anos de estudos, era sugado por um mercado de trabalho tão ávido que a Escola tinha que competir com este mercado para manter o aluno no qual vinha investindo.”³⁵

Theóphilo Borges de Barros assumiu o cargo de 2º condutor da Secretaria de Obras Públicas em 19 de maio de 1913 e fiscalizou diversas obras no período em que Affonso Hebert era chefe de seção, entre elas, a Biblioteca Pública do Estado, o Hospital da Brigada Militar, o Hospício São Pedro, o Teatro São Pedro, a Olaria do Estado, o Colégio Elementar, a Escola Complementar (no Atheneu), o Depósito e Trapiche da Mesa de Rendas, a Colonia de Alienados, o Quartel do 2º Batalhão, o Quartel do 1º regimento no Crystal, as reparações do Colégio Voluntários da Pátria, as reformas da Assembleia dos Representantes, os trabalhos de adaptação dos cartórios da capital e do Colégio Elementar e Fórum de São Leopoldo. Em 26 de março de 1914, Barros foi efetivado como 2º condutor.

Em 1918, Barros foi promovido a 1º condutor, sendo mantido na Diretoria da Secretaria de Obras Públicas, porém classificado na Diretoria da Viação Terrestre. Posteriormente, em outubro de 1920, com a desocupação de uma vaga na Diretoria da Secretaria de Obras Públicas, Theóphilo Borges de Barros retorna ao cargo. Essa classificação e troca de cargos deu-se por procedimentos administrativos de ocupação das vagas conforme a Diretoria. No entanto, o exercício profissional de Barros concentrou-se na fiscalização e nas tarefas supervisionadas por Affonso Hebert na

Secretaria de Obras Públicas durante todo o período.

Com a aposentadoria compulsória de Hebert, em 4 de julho de 1922, Barros é promovido à Chefe de Seção da Diretoria, e passa a dirigir e atuar diretamente em diversas obras públicas, sendo o responsável por algumas das obras oficiais de Porto Alegre mais notáveis da época. Dentre elas estão os edifícios gêmeos da Secretaria de Obras e da Fazenda (situados entre as avenidas Mauá e Siqueira Campos, junto à avenida Sepúlveda), do Colégio Complementar (hoje, Colégio Paula Soares, aos fundos do Palácio Piratini), e sua obra mais citada, o prédio do jornal A Federação (depois, Imprensa Oficial do Estado, hoje, Museu Hipólito José da Costa), na rua dos Andradas. Além disso, projetou o Quartel do Comando Geral da Brigada Militar e teve participação no projeto de ampliação da Biblioteca Pública do Estado. Em Pelotas projetou três obras, o Grande Hotel, um palacete para moradia e um Matadouro Modelo. Outros projetos desenvolvidos pelo engenheiro arquiteto são o Pantheon Rio Grandense, o Teatro de Bagé, o Albergue Noturno Padre Agnello e a ampliação do Tribunal de Justiça.

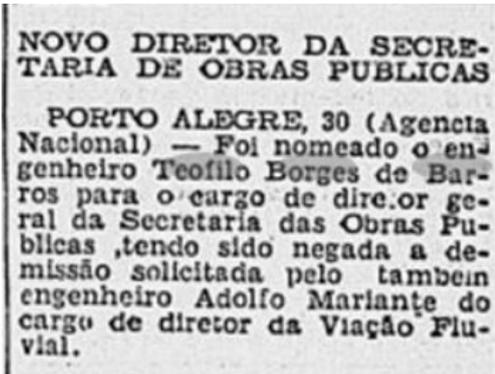


Figura 18- Nomeação como Diretor da Secretaria de Obras Públicas, Jornal do Brasil, 1937.

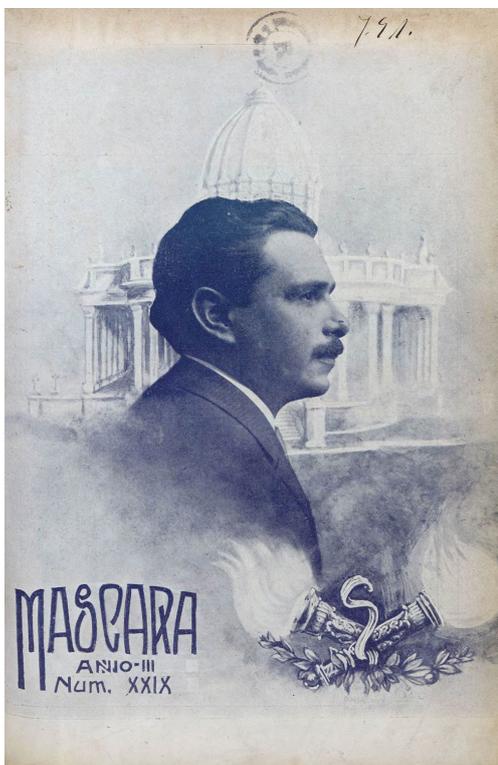


Figura 19- Capa da Revista Mascara, num. XXIX, 1920. Ilustração do fotógrafo Ildelfonso Robles.

Outras participações e atividades de Barros

Na Diretoria de Obras Públicas, Barros foi promovido para o cargo de Diretor Efetivo em 15 de outubro de 1929, por ato nº 2.477. Percebe-se que a boa atuação de Barros no Poder Público culminou com sua promoção de Ajudante, a Chefe da Diretoria, a cargo de Diretor Efetivo (Figura 18).

Barros participou diretamente dos assuntos ligados a sociedade, contribuindo em jornais, revistas e rádio. Em 1918, foi associado à Academia de Letras Rio Grandense, desenvolvendo trabalhos literários e escrevendo para

a Revista Mascara. De acordo com matéria publicada na Mascara, sua participação foi fundamental inclusive para a fundação da Revista. Barros foi reconhecido como um artista e arquiteto de destaque pela Revista Mascara, sendo homenageado como capa da revista de número XXIX, em 1920, conforme Figura 19. Em primeiro plano observa-se a figura de Barros, ao fundo o projeto para o Pantheon. Ele também colaborou com o Sul-Jornal³⁶, um jornal criado em 1919 com caráter informativo. Também colaborou com o vespertino político A Informação, criado em 1921.

Ele também foi um membro ativo do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense). Em matéria do Jornal "A Federação", de 1924, há uma fotografia de Barros com a descrição "Vice-Intendente no quadriennio que hoje finda"(Figura 21).

*"Occupando importante cargo na Secretaria das Obras Publicas, onde goza da sympathia dos seus colegas e onde a sua carreira tem sido exemplar, o nosso retratado foi, recebendo assim uma incontestavel prova de apreço ao seu merito, escolhido para a elevada investidura de Vice-intendente do municipio de Porto Alegre."*³⁷

Junto com outros representantes fundou em outubro de 1934 a Rádio Difusora Porto Alegrense.

*"A nova broadcasting é de propriedade de uma sociedade civil, dirigida pela seguinte directoria: presidente, sr. Arthur Pizoli; vice, dr. Theophilo Borges de Barros; secretario, Luiz Portela; thesoureiro, Jorge Portela; director artistico, Gastão Ramos; director tecnico, João Paulo Silva."*³⁸

36 Jornal informativo criado em 1919.

37 Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência, 1922.

38 Jornal A Federação, 29 de out., 1934, Edição 00247, p. 4.



Figura 20- Associado da Academia de Letras Rio Grandense.



Figura 21- Investidura como Vice-Intendente do município de Porto Alegre, 1924.



Figura 22- Representantes da Rádio Difusora Porto Alegrense.

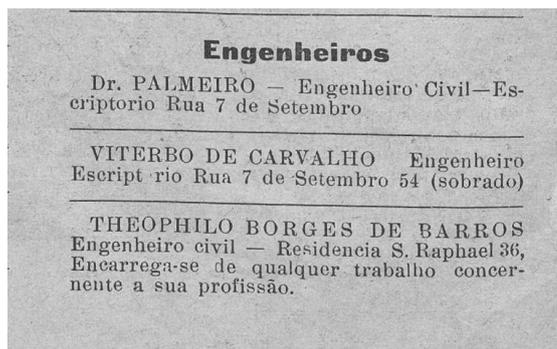


Figura 23- Endereço do Escritório de Barros.

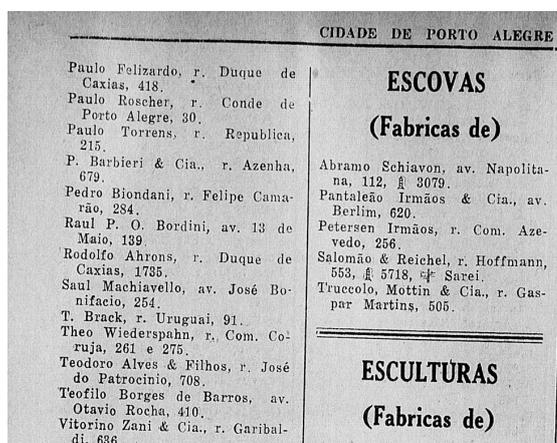


Figura 24- Endereço do Escritório de Barros.

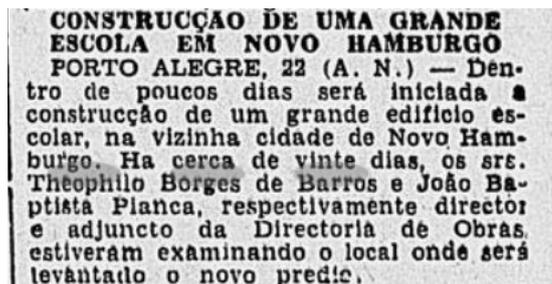


Figura 25- Em 1940 Barros seguia como Diretor da Secretaria de Obras Públicas.

Além da sua atuação junto ao Poder Público, Barros trabalhou em escritório próprio. Em 1918 a seção “Indicador da Máscara” menciona o endereço do escritório de Barros: Residencia S. Raphael 36 e destaca “encarrega-se de qualquer trabalho concernente a sua profissão.” Outro endereço aparece no Almanak Laemmert (RJ) em 1935, av. Otavio Rocha, 410. De acordo com Weimer (2004) “consta ainda que projetou numerosos palacetes que ainda não puderam ser identificados.”³⁹ O autor não fornece evidência documental ou bibliográfica para fundamentar a afirmação. Permanece o fato de que não existem tais residências identificadas como de sua autoria até hoje.

Os últimos registros que comprovam a atuação de Barros no Poder Público são do ano de 1940. Conforme Figura 25, Barros seguia como Diretor da Secretaria de Obras Públicas.

Arquitetura eclética com referência ao classicismo

As primeiras manifestações do ecletismo em Porto Alegre são do final do século XIX. A cidade começou a contar com obras ecléticas com referência ao classicismo, ao barroco e ao neogótico.⁴⁰

O ecletismo pode ser entendido como:

O culto ao passado (o historicismo) combinado ao conhecimento de novas culturas (o exotismo) e ao surgimento de inovações tecnológicas na arquitetura (baseadas no uso do ferro, aço e vidro) gerou aquilo que chamamos de arquitetura eclética.⁴¹

39 WEIMER, 2004, p. 29.

40 As linhas estilísticas do ecletismo podem ser consultadas na dissertação de SCHÄFFER, 2011.

41 SCHÄFFER, 2011, p. 22.

O ecletismo classicista é identificado pelo uso da linguagem clássica nas obras. Summerson (2009) afirma que é um erro tentarmos definir classicismo e defende que dois significados devem ser considerados. O primeiro é que “um edifício clássico é aquele cujos elementos decorativos derivam direta ou indiretamente do vocabulário arquitetônico do mundo antigo”⁴². Esses elementos compreendem as cinco ordens da arquitetura, os tratamentos de aberturas e frontões e os ornamentos. O segundo está relacionado à essência do classicismo que envolve os aspectos essenciais da arquitetura, com o objetivo é de “alcançar uma harmonia inteligível entre as partes”.⁴³

As obras de Barros no Rio Grande do Sul pertencem à linha do ecletismo classicista. Esse estilo está ligado ao emprego das ordens clássicas e seus elementos complementares, como frontões, colunas, pilastras e balaustradas.

“O ecletismo classicista está bastante relacionado à ideologia positivista empregada no Estado do Rio Grande do Sul através da política de Júlio de Castilhos, durante a República Velha. Este estilo tem como fundamento a noção da beleza do classicismo e utiliza o sistema figurativo das ordens clássicas.”⁴⁴

Segundo Fernando Corona, Théophile era “engenheiro nascido arquiteto, apaixonado pelo modelo clássico de Vignola”.⁴⁵

42 SUMMERSON, 2009, p. 4.

43 SUMMERSON, 2009, p. 4.

44 SCHÄFFER, 2011, p. 9.

45 CORONA, Fernando. Caminhada de Fernando Corona - Tomo I. apud CANEZ, Anna Paula, 1998, p. 35.

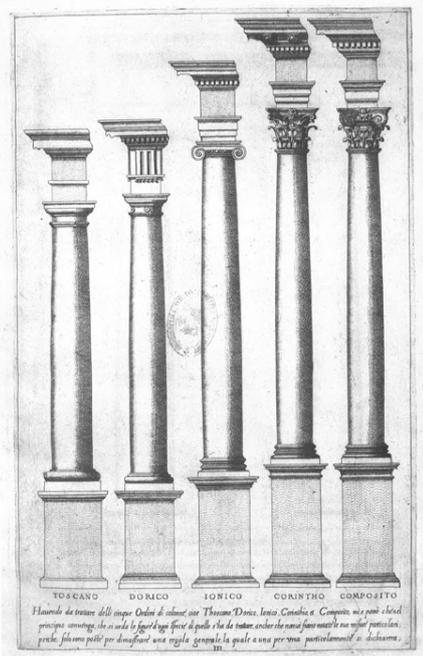


Figura 26- Cinco ordens de Giacomo Vignola.

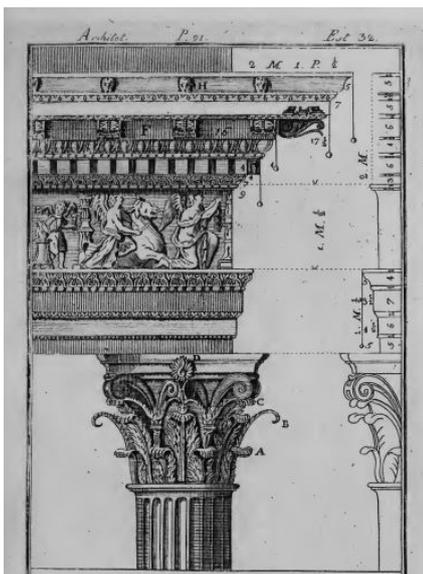


Figura 27- Tratado de Vignola. Entablamento e Capitel Coríntio.

“O Dr. Teófilo Borges de Barros vivia sonhando com o método Vignola das cinco ordens da arquitetura. Todos os projetos feitos por ele eram baseados nessa maneira clássica.”⁴⁶

Weimer explica:

“Em sua produção, Barros foi influenciado por Hebert, como pode ser visto no Colégio Paula Soares que, em seu partido, é semelhante ao Ernesto Dorneles. Porém, no tratamento das massas Barros foi mais fiel aos postulados de Vignola, em oposição ao ecletismo polivalente de seu mestre.”⁴⁷

Em 1540 as ordens da arquitetura foram mostradas por Sebastiano Serlio como uma série fechada de cinco ordens. As ordens toscana, dórica, jônica e coríntia haviam sido identificadas por Vitruvius. Alberti havia identificado a ordem compósita. Cada geração após Serlio estudou as ordens de novo. A versão de Vignola apareceu em 1563 e reúne as cinco ordens, conforme Figura 26. O tratado de Vignola apresenta relações de medidas de forma didática, com textos e ilustrações.

“...recomendado como livro didático, infinitas vezes reeditado, traduzido e transcrito em todas as línguas e lugares. O livro de Vignola se tornou, definitivamente, o manual do estudante e dileitante em arquitetura por séculos.”⁴⁸

O tratado de Vignola foi ampliado ao longo dos anos, sendo que suas versões ampliadas serviam como uma cartilha clássica para os arquitetos do início do século XX, como foi o caso de Barros.

46 CORONA, Fernando. “50 anos de formas plásticas e seus autores”. op. cit., p. 227. apud CANEZ, Anna Paula, 1998, p. 35.

47 WEIMER, 1985, p. 37.

48 BRANDÃO, A. 2021, p. 83.

Listagem dos projetos

Os projetos são listados e numerados em ordem cronológica, considerando o ano do projeto:

- Projeto 1 - Escola de Belas Artes, 1914.
- Projeto 2 - Biblioteca Pública do Estado do RS, 1919 (segunda fase).
- Projeto 3 - Colégio Complementar, 1919.
- Projeto 4 - Pantheon Rio Grandense, 1920.
- Projeto 5 - Teatro de Bagé, 1920.
- Projeto 6 - Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas, 1920 (primeira fase).
- Projeto 7 - A Federação, 1921.
- Projeto 8 - Grande Hotel Pelotas, 1925.
- Projeto 9 - Casa de moradia para o Sr. Cel. Guilherme Echenique, 1925.
- Projeto 10 - Matadouro Modelo para Pelotas, 1925.
- Projeto 11 - Albergue Noturno Padre Agnello, 1927.
- Projeto 12 - Quartel do Comando Geral da Brigada Militar, 1927.
- Projeto 13 - Ampliação do Superior Tribunal de Justiça, 1927.

Para apresentar uma visão panorâmica da produção de Barros são apresentados a seguir todos os projetos identificados do arquiteto. É feita uma breve referência aos projetos que serão analisados em maior profundidade no próximo capítulo. Os demais projetos são aqui apresentados e analisados em ordem cronológica.

Projeto 1 - Escola de Belas Artes

O projeto para a Escola de Belas Artes foi o trabalho final desenvolvido por Barros para obtenção do título de Engenheiro Civil pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Segundo Weimer (2004), em 1922 o projeto da Escola de Belas Artes de Porto Alegre recebeu uma Menção Honrosa na Exposição do Centenário da Independência⁴⁹, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro⁵⁰.

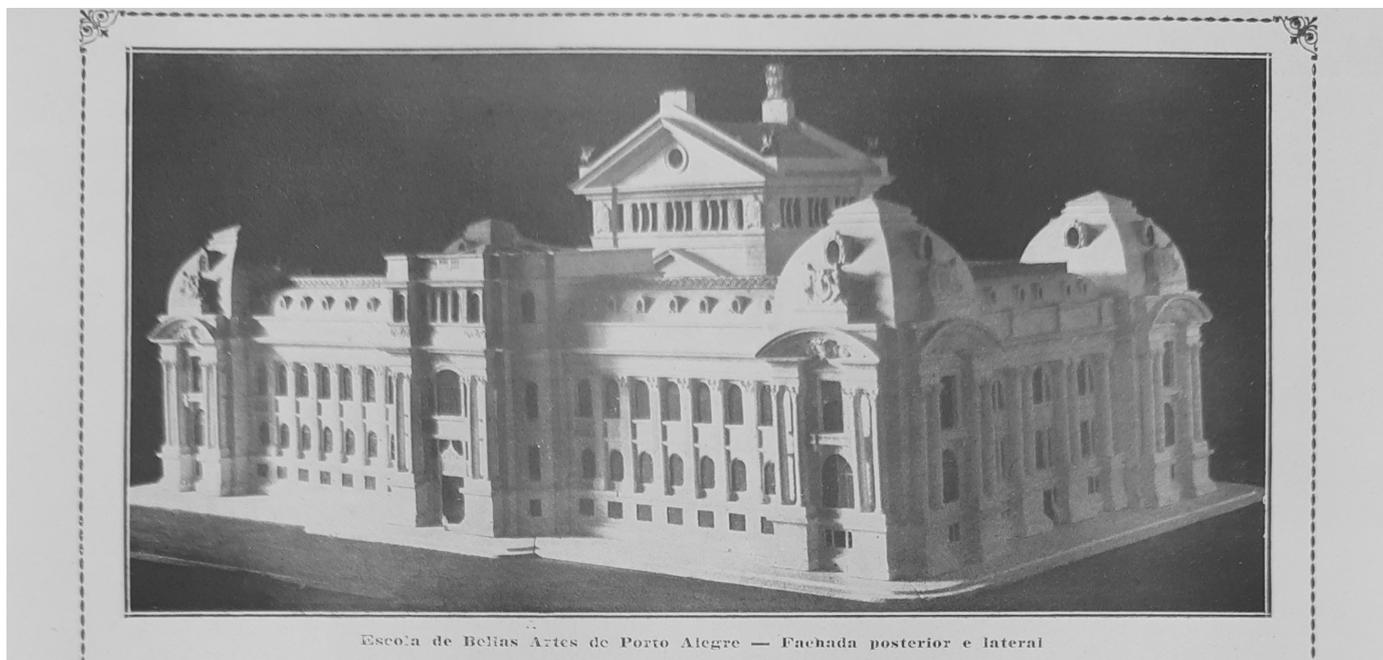


Figura 28- Escola de Belas Artes de Porto Alegre.

49 23ª Exposição Geral de Belas Artes que ocorreu no Rio de Janeiro entre 21/11/1922 - 02/12/1922. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa285923/teofilo-borges-de-barros> >

50 WEIMER, 2004, p. 29

“A expressão architectonica exterior desse estabelecimento de Bellas Artes traduz a evolução clássica, desde o grego, passando pelo greco-romano, pelo renascimento italiano, até a architectura do seculo XIX, que marca uma nova era de Renascimento com o monumento a Vittorio Emanuele II em Roma. Podemos afirmar que, no genero, este edificio, será tão completo, que bem se poderá considerá-lo o primeiro na America do Sul.

Sabemos que o benemerito dr. Borges de Medeiros, para quem o architecto fez uma exposição a parte, ficou tão bem impressionado que resolveu adoptar o projecto, sendo seu intento fazel-o edificar mais tarde.⁵¹

Este projeto é resultado do aprendizado de Barros pela Escola de Engenharia Civil, uma formação com disciplinas de arquitetura, como: Geometria e Trigonometria retilínea e esférica (Prof. João V. de Abreu e Silva; Desenho a mão livre e do ornamento (Prof. Salvador Lambertini); Desenho geométrico e de aquarela (Prof. Salvador Lambertini); Perspectiva, sombras e Estereotomia (Prof. Sylvio Brum); Arquitetura, desenho de arquitetura (Prof. Manoel Itaqui).

O projeto é um surpreendente exercício de arquitetura de influência da École des Beaux Arts de Paris. Sua composição mostra pavilhões organizados simetricamente e ligados por alas, com revestimento de colunas e pilastras clássicas de ordem colossal. Ao centro, se ergue o volume mais alto do urdimento do teatro da escola de belas artes. A maquete é um notável testemunho das habilidades de Barros e da qualidade do ensino que ele recebeu. Tendo em vista a nominata de disciplinas e professores, Manoel Itaqui deve ter sido a maior influência na formação arquitetônica de Barros.

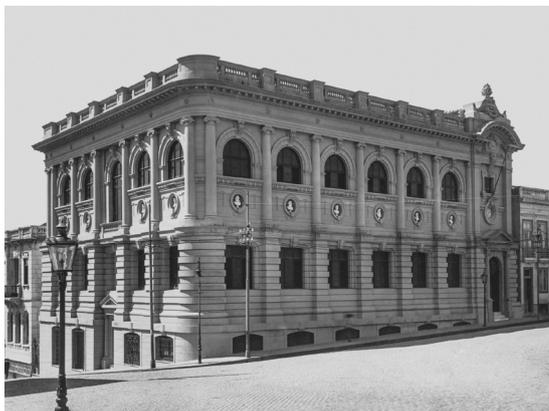


Figura 29- Biblioteca Pública do Estado do RS.

Projeto 2 - Biblioteca Pública do Estado

O prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul é um projeto de coautoria de Barros e de Affonso Hebert, localizado na rua Riachuelo, esquina com a rua General Câmara. A construção ocorreu em duas fases, sendo a 1ª o projeto de 1912 e o projeto de ampliação proposto por Hebert em 1913. A 2ª fase envolve a construção da ampliação e algumas modificações propostas por Barros. A construção é reiniciada sob a orientação de Barros em 1919 e inaugurada no dia da Independência, em 07 de setembro de 1922.

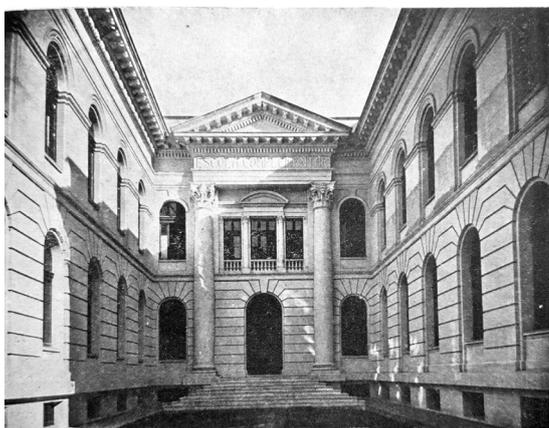


Figura 30- Colégio Complementar.

Projeto 3 - Colégio Complementar: atual Colégio Paula Soares

A obra foi iniciada em 1919 em um terreno próximo ao Palácio Piratini, no Centro Histórico, na rua General Auto. Em 1922 a obra foi concluída e passou a funcionar como Escola Complementar de Porto Alegre, com capacidade para dois mil alunos. A edificação caracteriza-se como um volume principal em forma de “U” com um pátio central. Em 1922 foi iniciada a construção de um volume anexo, o Pavilhão de Ginástica.

Projeto 4 - Pantheon Rio Grandense

O Pantheon Rio Grandense, Figura 31, foi um projeto desenvolvido para o “concurso internacional de projectos para um Pantheon”⁵² organizado pela Secretaria de Obras Públicas em 1920. De acordo com o Relatório da Secretaria de Obras Públicas de 1921:

52 Revista Mascara, edição 00016, 1920, p. 23.

“Por editaes de 27 de abril de 1920 foi aberta concorrência pública, nesta Secretaria, para o recebimento de projectos para um Pantheon, ao qual serão recolhidos os restos mortaes dos riograndenses notaveis e dos que se devotaram ao serviço do Rio Grande do Sul, e para um monumento á memoria de Bento Gonçalves e de seus gloriosos companheiros da cruzada republicana. As duas obras seriam erguidas nesta capital e deveriam ser inauguradas a 7 de setembro de 1922.”⁵³

As propostas foram julgadas em 27 de julho de 1920, por uma comissão nomeada pelo Governo do Estado, da qual fez parte o Diretor José Coelho Parreira, João Manoel Moreira, Adolpho Stern e o Escultor Giuseppe Gaudencio.⁵⁴ Das propostas para o Pantheon, que foram seis, em primeiro lugar foi escolhida a proposta de autoria de Theóphilo Borges de Barros. Para o monumento aos “heróis de 1935” foram apresentados quatro projetos e nenhum deles foi classificado como vencedor.

“A construção do Pantheon foi adiada, não só em consequência da reduções de despesas adoptadas nas obras a cargo da Secretaria, como por ser muito incerta a conclusão do magestoso templo a tempo de ser inaugurado no centenario da nossa Independencia.”⁵⁵

O projeto parece inspirar-se no Pantheon de Paris, construído como igreja de St. Geneviève por Soufflot, entre 1758 e 1790. Esse edifício foi tornado em panteão pela Revolução Francesa. Tal como a obra francesa, o Pantheon de Barros teria uma planta em cruz, com pórticos de templo nas quatro extremidades. Colunas clássicas circundariam todo o perímetro do edifício. Ao centro do volume, se ergueria uma cúpula verticalizada

53 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1921, p. 16.

54 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1921, p. 22.

55 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1921, p. 16.

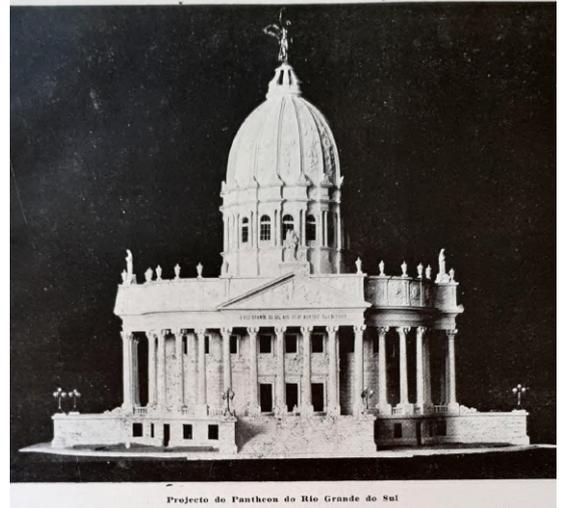


Figura 31- Imagem da maquete do Pantheon do Rio Grande do Sul - vista frontal.

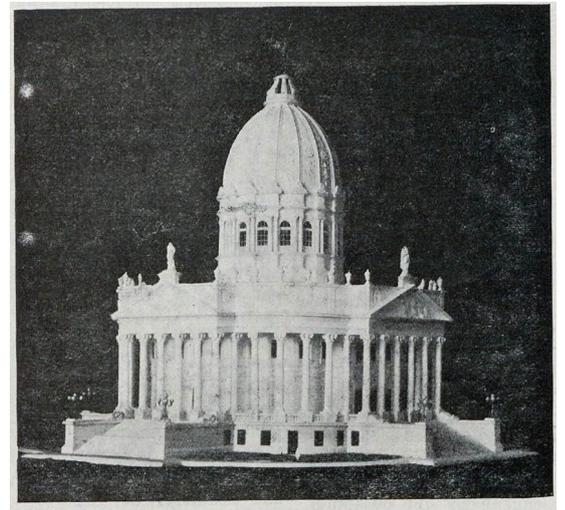


Figura 32- Imagem da maquete do Pantheon do Rio Grande do Sul - vista lateral.



Figura 33- Pantheon de Paris.

sobre um tambor alto. A maquete revela as habilidades de Barros ao lidar com as formas do classicismo.

O projeto do Pantheon foi enaltecido em edições da Revista Mascara.

“O trabalho do illustre engenheiro-architecto sr. Theophilo Borges de Barros é um monumento neo-classico em que não se sabe o que mais admirar, si o enthusiasmo civico que impulsionou o artista que o compôz e executou, si a severidade elegante, o equilibrio de proporções que tanto <élan> dão ás suas linhas. Surprehende, desde logo, pela originalidade da concepção, repousando e alegrando o olhar pela musica estupenda, pela harmonia consoladora de graça e de belleza que animam os seus mínimos detalhes.”⁵⁶

Em outra edição da Revista Mascara (1920) há uma nota sobre o Panteon:

“Effectivamente, a maquette do pantheon e os seus projetos denunciam uma obra prima de architectura. Originalissimo de forma, que é a combinação de quatro rotundas com quatro frontões, denuncia de logo, a preocupação do sr. Theophilo Borges de Barros em dar-nos um monumento que não recorde nenhum outro conhecido.

A ordem dominante e o peristylo são corynthios, o que lhe empresta uma grande pureza. Internamente, no primeiro plano, dórico, o que nos faz viver num ambiente de belleza consoladora e repousante.”⁵⁷

A revista Mascara menciona uma carta de elogio ao Pantheon escrita pelo notável arquiteto francês Maurice Gras⁵⁸. A revista não publica a carta em si, mas a menciona. “Para dizer do seu valor, bastaria a carta do notavel architecto francez M. Grass, que sem

56 Revista Mascara, edição 00016, 1920, p. 23.

57 Revista Mascara, edição 00018, 2 de outubro de 1920, p. 11.

58 Arquiteto francês que veio a Porto Alegre em 1909 e projetou o Palácio Piratini.

reservas o elogiou”.⁵⁹

A obra deveria ser construída no bairro Mont`Serrat, em Porto Alegre. No entanto, não foi construída.

“No seu conjunto o Pantheon é de grande riqueza architectonica e ornamental, que se completa com a austeridade das linhas. Será edificado sobre o Monte Serrat, cuja altura domina toda a cidade; as obras serão iniciadas dentro em breve e serão dirigidas pelo proprio autor do projecto.”⁶⁰

Projeto 5 - Teatro de Bagé

Acerca do projeto para o Teatro de Bagé, não foi possível confirmar a data do projeto, mas sabe-se que em 1920 já estava sendo divulgado pela imprensa. O programa do Teatro evidencia a capacidade do arquiteto de desenvolver projetos de maior complexidade. O teatro trata-se de uma obra de porte maior com a manipulação das ordens clássicas na fachada principal: térreo com três portas em arco pleno, segundo pavimento com três aberturas retangulares, entablamento ornamentado e colunas colossais de ordem jônica. Ao fundo se sobrepõe o urdimento do teatro.

“Acha-se em exposição numa das vitrines da Livraria do Globo, um projecto de teatro para a cidade de Bagé, e executado pelo nosso amigo engenheiro Theophilo Borges de Barros.

O referido projecto que é moldado em estylo renascimento barroco, muito tem agradado, sobretudo pelo equilibrio das linhas que imprimem ao conjunto um cunho de definida esthetica.”⁶¹

59 Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência, 1922, n.p.

60 BLANCATO, 1922, n.p.

61 A Federação, 24 de ago., 1921, edição 00195, p. 5 .

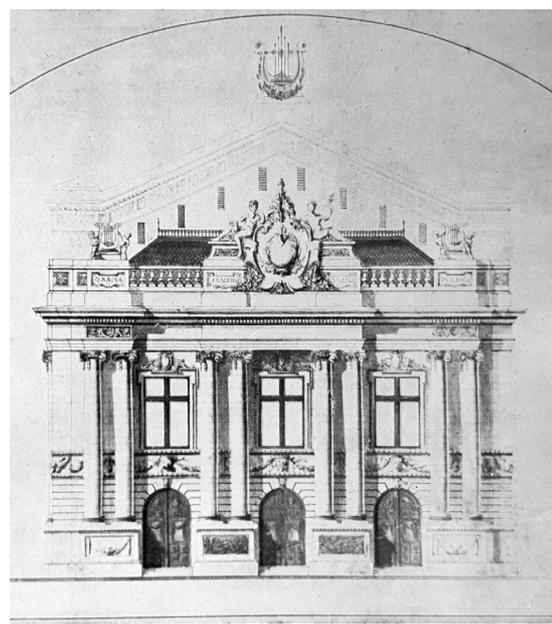


Figura 34- Projeto para o Teatro de Bagé.

O teatro foi projetado com capacidade para 1800 pessoas.⁶² Não há registros de que o projeto para o Teatro de Bagé tenha sido construído. Na época, a cidade de Bagé possuía um importante teatro, o Theatro 28 de Setembro, construído em 1872 e destruído por um incêndio em 1917.

O projeto mostra novamente Barros como um arquiteto conhecedor dos recursos e possibilidades do classicismo. A fachada apresenta um sistema de colunas jônicas aos pares, assentadas em bases altas, demarcando três intercolúnios. Nestes, encontram-se as portas de entrada do teatro. Por trás das colunas, as paredes apresentam uma textura rusticada de ênfase horizontal, cujas estrias convergem sobre os arcos das entradas. Acima, há um friso com guirlandas e efígies, sobre o qual se encontra o plano das grandes janelas do andar superior. No coroamento, há um entablamento que se projeta sobre as colunas das extremidades e entre as colunas ao centro, acentuando o jogo plástico da fachada. Esse jogo de reentrâncias e saliências segue no ático com balaustradas. No centro, o topo é assinalado por um grande brasão. Ao fundo, se percebe a volumetria do urdimento do teatro, que Barros já projetara em seu projeto de conclusão. Embora não se conheça o restante do projeto, o desenho de fachada mostra notável senso de monumentalidade e proporção.

62 BLANCATO, 1922, n .p.

Projeto 6 - Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas

O projeto construído configura-se como dois blocos gêmeos separados por uma rua interna, na quadra delimitada pela Av. Mauá, rua Cassiano Nascimento, rua Siqueira Campos e Av. Sepúlveda. Um primeiro projeto para a Secretaria da Fazenda foi elaborado em 1912 por Hebert, porém não foi construído. Somente em 1920 a obra é iniciada conforme o projeto desenvolvido por Barros para a Administração do Porto (nomeado não mais como Secretaria da Fazenda). Dois anos depois, em 1922, as obras são suspensas como medida de economia. Posteriormente, em 1927 as obras foram retomadas. No final dos anos 30 os dois edifícios já estavam em funcionamento, a Secretaria da Fazenda localizada no edifício voltado para a Av. Mauá e a Secretaria de Obras Públicas no edifício voltado para a rua Siqueira Campos. Ao longo da história da construção, a obra passou por um acréscimo de pavimentos que a descaracterizou, prejudicando suas proporções e sua relação com as demais partes.

Projeto 7 - A Federação: atual Museu Hipólito José da Costa

Construído para abrigar a nova sede do Jornal A Federação, o edifício situa-se no Centro Histórico, na rua dos Andradas, esquina com a atual rua Caldas Júnior (antiga Travessa Paysandu). A construção iniciou em 1921 e foi inaugurada nas vésperas do dia da Independência, em 06 de setembro de 1922. O edifício possui porão, mais três pavimentos e forma alongada, ocupando a totalidade do terreno.

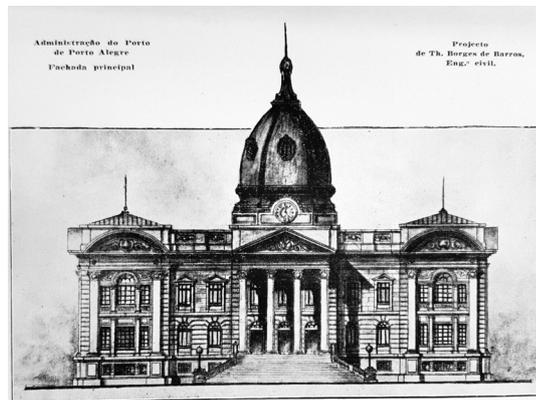


Figura 35- Fachada principal da Administração do Porto, autoria de Theóphilo Borges de Barros.

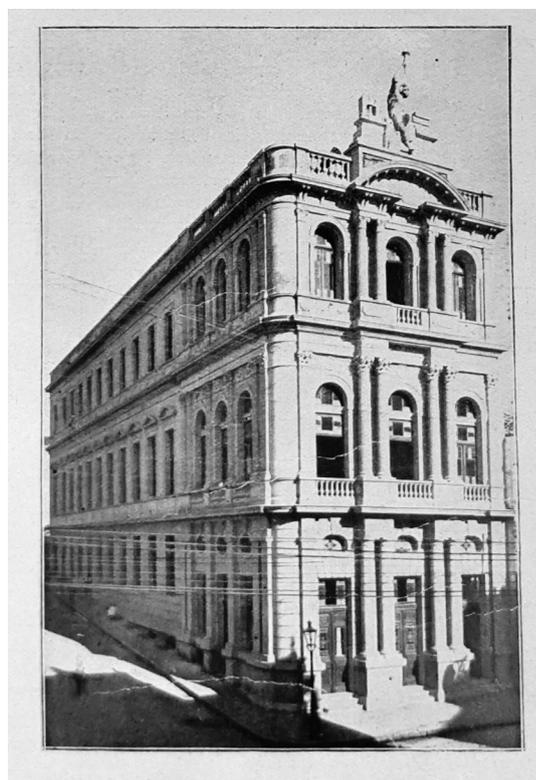


Figura 36- A Federação.



Figura 37- Grande Hotel Pelotas.

Projeto 8 - Grande Hotel Pelotas

O hotel foi construído no centro da cidade de Pelotas, em frente à atual praça Coronel Pedro Osório (antiga Praça da República), na rua Lôbo da Costa esquina com a rua Padre Anchieta. A escolha do projeto para o Grande Hotel deu-se através de concurso público, sendo a proposta vencedora a de Barros. A obra iniciou no ano de 1925 e foi inaugurada em 26 de abril de 1928, caracteriza-se como uma construção de esquina com ocupação periférica e um átrio central.

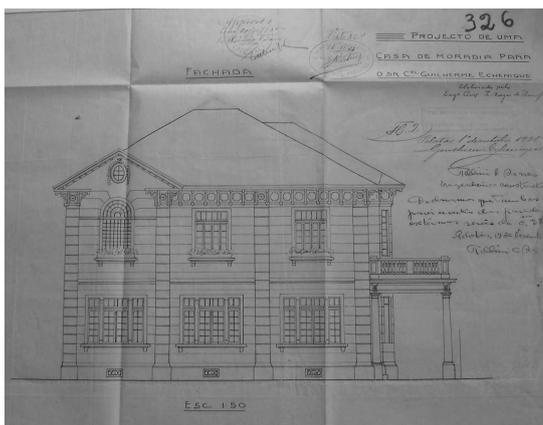


Figura 38- Fachada principal da moradia em Pelotas.

Projeto 9 - Casa de moradia: atual Vila Santa Eulália

Trata-se de uma casa projetada em Pelotas para servir de moradia ao Sr. Cel. Guilherme Echenique. Teve seu projeto de construção protocolado no ano de 1925, tendo como autor do projeto Barros e como engenheiros construtores Telini & Soares. Além do uso residencial, abrigou usos diferenciados de sua concepção original, por alguns anos abrigou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e atualmente abriga um hostel. A casa localiza-se na rua XV de Novembro e possui área construída de 720m² com um pátio de aproximadamente 600m².



Figura 39- Fotografia atual do Hostel Vila Santa Eulália.

Projeto 10 - Matadouro Modelo para Pelotas

Em 1925 Barros projetou para Pelotas um Matadouro Municipal, compreendendo a construção de pavilhões com instalações frigoríficas. Em 1925 o intendente municipal, Augusto Simões Lopes, recebeu o projeto completo para o matadouro, organizado por Barros⁶³. A

63 A Federação, 28 de agosto de 1925, edição 00199, p. 3.

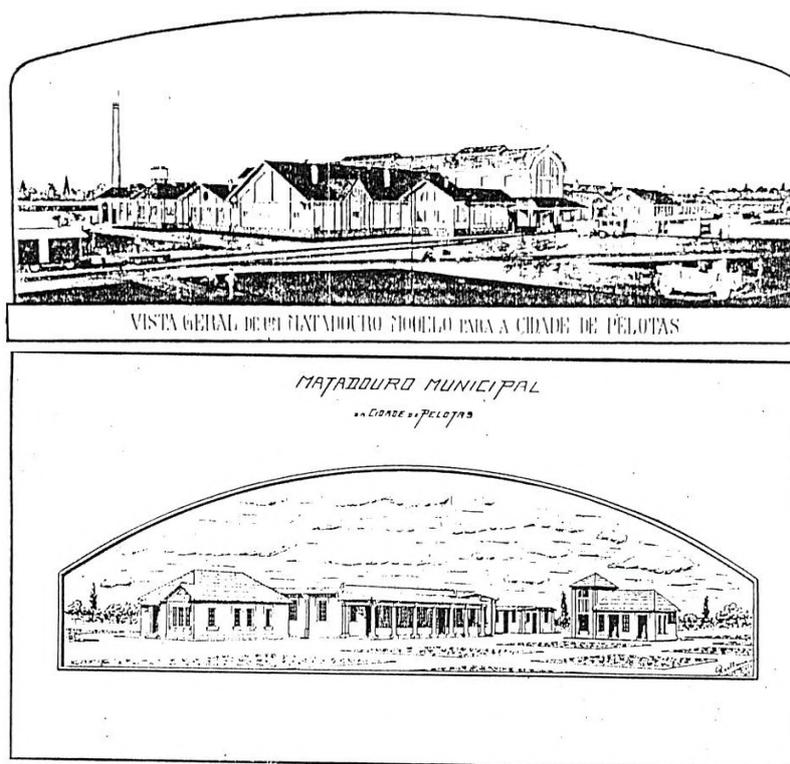


Figura 40- Perspectiva do Matadouro Modelo para Pelotas.

concorrência para construção foi aberta em 4 de maio de 1926⁶⁴. Fazia parte do programa de necessidades a construção de salas de matança, sala de autópsia, laboratórios, dependência do veterinário, estábulos de observação, sala de vacinação e instalações frigoríficas.

Anos depois, em 1928, a imprensa menciona a construção de um Matadouro Modelo para Pelotas com contrato firmado com o engenheiro Affonso Goetze⁶⁵.

De acordo com Schlee (1991):

“Quanto ao Matadouro Modelo, existem dúvidas se o projeto de Théophile foi o construído e não o de Affonso Goetze Jr., pois não foram localizadas as plantas originais.”⁶⁶

64 A Federação, 4 de maio de 1926, edição 00099, p. 12.

65 A Federação, 6 de julho de 1928, edição 00156, p. 4.

66 SCHLEE, 1991, p. 49.

Projeto 11 - Albergue Noturno Padre Agnello

Outro projeto de autoria do Barros é o Albergue Noturno Padre Agnello. Conforme ata da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, em 27 de dezembro de 1926 há registro de um Projeto de Lei autorizando o Intendente a auxiliar a construção do edifício destinado ao Albergue Noturno Padre Agnello. Outro registro é em 30 de dezembro de 1926, data em que é recebido o convite da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul para o lançamento da pedra fundamental do Albergue Noturno Padre Agnello. Em 02 de dezembro de 1929, a Câmara de Vereadores recebe requerimento da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul solicitando aumento de auxílio no exercício de 1930 para a construção no Albergue Padre Agnello.

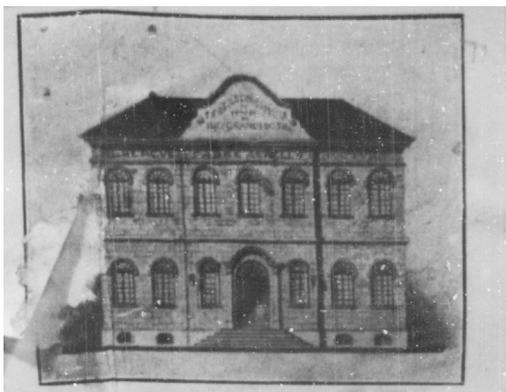


Figura 41- Fachada principal do Albergue noturno Padre Agnello.

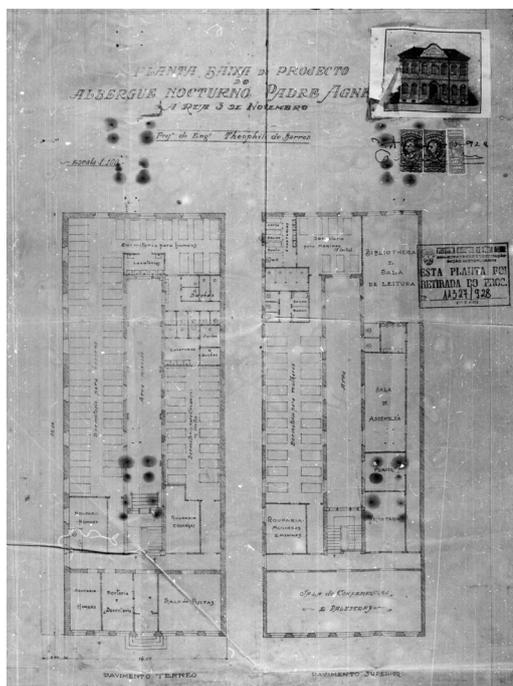


Figura 42- Albergue noturno Padre Agnello. Planta do pavimento térreo e pavimento superior.

“Determinou, então, s. exa., fosse fornecido a Federação Espírita uma relação dos terrenos pertencentes á municipalidade que mais se adaptasse ao fim visado, observando que o que lhe parecia mais conveniente por reunir todos os requisitos preciosos era o situado á rua 3 de novembro onde actualmente funcçiona o Posto de Iluminação a Gaz.”⁶⁷

No início de janeiro de 1927 foi lançada a pedra fundamental do edifício que a Federação Espírita construiria na rua Três de Novembro para o Albergue Noturno “Padre Agnello”.

“O terreno foi concedido gratuitamente pelo dr. Octavio Rocha, intendente municipal.

[...]

É da autoria do engenheiro Theóphilo Borges de Barros o projecto do edifício.”⁶⁸

67 A Federação, 26 de outubro de 1926, edição 00244 p. 6.

68 A Federação, 03 de janeiro de 1927, edição 00002, p. 4.

O jornal A Federação⁶⁹ noticiou que o projeto foi elaborado para a finalidade de albergue, sendo isento de exteriorizações, para indicar que no albergue mora a humildade. O edifício caracteriza-se como um volume de dois pavimentos, com 14 metros de largura por 36 de comprimento. O térreo é destinado a seção masculina, com 40 leitos; o pavimento superior é subdividido, tendo de um lado, o programa da administração, e do outro, a seção feminina com 20 leitos.

O nome do Albergue foi uma homenagem ao falecido Padre Agnello Gomes de Souza, um caridoso sacerdote católico.

“... a comissão aceitou a indicação do inolvidável dr. Octavio Rocha, para, em vez do seu nome, collocarem o do humilde parcho extincto - o padre Agnello.”⁷⁰

O terreno destinado ao albergue localizava-se na rua Três de Novembro. De acordo com Bednarz (2011), a rua Três de Novembro era conhecida como “Beco do Oitavo” desde 1829. Foi oficialmente denominada rua Três de Novembro em 1879, mas o nome só foi assimilado pela população após a eliminação do beco e com o alargamento da via em 1937. Atualmente a rua é denominada como Avenida Desembargador André da Rocha.

Em ata da Câmara Municipal de Porto Alegre há referência ao terreno doado da rua Três de novembro, citando que o terreno serviu como sede da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS). Recentemente, em 28 de novembro de 2022, a FERGS inaugurou sua nova sede em outra localidade. O endereço da antiga sede localizava-se na Av. Desembargador André da Rocha, n. 49. A Figura 43 mostra a antiga sede da



Antiga sede da Federação Espírita do RS na Avenida André da Rocha, 49 - Porto Alegre

69 A Federação, 03 de janeiro de 1927, edição 00002, p. 4.

70 A Federação, 25 de julho de 1929, edição 00173, p. 4.

Figura 43- Antiga sede da Federação Espírita do RS na Av. André da Rocha, 49 - Porto Alegre.

FERGS, onde se observa que o edifício construído não é o edifício projetado por Theóphilo Borges de Barros. Constatou-se que, no mesmo período, em 1930 foi construído o Albergue Dias da Cruz, na Av. da Azenha, n. 366. Este também não foi construído conforme o projeto de Barros aqui apresentado. Ao que tudo indica o Albergue Padre Agnello foi uma proposta de projeto, o qual não deve ter sido construído.



Figura 44- Quartel do Comando Geral da Brigada Militar.

Projeto 12 - Quartel do Comando Geral da Brigada Militar

A edificação está inserida em uma área do Centro Histórico com outras construções do comando militar, em um terreno delimitado pela rua dos Andradas, rua General Canabarro e sua Sete de Setembro. O Quartel do Comando Geral foi construído para substituir as antigas instalações que não atendiam mais as necessidades da corporação. A construção foi iniciada em 1927 e concluída em 13 de maio de 1929.⁷¹

Projeto 13- Ampliação do Superior Tribunal de Justiça

Theóphilo Borges de Barros foi responsável pelo projeto de ampliação do Superior Tribunal de Justiça, o qual localizava-se na face norte da praça da Matriz⁷². A praça, naquele momento, era delimitada ao norte pelos edifícios gêmeos do Teatro São Pedro (1849-58) e da antiga Casa de Câmara (depois Tribunal de Justiça 1850-74). Ambos configuravam um harmonioso conjunto neoclássico, de autoria do arquiteto alemão Georg Karl Philip von Normann, que consolidava o

71 Informação obtida em banner exposto no Museu da Brigada, 2022.

72 Oficialmente denominada Praça Marechal Deodoro.

caráter institucional do local e reforçava o eixo de acesso pela rua da Ladeira, atual General Câmara. Os dois prédios possuíam fachada e volumetria semelhante e, visualmente, proporcionavam um eixo de simetria para o espaço aberto.

O conjunto de edifícios estabeleceu um sentido de ordem espacial no espaço aberto da praça. O eixo de acesso mais estreito entre o Teatro e a Casa de Câmara com edifícios em escala monumental, preparava e direcionava o visitante ao amplo espaço da praça. Os elementos articulados e a monumentalidade dos edifícios e do ajardinamento da praça, originou um espaço público singular na cidade.

Na década de 1920, diante do contínuo crescimento das funções judiciárias, a velha Casa de Câmara já não estava atendendo as necessidades do Poder Judiciário. Em 1922, o presidente do Estado Borges de Medeiros determinou a ampliação do edifício. O projeto foi desenvolvido em duas etapas: a primeira etapa (1922-1925) abrangeu a ampliação dos fundos do edifício, no trecho do terreno vazio em direção à rua Riachuelo; a segunda etapa (1927) compreendeu o projeto de ampliação da fachada sul.



Figura 45- Teatro São Pedro, à esquerda, e ao lado o Superior Tribunal de Justiça antes da ampliação, década de 1920.

"Havendo necessidade de mais compartimentos no edifício do Superior Tribunal, de maneira a melhorar accomodar o Fôro, determinou o Governo do Estado que se ampliasse o referido edifício, aproveitando o atrio sobre a fachada principal, cuja área permitia a localização de 8 salas de boas proporções e um amplo salão."⁷³

73 Relatário do Secretário de Estado dos Negócios das Obras Públicas apud CALOVI PEREIRA, Cláudio; FABRÍCIO, Lídia; ALVAREZ, Cícero. Um palácio para a Justiça: As sedes do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 110.



Figura 46- Superior Tribunal, entre 1927 e 1935.

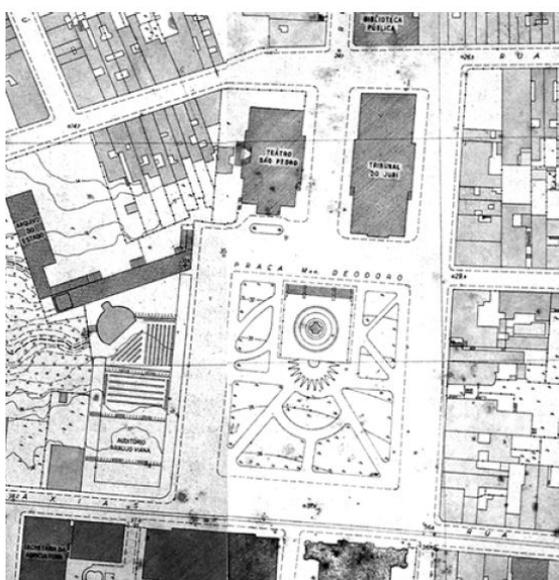


Figura 47- Mapa topográfico de Porto Alegre, 1939 - 1941 (SMOV).

O projeto para a segunda etapa foi elaborado pelo engenheiro arquiteto Theóphilo Borges de Barros⁷⁴ e a obra foi arrematada pela empresa Roncolli e Barcellos em março de 1927. A área foi ampliada em 500 m².⁷⁵ Essa ampliação, que estendeu o edifício no sentido sul, eliminou o alinhamento do edifício com o Teatro, assim como rompeu a simetria do conjunto e a configuração do pórtico diante da praça. Na nova fachada, o acesso principal da fachada sul foi marcado por um corpo central levemente avançado, com um frontão triangular no alto com a inscrição: O SUPERIOR TRIBUNAL (Figura 46).

O projeto da ampliação do edifício para abrigar mais compartimentos para a Justiça, atendeu a solicitação do Governo Estado, porém descaracterizou o velho edifício da Casa de Câmara e comprometeu a harmonia do conjunto de edifícios.

“Rompeu-se a simetria e a unidade volumétrica do harmonioso ambiente neoclássico da Praça da Matriz. O equilíbrio do conjunto e o caráter do pórtico condutor ao espaço da praça perderam-se com a ampliação do edifício, prenunciando a definitiva dissolução do conjunto arquitetônico que viria a ocorrer vinte anos mais tarde. O prédio do Superior Tribunal permaneceria com essas feições até 1949, ano em que sofreria um incêndio de grandes proporções”.⁷⁶

Após a destruição do edifício e do acervo, acreditava-se que o Tribunal de Justiça poderia ser novamente ocupado com adaptações na parte que não havia sido

74 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1927, p. 63.

75 Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RS), 1928, p. 46.

76 CALOVI PEREIRA, Cláudio; FABRÍCIO, Lídia; ALVAREZ, Cícero. Um palácio para a Justiça: As sedes do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 111.

totalmente destruída, contudo isso nunca aconteceu.⁷⁷ No local foi construído o Palácio da Justiça, entre 1953 e 1968, uma obra moderna com projeto de Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet.

Palacete Argentina

Outra obra que possui autoria atribuída a Barros é o Palacete Argentina, um sobrado urbano com dois pavimentos (porão alto e pavilhão principal), construído em 1901. O IPHAN menciona a obra como de sua autoria⁷⁸, mas não há indícios que o comprovem, pois em 1901 o autor tinha apenas 20 anos e ainda não havia iniciado a sua graduação na Escola de Engenharia Civil.

A edificação foi construída em três etapas principais: a inicial, com a construção do bloco frontal (1901); a segunda, com ampliação em sua parte posterior e modificações internas (1928); e a terceira, quando do restauro para instalação da sede do IPHAN (1985). A possibilidade mais concreta, a ser confirmada, é que o arquiteto possa ter participado da segunda etapa da obra, em 1928, quando este estava no auge da sua carreira, com outras obras em execução.

A Figura 49 apresenta as plantas da etapa inicial da construção (1901), com projeto desenvolvido para o proprietário Sebastião de Barros e sua esposa. A obra foi executada pelos construtores italianos Angelo Peroni e Antônio Rossi.⁷⁹

Já a Figura 50 corresponde ao projeto da segunda



Figura 48- Palacete Argentina, início do séc. XXI.

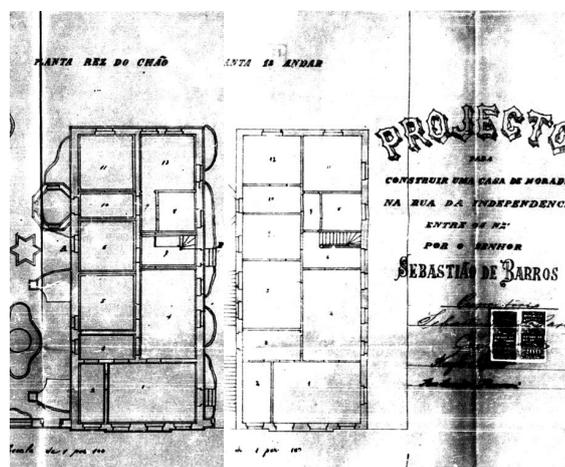


Figura 49- Planta baixa e planta do primeiro andar (1901).

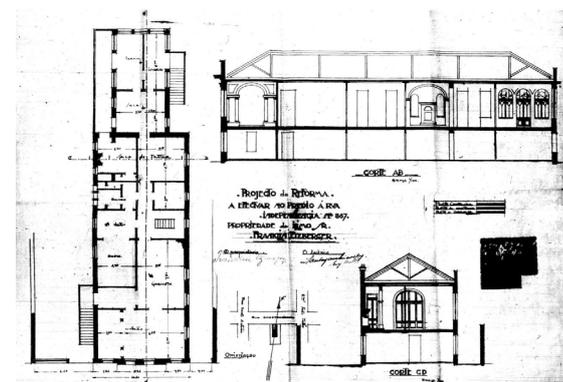


Figura 50- Projeto de reforma e ampliação em 1928.

77 ALVAREZ, Cícero. 2008, p. 40.

78 Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1688/palacete-argentina-e-restaurado-pelo-iphan-em-porto-alegre>> e em texto desenvolvido por Luiz Antônio Bolcato Custódio em 2018.

79 Ângelo Peroni: construtor atuante em Porto Alegre, entre 1904 e 1927 (WEIMER, p. 136), 2004). Antônio Rossi: construtor atuante em Porto Alegre, entre 1900 e 1910 (WEIMER, p. 150, 2004).

etapa da construção (1928), obra realizada para Franklin Etzberger. De acordo com a proposta, a edificação receberia reformas internas e seria ampliada nos fundos, com a construção de uma sala de chá e um jardim de inverno.

Em 1984 a edificação foi restaurada para instalação da sede do IPHAN. Hoje, o IPHAN segue em funcionamento no local. A edificação preserva os elementos artísticos em alvenaria na fachada principal que, pelos indícios, foram executados na primeira etapa. A obra caracteriza-se pela presença da arquitetura clássica. A base, com acabamento rusticado, é marcada por juntas horizontais. O corpo, com área central avançada sobre o alinhamento predial, apresenta um balcão corrido suspenso por quatro mísulas, correspondentes às molduras clássicas das janelas.



Figura 51- Biblioteca Pública do Estado do RS.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Localização: Porto Alegre

Ano da construção: 1ª fase 1912
2ª fase 1919

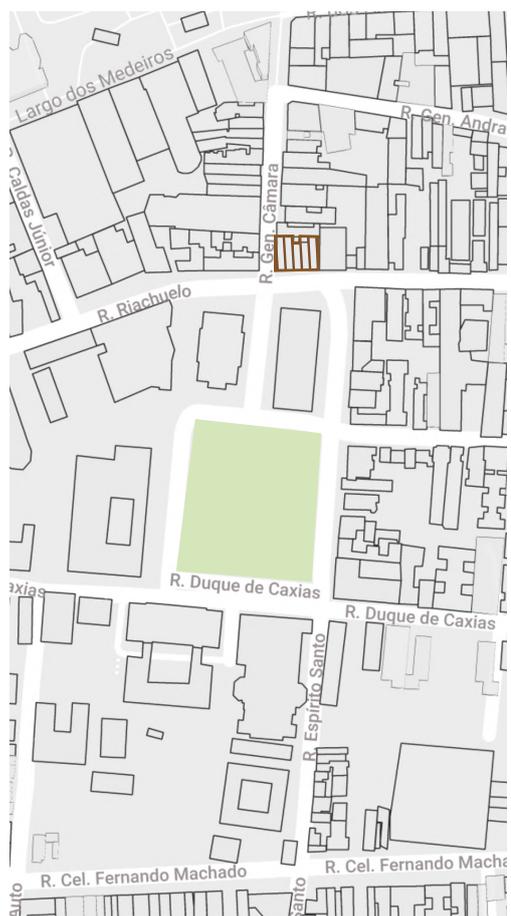
Área do terreno: 660 m²

Área construída: 2.240 m²

Localização e Histórico

A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul foi criada em 1871, promulgada pela Lei Provincial nº 724, de 14 de abril de 1871. As atividades da Biblioteca Pública tiveram início em 1877, em uma sala do antigo estabelecimento de instrução primária e secundária, na esquina da rua Duque de Caxias com a Marechal Floriano. Em 1906, o escritor Victor Silva assume a direção da Biblioteca, e no mesmo ano é criado o Arquivo Público do Estado .

“No dia 08 de março de 1906 é criado o Arquivo Público do Estado, passando a Biblioteca a ser na 3ª seção deste organismo, com a denominação de Biblioteca Pública Estadual; antes denominada Biblioteca Pública Riograndense e depois Biblioteca Pública de Porto Alegre.”⁸⁰



Em 1909 a Biblioteca foi desanexada do Arquivo Público por meio do Decreto nº 1435 de 11 de fevereiro de 1909, adquirindo assim sua autonomia. Posteriormente, Victor Silva solicita ao Governo um edifício próprio para a Biblioteca e obtém a concordância. Com isso, a partir de 1912, a biblioteca autônoma, passa a ser construída na sede atual na rua Riachuelo, esquina com a General Câmara, no local da antiga União Telephônica que havia sido demolida. De acordo com documento de tombamento estadual (1982) a construção foi iniciada em 1912, interrompida em 1916, e finalizada em 1921, sendo inaugurada em 7 de setembro de 1922. O prédio foi projetado pelos engenheiros das Obras Públicas do Estado: Affonso Hebert e Theóphilo Borges de Barros.

A construção da biblioteca ocorreu em duas fases: a 1ª fase compreende o projeto de 1912 e o projeto da ampliação proposto por Hebert em 1913; a 2ª fase

Figura 52- Localização.

envolve a construção da ampliação. Durante a 2ª fase, Affonso Hebert pede licença da Secretaria de Obras para realizar tratamento de saúde. Em 01 de julho de 1919 Hebert obteve licença por seis meses. Após uma sequência de prorrogações da licença, foi marcada a inspeção de saúde. Em 22 de fevereiro de 1922, pelo decreto n. 2.939, Hebert “foi aposentado com vencimento integral [...] por ter sido julgado incapaz do serviço.”⁸¹ Diefenbach (2008) afirma que o projeto de 1913 não é igual ao que foi construído em 1919. Segundo ela, “o partido em “U” em torno de um poço de ventilação se mantém, mas os compartimentos são diferentes.”⁸²

De acordo com Jardim (2002) “em junho de 1919 a construção é reiniciada sob a orientação do autor do projeto desta 2ª fase, Theóphilo Borges de Barros.”⁸³ Oficialmente Theóphilo Borges de Barros, assume o cargo de Engenheiro das Obras Públicas em 16 de janeiro de 1920.

“Fiscaliza e dirige os trabalhos o Engenheiro Theophilo de Barros. O primitivo projeto da Biblioteca foi grandemente modificado para melhor, sendo as modificações respectivas projetadas pelo Engenheiro Theophilo Borges de Barros.”⁸⁴

Doberstein (1992) afirma:

“Em 08 de março de 1919, abriu-se um crédito de 500:000\$000 réis, destinados à ampliação do edifício em mais sete salas e um jardim interno. Os trabalhos de remodelação e ampliação foram feitos sob a direção do engenheiro Dr. Theóphilo Borges de Barros, que substituiria Afonso Hebert na direção das Obras Públicas.”⁸⁵

81 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1922, p. 04.

82 DIEFENBACH, 2008, p. 125.

83 JARDIM, 2002, p. 43.

84 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1921, p. 04.

85 DOBERSTEIN, 1922, p. 19.

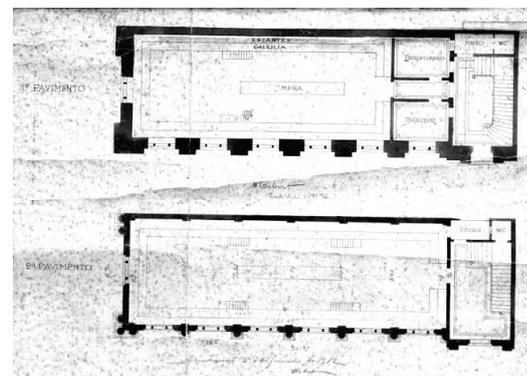


Figura 53- 1ª fase - plantas de 7 de janeiro de 1912, por Affonso Hebert.



Figura 54- Obra concluída, 1918.

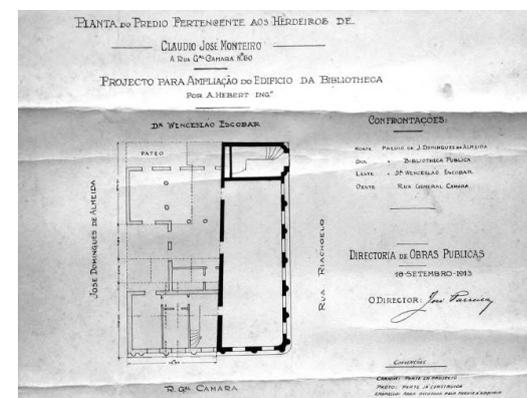


Figura 55- 1ª fase - projeto para ampliação, 16 de setembro de 1913, por Affonso Hebert.



Figura 56- 2ª fase - obra concluída, 1922.

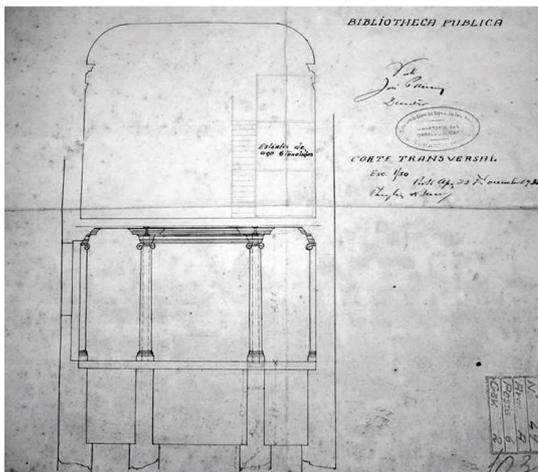


Figura 57- Corte transversal da Biblioteca Pública por Theóphilo Borges de Barros, 22 de novembro de 1920.

Desta forma, é possível considerar que Theóphilo Borges de Barros foi coautor do projeto de aumento do edifício, sendo responsável pela adaptação e remodelação dos interiores do projeto. A documentação referente às plantas e às fachadas foi assinada por Hebert⁸⁶. No entanto, um corte transversal foi assinado por Barros, conforme Figura 57. O corte apresenta colunas e pilastras de ordem jônica para sustentar a estante de aço de 6 toneladas do segundo pavimento.

*“Em vista do aumento de carga resultante do peso das estantes de aço e na previsão do aumento do numero de livros, foi necessario reforçar o piso do primeiro andar, empregando-se para isso duas vigas longitudinaes, de ferro, supportadas por quatro columnas. As vigas são revestidas de estuque, convenientemente decorado, e as columnas, dotadas de ossatura mettalica, são revestidas com marmore de Carrara e têm capiteis de galvano-bronze, acompanhando o movimento decorativo da sala de leitura.”*⁸⁷

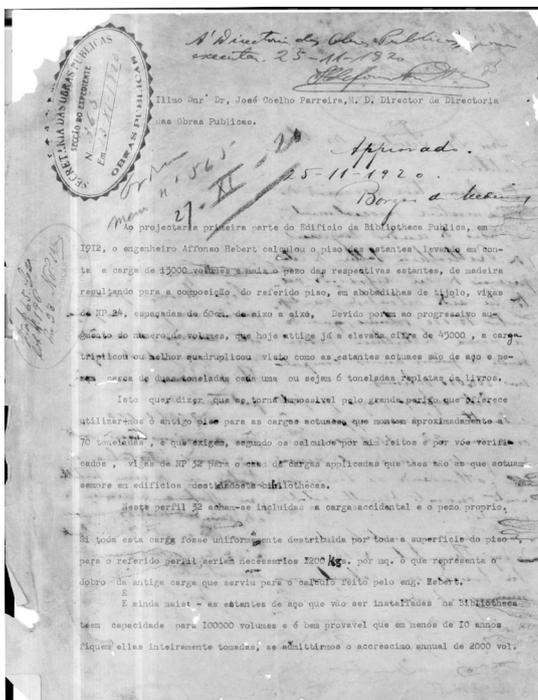


Figura 58- Documento encaminhado com justificativa para alteração do projeto devido ao peso da estante e dos livros em 22/11/1920.

O projeto foi construído com alterações em relação à primeira versão proposta por Hebert. Segundo o Relatório da SOP, durante o período de janeiro a dezembro de 1921, foram executados no edifício da Biblioteca Pública do Estado os seguintes trabalhos:

- Collocação de oito columnas, revestidas de marmore, encimadas por capitéis de bronze.

- Estas columnas provieram da necessidade que houve de ser augmentada a resistencia do piso que recebe estantes de livros do 1º pavimento. Melhoraram muito o aspecto estético do salão de leitura, que se acha presentemente em trabalhos de decoração e pintura.

- Limpeza geral dos soalhos e respectivo enceramento. Este serviço ainda não está terminado.

86 Ver DIFENBACH, 2008.

87 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1921, p. 07.

- Conclusão do jardim, incluindo o tanque e o repucho.
 - Pintura decorativa de todas as salas e salões, achando-se já concluído o 1º pavimento e em regular andamento o andar térreo. Cada sala da Bibliotheca é decorada em um estilo especial, devendo a respectiva mobília acompanhá-lo.
 - Alargamento da porta principal da entrada e substituição das cariathides por columnas de granito, com o respectivo entablamento.
 - Collocação sobre os tympanos de arcos internos de medalhões de bronze, com a effigie de brasileiros ilustres.
 - Iluminação elétrica de todo o edifício, com riquíssimos lustres de bronze.
 - Calçamento do passeio em torno do edifício, empregando-se uma base de asfalto para evitarem-se as infiltrações da humidade nas paredes do porão.
 - Pintura das estantes de aço e applicação sobre as mesmas de lampadas electricas com braços adequados.
 - Assentamento de um relógio electrico luminoso.
- Além destes trabalhos foram realizados outros de pequena monta."*

No setor ampliado instalou-se o elevador número A 0638, marca Otis, um dos primeiros a ser instalado no Rio Grande do Sul. A instalação do elevador representa o avanço tecnológico que facilitava o funcionamento da biblioteca.

"No vestibulo da entrada da Rua General Câmara instalou-se um elevador de luxo marca Otis. Esse trabalho foi contratado com a firma João Vicente Friederichs (...). A caixa do elevador será oportunamente revestida com madeira, com decorações em galvano bronze e obedecendo ao estilo da peça em que se acha." 88

Em 1922 foram executados os trabalhos finais no espaço interior:

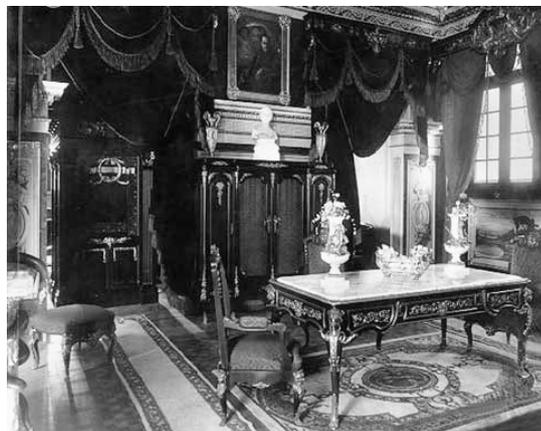


Figura 59- Ao fundo o elevador instalado na Bibliotheca, 1922.

“Neste proprio do Estado executaram-se alguns trabalhos para sua conclusão definitiva.

Foi feita a pintura decorativa, a pintura das estantes de aço, o acabamento das columnas de marmore do grande salão e modificações nas canalisações electricas.

A pintura decorativa, feita em estylos diferentes para cada sála, foi executda pelo sr. Fernando Schlatter que se desempenhou bem da sua tarefa.

Foram aplainados e encerados todos os soalhos.

...

Estes trabalhos correram sob a fiscalização e direcção do Eng. Theophilo Borges de Barros Chefe de Seção.⁸⁹

Em 1922 o jornal “A Federação”noticiou:

“Terminadas em 1921 as obras de ampliação do edifício da Bibliotheca Publica, iniciaram-se logo os trabalhos de decoração interna, que, por sua vez, foram ha pouco concluidos.

No dia 7 do corrente foi a Bibliotheca, emfim, reaberta á frequencia do publico.⁹⁰

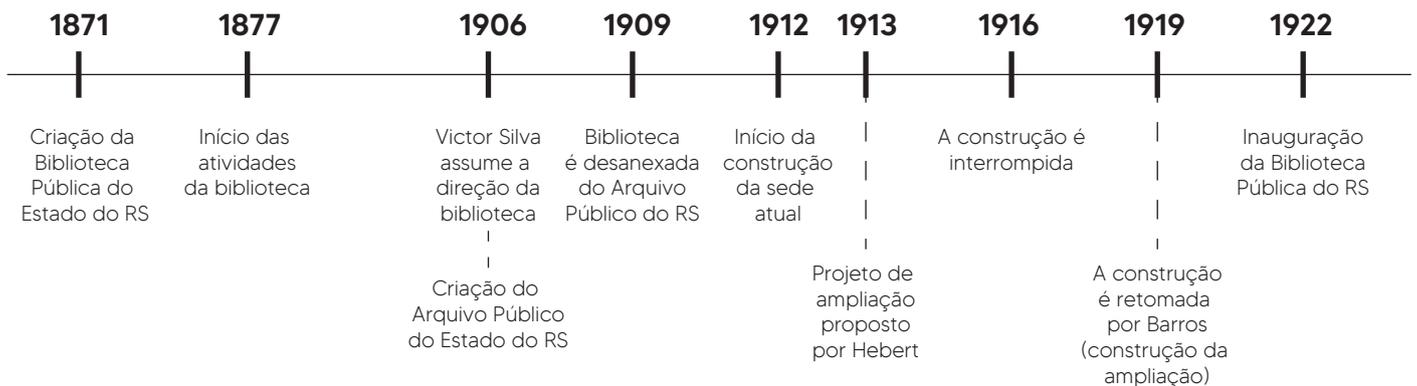


Figura 60- Linha do tempo: histórico da Biblioteca Pública do RS.

89 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1922, p. 22..

90 “A Federação”, 17 de outubro de 1922, edição 00240, p. 3.

A Biblioteca foi inaugurada no dia da Independência, em 07 de setembro de 1922. Sua inauguração foi noticiada pelo jornal Correio do Povo do dia 09 de setembro de 1922.

“Do programa official constava, antehontem a inauguração da Bibliotheca Pública que, como se sabe, agora apresenta um bellissimo aspecto externo e se acha sumptuosamente installada. A este acto que se realizou às 14 horas, compareceu o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, acompanhado de seu secretários de Estado e de seus officiaes de gabinete, corpo consular e chefes de todas as repartições federaes, estadoaes e municipaes desta capital.”⁹¹

“Tanto pela extensão e pelo valor de suas collecções de livros e de obras de arte, como tambem pelo conforto e belleza das suas installações, essa repartição fará, então, realmente, honra ao nosso progresso e a nossa cultura.”⁹²



Figura 61- Implantação.

1ª FASE (1912) - Construção do projeto de autoria do Hebert

2ª FASE (1919) - Construção da ampliação Projeto do Hebert, Barros assume a obra

1922 - Finalização e inauguração da obra

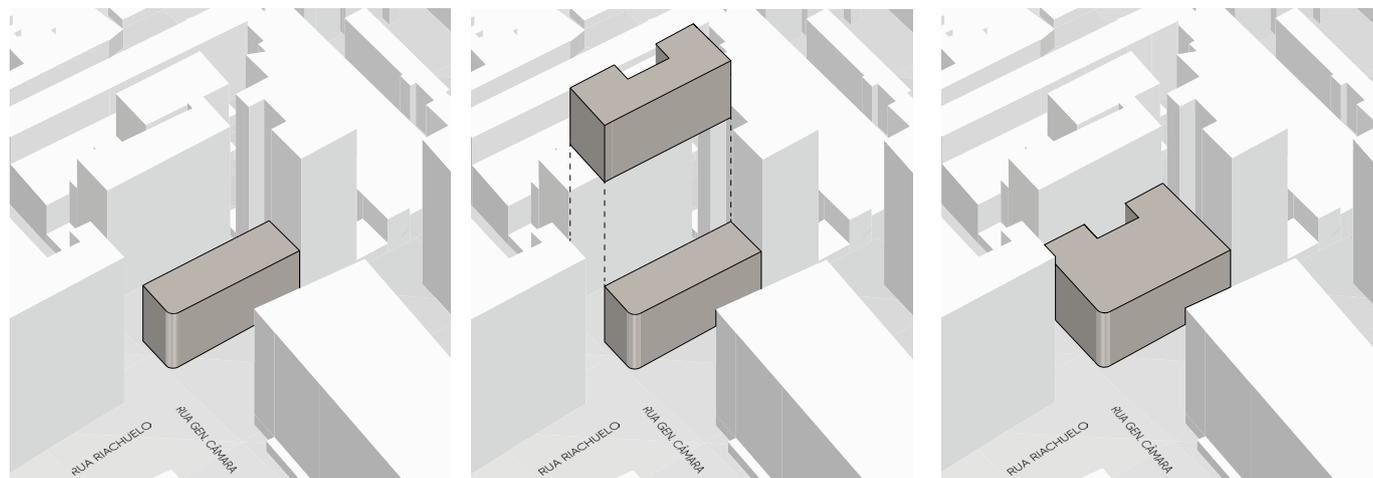


Figura 62- Diagrama com as fases da construção.

91 Correio do Povo, 09 de setembro de 1922.

92 “A Federação”, 29 de setembro de 1920, edição 00226, p. 4..



Figura 63- Fachada principal, rua Riachuelo.

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

O programa de necessidades da Biblioteca Pública é composto por salas de leitura, gabinetes, sala dos professores, sala da secretária e a sala das estantes, a qual possui um acervo diversificado e um conjunto bibliográfico da memória sul-rio-grandense.

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, espaços internos e composição de fachadas)

A edificação possui três pavimentos, área total de 2.240,00 m² e planta baixa em formato de “U”. A fachada caracteriza-se pela base rusticada e piso superior com semicolunas jônicas de intercolúnio regular, exceto pela duplicação na esquina. O destaque é dado à entrada pelo pórtico jônico em granito escuro no térreo, acessado pela rua Riachuelo, e pelo aparecimento de pilastras dóricas no segundo andar, com terminação em frontão curvo.⁹³ O acesso ao subsolo pode ser feito pela rua General Câmara, ou internamente pela área de circulação.

No que se refere aos interiores do edifício, Theóphilo Borges de Barros participou das modificações internas e definiu a ornamentação dos compartimentos. A maioria da decoração interna foi executada pelos pintores Fernando Schlater e S. Incerpi, e pelos escultores Alfred Adlof, Eduardo de Sá e Giuseppe Gaudenzi. A decoração interna apresenta uma mistura de estilos, o que caracteriza a arquitetura do ecletismo vigente na época. Cada uma das salas e dos salões recebeu um estilo especial, que determinou a escolha da mobília e dos demais elementos internos. Os compartimentos possuem estilos próprios que os identificam: clássico, mourisco, egípcio e pompeano.

93 Para análise das fachadas ver DIEFENBACH, 2008.

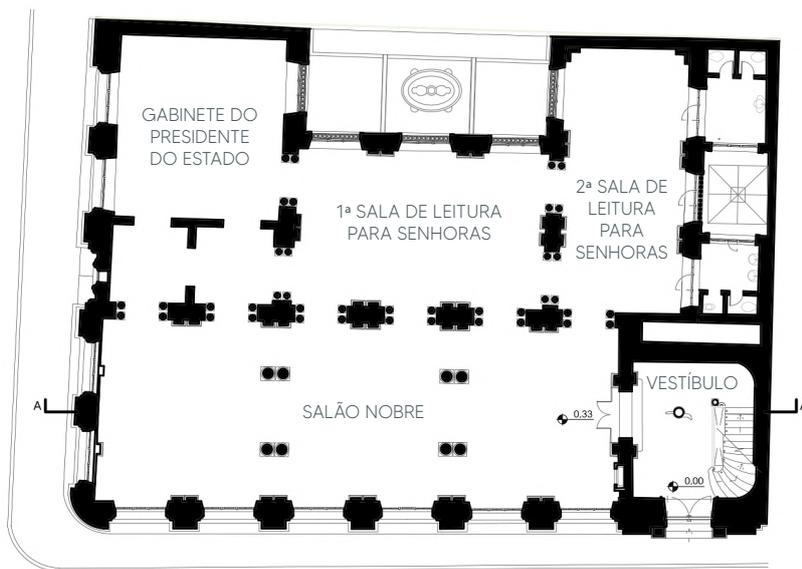


Figura 64- Planta baixa do pavimento térreo.

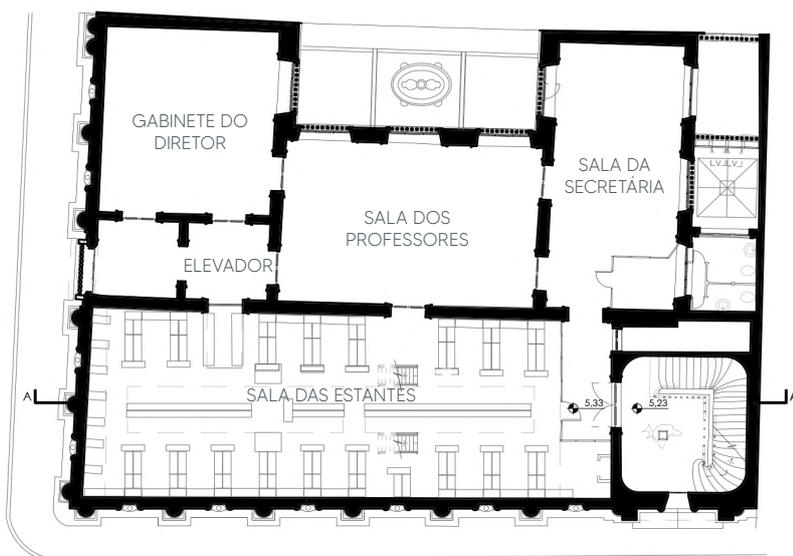


Figura 65- Planta do pavimento superior.



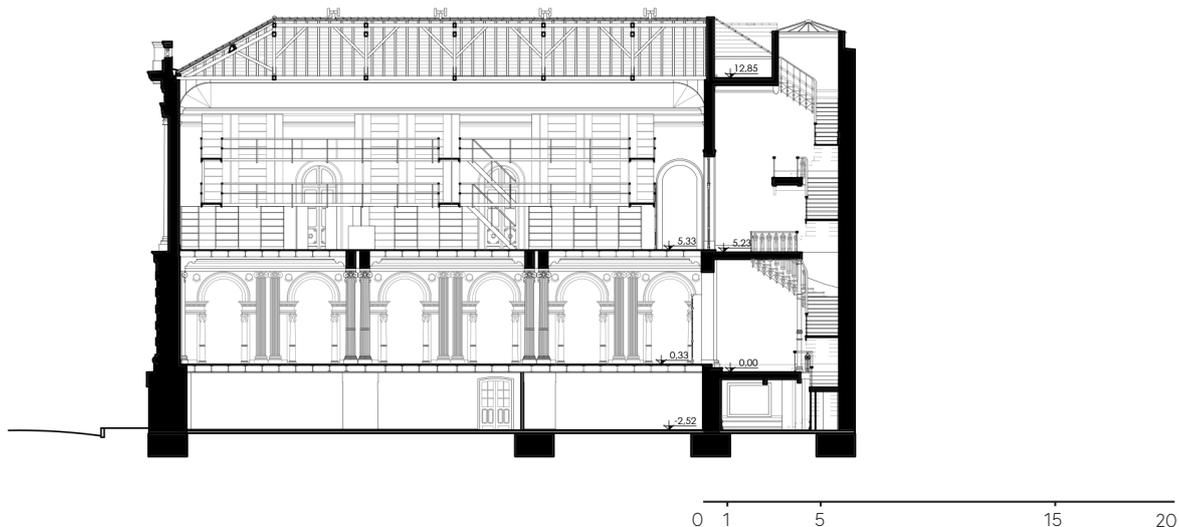


Figura 66- Corte AA.

A revista Mascara homenageou Barros:

“Onde, entretanto, a sua virtuosidade technica encontrou ambiente mais que propicio, foi na radical transformação porque passou o novo edificio da Bibliotheca Publica do Estado. Valeu essa reforma por uma verdadeira reconstrucção.

Nesse demorado e paciente trabalho o elegante engenheiro fez obra de adaptação e de criação, pois que a divisão das actuaes dependencias do primeiro piso da Bibliotheca, por meio de elegantes arcos sobre columnas, o salão nobre e as duas salas de leitura reservadas ás senhoras (e das quaes estampamos alguns aspectos) - foi por elle imaginada e executada sob a sua direcção.

O edificio da Bibliotheca, no seu interior, remodelado agora é, pela sua belesa artistica e pela sua sumptuosidade um dos mais bellos do paiz. Decorado com o maior luxo, a que presidiu o mais requintado gosto, para o seu definitivo esplendor, póde-se dizer que foi decisiva a contribuição do illustre architecto, sem a qual a reforma teria não sido possivel.”⁹⁴

94 Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência, 1922, n.p.

A planta baixa foi construída em formato de “U”, com um poço de ventilação e iluminação. O pavimento térreo abriga um vestíbulo de entrada com escada; salão nobre com oito colunas de mármore carrara, para sustentar as estantes metálicas do pavimento superior; duas salas de leitura para senhoras e o gabinete do Presidente do Estado. No pavimento superior encontra-se a grande sala com as estantes de ferro; a sala dos professores; a sala da secretária e o gabinete do Diretor.

“O edifício é amplo e elegante, preenchendo plenamente os fins a que se destina. Pelo apurado gosto artístico que presidiu á sua rica decoração, o aspecto das salas é magnífico.

No pavimento inferior, ficam a 1ª, 2ª, 3ª salas de leitura, franqueadas ao público.

Na parte terrea, depois do vestibulo, encontram-se, de um lado, o salão nobre, para conferencias, e do outro uma sala especial para senhoras, além da 4ª sala de leitura e consultas e um gabinete destinado ao presidente do Estado.

No andar superior, estão localizados o amplo salão de estantes, a secretaria, a sala do conselho e o gabinete do director.”⁹⁵

A porta de acesso principal se destaca por ser em madeira esculpada e conter um livro ornamental na parte superior com a seguinte frase: “Aqui circula o espírito do mundo”. Ao adentrar na edificação, há um vestíbulo envolvido por paredes de alvenaria com pintura decorativa e com uma escada de ferro. A porta de acesso, que foi alargada na alteração do projeto, consequentemente modificou a disposição



Figura 67- Livro ornamental na porta de entrada.



Figura 68- Vestíbulo de entrada, 1922.



Figura 69- Escada do vestibulo de entrada, 2022.

95 A Federação”, 17 de outubro de 1922, edição 00240, p. 3.



Figura 70- Salão Nobre, 1922.

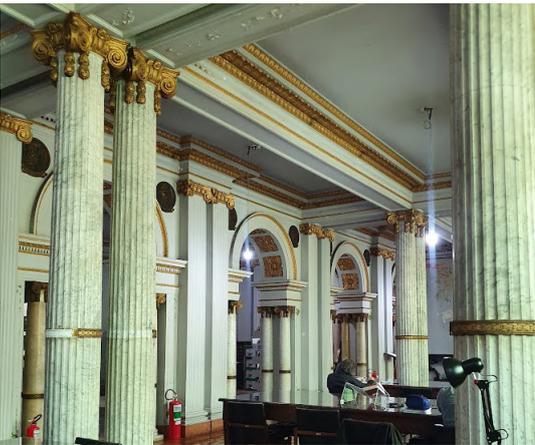


Figura 71- Salão Nobre, 2022.



Figura 72- Sala de leitura para senhoras, 1922.



Figura 73- Antiga sala de leitura, 2022.

da escada interna do vestibulo. A escada é de ferro fundido, importada da fábrica Joly da Alemanha, “com parafusos marchetados em formatos de flores, peitoril decorado e degraus revestidos de mármore Carrara”⁹⁶.

Originalmente, no centro deste espaço, foi inserida uma figura de bronze representando a “Noite” e as paredes receberam pinturas a óleo, com uma pequena paisagem de Niterói numa lateral e na outra uma paisagem do Rio dos Sinos, de São Leopoldo. O piso é revestido por mosaico policromo de porcelana.

O salão nobre, acessado a partir do vestibulo, destaca-se pelos acabamentos refinados e pela presença de oito colunas - dispostas em pares - em mármore com caneluras e com capitel de ordem jônica em bronze. O teto é dividido em nove caixotões com ornamentação em bronze e, originalmente, cada caixotão apresentava um lustre e guirlandas com rosas de cores suaves. As paredes que dividem os compartimentos internos, e possibilitam acesso às salas de leituras para senhoras, são compostas por aberturas em arco pleno apoiados em pares de colunas jônicas em mármore branco e com capitél de bronze. Estas paredes possuem medalhões de bronze com efígies dos líderes brasileiros mortos.

Originalmente as salas de leitura para senhoras dispunham de mobiliário como mesas, cadeiras e poltronas da época que forneciam espaços convidativos para a leitura.

“Na primeira dessas salas a pintura é idêntica à do salão nobre. Ao centro há uma grande mesa destinada à leitura de revistas, magazines e jornais de modas, forrada de um pano de veludo verde franjado e sobre ela estão colocados três lampadários de bronze sobre soclos de mármore do Estado, de grande beleza. Pequenas mesas existem dispostas em torno com

96 BICCA, 2011. p. 212.

cadeiras estofadas de couro vermelho. Na segunda sala a pintura é imitando um estofado Pompadour amarelo dourado e guarnecido de pequenos ramos de rosas de vários tons.”⁹⁷

Contíguo à sala de leitura, ficava o Gabinete do Presidente do Estado, com ornamentação, decoração, mobiliários e demais elementos todos em estilo Luís XV. As paredes foram divididas em “panneaux” com molduras de ouro e pinturas a óleo, e nelas foi acrescentado um quadro com o retrato de Borges de Medeiros, o busto em mármore de Beatriz das obras de Dante Alighieri, e a pintura da figura de Júlio de Castilhos. A imprensa descreve as especificidades da sala destinada ao Gabinete do Presidente do Estado:

“No centro da sala, uma grande mesa forrada de mármore violeta, toda guarnecida de bronzes cinzelados, cópia exata da mesa de Luiz XIV que se acha no castelo de Versalhes.”⁹⁸

O pavimento superior pode ser acessado por meio do elevador ou pela escada do vestíbulo. Através da escadaria, chega-se a um compartimento de transição, entre a sala das estantes e a sala da secretária. Neste pavimento a maioria das salas segue com referência ao estilo histórico, exceto a sala das estantes, a qual apresenta um aspecto moderno com estantes metálicas para a organização e adequado armazenamento dos livros. As estantes de aço foram dispostas em três níveis acessados por escadas e galerias. As paredes receberam pintura branca e o teto foi decorado com leves desenhos.

A sala da Secretária foi decorada em estilo pompeano, inspirado nas pinturas murais da Pompeia, com quadros de artistas nacionais. O teto foi dividido em seis painéis



Figura 74- Gabinete do Presidente do Estado, 1922.



Figura 75- Em restauração: Gabinete do Presidente do Estado, 2022.



Figura 76- Sala das estantes, 1922.



Figura 77- Sala das estantes, 2022.

97 A Federação”, 17 de outubro de 1922, edição 00240, p. 3.

98 A Federação”, 17 de outubro de 1922, edição 00240, p. 3.



Figura 78- Sala da Secretária, 1922.



Figura 79- Em restauração: antiga Sala da Secretária, 2022.

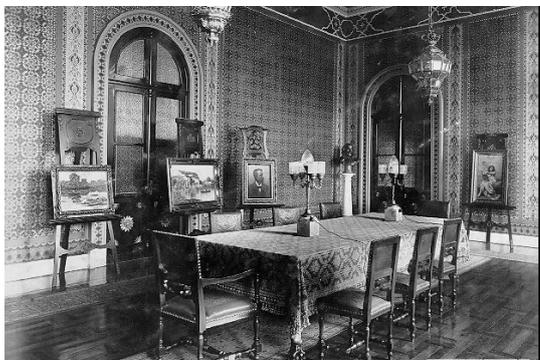


Figura 80- Sala dos professores, salão mourisco, 1922.



Figura 81- Salão mourisco, 2022.

retangulares, com figuras e cenas da antiguidade grega e recebeu dois lustres de bronze dourado. Ao lado, a sala dos professores foi decorada em estilo mourisco, conforme referência ao Palácio de Alhambra em Granada, Espanha, com motivos geométricos e pinturas em tons intensos, com predomínio do vermelho e do ouro. O teto também recebeu pintura e ornamentação própria do estilo, e duas lanternas em bronze e cristal. A partir desta sala é possível acessar o Gabinete da Diretoria.

Em estilo egípcio e com predomínio da cor vermelha, o Gabinete da Diretoria foi decorado com motivos e belas imagens mitológicas. Originalmente foi mobiliado com móveis gótico-florentinos, poltronas e canapés estofados de madeira esculpida. Os móveis gótico-florentinos pertencem ao estilo de mobiliário do período medieval, do século XII ao XV, pré-Renascentista. É marcado pelo uso da madeira maciça em mesas e armários, linhas verticais e formas ogivais, caracterizado pela ornamentação na parte mais alta. A sala temática apresentava imagens remetendo à obra da Divina Comédia de Dante Alighieri. Nessa sala foram dispostos os bustos que completam o calendário positivista da fachada do edifício.

O pavimento do subsolo abrigava uma sala da direção, abrindo diretamente para a rua General Câmara, o setor administrativo, o setor de empréstimos, o espaço destinado ao elevador, o banheiro feminino e o jardim interno. Com forma retangular, ornamentado por arcos de ferro e vasos com plantas, o jardim interno recebeu em seu centro uma fonte com escultura - trabalho do escultor Gaudenzi.

Por seu valor histórico e arquitetônico, em 1986 a biblioteca foi tombado pelo Patrimônio Histórico e

Artístico do Estado (IPHAE). No ano de 2002 foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), por integrar-se ao sítio histórico da praça da Matriz.

A biblioteca, idealizada inicialmente por Hebert e concluída por Barros, foi sua primeira oportunidade de demonstrar suas capacidades. O fato dele ter terminado o prédio sem a presença de Hebert representa a primeira atuação independente de Barros em uma obra de escala monumental.

Não se pode precisar o quanto Hebert já havia definido de seu projeto de ampliação da biblioteca. O fato é que as responsabilidades de Barros foram muitas. Ele construiu toda a ampliação e coordenou a implantação do variado programa decorativo do interior do edifício. Também interferiu em sua solução técnica, ao introduzir reforços estruturais para o suporte do setor de armazenamento sobre o salão principal. As colunas introduzidas se integram harmoniosamente no programa clássico do salão. Desse modo, é justo considerar Barros como coautor do destacado edifício da Biblioteca Pública.



Figura 82- Jardim interno com escultura, 1922.



Figura 83- Colégio Paula Soares

COLÉGIO COMPLEMENTAR: Atual Colégio Paula Soares

Localização: Porto Alegre

Ano da construção: 1919-1922

Área do terreno: 2.420 m²

Área construída: 3.660 m²



Figura 84- Vista aérea atual do colégio Paula Soares.

Localização e Histórico

O Colégio Complementar foi erguido no ano de 1919 em um terreno do estado⁹⁹ de aproximadamente 2.420 m², localizado na rua General Auto no Centro Histórico de Porto Alegre, vizinho de fundos do Palácio Piratini. A obra foi concluída em 1922 e passou a funcionar como Escola Complementar de Porto Alegre. O edifício caracteriza-se por apresentar um volume principal com quatro pavimentos, dois porões semienterrados, térreo e pavimento superior.

Em 1906, surge a Escola Complementar, ocupando o lugar do Colégio Distrital.¹⁰⁰ A escola era dividida em dois cursos, o elementar e o complementar.

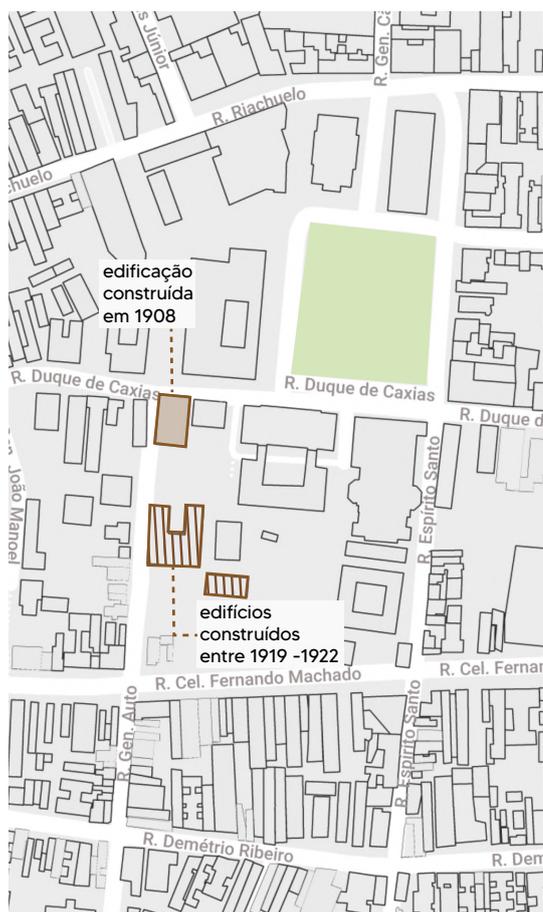


Figura 85- Localização do Colégio.

Decreto n. 874 de 28 de fevereiro de 1906

“ Artigo 1 - O ensino primário ministrado pelo Estado será livre, leigo e gratuito e compreenderá dous cursos: - elementar e complementar.

Artigo 2 - O ensino elementar destinado á educação dos menores de ambos os sexos de 7 annos em diante será ministrado em escolas elementares.

Artigo 3 - O ensino complementar ser''a ministrado em escolas complementares e destinado aos alumnos que se mostrarem habilitados nas materias do curso elementar.

[...]

Artigo 5 - O ensino complementar terá, quanto possível, caracter pratico e profissional com o fim de desenvolver o ensino elementar e de preparar candidatos ao magisterio publico primario.¹⁰¹

99 O terreno do estado era utilizado como depósito.

100 Ver GONÇALVES, 2013.

101 A Federação, 09 de março de 1906, edição 00058, p. 1.

O curso complementar era também destinado “ao preparo de futuros professores, para o que se acha devidamente aparelhada.”¹⁰² Sobre o regimento das escolas complementares, destacava-se:

“Artigo 171 - O regimem das escolas complementares será o de externato.

Artigo 172 - Nos cursos complementares o ensino será mixto, havendo para alumnos e alumnas logares separados no recinto e sendo privativas a cada sexo as portas de entrada e sahida.

[...]

Artigo 175 - Para os ensinos de pratica do ensino haverá annexa a cada escola complementar duas elementares, sendo uma para cada sexo.

*Estas escolas servirão de modelo ás demais do Estado e nellas se exercitarão os alumnos do curso complementar que se destinarem ao magistério.”*¹⁰³

No ano de 1908 foi construído um prédio destinado à Escola Complementar, localizado no terreno de esquina da rua Duque de Caxias com a rua General Auto, ao lado do atual Colégio Paula Soares. Na Figura 86, observa-se o prédio construído. A pedra fundamental da construção foi lançada em 10 de janeiro de 1908.¹⁰⁴ A construção foi arrematada por Júlio Nectoux, e o projeto foi organizado por Attilio Trebbi, desenhista da Secretaria de Obras.¹⁰⁵

Ainda em 1908 houve uma mudança no uso da edificação.¹⁰⁶ Em vez da Escola Complementar instalar-se no local, a repartição de Obras Públicas passou a ocupar o edifício. A Escola Complementar, juntamente com a repartição da Instrução Pública, passou a funcionar no edifício do Arquivo - rua Duque



Figura 86- Edificação construída em 1908 na esquina da Duque de Caxias com a rua General Auto.

102 Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RS), 1915,p. 11.

103 A Federação, 09 de março de 1906, edição 00058, p. 3.

104 A Federação, 10 de janeiro de 1908, edição 00022, p. 2.

105 A Federação, 16 de março de 1908, edição 00064, p. 2.

106 A Federação, 18 de julho de 1908, edição 000167, p. 2.

de Caxias, esquina com a Marechal Floriano.

Posteriormente, o edifício originalmente construído para abrigar a escola complementar, serviu de sede para o Palácio Provisório. Finalmente, em 1918, o prédio sofreu uma ampliação e algumas reparações orientadas pelos engenheiros Hebert e Barros, para atender ao fim para o qual foi construído - servir à Escola Complementar.

"Este edificio está desde já sendo preparado para nelle se estabelecer o collegio complementar, que vae deixar sua antiga sede.

...

As reparações estiveram a cargo dos Engenheiros Affonso Hebert e Theophilo Borges de Barros, achando-se as novas obras para augmento do edificio sob a fiscalisação do Engenheiro Theophilo Borges de Barros.

Este ultimo Engenheiro foi tambem encarregado de projectar um novo edificio escolar á rua General Auto, que será uma dependencia do collegio complementar."¹⁰⁷

Observa-se que a edificação foi ampliada para atender as necessidades do colégio. A ampliação foi fiscalizada por Barros e contratada com o construtor Antonio Duarte Barbosa. As obras foram finalizadas no final do ano de 1919.

"O edificio onde funciona, provisoriamente, o Palacio do Governo, foi ampliado e adaptado ás necessidades da Escola Complementar, que para elle será transferida, logo que o expediente da Presidencia do Estado passe a ser executado no novo Palacio.

Aos fundos do referido edificio, á rua General Auto, e destinado ao curso elementar da mesma escola, está sendo construído um amplo edificio."¹⁰⁸

107 Relatário das Obras Públicas, 1918, p 19. .

108 A Federação, 29 de setembro de 1919, edição 00229, p. 4.

O fato de ter sido construída a escola na edificação da esquina explica a construção do edifício abaixo, com projeto desenvolvido por Barros. Entende-se que as escolas funcionavam juntas, ou eram complementares uma da outra.

Para acomodar mais alunos foi projetada uma nova edificação, no terreno abaixo, com previsão para atender dois mil alunos. Em 1919 foi aberta concorrência para receber propostas para a construção da nova edificação para o Colégio Complementar. O jornal "A Fundação" noticiou:

"De ordem do Snr. Dr. Secretario, faço publico que até o dia 1 de Marco proximo vindouro, às 12 horas, serão recebidas propostas para a construcção do edificio do Collegio Complementar nesta Capital, á rua <General Auto>, cujo orçamento importa em `451:479.682.

*Da concorrência serão excluidas as fundações, que serão executadas por administração."*¹⁰⁹

O projeto foi desenvolvido por Theóphilo Borges de Barros e a construção ficou sob a responsabilidade do Engenheiro Adolpho Stern. As obras tiveram início em 20 de junho de 1919. "Para o novo edifício estavam previstas acomodações para dois mil alunos."¹¹⁰

*" ... um bello edificio em estylo neo-classico em que predomina a ordem corynthia e que está sendo construido á rua General Auto."*¹¹¹

109 Jornal A Federação, 1919, Edição 00028, p. 8.

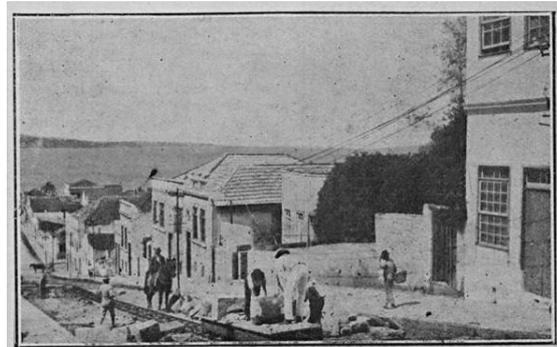
110 DIP/RS, 1921, p. 10.

111 Relatório da Secretaria de Obras Públicas 1919, p.12.



DA CIDADE — O "Collegio Complementar" em construcção, projecto e execução do distinto engenheiro dr. Theophilo Borges de Barros.

Figura 87- Colégio Complementar no início da construção, 1919.



DA CIDADE — Outro aspecto do "Collegio Complementar" que está sendo construido pelo distinto engenheiro dr. Theophilo Borges de Barros.

Figura 88- Colégio Complementar no início da construção, 1919.



Figura 89- Colégio Complementar na década de 1920, vista do pátio interno.

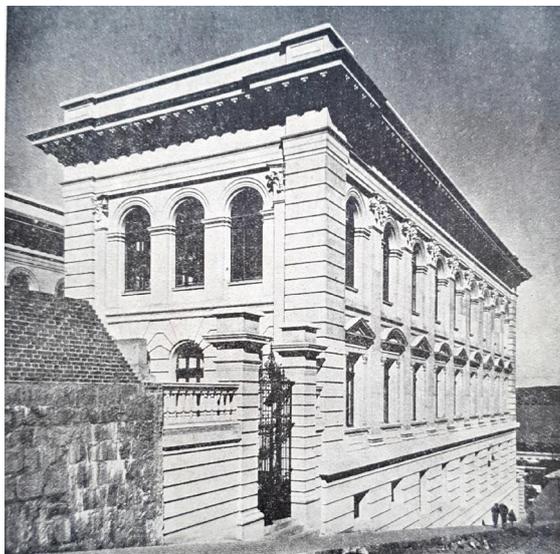


Figura 90- Colégio Complementar na década de 1920, vista da rua General Auto.

“O edifício compõe-se de um corpo principal e de duas alas, entre as quaes se acha um pateo central de 12 metros por 20. A área total coberta é de 1.200 metros quadrados. Tem 23 salas, em que podem funcconar aulas para 50 alumnos; 4 grandes salões de 9 metros por 11, com capacidade para 60 a 70 alumnos. Possui ainda 3 grandes salas nos porões, que tambem podem ser aproveitadas como salas, além de dois amplos gabinetes. Sua entrada principal será pela rua General Auto.”¹¹²

Considerando a natureza do terreno inclinado, os custos despendidos com o preparo do terreno e com a construção das fundações foram altos. Em alguns pontos a inclinação do terreno chegava a 18%.

O edifício foi construído em alvenaria e piso de concreto armado.¹¹³ No ano de 1920, o projeto sofreu alterações, acarretando no aumento das despesas e na prorrogação do prazo do término dos serviços. A questão de higiene e do conforto foi apontada como um dos requisitos para as alterações. “Foi feita uma “maquette” em gesso, que serve de guia para os trabalhos.”¹¹⁴

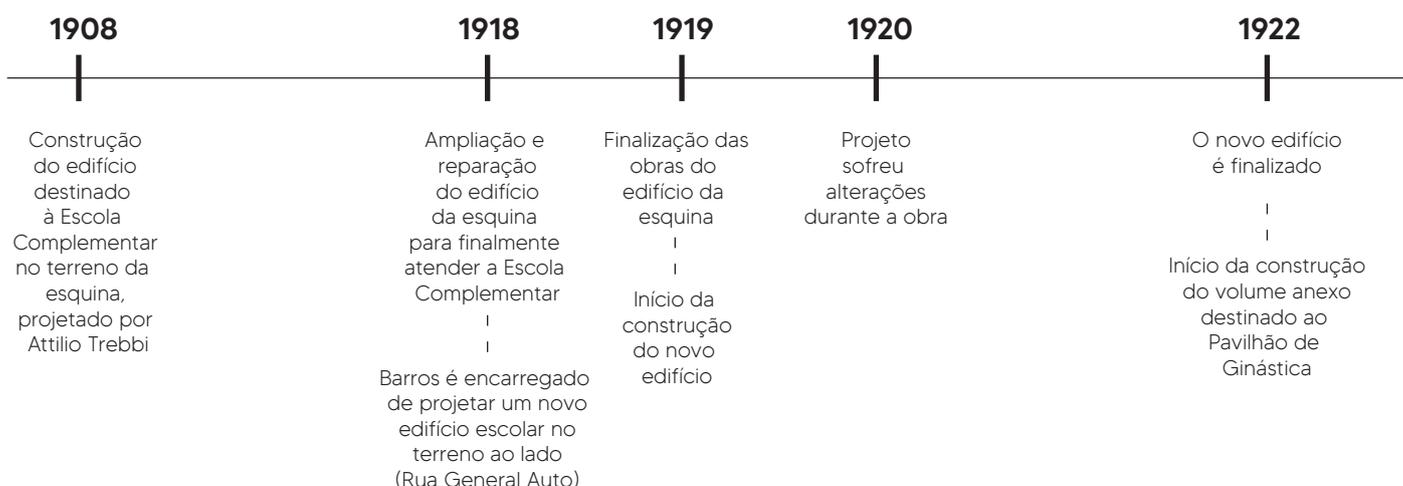


Figura 91- Linha do tempo: histórico do Colégio Complementar.

112 Relatório da Secretaria das Obras Públicas 1919, p.12.

113 Material histórico arquivado no Colégio Paula Soares.

114 Relatório da Secretaria das Obras Públicas 1919, p.8.

Em 1921 a construção destinada ao curso elementar da Escola Complementar já estava praticamente concluída, faltando apenas completar a parte interna da ala esquerda, a instalação de esgoto e alguns trabalhos de detalhe. O prédio foi entregue a Secretaria do Interior e Exterior em 1922. No mesmo ano foram finalizados os seguintes serviços:

“ - Calçamento em mosaico em torno do edifício.

- Construção e assentamento dos portões de ferro.

- Construção das escadas de cimento armado, revestidas de mármore.

- Pintura de todo o edifício.

- Instalação geral de luz eléctrica e exgotos.

- Colocação de filtros e tanques.

- Construção da escada da entrada principal em cimento armado e revestida de mármore.”¹¹⁵

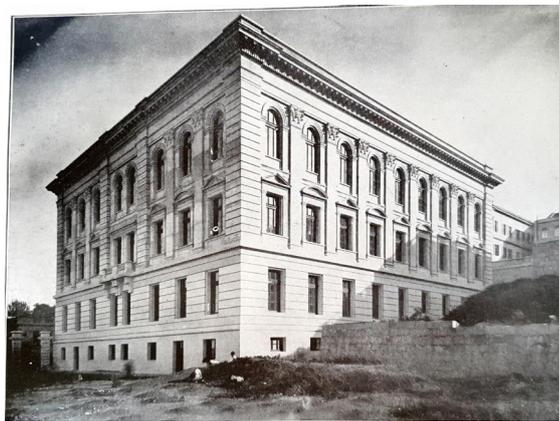


Figura 92- Colégio Complementar na década de 1920.

1908 - Construção do edifício da esquina, projeto de Attilio Trebbi

1919 - Início da construção do novo edifício do Colégio Complementar, projeto de Barros

1922 - Início da construção do volume anexo, Pavilhão de Ginástica

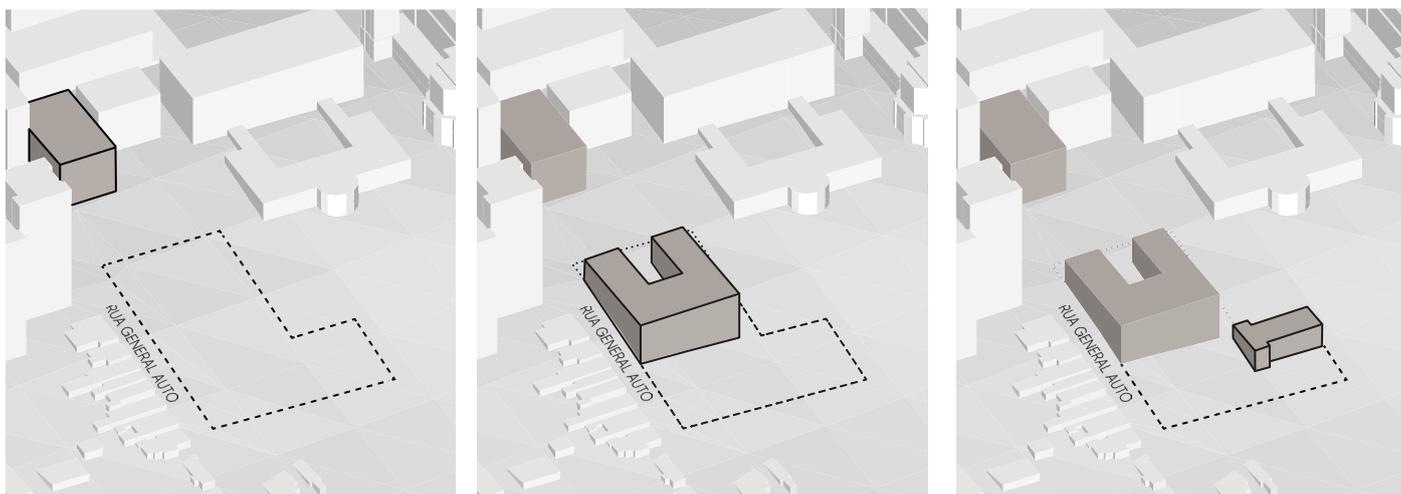


Figura 93- Diagrama com as fases da construção.

Em 1922 o prédio já estava em funcionamento. “Mais um bello edificio moderno com o qual o Governo do Estado acaba de dotar a nossa capital.”¹¹⁶ O jornal “A Federação” noticiou:

“O curso elementar da Escola Complementar já está definitivamente installado no espaçoso edificio para tal fim construído á rua general Auto, contiguo ao que serviu, durante largo tempo, de palacio da presidencia e no qual funciona agora o curso complementar da referida escola.”¹¹⁷

Além do volume principal, foi projetado um volume anexo, o Pavilhão de Ginástica. A construção deste iniciou em 1922 e seguiu com soluções formais semelhantes às empregadas no volume principal. O edifício do Pavilhão de Ginástica, projetado por Barros, foi fiscalizado pelo Engenheiro João Baptista Pianca¹¹⁸. Durante o ano de 1923 foram executados os seguintes trabalhos:

- “- Paredes principaes e divisorias em alvenaria de tijolos.*
- O balcão interno excluindo o revestimento e a balaustrada.*
- As thesouras de ferro do telhado, o forro de madeira e o revestimento com ruberoide.*
- O revestimento de concreto no porão.*
- O assoalhamento geral.*
- A escada interna.*
- Emboços e rebôcos, calhas e cannos de quêda.”¹¹⁹*



Figura 94- Volume anexo: Pavilhão de ginástica.

116 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1922, p.7.

117 “A Federação”, 17 de outubro de 1922, edição 00240, p. 3.

118 Formado em Engenharia Civil em 1915, integrante do quadro de engenheiros da Secretaria de Obras Públicas do Estado. Segundo Weimer (2004), na Secretaria de Obras Públicas, ele dedicou-se, basicamente, à fiscalização de obras. Autor do livro “Manual do Construtor”(1979).

119 Relatório da Secretaria das Obras Públicas 1924, p.73.

Ao longo da trajetória da escola, o edifício passou por algumas intervenções e reformas. No volume principal da escola foi realizada uma adaptação a fim de possibilitar o acesso universal. Também foi acrescentada uma pequena rampa para vencer o desnível dos pisos. Infelizmente, as virtudes arquitetônicas do edifício hoje não são plenamente percebidas por sua conservação precária.

A obra foi construída para abrigar o Curso Elementar da Escola Complementar de Porto Alegre, porém, o colégio passou por algumas alterações de nomenclatura ao longo de sua trajetória. Em 1927 passou a estabelecimento autônomo com o nome de Colégio Elementar Paula Soares¹²⁰. Anos depois, em 2000, a escola passou se chamar Colégio Estadual Paula Soares, sendo essa a denominação até os dias de hoje. A edificação integra a área de abrangência dos bens móveis e integrados ao Palácio Piratini, tombado pelo IPHAE em 1986 e pelo IPHAN em 09 de novembro de 2000.

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

A edificação foi construída com a finalidade de atender o programa escolar do Colégio Complementar com espaço para salas de aula e áreas de apoio, pavilhão de ginástica e quadra esportiva.



Figura 95- Rampa construída posteriormente.



Figura 96- Sala de aula.

120 Em homenagem ao professor Francisco de Paula Soares que nasceu em Montevideu, Uruguai em 1825 e faleceu em Porto Alegre em 1881 e prestou relevantes serviços à Instrução Pública.

LEGENDA

01 - Volume principal A: 1260m²

02 - Pátio com quadra

03 - Pavilhão de Ginástica A: 270 m²

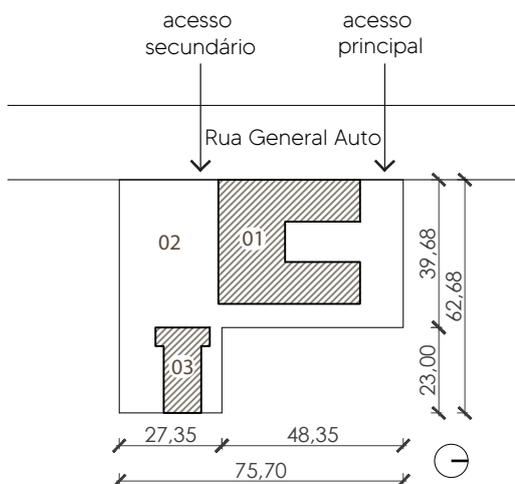


Figura 97- Implantação.

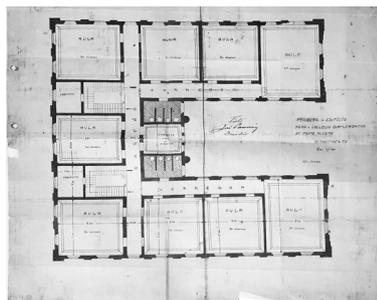
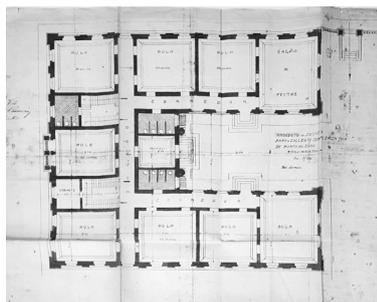
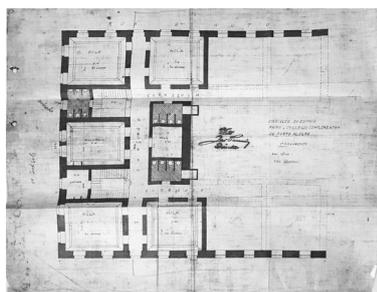


Figura 98- Plantas da época da construção.

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, espaços internos e composição de fachadas)

Por meio da Figura 97 observa-se a implantação do volume principal e do anexo (Pavilhão de Ginástica). A implantação do Colégio é dada no alinhamento da Rua General Auto, com acesso principal através de um portão metálico, situado entre dois pilares rustificados e acima de degraus que direcionam ao interior do terreno. Outro acesso, de uso secundário e com características formais semelhantes, situa-se mais próximo ao espaço esportivo – entre o volume do edifício e a quadra.

O volume do Colégio tem um partido em forma de “U”, com um pátio aberto de 10,90 x 20 m. O acesso à edificação se localiza ao fundo do pátio interno, junto à ala posterior do U. Um conjunto de plantas da época, apesar de não estar datado, provavelmente é o projeto de autoria de Barros, pois menciona “o *projecto do edifício*”. Observa-se que todos os pavimentos (exceto os porões semienterrados) apresentam a mesma compartimentação e zoneamento. A circulação vertical é feita por dois núcleos de escadarias localizados na ala aos fundos. Ao fundo das escadas estava prevista a utilização do espaço, com salas para sanitário e para gabinete. No entanto, as salas não foram construídas e, com isso, as escadas foram alteradas. Em vez de duas escadas de 3 lances, foram construídas duas escadas de 2 lances.

A corredor da ala posterior percorre toda a extensão do volume. Já nas alas laterais a circulação termina no acesso às salas de aula da extremidade. Os sanitários estão localizados na ala posterior, nos dois lados do vestíbulo de entrada. As salas de aula apresentam a mesma compartimentação em todos os pavimentos.

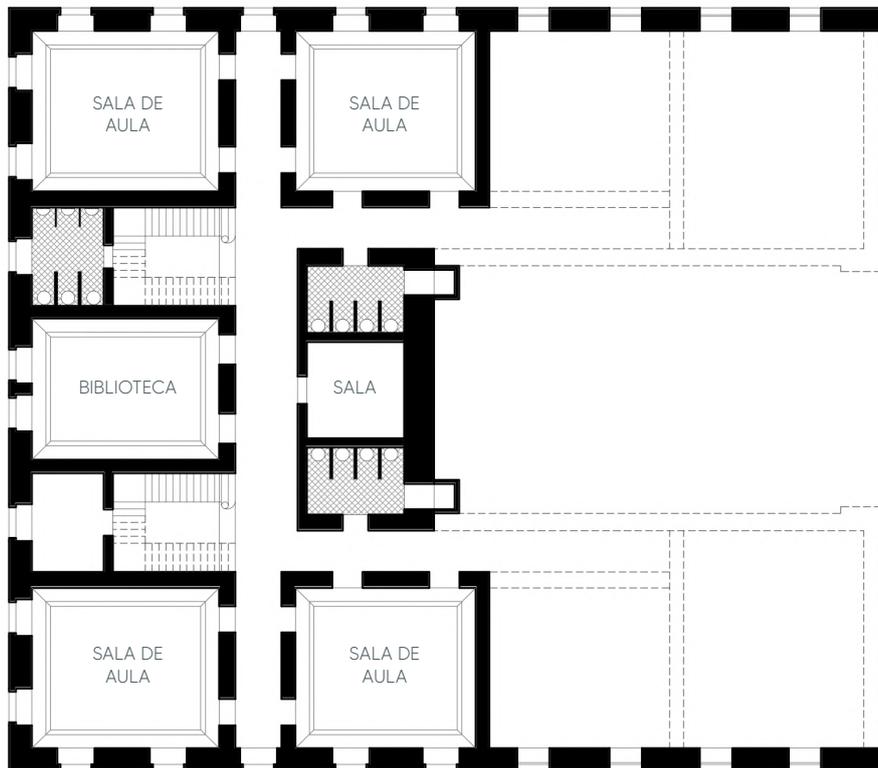


Figura 99- Redesenho da planta do porão semienterrado (planta da época da construção).

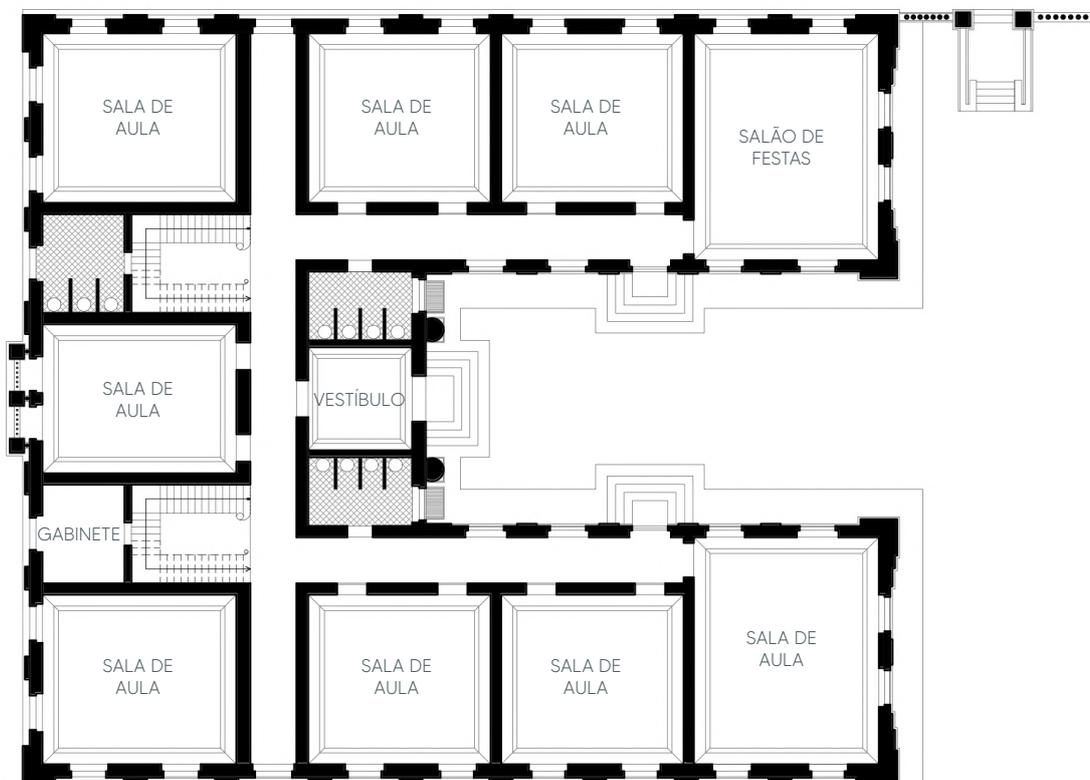


Figura 100- Redesenho da planta do pavimento térreo (planta da época da construção).

0 1 5 15 20



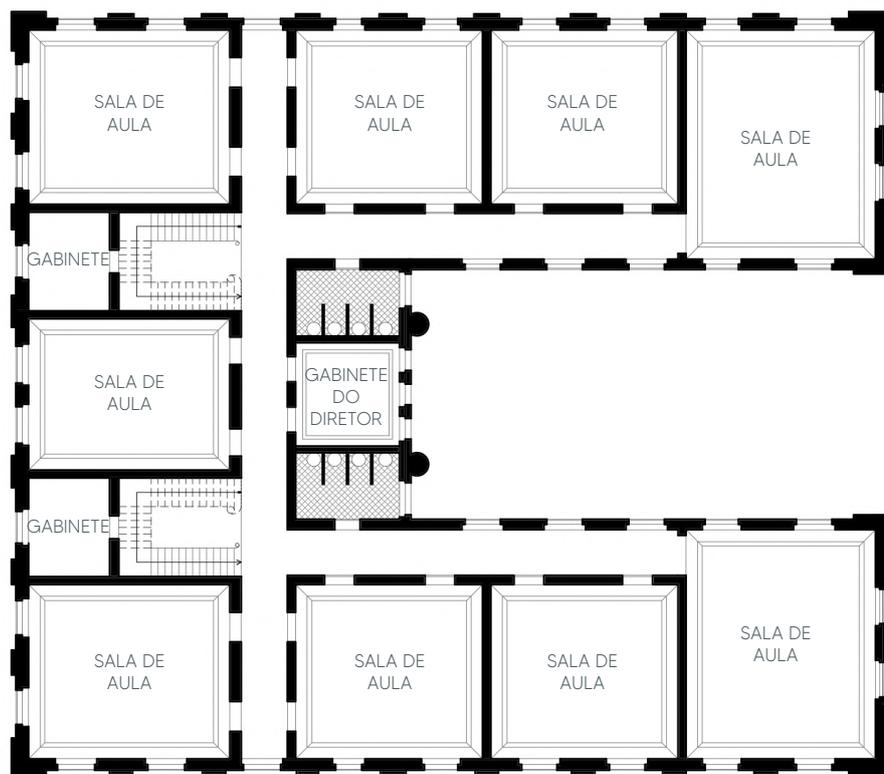


Figura 101- Redesenho da planta do pavimento superior (planta da época da construção).



Ao analisar a planta do pavimento térreo, Figura 100 nota-se que, além do acesso principal, estavam previstos outros dois acessos com degraus diretamente às alas laterais, porém, estes não foram construídos.

O espaço interior da escola é organizado com a circulação, como elemento organizador da distribuição, e espaços compartimentados para as salas de aula e áreas de apoio. Na ala posterior, há duas escadas que permitem os deslocamentos interiores entre todos os pavimentos até o nível inferior, que dá acesso à quadra esportiva. As escadas são em mármore com guarda-corpo metálico e com passa mão em madeira.

Em concordância com a centralidade do pátio e do pórtico de acesso, o vestíbulo de entrada é simétrico. Nele encontram-se duas colunas de ordem jônica, com pilastras rebatidas junto às paredes laterais. Ao se olhar a parede de entrada do vestíbulo, nota-se que também há pilastras jônicas rebatidas. O objetivo de Barros é criar uma moldura clássica nos vértices do vestíbulo para acentuar sua importância. Nota-se que o vestíbulo de entrada é um dos únicos ambientes internos com a presença dos elementos clássicos. A presença do ornamento clássico está relacionada ao grau de importância do ambiente, sendo o vestíbulo de entrada o espaço que recebe o visitante.

Outro ambiente com elementos clássicos é o auditório/sala de honra (Figura 105), que localiza-se no pavimento superior na ala lateral oeste¹²¹. Neste ambiente destacam-se os pares de pilastras com caneluras e capitel de ordem coríntia. A maioria dos demais ambientes caracteriza-se pelas paredes com acabamento liso, piso em ladrilho ou assoalho de

121 O auditório não aparece na planta do pavimento superior (Figura 101). No entanto, em visita à escola identificou-se que o auditório localiza-se na ala oeste e ocupa o espaço de duas salas de aula.

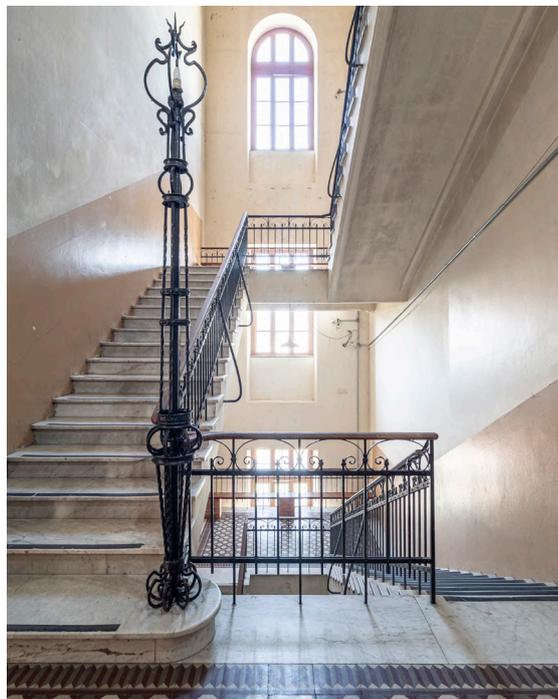


Figura 102- Escada interna.



Figura 103- Vestíbulo de entrada, vista para o corredor.



Figura 104- Vestíbulo de entrada, vista para a porta de acesso.



Figura 105- Auditório / sala de honra.



Figura 106- Vista da rua General Auto.



Figura 107- Trecho da fachada oeste, voltada para a rua General Auto.

madeira, pé-direito alto e aberturas ora em verga reta, ora em arco pleno. As salas de aula são amplas e bem iluminadas.

A declividade do sítio levou Barros a adotar uma base rusticada para regularizar o terreno. Desse modo, ele criou um pódio sobre o qual pode assentar um prisma regular que pudesse receber ordens clássicas em todas as fachadas. Essa elevação é muito importante, pois apresenta a face pública do edifício, e apresenta um tratamento de palácio clássico. A faixa correspondente ao pavimento térreo possui janelas retangulares dispostas entre pequenos pilaretes de ordem coríntia e encimadas por coroamento que alterna com frontão triangular e frontão segmentar - com topo curvo. Já na faixa correspondente ao pavimento superior, as janelas são com verga em arco pleno, apoiado em pequenos pilaretes, e com frisos em forma de arco. Destacam-se as pilastras colossais de ordem coríntia dispostas entre as aberturas. Foi adotada a mesma solução formal na fachada leste da ala que fica próxima a divisa do terreno.

O partido arquitetônico em forma de "U" com um eixo definido, estabelece noção de encaminhamento ao pórtico de entrada do Colégio, conforme Figura 108. Ao passar pelo portão, junto à rua, se alcança o pátio central, entre as alas laterais. Dali, um giro de 90 graus, releva o pórtico de entrada ao fundo, emoldurado pelas alas. Estas têm ornamentação clássica mais simples que as fachadas externas (sem ordens clássicas), contrastando com o pórtico, que apresenta as duas únicas semicolunas colossais do edifício. Adotando a mesma ordem coríntia, elas se diferenciam das pilastras colossais do exterior, pois tem maior destaque por sua tridimensionalidade. Além

disso, estão encimadas por um entablamento com o nome da escola, em alto relevo, e por um frontão que demarca o acesso principal. Três pequenas janelas com duas semicolunas coríntias, emolduradas por um pequeno pórtico com frontão curvo – uma espécie de reprodução em miniatura do pórtico de acesso – ocupam o espaço entre as colunas no segundo andar.

Ao comparar a imagem atual com o desenho da fachada (Figura 110), constata-se que, em sua generalidade, a obra foi construída conforme o projeto, mas com alterações pontuais.¹²² O pequeno frontão sobre a janela do segundo andar do pórtico de acesso foi construído com topo curvo, enquanto no projeto o frontão aparece com topo triangular. As cantoneiras rusticadas aparecem com acrotérios na parte superior, sendo que estes não foram colocados. Além disso, a obra construída apresenta quatro janelas a mais na fachada norte do que no projeto (Figura 111).

As demais fachadas internas do pátio possuem uma base com as aberturas do subsolo. Sobre esta base encontra-se o pavimento térreo marcado pela rusticação e por janelas com verga em arco pleno. No pavimento superior, a rusticação não está presente.



Figura 108- Vista do pórtico de entrada.



Figura 109- Perspectiva da fachada norte e oeste.

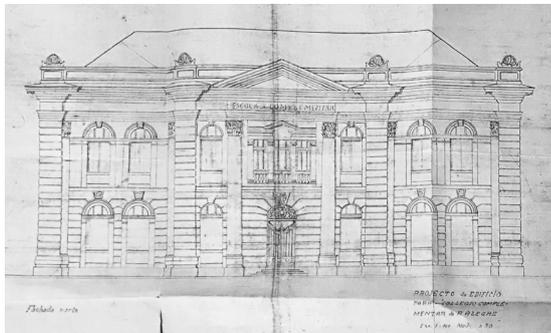


Figura 110- Fachada norte da época da construção.



Figura 111- Redesenho da fachada norte.

¹²² As alterações podem ter sido feitas pelo próprio arquiteto, porém, devido à ausência de documentação, não é possível afirmar.

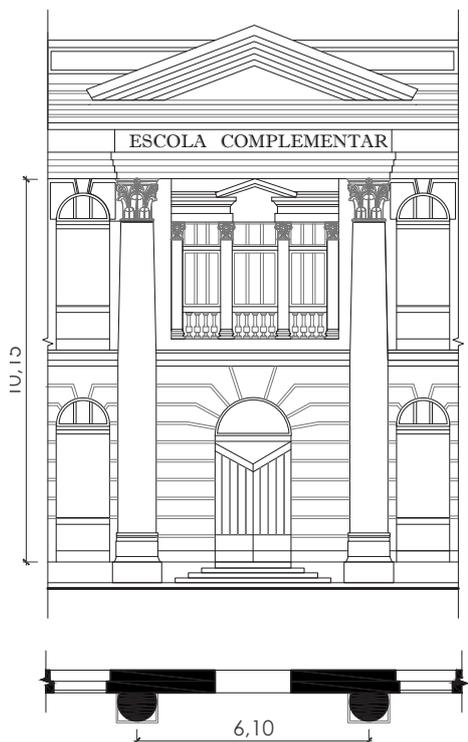


Figura 112- Redesenho com as proporções do pórtico de entrada.



Figura 113- Imagem da fachada norte, vista da edificação da esquina (antiga escola, atual Casa Civil), 1924.



Figura 114- Fachada sul.

As janelas são com verga em arco pleno, arrematadas por frisos também em forma de arco, e apoiadas em pequenos pilaretes. Em todo volume, as extremidades das fachadas apresentam ressalto, configurando cantoneiras rusticadas.

O pórtico de entrada, composto por duas semicolunas colossais, confere verticalidade ao plano de entrada do edifício. O módulo entre eixos é de 6,10m e a altura da coluna é de 10,15m, resultando numa razão de 1,66, cerca de $1:1\frac{2}{3}$.¹²³

A fachada norte, da extremidade das alas, dispõe de pilastras colossais de ordem coríntia, parcialmente embutidas nas cantoneiras. A faixa que corresponde ao térreo apresenta três janelas com verga em arco pleno com rusticação nas paredes. No pavimento superior, as três janelas caracterizam-se pelo tratamento com verga em arco pleno arrematado por frisos, também em forma de arco, e apoiado em pequenos pilaretes. Esta fachada é parte importante do Colégio, pois é visível desde a escola vizinha, de onde há acesso por meio de uma escadaria (Figura 113). Provavelmente a escadaria foi construída por necessidade de conexão entre as duas edificações escolares. Em 1920, a comunicação entre os edifícios era citada:

*“Trabalha-se também actualmente nas escadas de comunicação entre o edifício novo e o antigo palacio provisório”.*¹²⁴

A fachada com orientação sul, ao lado da quadra esportiva, segue com as cantoneiras rusticadas e com o tratamento semelhante ao da fachada para a rua General Auto. No entanto, nesta fachada destaca-se a organização simétrica em três módulos: um central

123 Por tratar-se de um redesenho, as dimensões são aproximadas.

124 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1920, p. 9.

e dois laterais. No centro estão presentes duas janelas por pavimento entre duas pilastras colossais rusticadas, sendo que as janelas da faixa correspondente ao térreo são retangulares, enquanto as janelas do pavimento superior são com verga em arco pleno. Os módulos laterais apresentam três janelas por pavimento, intervaladas por duas pilastras colossais de ordem coríntia. As janelas do pavimento superior são em arco pleno emolduradas, enquanto as janelas do pavimento térreo são retangulares e encimadas por coroamento que alterna com frontão triangular e frontão segmentar. O coroamento do edifício é dado por platibanda com cornija que se projeta em relação à superfície mural. A cornija é ornada com denticulos, óvalos e mísulas, em sentido ascendente.

O volume anexo, que abriga o pavilhão de ginástica, caracteriza-se pela forma alongada e pela presença de uma galeria interna. Acomoda hall de entrada, salas de apoio e sanitário. Contemplado desde o espaço



Figura 115- Trecho da fachada sul.

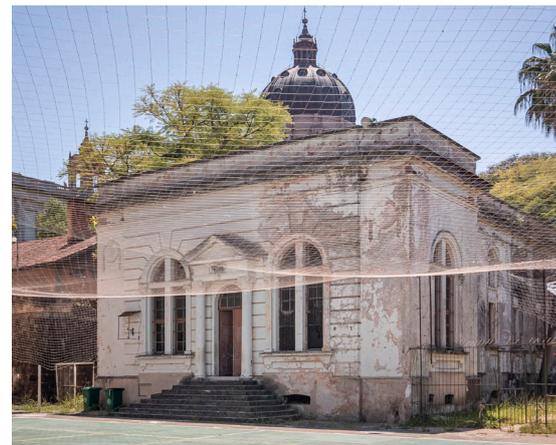


Figura 116- Pavilhão de ginástica.



Figura 117- Redesenho da planta baixa do pavilhão de ginástica.

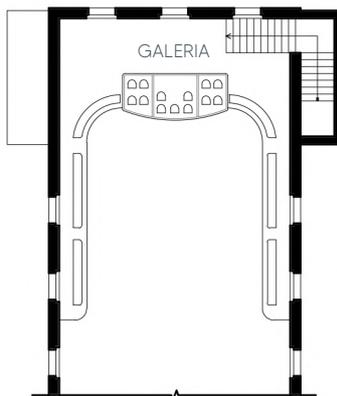


Figura 118- redesenho da planta da galeria do pavilhão de ginástica.



Figura 119- Redesenho da fachada principal do pavilhão de ginástica.





Figura 120- Trecho do capitel e do entablamento do pórtico de entrada.



Figura 121- Fachada da rua General Auto composta por elementos clássicos.

aberto das quadras, o volume é percebido como sendo bem menor do que suas reais dimensões, visto que seu comprimento é bem maior que a largura. A fachada principal apresenta um pequeno pórtico de ordem coríntia terminado com frontão triangular. Esse pórtico se apoia numa plataforma alta e é acessado por uma escadaria piramidal. No centro da fachada encontra-se a porta de acesso em arco pleno. Ao lado do pórtico encontram-se duas aberturas em arco pleno, emolduradas sobre pilastras de ordem coríntia. Esta fachada apresenta acabamento rusticado, com exceção no embasamento e nas extremidades recuadas, as quais receberam elementos decorativos em relevo.

Como vimos na análise, o Colégio Paula Soares é um exemplar monumental de arquitetura clássica em Porto Alegre, marcado pelo rigoroso uso das ordens e seus elementos constituintes. O fato de ter sido construída a escola de 1908-09 na esquina explica a construção do edifício abaixo, destinado ao Curso Elementar da Escola Complementar. Portanto, após a primeira edificação ter recebido uma sede em estilo palaciano, a segunda foi da mesma forma, em estilo ainda mais erudito, pelo rigor clássico que caracterizava a arquitetura de Barros. Ele já havia demonstrado suas habilidades no manejo das formas clássicas nos projetos do Pantheon e do Teatro de Bagé, assim como no salão principal da Biblioteca Pública. Nesse caso, mostra as mesmas virtudes numa encomenda de sua autoria exclusiva. Barros lida com todo o repertório clássico, usando de forma precisa semicolunas e pilastras colossais, ordens secundárias, texturas rusticadas, frontões, entablamentos, cornijas e arcos. O requinte clássico de sua escola parece prestar tributo ao vizinho Palácio Piratini, obra de pedigree Beaux Arts assinada pelo francês Maurice Gras.

Em uma edição da Revista Mascara, há um texto de autoria de um certo João Pedro elogiando a obra, que reflete a boa impressão que causou na época:

“Meu caro e Illustre engenheiro: - A maquette do novo edificio para o <<Collegio Complementar>> que estás construindo (que m'ò perdôe a tua modestia) é bem a affirmação do teu alto gosto esthetico incorruptivel e da severa cultura com que te conseguiste impôr na tua profissão. A elegante sobriedade das suas linhas, a harmonica correcção do seu conjuncto, a pureza classica do seu desenho - que caracterizam a antiga e bella architectura corynthia, - fazem, desta obra de arte com que nos vae dotar, uma nota deliciosamente dissonante no pandemonio abracadabrante da nossa cidade. - Não imaginas o repouso espirital, a doçura benefica que nos envolve, a vista da serena imponencia de um momento classico.”¹²⁵



Figura 122- Secretaria da Fazenda.

**SECRETARIA DA FAZENDA
E DE OBRAS PÚBLICAS DO
ESTADO**

Localização: Porto Alegre

Ano da construção: 1920-1922
1927-1935

Área construída: 13.837,56 m²



Figura 123- Vista aérea atual do conjunto.



Figura 124- Localização

Localização e Histórico

O projeto para os edifícios gêmeos faz parte de um conjunto de novos palácios projetados para ocupar o aterro do porto e emoldurar a avenida e a Praça da Alfândega. Conforme cita Calovi Pereira (2008), por meio de seu projeto para a área, “o presidente Carlos Barbosa deixava claro seu intento de transformar a praça da Alfândega num espaço público da natureza monumental, tal como fazia na praça da Matriz.”¹²⁶ Os edifícios gêmeos localizam-se na quadra delimitada pela Av. Mauá (Antiga Av. do Porto), rua Cassiano Nascimento, rua Siqueira Campos (antiga rua das Flores) e Av. Sepúlveda. O projeto construído configura-se como dois blocos gêmeos separados por uma rua interna.

Durante seu termo de governo (1908-13), Barbosa e sua equipe da Secretaria de Obras Públicas buscaram a monumentalização da capital gaúcha. Com essa finalidade, Attilio Trebbi desenvolve, nos anos de 1906 a 1909, um projeto para embelezamento da capital, compreendendo as duas principais praças da cidade (Praça Marechal Deodoro e Praça da Alfândega), a abertura de uma nova avenida que haveria de uni-las, a criação dos quarteirões e o novo cais. A proposta de inserção da nova avenida ocasionaria problemas de articulação entre as vias e os edifícios existentes. Com isso, as obras foram implantadas abdicando da nova avenida e respeitando a configuração da Praça Marechal Deodoro. No projeto de Trebbi, a área de ampliação da Praça da Alfândega foi delineada como um lançamento inicial, sem a inserção de edificações, arborização e equipamentos urbanos. No entanto, já aparecia o traçado previsto para a área da praça da



126 CALOVI PEREIRA; DIFENBACH; CALOVI, 2008, p. 31.

Alfândega e dos quarteirões adjacentes. Um desenho, de 1910, sem menção de autoria (Figura 125), mostra o projeto do cais junto à praça da Alfândega com os quatro edifícios posteriormente construídos na área: edifício da Alfândega, da Mesa de Rendas, da Delegacia Fiscal e dos Correios e Telégrafos. No desenho também há um teatro e uma delegacia, diante da rua Sete de Setembro, que não foram construídos. O projeto de Trebbi é o primeiro registro da iniciativa de embelezar a entrada principal da cidade. O edifício da Mesa de Rendas, desde o tempo do projeto de Affonso Hebert (1912), estava enquadrado numa composição monumental.

Devido à construção do cais em área de aterro e ao impacto que esse grande projeto causaria na configuração da cidade, foi apresentado ao Intendente, o “Relatório do Projeto de Melhoramentos e Orçamentos”. Desenvolvido pelo arquiteto João Moreira Maciel, em 1914, o relatório trata da extensão e do alargamento de algumas ruas da capital, da construção de novas ruas e avenidas na área do aterro e, conseqüentemente, da ocupação dos terrenos pelas obras da divisão de obras públicas para tornar o plano economicamente possível. Contudo, é preciso deixar claro que Moreira Maciel incluiu em seu plano o trecho da praça da Alfândega que já estava planejado. No sentido da configuração da área da praça, o plano de Maciel não introduziu nada novo.

Em 1914 as ruas que delimitam os edifícios estavam em fase de planejamento. Sobre a Av. do Porto (atual Av. Mauá) Moreira Maciel descreve:

“Esta [a avenida Júlio de Castilhos] é paralela ao cães, e entre ella e o cães traçamos outra avenida separando os armazéns da Alfândega da linha de construcções das novas quadras. – Esta

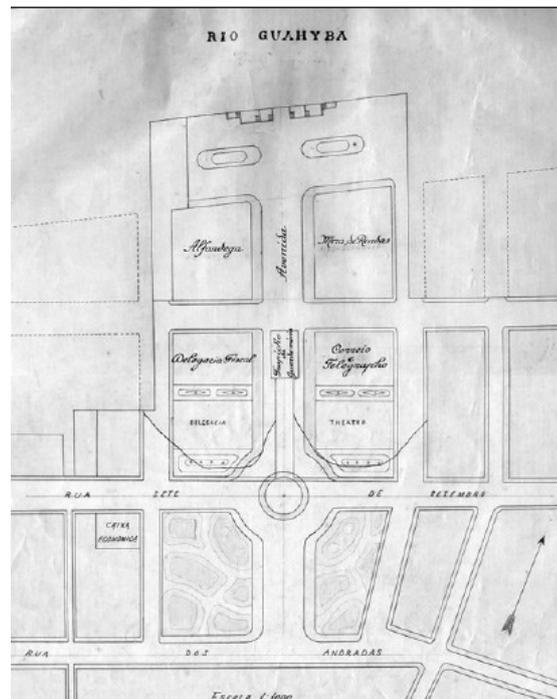


Figura 125- Projeto da praça da Alfândega junto ao cais.

avenida a que demos a denominação de Avenida do Porto, tem a largura de 20 metros, entre a linha de novas construções e o gradil que circunda os armazéns da Alfândega.”¹²⁷

De acordo com Maciel, a rua das Flores deveria ser prolongada:

“Entre a Intendência e a Praça Martins Lima prolongamos a Rua das Flores passando entre os edifícios do ‘Correio e Telegrapho’ e ‘Delegacia Fiscal’ de um lado e ‘Alfandega’ e ‘Mesa de Rendas’ do outro até seu encontro com a Avenida Marginal.”¹²⁸

No trecho acima, o arquiteto faz menção à Mesa de Rendas e aos outros edifícios que estão presentes na planta da Figura 125, apresentada anteriormente. Na época, o prédio dos Correios e Telégrafos (Wiederspahn, 1910-13) já estava concluído e o prédio da Delegacia Fiscal (Wiederspahn, 1913-15) já havia sido iniciado¹²⁹. A Mesa de Rendas refere-se ao prédio que seria construído na rua das Flores. Em entrevista concedida à da Costa e Silveira (2005), Weimer afirma que a Secretaria da Fazenda era conhecida, na época, como Mesa de Rendas, o que indica que os autores estavam se referindo ao mesmo prédio. No entanto, Costa e Silveira esclarecem:

“Cabe frisar, no entanto, que a Mesa de Rendas na época, ainda que estivesse subordinada à Secretaria da Fazenda, em se tratando de Mesa de Rendas Estadual, não poderia ser vista como sinônimo da mesma.”¹³⁰

A elaboração do projeto, com acomodações para a Mesa de Rendas, para a Diretoria de Higiene e para a Bolsa iniciou em 1912 e se estendeu durante

127 MACIEL, 1914, p. 5.

128 MACIEL, 1914, p. 5.

129 CALOVI PEREIRA, Cláudio, 2022, p. 82-91.

130 COSTA; SILVEIRA, 2005, p. 18.

décadas, até a data de inauguração dos dois edifícios. Uma primeira concorrência para a execução da obra Secretaria da Fazenda foi aberta em 1912, com projeto e orçamento organizado pelo arquiteto Affonso Hebert.¹³¹ O projeto elaborado em 1912 por Hebert constituía um bloco único de dois pavimentos com planta em formato retangular de 56x44m (largura x profundidade), com pátio central e com volumes em ressalto nas extremidades do edifício.

O vencedor da proposta para execução da obra foi Domingues Rocco, porém este não iniciou as obras dentro do prazo estipulado. Com isso, o contrato foi rescindido conforme ofício nº 1423, de 16 de junho de 1913.¹³² Uma nova concorrência foi publicada em 24 de janeiro de 1914, e novamente foi vencida por Domingues Rocco. Este comprometeu-se a executar o serviço de acordo com o orçamento e a iniciar a obra em dois meses após a assinatura do contrato.¹³³

Ainda, durante o ano de 1913 foram construídos um depósito e um trapiche para o serviço da Mesa de Rendas, conforme requisição da Secretaria da Fazenda.¹³⁴ Posteriormente, em 1914, foi solicitada à Secretaria de Obras Públicas a construção de uma ampliação do trapiche da Mesa de Rendas, destinado a receber um guindaste elétrico. Esteve encarregado desse trabalho o arquiteto Theóphilo Borges de Barros¹³⁵.

Por um período nada mais foi mencionado nos relatórios sobre a construção do edifício da Secretaria da Fazenda conforme o projeto de Affonso Hebert.

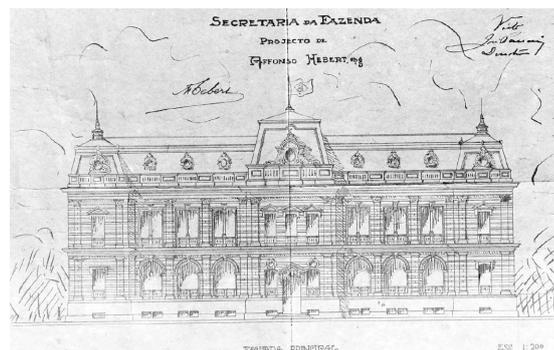
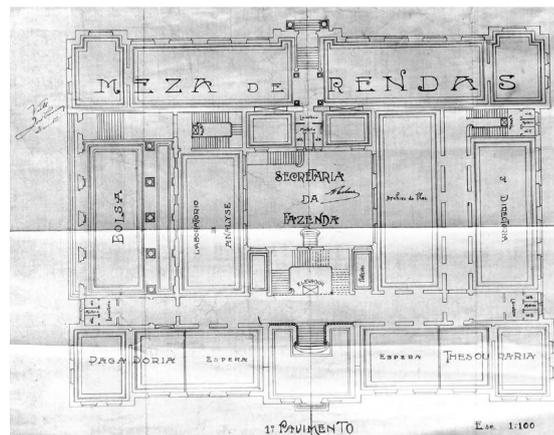


Figura 126- Planta baixa Secretaria da Fazenda, Affonso Hebert.

Figura 127- Fachada principal Secretaria da Fazenda, Affonso Hebert.

131 DIEFENBACH, Samantha Sonza, 2008.

132 Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1913, p. 11.

133 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1914, p. 68.

134 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1913, p. 11.

135 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1915, p. 52.

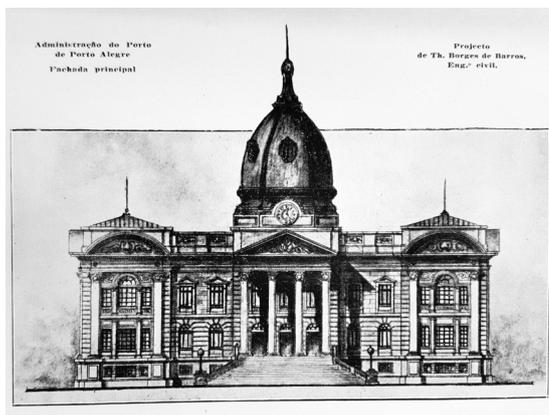


Figura 128- Fachada principal Administração do Porto. Autoria de Theóphilo Borges de Barros.

“A eclosão da Guerra em 1914 acabará por impossibilitar a execução dessa obra. Os trabalhos de aterro do terreno onde seria construída a Secretaria, no entanto, não são interrompidos.”¹³⁶

Somente no Relatório de 1920, volta a ser comentado sobre um projeto desenvolvido por Theóphilo Borges de Barros para a Administração do Porto (nomeado não mais como Secretaria da Fazenda).

O programa previsto para o edifício era destinado a conter a Administração do Porto, a Mesa de Rendas, a Junta Comercial e a Repartição de Higiene. Em 1920 estavam sendo executadas as fundações do novo prédio. Devido à natureza do terreno, foram construídos alicerces sobre estacas entre a alvenaria e o terreno firme, atravessando a cama de aterro e de terreno argiloso. As águas, contidas no solo, foram retiradas por uma bomba centrífuga.

“Este novo edifício, que é de estylo neo-classico moderno, foi projectado pelo Engenheiro Ajudante, Theophilo Borges de Barros, sendo do seu projecto executada uma <maquette>, que servirá de guia aos trabalhos da construção.”¹³⁷

A proposta de execução dos serviços ficou de responsabilidade do Engenheiro Adolfo Stern. “Foi o único concorrente, que se apresentou, sendo o preço da sua proposta, o valor oficial do orçamento.”¹³⁸ Ao contrário de Hebert, que projetou um edifício único, Theóphilo Borges de Barros propõe dois edifícios gêmeos, separados por uma rua interna. Durante o ano de 1921 continuou-se a execução das estacas para o edifício da Administração do Porto. “Foram cravadas

136 COSTA; SILVEIRA, 2005, p. 19.

137 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1920, p. 16.

138 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1920, p. 17.

durante o anno passado 631 estacas".¹³⁹

"Iniciadas as obras, foram os alicerces atacados, administrativamente, para logo depois serem sustadas por motivos de ordem economica. Reiniciadas no decorrer de 1922, pouco depois, pelos mesmos motivos, foram suspensas, para serem recommçadas em meados de 1927 e desta vez até a sua conclusão."¹⁴⁰

Somente em 1927 volta a ser comentado nos relatórios sobre a construção do Edifício da Administração do Porto e relata-se a retomada do serviço pelo construtor Adolpho Stern em 12 de março de 1927.¹⁴¹ Para dar continuidade as obras, foi necessário aumentar a área das fundações tendo em vista as condições do terreno da área de aterro.

A retomada da construção segue o projeto elaborado por Borges de Barros em 1920, que compreende dois edifícios gêmeos com uma área de aproximadamente 2400 m², 20 metros de altura (térreo com pé-direito de 3,35m, 1º pavimento com 4,70m e 2º pavimento com 6m) com uma cúpula. A medida até a agulha da cúpula é de 40 metros, ficando com a mesma altura do edifício dos Correios e Telégrafos. Um dos edifícios era destinado a abrigar a Administração do Porto (voltado para o Porto) e outro edifício destinado à Mesa de Rendas (junto à atual rua Siqueira Campos).

"Como o seu custo fosse muito elevado e, de momento, não interessasse ao Estado a edificação completa, determinou o Governo transacto que só fosse posta em execução a metade da obra, isto é, só a parte referente á Administração do Porto, ficando para melhor oportunidade a outra metade, destinada, naquella época, á Meza de Rendas."¹⁴²

139 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1921, p. 13.

140 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1930, p. 17.

141 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 10.

142 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 62.

“Em 1921, o Governo do Estado resolveu mandar construir um edifício para a Administração do Porto desta capital, o qual ficou depois destinado para a Secretaria da Fazenda.”¹⁴³

Weimer (1985) corrobora a informação:

“Inicialmente foi concebido apenas um edifício na Avenida Mauá, com dois pisos (além do porão) com uma grande cúpula central, com o fim de abrigar a Administração do Porto.”¹⁴⁴

Em 1927, o Jornal A Federação noticiou o novo edifício da Administração do Porto:

“A planta baixa revela os seguintes detalhes: na parte externa funcionará a directoria de Contabilidade e Estatística, constante das seguintes seções: de Taxa, de Estatística, Thesouraria, Sala de despachos, Trafego, Escritorio Central da Directoria do Trafego, etc.; no 1 andar serão alojados: o gabinete da Administração, Tomada de Contas, Archivos e Directoria do Expediente; no rez do chão: alojamento da guarda, almoxarifado, depositos, garage e officinas de sococro.

A cupola, bem como os tejadilhares, serão revestidos de cobre.

Um dos detalhes mais importantes desse edifício é a ampla e bem lançada escadaria do sumptuoso portico.”¹⁴⁵

No início de 1928, foi autorizada a utilização do concreto armado como o material mais apropriado para a obra. Essa informação indica que, o edifício não encontrava-se finalizado. Em 1928 Getúlio Vargas assume o Governo do Estado, o que impacta diretamente na condução da construção, pois cria o Banco do Estado do Rio Grande do Sul e determina que o edifício em construção deveria ter condições



Figura 129- Vista da Av. Mauá, década de 1930.

143 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1930, p. 17.

144 WEIMER, 1985, n.p.

145 A Federação, 17 de março de 1927, edição 00063, p. 2.

para abrigar também o banco, conforme contextualiza Weimer (2004):

“As obras, no entanto, não chegariam a ser concluídas e já sofreriam uma ampliação. Em 1928, Getúlio Vargas substituiria Borges de Medeiros em consequência do Pacto de Pedras Altas. Para dar andamento a seu projeto de conquista da presidência da Nação, resolveu “pacificar a família gaúcha”, expressão sob a qual era entendida sua política de cooptação das lideranças latifundiário-pecuaristas. Para tanto, criou o Banco do Estado do Rio Grande do Sul com a finalidade de financiar a produção pecuarista. Até então já existiam, dentro da Secretaria da Fazenda, alguns serviços bancários de empréstimo e de guarda de valores. Por esta razão, o banco foi criado como um departamento daquela Secretaria.”¹⁴⁶

Assim, em 1928, foi necessário construir mais um andar para abrigar o Tesouro do Estado, a Secretaria da Fazenda e os novos serviços bancários, do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, criado por Getúlio Vargas. Optou-se pela ampliação de um pavimento em vez da construção do outro edifício gêmeo, para controlar os gastos despendidos com a construção.¹⁴⁷

“Planeado inicialmente apenas para a instalação dos serviços deste departamento da administração pública, o edifício que vem sendo construído á Avenida Mauá destinase, agora, também, á Secretaria da Fazenda e Banco do Rio Grande do Sul. Para isso, foram feitas, na primitiva planta, as modificações indispensaveis, augmentando-se mais um andar. A parte do predio, que dá frente para aquella avenida, já se acha quasi concluida, devendo, em breve, ser atacada a construcção da parte restante.”¹⁴⁸

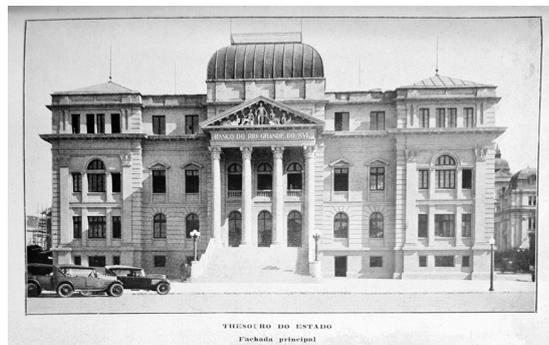


Figura 130- Vista da Av. Mauá, década de 1930.



Figura 131- Imagem interna Tesouro do Estado.

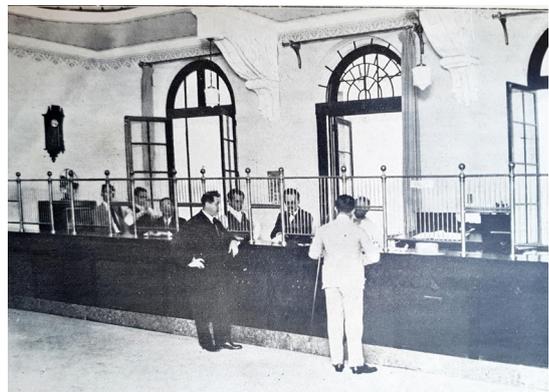


Figura 132- Imagem interna Tesouro do Estado.

146 WEIMER, 2004, p. 244.

147 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1929, p. 57.

148 Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RS), 1929, p. 42.



Figura 133- Edifício da Administração do Porto construído e edifício gêmeo em construção.

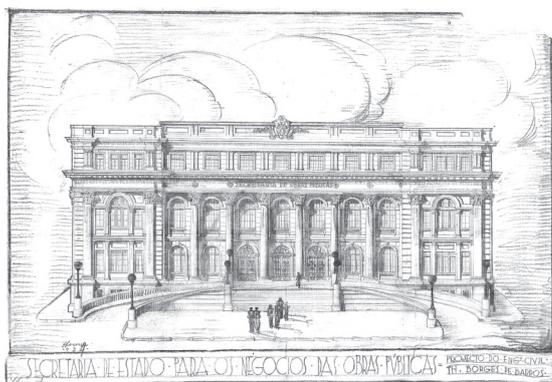


Figura 134- Secretaria de estado para os negócios das Obras Públicas.



Figura 135- Vista da rua Siqueira Campos, 1939.

Em 1929, o conjunto ainda não fora concluído, pois faltava todo o outro edifício. Portanto, em 1929, o edifício voltado para o Porto estava em fase de finalização e a rua interna já apresentava os dois portões de entrada, faltando a construção do outro edifício.¹⁴⁹ Posteriormente, em 1930, foi iniciada a construção do edifício posterior:

*“ Proseguiram as fundações da segunda ala desse edifício e destinada a esta Secretaria. Essas fundações estão hoje promptas.”*¹⁵⁰

Documentos da época permitem entender que o edifício voltado a atual Siqueira Campos foi construído para abrigar a Secretaria de Obras Públicas. Observe-se, na Figura 134, um desenho que nomeia a edificação como “Secretaria de Obras Públicas”. No desenho, o autor do projeto é identificado: “Projecto do Eng. Civil Th. Borges de Barros”.

A Figura 133, possivelmente datada do início dos anos 1930, confirma que um dos edifícios já estava construído (da Administração do Porto), e o outro (da Secretaria de Obras Públicas), estava em fase inicial de construção. Esse último, além de ser destinado à Secretaria das Obras Públicas, “previa espaço para abrigar também o DAER e o Departamento de Saneamento.”¹⁵¹ Segundo matéria publicada no Correio do Povo em 1939, junto a Secretaria de Obras Públicas funcionava ainda o Tribunal de Contas do Estado. A Figura 135, de 1939, revela que o edifício da Secretaria de Obras Públicas já estava externamente pronto.

A data de início e fim da construção do edifício da Secretaria de Obras Públicas não pôde ser precisada

149 Durante a construção, o empreiteiro Adolf Stern faleceu e a Sra. Stern assumiu os compromissos.

150 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1931, p. 14.

151 COSTA; SILVEIRA, 2005, p. 40.

especificamente. Sabe-se que, ao final dos anos 30, os dois edifícios já estavam prontos e em funcionamento. Em 1941 o centro de Porto Alegre foi atingido por uma grande enchente e, pelo registro fotográfico do evento (Figura 136), não resta dúvida de que os dois volumes estavam construídos. Apesar da semelhança do conjunto, o edifício da Secretaria de Obras Públicas difere em alguns detalhes: não apresenta cúpula, nem pórtico de templo no acesso, mas tem rampas para veículos e um pórtico mais extenso e menos projetado do plano do edifício.

No início dos anos 40, os dois edifícios encontravam-se com sua configuração de quatro pavimentos (base + três pavimentos) encimado por uma cúpula no volume voltado para a Av. Mauá. De acordo com o material consultado, é possível concluir que Theóphilo Borges de Barros alterou o projeto inicial durante a execução para atender às solicitações de acrescentar mais um pavimento. Infere-se que o arquiteto também foi o autor das demais modificações ocorridas no período, como exemplo, a mudança da forma da cúpula. A cúpula pontiaguda original foi substituída por uma cúpula baixa, de base quadrada com quatro gomos. Essa substituição foi favorável ao projeto, pois ficou com proporções mais equilibradas junto ao pórtico clássico de quatro colunas coríntias encimadas por entablamento e frontão triangular.

O interesse em ampliar, ainda mais, a obra já era demonstrado em 1930, quando apenas o edifício da administração do Porto estava pronto:

*"Tambem essa obra é de tão grande solidez que, sem risco algum, se pode altear o predio de mais um andar. E outros ainda se poderão collocar do mesmo modo."*¹⁵²



Figura 136- Enchente no ano de 1941.

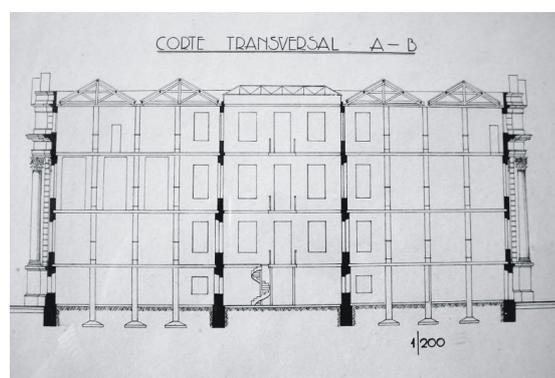


Figura 137- Corte transversal, 1942.

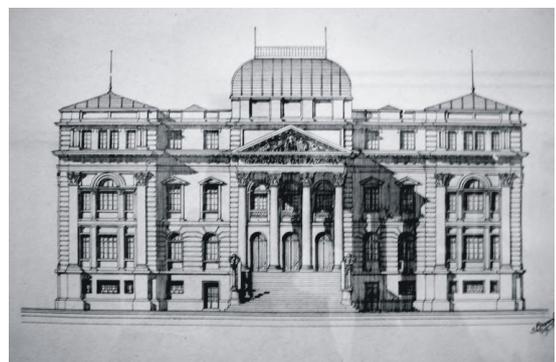


Figura 138- Fachada do edifício voltado para a Av. Mauá.



Figura 139- Em perspectiva o edifício voltado para a Av. Mauá.

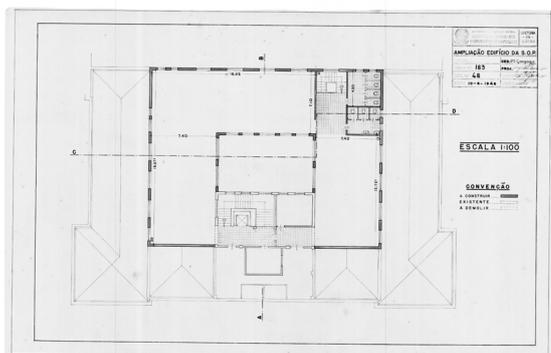


Figura 140- Planta da ampliação, edifício da Secretaria de Obras Públicas, 1948.

Portanto, a obra passou por nova ampliação, tendo sido acrescentados mais dois pavimentos no edifício voltado para a Av. Mauá e mais três no edifício voltado para a rua Siqueira Campos. Uma planta do edifício da SOP (Secretaria de Obras Públicas) de 1948, apresenta o projeto de ampliação do edifício voltado para a rua Siqueira Campos. Pressupõe-se que a ampliação ocorreu concomitantemente no conjunto de edifícios, no entanto, não há registros que confirmem quando se deu a ampliação do edifício da Av. Mauá.

Costa e Silveira (2005) supõem que a data da ampliação tenha ocorrido nos anos cinquenta: “Tudo indica que o acréscimo de mais pavimentos em ambos os prédios só viria a acontecer na década de 50.”¹⁵³ A afirmação foi baseada na análise de fotos da época e no jogo de plantas da SOP de 1953. Sob outra perspectiva, Weimer (2017) acredita que as ampliações tenham ocorrido ainda nos anos quarenta: “Posteriormente, na década de 40, ainda seriam acrescentados mais dois pisos.”¹⁵⁴ As duas interpretações configuram hipóteses, pois faltam documentos para comprovar a hipótese mais plausível.

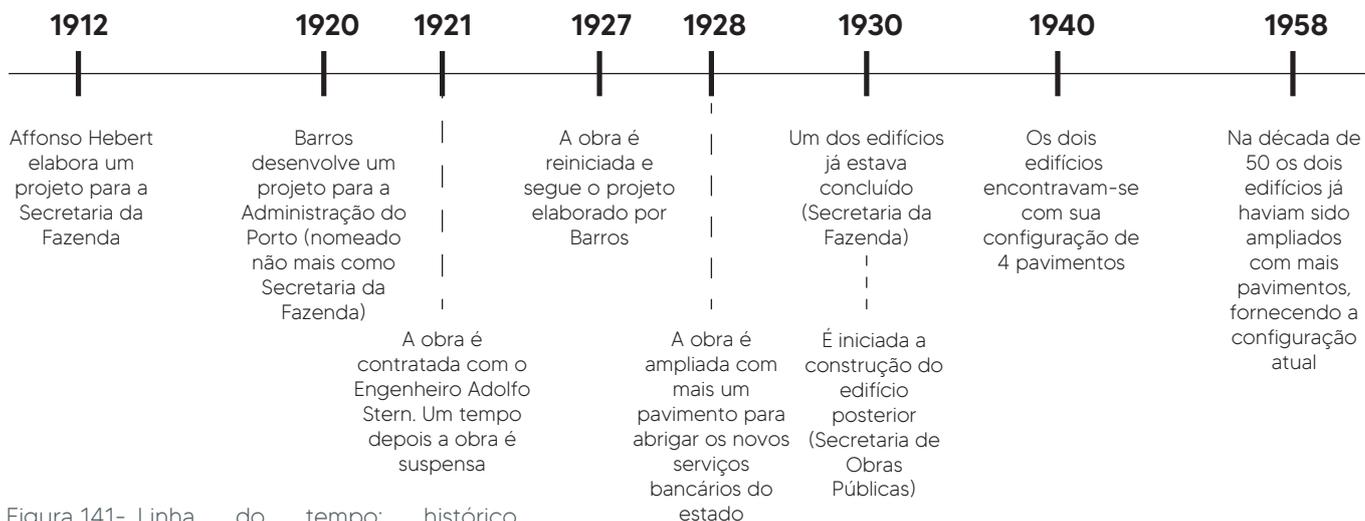


Figura 141- Linha do tempo: histórico Secretaria da Fazenda e Secretaria de Obras Públicas.

153 COSTA; SILVEIRA, 2005, p. 45.

154 WEIMER, 2017, p. 245.

A última ampliação descrita forneceu a configuração dos edifícios tal qual como estão hoje: edifício voltado para a Av. Mauá com seis pavimentos e edifício voltado a rua Siqueira Campos com sete pavimentos, sendo que o último pavimento tem área menor do que os demais. As imagens da época, Figura 142 (1955) e Figura 143 (1958) comprovam que na década de cinquenta, os dois edifícios já haviam sido ampliados, com um tratamento de fachada mais modesto, sem a presença das ordens e com a supressão da cúpula e do frontão do pórtico da Avenida Mauá. Os acréscimos descaracterizaram o projeto desenvolvido por Barros.

Através da documentação coletada, não foi possível descobrir quando a Administração do Porto e a Mesa de Rendas deixaram de funcionar no local. Entretanto, sabe-se que o projeto foi desenvolvido para essa finalidade. Uma matéria do Diário de Notícias de 31 de janeiro de 1936, confirma que a Secretaria da Fazenda, a Mesa de Rendas, a Administração do Porto e o Banco do Rio Grande do Sul estavam em funcionamento naquela época.



Figura 142- Imagem da edificação e do entorno, 1955.



Figura 143- Imagem da edificação e do entorno, 1958.

1927-1928 - A obra é reiniciada conforme o projeto de Barros e é ampliada com mais um pavimento

1940 - Os dois edifícios encontravam-se com sua configuração de 4 pavimentos

1958 - Na década de 50 os dois edifícios já haviam sido ampliados com mais pavimentos, fornecendo a configuração atual

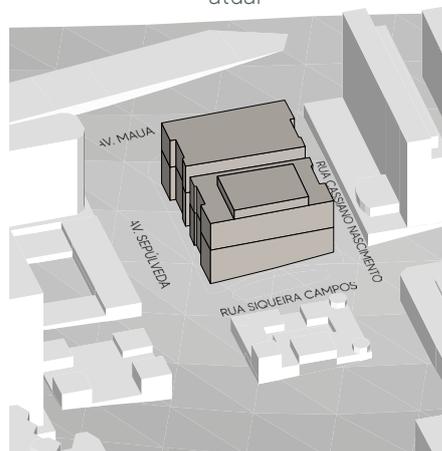
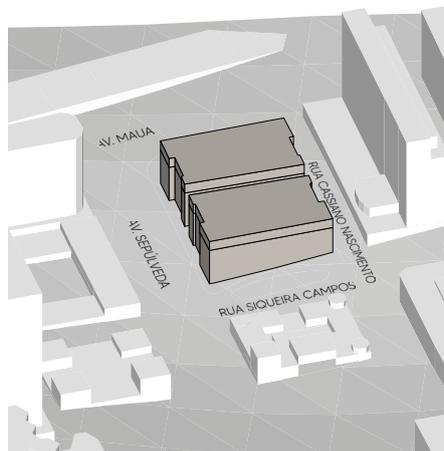
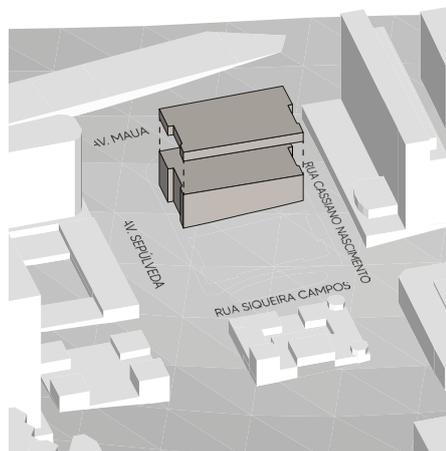


Figura 144- Diagrama com as fases da construção.



Figura 145- Área de tombamento.

Deve se acrescentar, acerca do programa instalado no conjunto dos edifícios gêmeos, que o Banco do Estado do Rio Grande do Sul foi transferido para sede própria em 1941, e a Secretaria de Obras mudou-se para o Centro Administrativo em 1976. O edifício voltado para a rua Siqueira Campos, até 1992, passou a servir de sede para o Foro Cível. A Secretaria da Fazenda mantém sua sede no local, ocupando os dois edifícios. Na década de 1930, o nome presente no pórtico de entrada do edifício voltado à Av. Mauá foi alterado: de Banco do Rio Grande do Sul para Secretaria da Fazenda, permanecendo até hoje. Já o nome presente no pórtico de entrada voltado à atual rua Siqueira Campos passou de: Secretaria de Obras Públicas para Secretaria da Fazenda.

Os dois edifícios pertencem ao conjunto de edifícios tombados das imediações da Praça da Alfândega. O conjunto foi tombado a nível estadual pelo IPHAE em 1987, com o intento de preservar a ambiência do espaço urbano e os imóveis que são bens culturais de interesse público. Desde o tombamento, qualquer intervenção interna ou externa no prédio precisa cumprir uma série de exigências para não descaracterizar o conjunto. Durante o período de 2003 a 2007 foi elaborado o projeto de restauro da edificação, por uma equipe multidisciplinar. A licitação que autorizou o início dos serviços foi aprovada em 2010.

Hoje, no ano de 2023, está em andamento o restauro dos pórticos da rua interna, sendo que um deles já está pronto - voltado a rua Cassiano do Nascimento. Pela Figura 146 observa-se o pórtico de acesso da rua interna restaurado com a utilização da técnica de luz e sombra, que confere tridimensionalidade aos ornamentos.



Figura 146- Pórtico voltado para a rua Cassiano do Nascimento.

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

O programa previsto para as edificações foi alterado conforme as etapas da construção e ampliações necessárias. Inicialmente, os edifícios foram construídos para abrigar a Administração do Porto e a Mesa de Rendas. No decorrer das obras, o edifício da Administração do Porto foi destinado para a Secretaria da Fazenda. Posteriormente, foi construído o edifício voltado a atual Siqueira Campos para abrigar a Secretaria de Obras Públicas.

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, espaços internos e composição de fachadas)

Um material gráfico desenhado em 1942, com plantas, cortes e fachada, de autoria de Silvio Osório Filho, a partir de um levantamento de Enio Pessôa, reproduz o projeto do prédio da Secretaria da Fazenda na época. O edifício apresentava-se com quatro pavimentos e com a cúpula baixa na parte superior. As plantas redesenhadas indicam o programa de necessidades do edifício: porão com área de arquivos e tesouraria; 1º andar com a Administração do Porto e a Mesa de Rendas; 2º andar com diretorias e Gabinete do Secretário; 3º andar com outras diretorias e área de assistência técnica. Não há, no entanto, como afirmar se a finalidade do material gráfico era apenas reproduzir a situação existente ou um estudo de modificações internas.

A planta do 1º andar revela uma entrada nobre pela Avenida Mauá, após o pórtico de acesso, há uma sala quadrada com quatro pilares que serve como hall de entrada. Nota-se semelhança com a sala tetrástila de Vitrúvio, desenhada por Palladio. A sala tetrástila caracteriza-se pela planta quadrada com a

LEGENDA

01 - Edifício Av. Mauá. Área atual: 6.832,70 m²

02 - Rua interna. A: 288,50 m²

03 - Edifício R. Siqueira C. Área atual: 7.004,86 m²

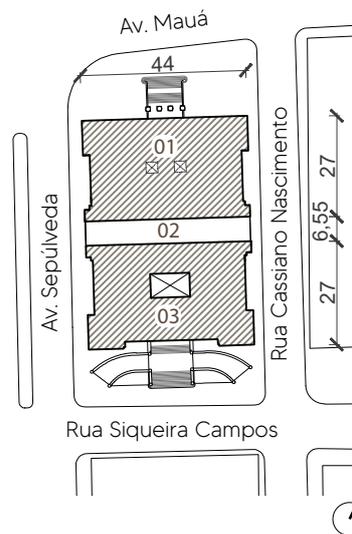


Figura 147- .Implantação.

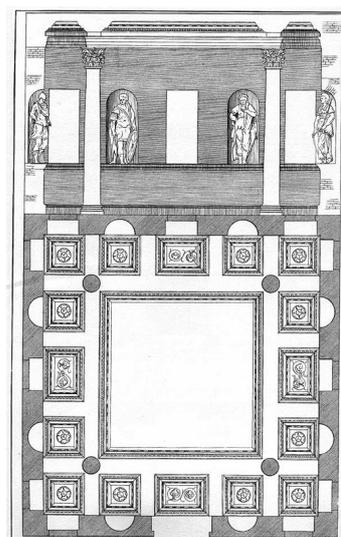


Figura 148- Sala de quatro colunas desenhada por Palladio, 1570.

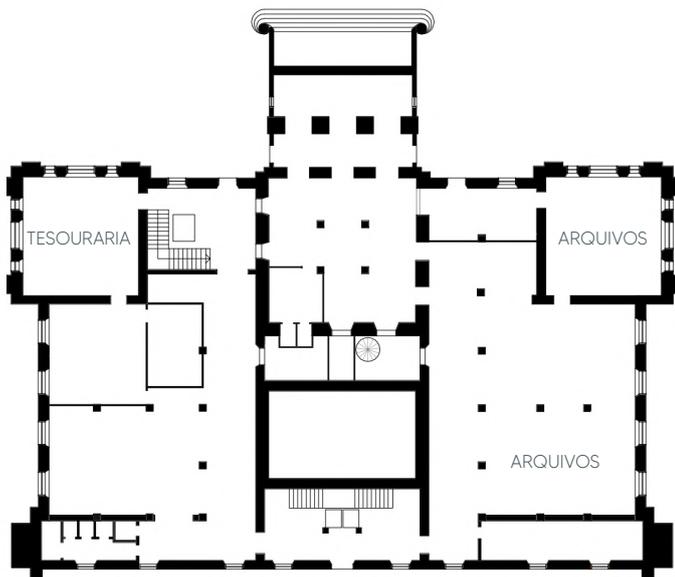


Figura 149- Redesenho planta do porão, Secretaria da Fazenda, 1942.

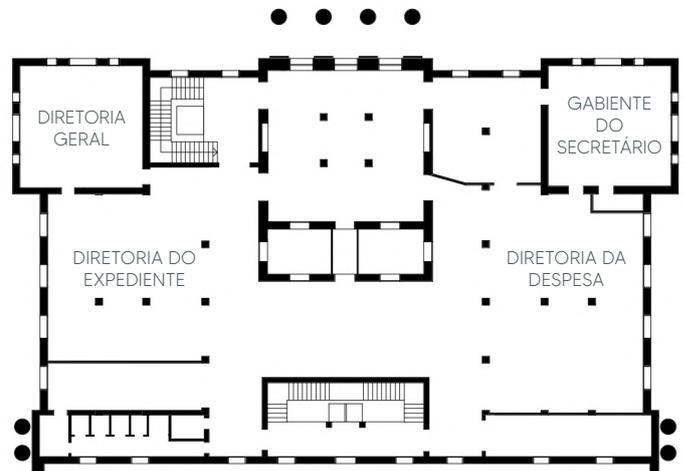


Figura 151- Redesenho planta do 2º andar, Secretaria da Fazenda, 1942.

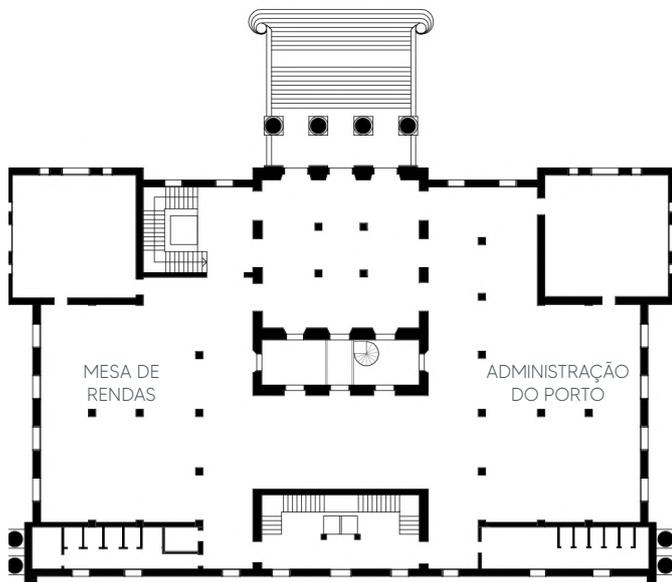


Figura 150- Redesenho planta do 1º andar, Secretaria da Fazenda, 1942.

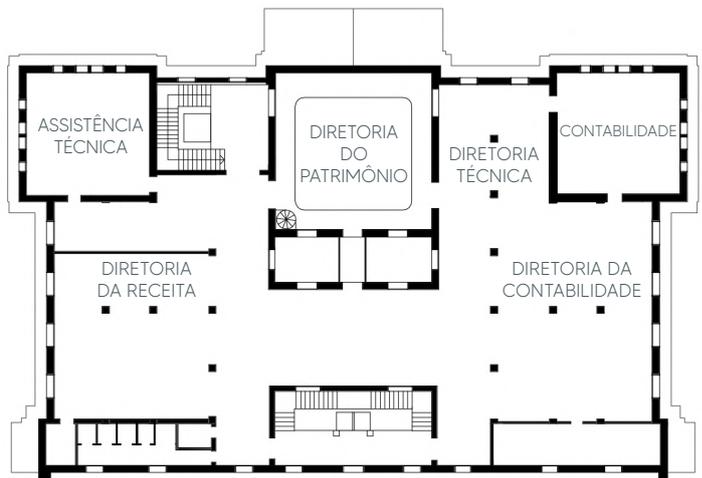


Figura 152- Redesenho planta do 3º andar, Secretaria da Fazenda, 1942.



0 1 5 15 20

presença de quatro colunas afastadas das paredes, solução presente nas plantas palladianas, tanto nos palácios como nas villas. Esse espaço do edifício da Mauá, funciona como um elemento organizador do projeto, a partir do qual os espaços complementares são distribuídos. No caso da Secretaria da Fazenda, o salão com quatro pilares de capiteis coríntios faz a distribuição aos dois setores nas laterais. No lado direito da entrada, está localizada a escadaria principal do edifício. Próximo ao hall de entrada, na parte central da planta, há um poço de ventilação que se repete nos pavimentos superiores. Observa-se dois volumes mais salientes na frente que configuram salas especiais, mais privativas. Na parte de trás da planta, há uma faixa com serviços nos lados e escada no centro.

A organização espacial da planta se repete em todos os pavimentos, caracterizando um arranjo simétrico com salas grandes articuladas a espaços menores com serviços e circulação vertical.

O hall de entrada da Av. Mauá, por ser o primeiro ambiente do visitante ao adentrar o edifício, apresenta soluções que expressam a monumentalidade e hierarquia dada ao acesso: primeiramente, há uma antessala revestida em madeira com colunas salomônicas; na sala com os quatro pilares, o pé-direito é duplo e os pilares coríntios são revestidos com mármore à meia altura. O piso é parte em ladrilho hidráulico e parte em assoalho de madeira e as aberturas são de madeira com arco pleno e com ornamentação. A hierarquia dada ao salão de entrada pela rua Siqueira Campos é menor, pois praticamente não há ornamentação. Destacam-se as aberturas da entrada em ferro e em arco pleno, conforme Figura 155. Essa diferenciação entre um acesso e outro, também está relacionada com o período



Figura 153- Entrada do edifício pela Av. Mauá.

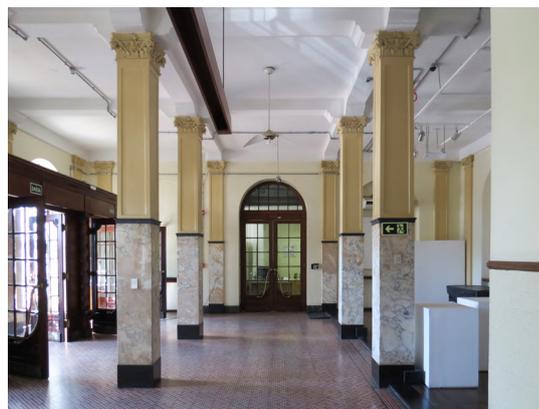


Figura 154- Sala de entrada com quatro colunas.



Figura 155- Entrada pela rua Siqueira Campos.



Figura 156- Guarda-corpo original.



Figura 157- Sala do pavilhão de esquina, Secretaria da Fazenda.

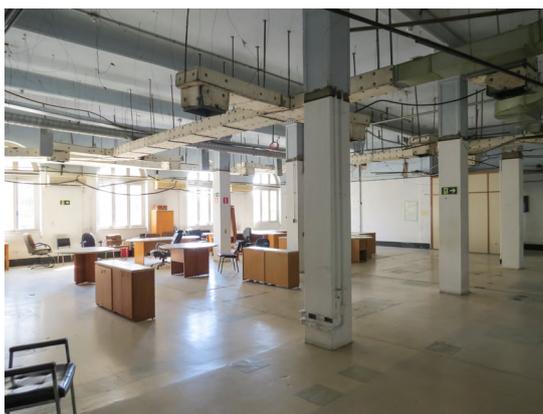


Figura 158- Um dos grandes salões em reforma, Secretaria da Fazenda.

de construção dos dois edifícios, sendo o segundo caracterizado pela progressiva simplificação formal que se afirmava. Também não se deve desconsiderar a questão das dificuldades financeiras do estado, no período da Grande Depressão (1929-39).

Um conjunto de plantas datado de 1944 revela o arranjo do edifício da Secretaria de Obras Públicas. Em planta o perímetro dos edifícios é muito semelhante, mas, a organização espacial interna é diferente. O edifício da Siqueira Campos apresenta um pátio maior no centro da planta (10,65 x 6,35m). Entre o pátio e o acesso estão situados os elevadores e a escada. Na parte de trás do edifício, delimitado pela rua interna, há uma faixa de serviço, salas de apoio e circulação vertical. Nos pavilhões de esquina, os volumes mais salientes da frente, configuram salas especiais. O comparativo entre as plantas do levantamento de 1942/1944 e a situação atual, indica que os grandes salões foram compartimentados em salas menores.

A maior alteração estrutural do conjunto foi a ampliação do número de pavimentos entre a década de 40 e 50. A partir dos anos 60, passam a ocorrer contínuas modificações internas para atender às necessidades atuais. De modo geral, as modificações são pontuais e preservam o caráter histórico da construção. Identificam-se elementos originais da época: aberturas em arco pleno; guarda-corpo de ferro com detalhes dourados; parquet e ladrilho nos pisos; pilastras revestidas em mármore; painéis de madeira revestindo as paredes.

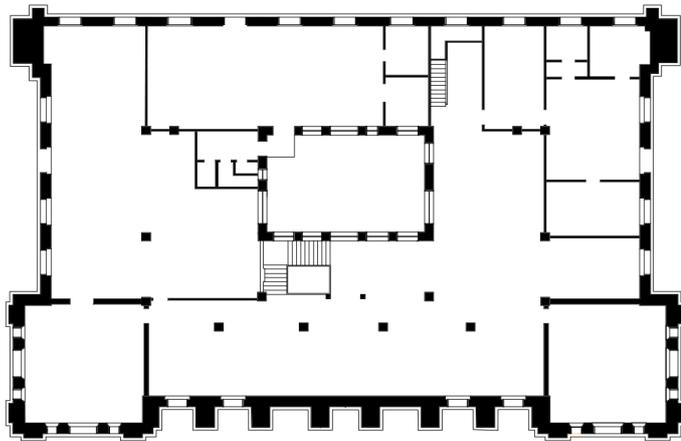


Figura 159- Redesenho planta do porão, Secretaria de Obras Públicas, 1944 .

*155

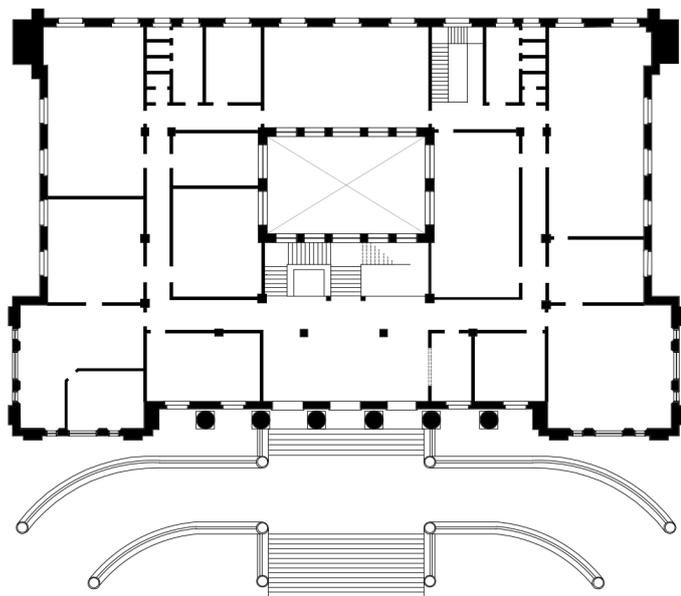


Figura 160- Redesenho planta do 1º andar, Secretaria de Obras Públicas, 1944.

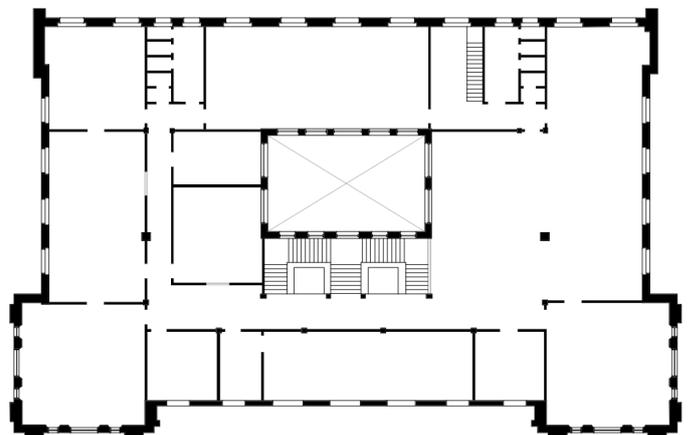


Figura 161- Redesenho planta do 3º andar, Secretaria de Obras Públicas, 1944.

155 O redesenho da planta do 2º andar é inexistente pela ausência do material gráfico.



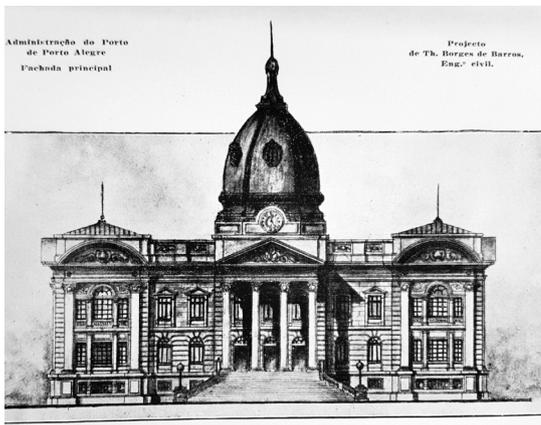


Figura 162- Fachada voltada para a Av. Mauá. Projeto e desenho de Barros.

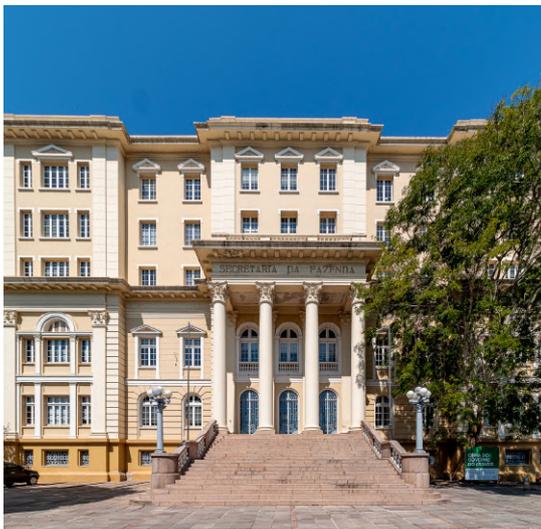


Figura 163- Fachada voltada para a Av. Mauá, Secretaria da Fazenda.

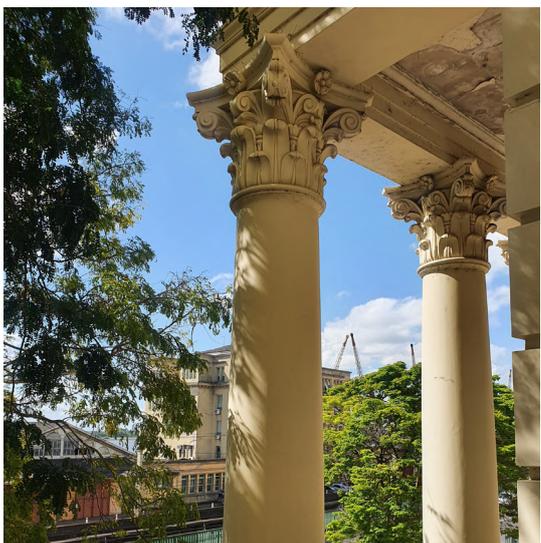


Figura 164- Colunas do pórtico de entrada com capitéis coríntios.

O projeto inicial elaborado por Borges de Barros foi projetado em termos clássicos (base, ordens sobrepostas em dois níveis e cobertura com cúpula). Os dois edifícios foram pensados com solução formal semelhante, distinguindo-se pelos acessos. O acesso a Administração do Porto recebeu uma ampla escadaria em um só lance, com um pórtico clássico, enquanto o outro foi tratado com escada e com duas rampas em curva. As fachadas principais, voltadas para o Porto e para a Rua Siqueira Campos, receberam tratamento mais elaborado, em termos compositivos, do que as fachadas laterais.

Analisando a fachada principal, voltada para o Porto, observa-se o pórtico de entrada tetrástilo, composto por quatro colunas com capitéis coríntios, que apoia um entablamento, encimado por frontão triangular ornamentado, hoje inexistente. No nível de entrada, há três aberturas de acesso em arco pleno intervaladas por pilastras colossais de ordem coríntia com três aberturas superpostas em arco pleno, sendo que as janelas superiores possuem parapeito composto por balaústres. Logo atrás do frontão seria colocada uma grande cúpula que atingiria a altura de 40 metros até a agulha, atingindo a mesma altura que o edifício dos Correios e Telégrafos. Ainda, conforme o projeto de Borges de Barros, seria colocado um relógio no eixo da fachada principal.

Nota-se a organização simétrica da fachada com corpo central, ala intermediária e volumes em ressaltos nas extremidades. Ao lado do pórtico de acesso encontra-se uma pilastra colossal rusticada, que demarca a ala composta por duas aberturas em arco pleno e duas aberturas sobrepostas com verga reta encimada por frontão triangular. Nesta ala, observa-se a presença de

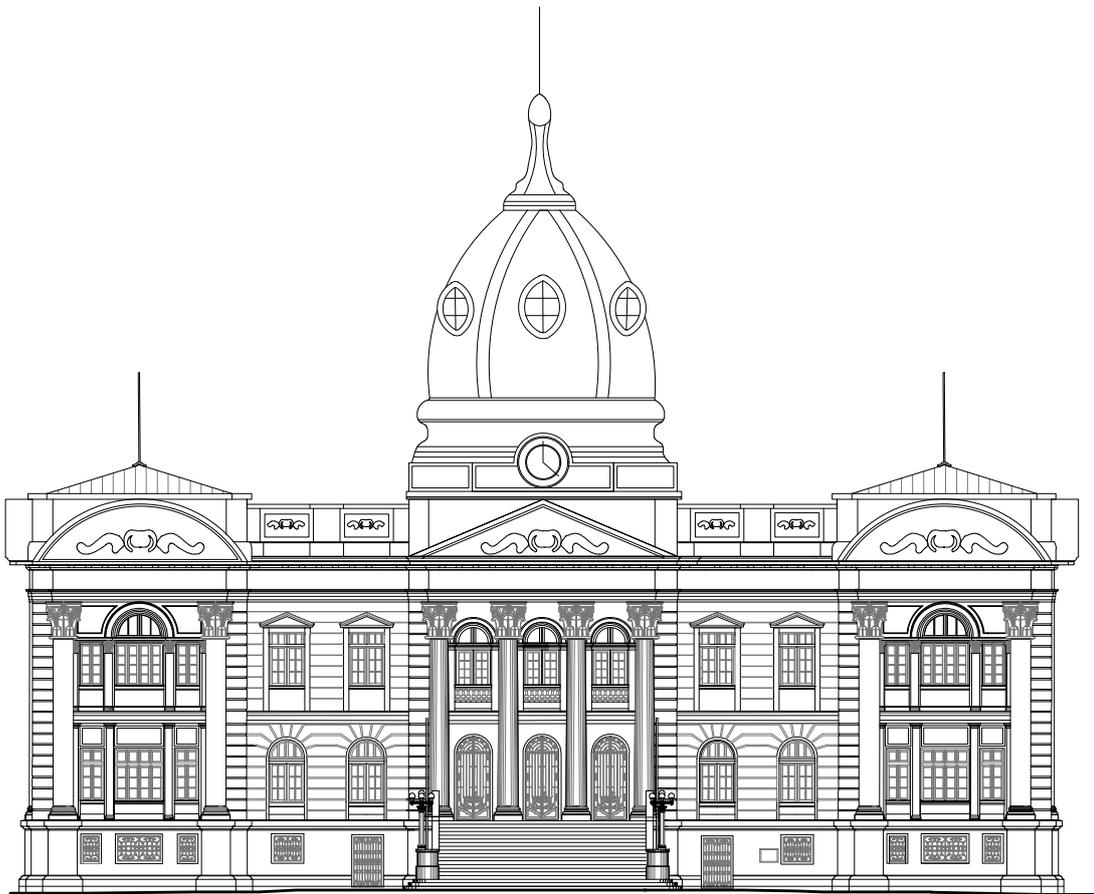


Figura 165- Redesenho da fachada principal da Secretaria da Fazenda. Projeto de Barros.

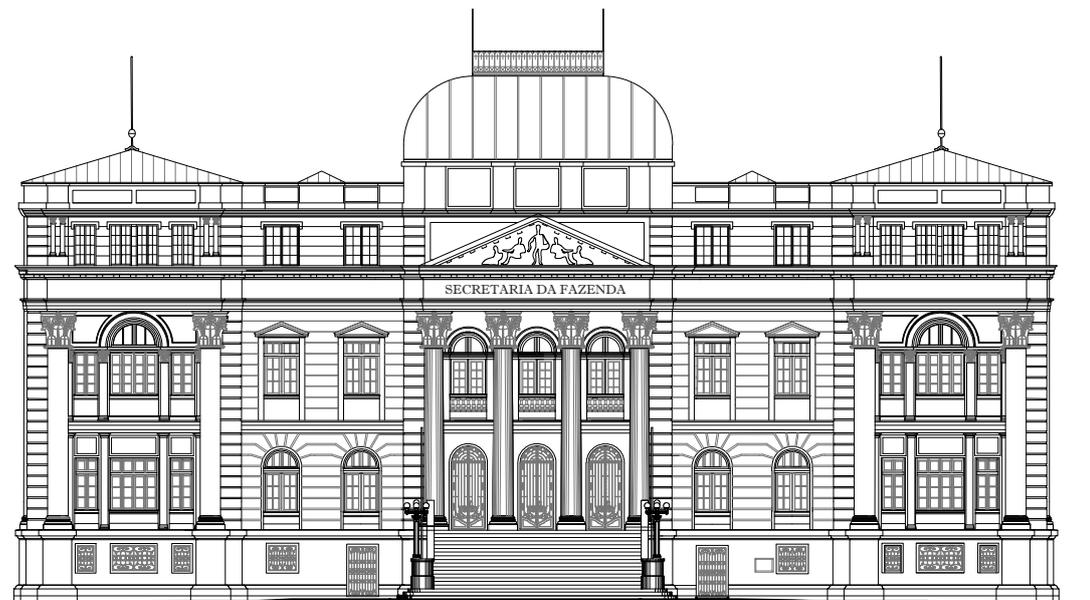


Figura 166- Redesenho da fachada principal da Secretaria da Fazenda com o acréscimo de um pavimento. Projeto de Barros.

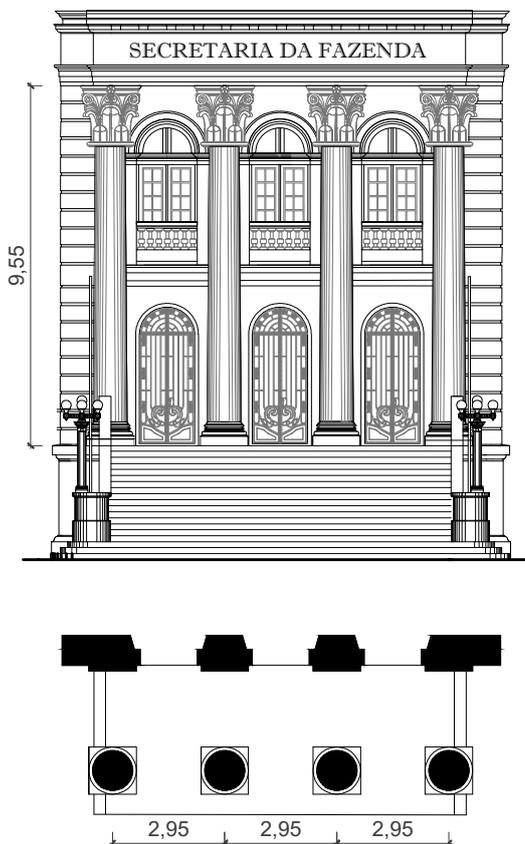


Figura 167- Redesenho com as proporções do pórtico clássico.

rusticação no trecho do primeiro pavimento, enquanto no trecho do segundo pavimento a rusticação é tênue e superficial.

O módulo do pórtico clássico, razão entre o intercolúnio e a altura da coluna, é de 2,95m de largura por 9,55m de altura, resultando numa razão de 3,24, que permite o arredondamento da proporção para 1:3. As colunas são mais robustas e verticalizadas, conferindo maior protagonismo ao pórtico de entrada.

O pavilhão em ressalto nas extremidades, com projeção que se sobressai em relação ao volume principal da fachada, é demarcado por um cunhal rusticado e por uma pilastra de ordem coríntia. Nesta faixa estão dispostas três aberturas em verga rega, uma maior e duas menores, com mais três aberturas iguais sobrepostas. No pavimento que corresponde ao primeiro nível, as três janelas são alternadas por pilastras, enquanto no pavimento que corresponde ao segundo nível, as pilastras apresentam capitel de ordem coríntia e sustentam um arco de meio ponto, emoldurado e alinhado com a janela. A janela com arco no vão central e vergas nos vãos laterais, é conhecida como “serliana”, “motivo palladiano” ou “janela veneziana”. Este tipo de janela, que não é tipicamente veneziano, foi empregado por Bramante, Rafael e Palladio. No ático do volume em ressalto, há um grande frontão curvo, que faz eco ao frontão triangular do centro da fachada.

O coroamento do edifício foi projetado com entablamento e cornija em projeção. Conforme o projeto de Barros, estava prevista a construção de uma cúpula sobre a entrada principal voltada para o Porto e telhados aparentes nos volumes das extremidades, cada um com um pináculo. A cúpula pontiaguda foi



Figura 168- Janela “serliana”.

substituída por uma cúpula baixa de quatro gomos e, posteriormente, a cúpula baixa e o telhado foram suprimidos diante da construção de mais pavimentos. Hoje, o pórtico clássico com quatro colunas coríntias encimadas por entablamento permanece, no entanto, o frontão foi suprimido para ventilar e iluminar os novos andares. A supressão deste elemento empobreceu a fachada do edifício.

A fachada voltada para a atual Rua Siqueira Campos apresenta tratamento volumétrico semelhante ao da fachada voltada para o Porto, com algumas soluções que as diferenciam. O acesso de pedestres se dá por uma escada de dois lances, enquanto o acesso veicular se dá pelas rampas, que encaminham ao patamar intermediário da escada. Os guarda-corpos são compostos por balaustradas. O acesso veicular se tornava importante na cidade no períodos dos anos 1920 e 1930.

O módulo do pórtico estendido, razão entre o intercolúnio e a altura da coluna, é de 3,70 m de largura por 9,55m de altura, resultando numa razão de 2,58, que permite o arredondamento da proporção para 1:2½:

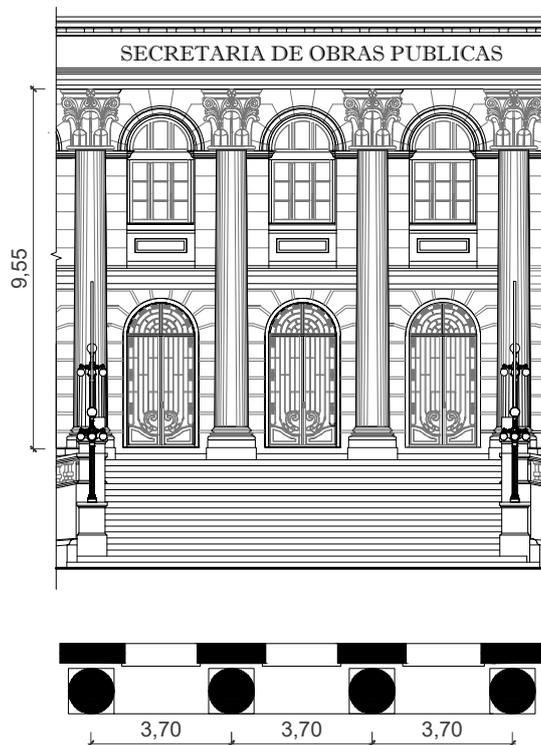


Figura 169- Redesenho com as proporções do pórtico estendido.

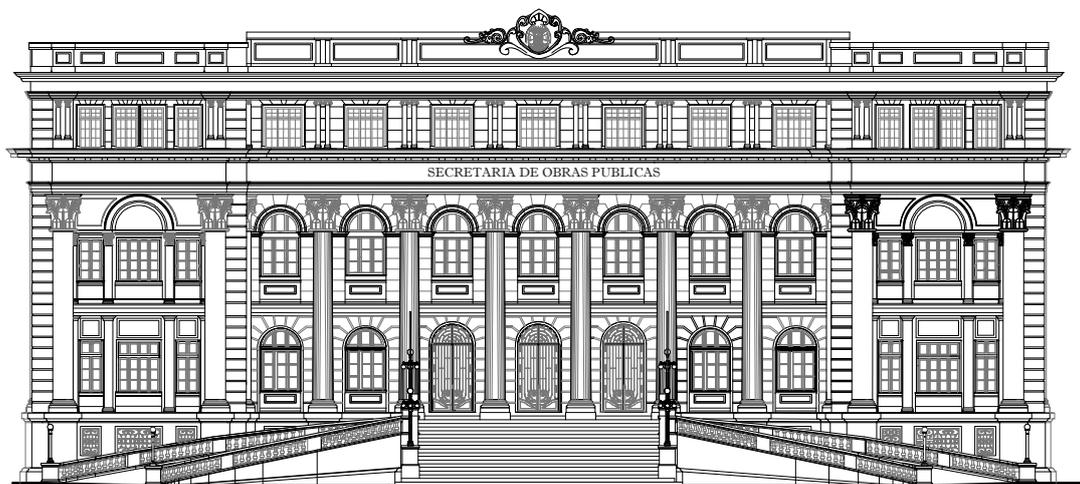


Figura 170- Redesenho da fachada principal da Secretaria de Obras Públicas com o acréscimo de um pavimento. Projeto de Barros.

0 1 5 15 20



Figura 171- Fachada voltada para a rua Siqueira Campos, Secretaria de Obras Públicas.



Figura 172- Pórtico estendido.

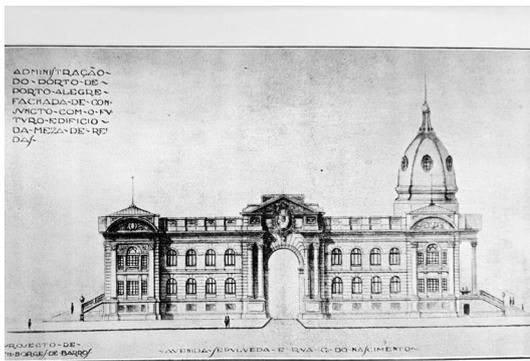


Figura 173- Fachada lateral. Projeto e desenho de Barros.

Em contraste com a fachada da Mauá, com o tema da marcação de entrada com colunas no pórtico clássico coríntio em sua forma tradicional, a fachada da Siqueira Campos apresenta o tema clássico do pórtico estendido em todo o trecho entre os pavilhões de esquina, sem uma marcação de centro. O pórtico com seis colunas (hexástilo) tem tridimensionalidade mínima, pois as colunas tem um afastamento muito pequeno das paredes. Ainda assim, sua expressão volumétrica contrasta bastante com as pilastras coríntias de mesma altura que comparecem nos pavilhões laterais. As colunas de ordem colossal coríntia estão sobre pedestais e são encimadas por entablamento com o nome do edifício e cornija. O plano da fachada do pórtico é marcado pela presença de rusticação e as aberturas são ordenadas pelas colunas. Há três portas de entrada em arco pleno e duas janelas em arco pleno nas laterais. No trecho do segundo pavimento, há sete janelas, em arco pleno emoldurado, alinhadas com as aberturas do pavimento de acesso. Acima, não há frontão nem cúpula, de forma coerente. Nota-se que os pavilhões das extremidades se repetem nas quatro fachadas. O uso de pórticos clássicos diferentes marcando as duas entradas do conjunto, associado a todo o tratamento das fachadas, mostra a forte associação de Barros com o classicismo e sua habilidade com o manejo de seus elementos.

As fachadas laterais apresentam o mesmo tratamento compositivo com organização simétrica, com um arco triunfal monumental no centro do conjunto que configura o acesso a rua interna. O arco triunfal é configurado por elementos de ordem clássica: dois pares de colunas justapostas com capitel de ordem coríntia, elevadas por pedestais e encimadas por entablamento; abertura com arco de meio ponto,

sobre a qual está centralizado o brasão do Estado; e frontão triangular ornamentado. Nota-se que, ao dotar os centros das fachadas laterais com os arcos triunfais, Barros parece desejar que estes centros sejam demarcados por elementos clássicos de destaque, tanto quanto as fachadas principais.

Nas alas laterais do pórtico colossal observa-se a base alta do edifício, que corresponde à parte do porão, com aberturas retangulares. O primeiro pavimento é marcado pelo plano da fachada inteiramente rusticado com a presença de aberturas em arco pleno. Já no segundo pavimento a rusticação é leve e ocorre no trecho a partir do arco das janelas, até o entablamento.

Pela análise das fachadas observa-se a diferença de soluções entre o que foi construído conforme o projeto de Borges de Barros (2 pavimentos) e o setor ampliado posteriormente (3 pavimentos superiores) sem a presença das ordens clássicas. Além disso, ao comparar o projeto de autoria de Barros com o projeto anterior desenvolvido em 1912 por Hebert, nota-se a preocupação de Barros em hierarquizar as fachadas, dando aos acessos um caráter monumental.

Barros manipula os elementos clássicos com precisão, tanto quanto a forma (capitéis, entablamentos, bases) quanto a sua coordenação (ritmos, proporções). As quatro fachadas originais, que hoje permanecem nos dois primeiros pisos, mostram tanto unidade de solução como margem para variedade, nas soluções dos pórticos centrais. A cúpula ogival do projeto original felizmente não foi adotada, pois destoava do classicismo do resto do edifício. Na execução, ela foi substituída por uma cúpula baixa de base quadrada (Figura 175). A obra se caracteriza como um dos empreendimentos de maior destaque do setor público



Figura 174- Pórtico voltado para a Av. Sepúlveda.



Figura 175- Em perspectiva a fachada voltada para a Av. Mauá e a fachada lateral. Projeto de Barros.



Figura 176- Conjunto de edifícios, 2021.

estadual, por sua monumentalidade e pela qualidade de sua expressão formal clássica. Uma restauração moderna poderia pensar numa reconstituição do frontão do pórtico da Mauá e numa pintura do edifício que desse ênfase ao edifício original e ocultasse num segundo plano os acréscimos, se não fosse possível eliminá-los, já que tanto prejudicam as proporções do projeto original.



Figura 177- Museu Hipólito José da Costa.

A FEDERAÇÃO: Atual Museu Hipólito José da Costa

Localização: Porto Alegre

Ano da construção: 1921-1922

Área do terreno: 486 m²

Área construída: 1.835 m²



Figura 178- A Federação , 1922.



Figura 179- Localização.

Construído durante o governo de Borges de Medeiros para abrigar a nova sede do Jornal A Federação¹⁵⁶, órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), o edifício situa-se no Centro Histórico de Porto Alegre, na rua dos Andradas 959, esquina com a atual rua Caldas Júnior (antiga Travessa Paysandu¹⁵⁷). É um bem tombado¹⁵⁸ a nível estadual pelo IPHAE. O edifício possui porão, mais três pavimentos e caracteriza-se pela forma alongada, ocupando a totalidade do terreno.

"[...] o novo e bello edificio dos nossos collegas d'A Federação, o importante organ politico. É, como se vê, uma construcção magnífica, quer pela sua feitura architectonica, quer pela sua linha de severa harmonia. Foi seu autor o engenheiro Theophilo Borges de Barros."¹⁵⁹

Em agosto de 1922, o Jornal Correio do Povo noticiou:

"Achando-se já quasi concluidas as obras internas do edificio construido á rua dos Andradas, esquina da Paysandú, a nossa collega "Federação", a partir de hoje, passará a funcionar em seu novo predio. As suas secções de lynotipos e de obras vão muito adeantadas na montagem, devendo ficar concluidas por toda a proxima semana. Terminada a montagem daquellas secções, a "Federação" iniciará, em seguida, a desmontagem e a montagem do novo predio da machina de impressão, esperando-se que isso ficará concluido por todo o mez corrente. A inauguração do novo predio, bem como dos melhoramentos que fará em suas officinas, está marcada para o dia 7 do mez entrante."¹⁶⁰

Em julho de 1922, uma matéria do Jornal "A Federação"

156 O primeiro exemplar do Jornal "A Federação" é datado de 1º de janeiro de 1884.

157 Rua originalmente conhecida como Beco do Fanha.

158 Inscrito no livro do tomo em 28 de julho de 1982.

159 Revista Máscara, número comemorativo do Centenário da Independência, 1922.

160 Correio do Povo, 9 de agosto de 1922.

mostra uma fotografia do edifício que estava em estado avançado de construção (Figura 180). A construção iniciou em 1921, e foi inaugurada em 6 de setembro de 1922, na comemoração do Centenário da Independência do Brasil (1822-1922). “A Federação foi, assim, na história política do Paiz, um signal dos tempos novos. O seu aparecimento significa o despertar da consciencia collectiva do Rio Grande.”¹⁶¹

“A coincidência da modesta solemniaidade da installação official dos nossos escriptorios e officinas, com a vespera da festiva data que é o symbolo da nossa independencia politica e tambem da nossa unidade nacional, nada tem de fortuito.”¹⁶²

Analisando a inserção da edificação, pode-se observar a evolução urbana do centro. Originalmente a atual Rua Caldas Júnior era conhecida como Beco do Ignácio Manoel Vieira, ou Beco Quebra-Costas, devido à inclinação da rua. Nos anos 1830 o comerciante Francisco José de Azevedo abriu um negócio na esquina do Beco com a Rua da Praia. Por conta de um problema fonológico, o homem passou a ser apelidado como Sr. Fanha, e a rua começou a ser conhecida como Beco do Fanha. O beco ligava duas ruas importantes: a rua da Praia e a rua Riachuelo.

Em função da largura do Beco do Fanha, que impossibilitava a passagem de dois carros ao mesmo tempo, foi estabelecida a mão única de tráfego no sentido da subida. Em 1837, a Câmara Municipal substituiu a designação Beco do Fanha por Travessa Paysandu, em homenagem à batalha vencida contra o Uruguai em 1865.¹⁶³ O logradouro aparece nomeado na planta da cidade de Porto Alegre (1881) como

161 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.

162 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.

163 FRANCO, Sérgio da Costa. 1988.

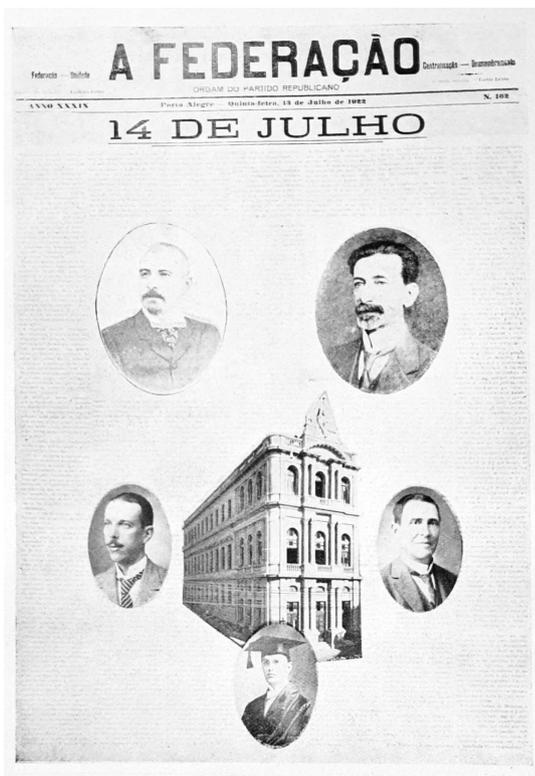


Figura 180- A Federação em julho de 1922.

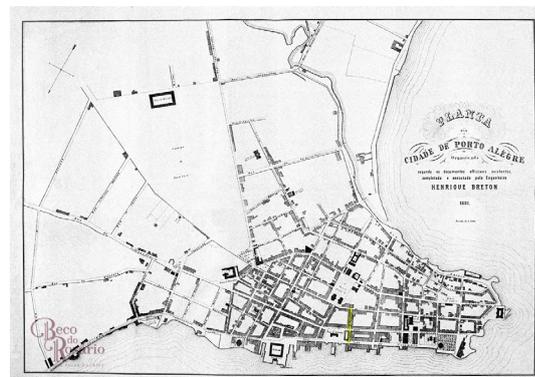


Figura 181- Planta da cidade de Porto Alegre em 1881.



Figura 182- Beco do Fanha.



Figura 183- O Grande Hotel já desativado e o edifício A Federação.

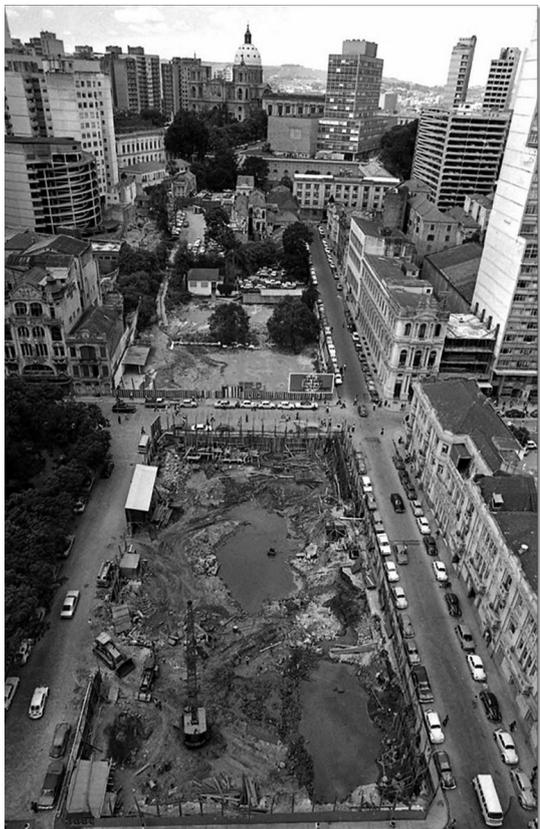


Figura 184- Imagem do entorno em 1976. Na área em obras, em primeiro plano, hoje está o atual prédio da Caixa Econômica Federal. Na área vazia ao fundo localizava-se o Antigo Grande Hotel.

Travessa Payssandu. Posteriormente, na administração do Intendente José Montauray (1858-1939), a rua recebe um alargamento de sete metros do lado da numeração ímpar, ficando com a largura de 13 metros, maior que a largura de várias ruas centrais consideradas nobres. As obras de alargamento foram concluídas em 1919, implicando decisivamente no desenvolvimento e no surgimento de novas construções, como o prédio da Caixa Econômica Federal (na esquina com a rua Sete de Setembro), a sede do Jornal “A Federação”, o Grande Hotel¹⁶⁴ (na esquina com a rua dos Andradas) e o Edifício Hudson, que em 1946 passou a servir como nova sede do Jornal Correio do Povo. A modernização da travessa e do seu entorno, está relacionada com a ligação com a rua mais antiga da cidade e a mais movimentada na época, a rua da Praia (atual rua dos Andradas), e pela sua proximidade com uma das principais praças de Porto Alegre: a Praça da Alfândega.

“Na administração do primeiro prefeito de Porto Alegre, José Montauray, o local perdeu ares de beco e passou a receber grandes prédios, como o da Caixa Econômica Federal; O Grande Hotel, referência de encontros de políticos (1918); A sede do jornal A Federação (1922). A construção das imponentes edificações alterariam para sempre a paisagem do local.”¹⁶⁵

Em 1922, o Jornal “A Federação” noticiou sobre a localização de sua nova sede:

“Fica situado num dos melhores trechos da nossa “urbs”, em ponto central e frequentadíssimo, em esquina da nossa principal e mais movimentada arteria com uma das ruas destinadas a ser das melhores da cidade, já pela sua situação de intermediária, com a parte

164 O Antigo Grande Hotel foi consumido por um incêndio em 1967, no local foi construído o edifício GBOEX que hoje abriga o shopping Rua da Praia e outras atividades.

165 A RUA CALDAS JÚNIOR, 2021.

alta, já pelo grande numero de novas e elegantes edificações que se anunciam após o alargamento por que passou.”¹⁶⁶

Por meio de um decreto em 1944, o Prefeito Antônio Brochado da Rocha, trocou o nome da Travessa Paysandu por rua Caldas Júnior¹⁶⁷, em homenagem ao jornalista fundador do Jornal Correio do Povo, o qual foi também um dos integrantes da Academia Rio-Grandense de Letras. Hoje, esta rua compõe, com a rua dos Andradas, a “Esquina da Comunicação”.

O autor Porto Alegre (1940) relata que a nova sede do jornal “A Federação” já tinha um antecedente no beco:

“ O edifício ocupado pelo Jornal do Comercio ficava no meio da quadra. Era velho, acaçapado, com três portas de frente para a praça, e duas janelas e uma porta, aos fundos, que davam para o beco do Fanha.”¹⁶⁸

A edificação está associada à história da imprensa oficial do Rio Grande do Sul. O jornal “A Federação” foi fundado no ano de 1884, como órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)¹⁶⁹, para propagar ideias republicanas. Posteriormente, o jornal Correio do Povo foi lançado, em 1 de outubro de 1895.

“No lançamento do Correio do Povo, outros 07 periódicos também estavam disponíveis nas bancas de jornal: A Federação, que atuava como jornal oficial das idéias e interesses do Partido Republicano Rio-Grandense, apoiando o governo estadual; a Gazeta da Tarde; A República; O Dia, considerado

166 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.

167 Houve uma permuta de nomes, a rua Caldas Júnior, que se localizava no bairro Partenon, passou a ser chamada Paysandu (Paissandu)

168 PORTO ALEGRE, 1940, p. 124.

169 Na militância partidária, por meio do jornal, destacaram-se: Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), Júlio de Castilhos (1860-1903), Ramiro Barcellos (1851-1916), Venâncio Ayres (1841-1885), José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961), Demétrio Ribeiro (1853-1933), entre outros nomes importantes do nosso cenário político.

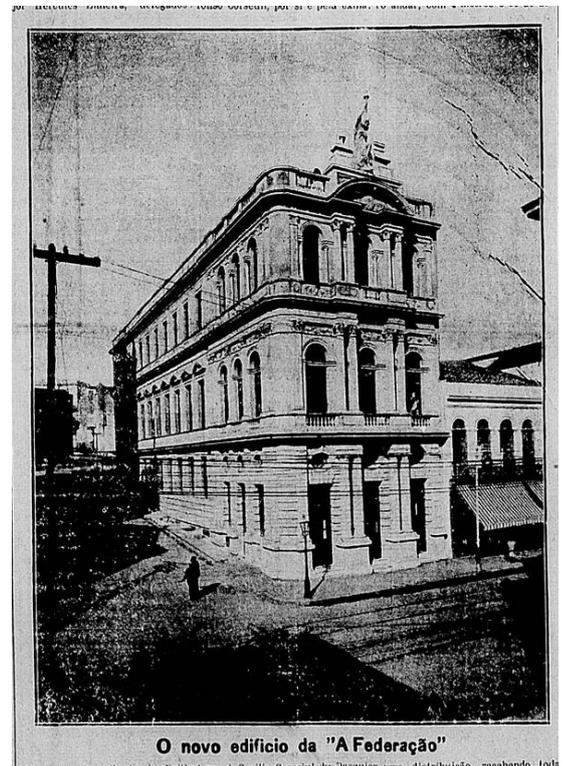


Figura 185- O novo edifício da “A Federação”, 1922.

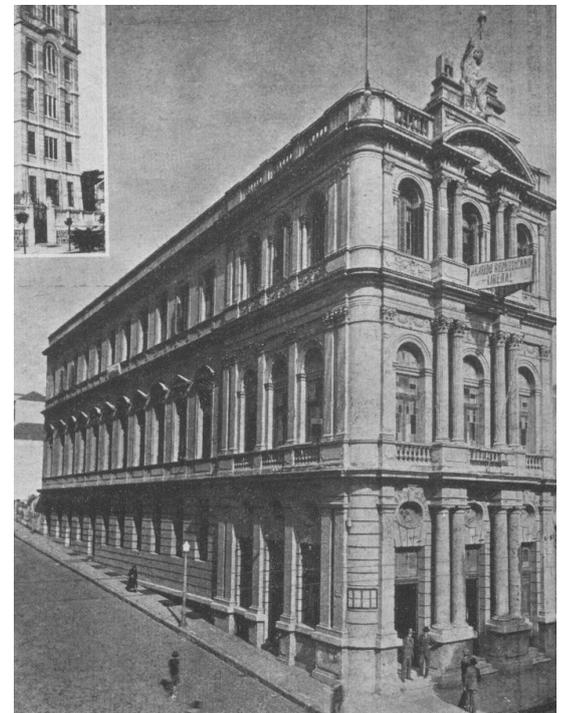


Figura 186- O novo edifício da “A Federação”.



Figura 187- Edificação ampliada, rua Caldas Júnior.

de oposição a Júlio de Castilhos; o *Deutsche Volksblatt*, jornal católico em língua alemã; *O Mercantil*, com forte tendência católica; e o *Jornal do Comércio*, com forte influência de idéias do Partido Liberal e que já estava consolidado no mercado (circulava desde 1865). Além desses circulavam também a *Gazetinha* e *O Trinta e Cinco*, este último apresentava-se como “periódico literário, humorístico e noticioso”.¹⁷⁰

O *Jornal “A Federação”* foi impresso até novembro de 1937, quando se instalou a ditadura do Estado Novo (1937-1954). Houve um decreto federal, decreto-lei n. 37, que dissolveu todos os partidos políticos, inclusive o PRR, o que levou à extinção do jornal. O prédio passou a sediar o *Jornal do Estado*, posteriormente transformado no *Diário Oficial do Estado do RS*. Este último passou, em 1973, a ser impresso pela CORAG (Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas).¹⁷¹ Em 1947 o prédio foi parcialmente destruído por um incêndio e, após os reparos, foi ampliado em sua parte posterior, mais alta e sem elementos clássicos. A partir de 10 de setembro de 1974 passou a sediar a nova instituição Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.¹⁷²

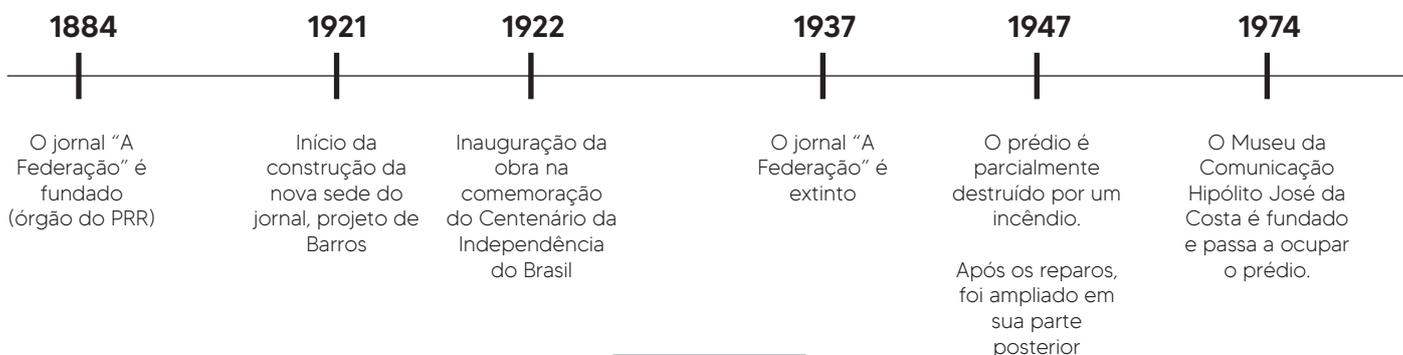


Figura 188- Linha do tempo: histórico do edifício sede do *Jornal “A Federação”*.

170 VELEDA, 2021. <https://www.musecom.com.br/noticias/182/o-jornal-correio-do-povo>

171 Foi autorizada a constituição da CORAG pela lei ordinária n. 6.573, de 5 de julho de 1973.

172 Fundado pelo jornalista Sérgio Dillenburg com o apoio incondicional da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e de seu presidente Alberto André (1915-2001).

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

A organização espacial da edificação foi pensada tendo em vista o programa de necessidades para servir ao jornal. O interior é composto por grandes salões que eram destinados a abrigar o maquinário de impressão do jornal.

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, e espaços internos e composição de fachadas)

A estrutura física do atual Museu da Comunicação é composta por dois edifícios interligados internamente. O primeiro, construído em 1922 com projeto de autoria do Theóphilo Borges de Barros, configura-se como um volume de forma alongada com quatro pavimentos (porão + três pavimentos) de alturas distintas: um pé-direito mais elevado no térreo e que se reduz conforme adquire altura. O edifício apresenta 10,80 metros de largura por 45 metros de comprimento e 22,85 metros de altura até a extremidade do telhado, totalizando 486 m² por pavimento. O segundo edifício foi construído posteriormente, em estilo moderno.

LEGENDA

- 01 - Edifício da autoria de Barros A: 1.835 m²
- 02 - Edifício construído posteriormente A: 1.110 m²

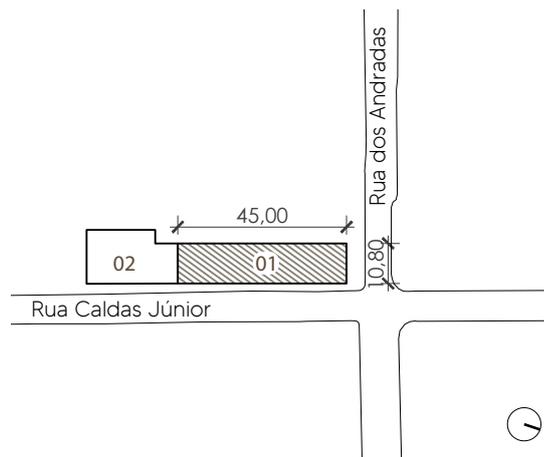


Figura 189- Implantação.

1921-1922 - Construção do prédio para a nova sede do jornal "A Federação", projeto de Barros

1947 - Um incêndio destrói parcialmente o edifício e ele é ampliado em sua parte posterior

1974 - Os dois edifícios passam a sediar o Museu Hipólito José da Costa

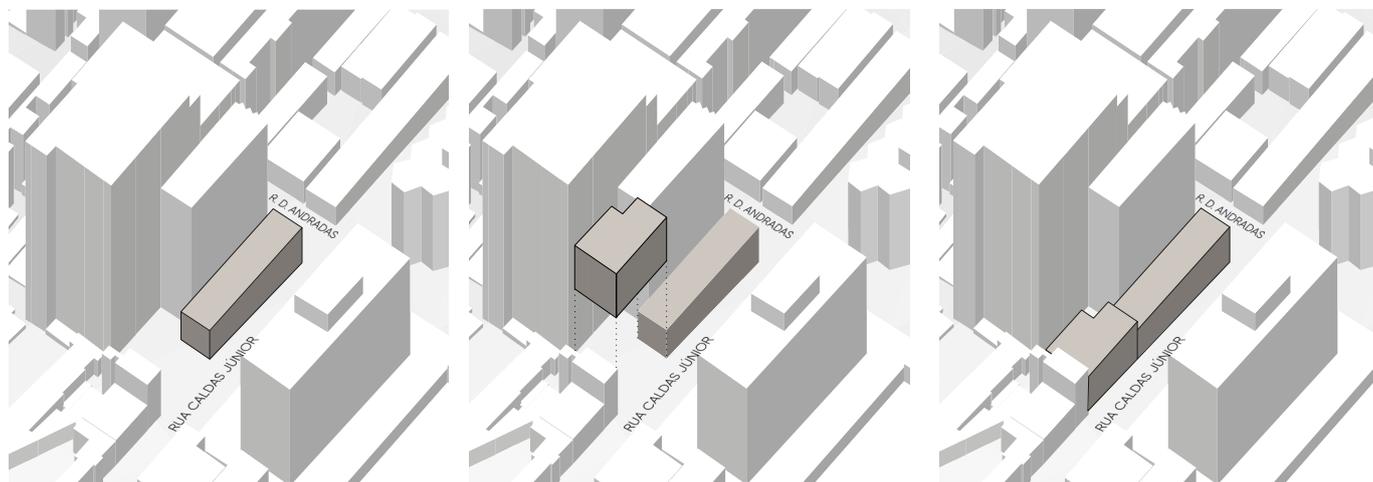


Figura 190- Diagrama com as fases da construção.

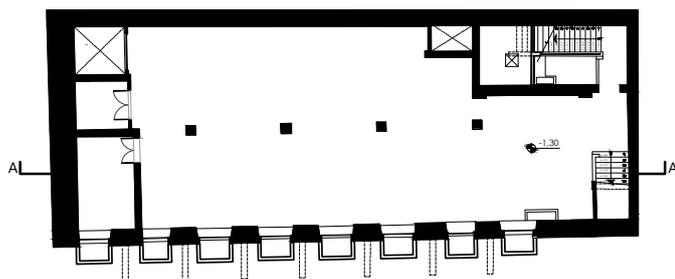


Figura 191- Redesenho planta do subsolo.

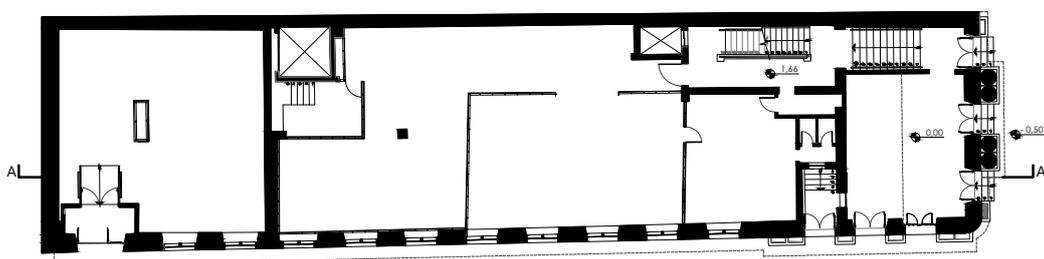


Figura 192- Redesenho planta do pavimento térreo.

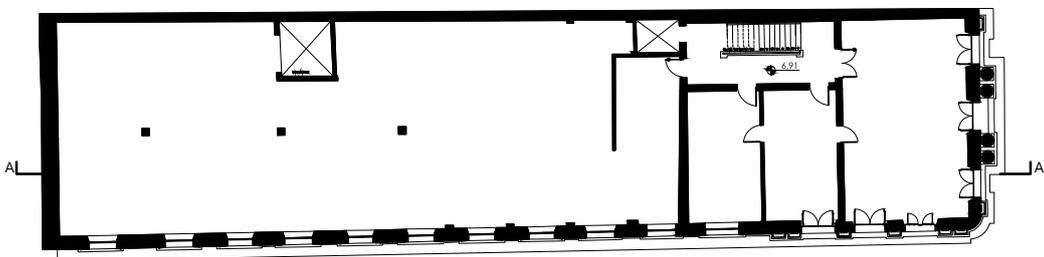


Figura 193- Redesenho planta do segundo pavimento.

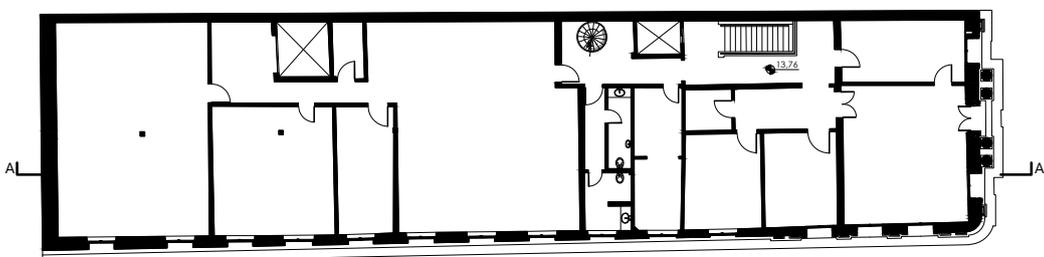


Figura 194- Redesenho planta do terceiro pavimento.



Nesta obra identifica-se o princípio da superposição das ordens clássicos: a dórica, no térreo; a coríntia, no segundo pavimento; e a compósita, no terceiro pavimento.

“É um edifício que chama incontestavelmente a atenção, pela esbelteza de suas proporções e por suas sobrias formas, que não excluem a graciosidade.”¹⁷³

“Os alicerces, de alvenaria de granito, nasceu directamente da rocha viva e se prolongam em sentido vertical até o primeiro pavimento, sendo as paredes internas e exteriores de alvenaria de tijolos, com as espessuras externas de 0,70 nos dois primeiros pavimentos e 0,45 no último.”¹⁷⁴

A fachada principal apresenta três aberturas, sendo que a do lado direito dá acesso a um pequeno vestíbulo com pé-direito de 6,60m e com uma escada em concreto armado revestida com chapas de mármore. Através da escada chega-se ao corredor que redistribui para outras duas escadas e para o elevador, uma que encaminha ao subsolo e outra aos pavimentos superiores. Próximo as escadas foi instalado um elevador.

No térreo, ao lado do vestíbulo de entrada, situava-se a sala de gerência do jornal, uma sala amplamente ventilada e iluminada pelas grandes aberturas. O subsolo ocorre na parte central do volume original, sendo iluminado por pequenas aberturas junto à calçada da rua Caldas Júnior, possibilitando a entrada de luz. No local ficavam instalados os motores das máquinas impressoras da seção de artes gráficas do jornal. Havia também compartimentos reservados aos arquivos, com jornais dispostos em estantes.

173 Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência, 1922.

174 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.



Figura 195- Vista da fachada principal e lateral.

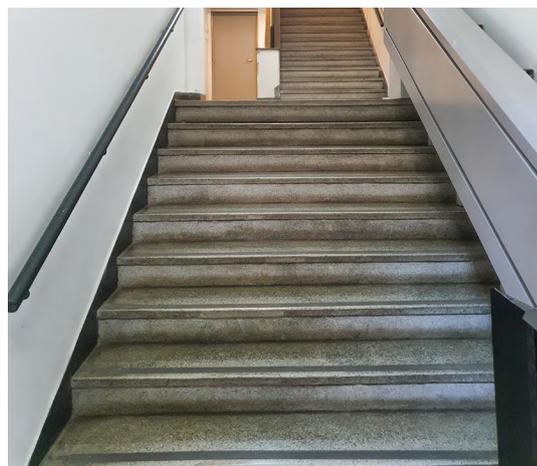


Figura 196- Escada do vestíbulo de entrada.

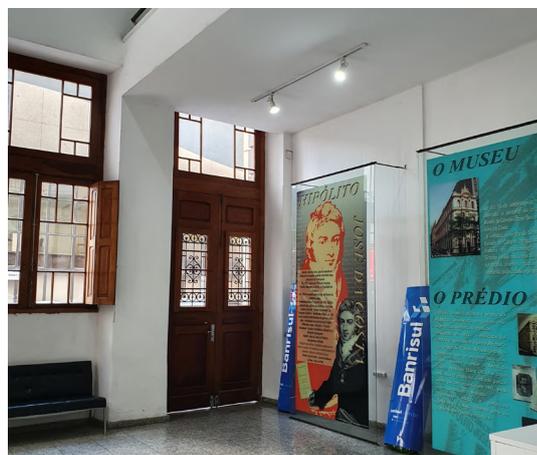


Figura 197- Antiga sala de gerência, atual recepção do museu com área para exposição e mezanino.



Figura 198- Vista do subsolo.

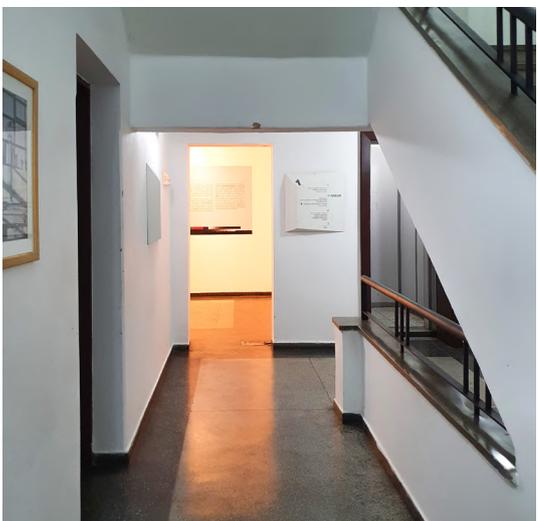


Figura 199- Vista do corredor.



Figura 200- Segundo pavimento com atual setor de exposições.

“Ao longo do pavimento principal, ficam os motores dos linotypos, cujas machinas occupam os logares que lhe correspondem, no andar immediatamente superior.

Ao fundo, ha outros compartimentos reservados a depositos, officinas de reparos, etc.”

Através da sala de gerência e do vestíbulo, acessava-se o pavimento com o gabinete do gerente e um corredor, que encaminhava ao grande salão destinado às oficinas do jornal. No grande salão ficavam as seções de composição e paginação e as “linotypos”.

Neste pavimento ainda havia oficinas para linotypos, depósito de composição e outras. Uma sala era reservada ao trabalho de remessa ou expedição, que dava o destino ao jornal já impresso. Ao redor desta sala, separada por uma divisória de madeira, ficavam as estantes com o arquivo dos jornais do ano vigente. Em outra sala, havia a máquina de impressão, e nas demais salas ficavam áreas para depósito de papel e outros serviços. Todas as salas com comunicação entre si e com acesso para a rua Paysandú, facilitando os serviços de venda avulsa e de entrada de material.

O segundo pavimento, abrigava o salão de visitas, com duas sacadas para a rua dos Andradas.

“O salão, que é de seis metros de frente por oito de fundo, apresenta o melhor e mais agradável aspecto possível, já pela sua natural belleza, já pela sobriedade da sua installação.

A`s paredes vêm-se os retratos do saudoso Patriarcha Julio de Castilhos, no nosso benemerito chefe dr. Borges de Medeiros, do saudoso senador Pinheiro Machado e um quadro com todos os nossos companheiros de trabalho no mes do Centenario da Independencia politica do Brasil.”¹⁷⁵

A sala adjacente era destinada ao diretor do “A Federação”, separada do salão de honra por uma divisória em madeira. Esta sala tinha uma abertura voltada para a rua dos Andradas e duas para a rua Paysandú.

“Ao alto, aparece o precioso presente que, ha dias, nos fez o reputado artista cav. Virgílio Calegari, do magnifico retrato de Julio de Castilhos, enquadrado em rica moldura, ao alto da qual aparecem as armas rio-grandenses.

Na sala do director, e em outra parede, está tambem o retrato, finamente emoldurado, de Venancio Ayres, que foi o primeiro director da nossa folha.

Ha a registrar-se nestas linhas que o “bureau” usado pelo actual director desta folha é o mesmo que, em 1902, foi presenteado á “Federação” por um grupo de ardorosos republicanos.”¹⁷⁶

No segundo pavimento também localizava-se a sala da redação, com duas aberturas voltadas para a rua Paysandú: uma janela e outra com sacada. Nesta sala trabalhavam vários redatores, colaboradores e repórteres, para acomodar o grande número de pessoas havia uma grande mesa subdividida em espaços reservados. Além disso, havia salas reservadas para a seção de artes gráficas, depósito de material e de composição, seção de encadernação, pautação e demarcação, depósito de material impresso e arquivo das coleções do jornal e sanitários. No terceiro pavimento localizavam-se salas amplas destinadas a escritórios comerciais, associações ou companhias.

“Ao cimo do edificio, foi collocada a poderosa “sirene” adquirida ha pouco tempo pela administração desta folha, para anunciar as noticias mais importantes.”¹⁷⁷

176 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25

177 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25



Figura 201- Antigo salão de visitas, atual setor administrativo do Museu.



Figura 202- Uma das salas do último pavimento, hoje é utilizada como sala do setor de acervo.



Figura 203- Atual setor de exposição das máquinas antigas, localizado na edificação construída posteriormente.

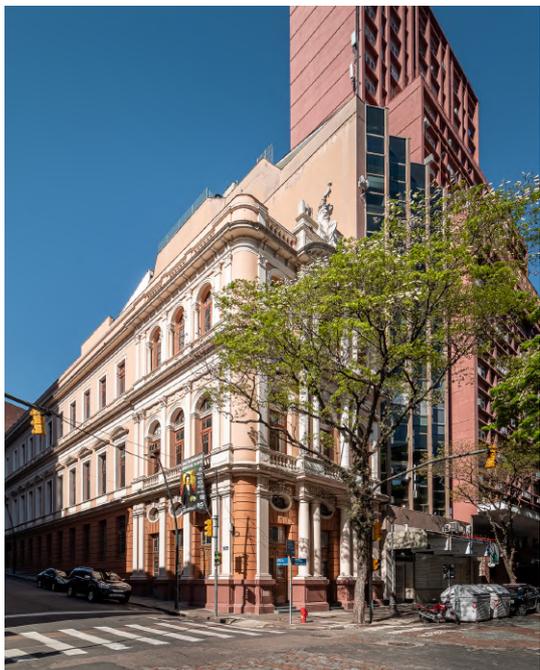


Figura 204- Perspectiva do edifício.

Hoje, os dois edifícios referidos no início abrigam o Museu Hipólito José da Costa. O primeiro é destinado às áreas de exposição, auditório, reservas técnicas e salas administrativas do Museu. O segundo abriga salas e espaços para exposição das máquinas antigas e o setor de arquivo de periódicos do museu. Esta parte tem um acesso próprio pela rua Caldas Júnior, que, porém, não é utilizado, sendo o acesso principal pela rua dos Andradas.

O princípio de composição arquitetônica está diretamente relacionado à hierarquia das vias. Quanto mais próximo da rua principal, maior importância era dada à fachada. Com isso, observa-se que a fachada principal, voltada para a rua dos Andradas, apresenta mais ornamentação do que a fachada da rua Caldas Júnior. A ampliação realizada posteriormente – após o incêndio e quando Barros já estava aposentado – recebeu um tratamento ainda mais simplificado na fachada.

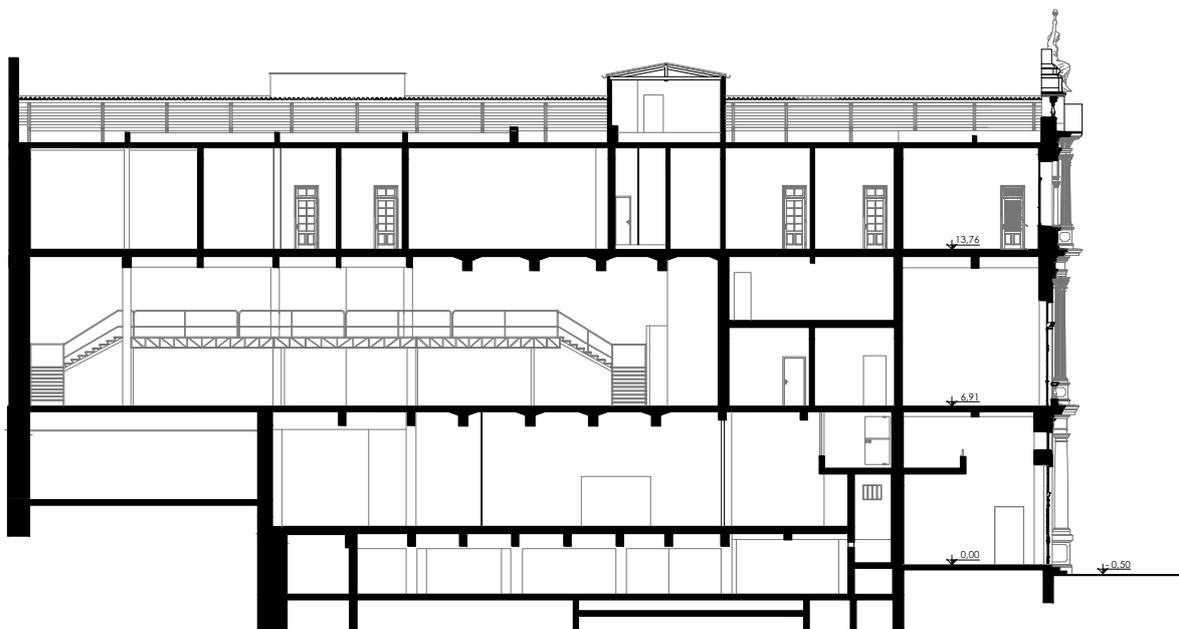


Figura 205- Corte AA.

0 1 5 15 20

A aparência exterior do edifício é de característica clássica, sendo que a ornamentação clássica privilegia a esquina, pelo emprego das ordens presente nos três primeiros módulos de abertura de cada via. A fachada da rua dos Andradas configura o acesso principal, com três grandes portas no térreo com óculo oval na parte superior, acima das portas. A simetria da fachada é evidenciada por um ressalto na seção central, que ocorre nos três pavimentos. Este ressalto é composto por três conjuntos de colunas superpostas com suas bases e entablamentos. No térreo, há dois pares de colunas dóricas ao lado da porta central, com um óculo com o nome do jornal. As portas são com abertura em verga reta e o trecho é composto por relevo rusticado, imitando pedras brutas. Em termos de proporção, as colunas possuem intercolúnio de 2,40m e altura de 4,40m (sem considerar o pedestal), resultando em uma razão de 1,83, ou seja, uma relação de $1:1\frac{3}{4}$.

O segundo pavimento apresenta alinhamento semelhante ao do térreo, com três grandes portas que possibilitam o acesso às pequenas sacadas, as quais contêm parapeito composto por balaústres e conferem tridimensionalidade à fachada. As pilastras e colunas se repetem neste pavimento, porém caracterizam-se pela presença das caneluras e da ordem coríntia. As aberturas, em madeira e vidro, possuem arco de meio ponto com moldura.

As aberturas da fachada principal são alinhadas nos três pavimentos, formando um ritmo constante. No último pavimento apenas o módulo central possui uma pequena sacada, com parapeito composto por balaústres. As aberturas possuem finalização com arco de meio ponto apoiado em colunas de ordem compósita. A moldura do arco toca o entablamento



Figura 206- Fachada norte, rua dos Andradas.



Figura 207- Óculo com o nome do edifício.

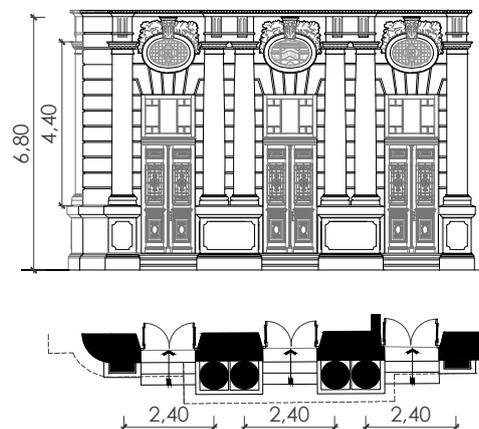


Figura 208- Redesenho com as proporções do pavimento térreo.



Figura 209- Escultura de autoria do Luis Sanguin.

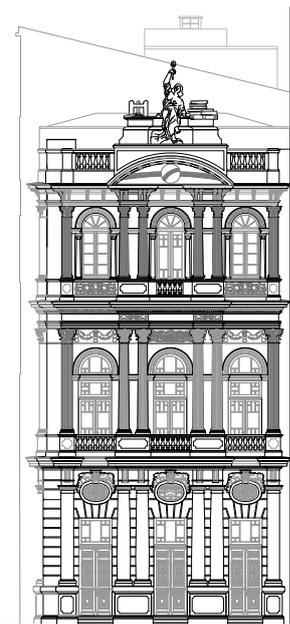


Figura 210- Fachada norte, rua dos Andradas.



Figura 211- Fachada leste, rua Caldas Júnior.

neste andar, o que não ocorre no pavimento abaixo. Neste pavimento os pares de colunas também possuem caneluras e estão sobre pedestais, mas seus capitéis são de ordem compósita. O edifício é finalizado, na parte acima do entablamento, com frontão segmentar, detalhes ornamentais e com a presença de uma escultura alusiva à imprensa, uma figura feminina empunhando archote na mão direita, de autoria do escultor italiano Luis Sanguin.¹⁷⁸

“As fachadas nos dois alinhamentos são do estylo classico grego e romano. A fachada principal, que fica á rua dos Andradas, é de magestoso aspecto, destacando-se ao alto uma figura de mulher, symbolo da imprensa, que, em forma de archote, segura na dextra possante fóco electrico.”¹⁷⁹

0 1 5 15 20

178 A escultura foi restaurada, em 1995, pelo escultor João Carlos Ferreira, da equipe da Brigada Militar, com o apoio e supervisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

179 A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.

A fachada voltada para a rua Caldas Júnior adquire maior simplificação à medida que se afasta da esquina. Os três primeiros módulos receberam tratamento formal semelhante ao da fachada principal. Contudo, há diferenças sutis. Primeiramente, nota-se que não há o ressalto central, com pares de colunas. Em vez disso, existem pilastras não duplicadas ao centro. Nas extremidades dessa seção, ocorre duplicação das pilastras, revertendo o arranjo da fachada principal. Também se nota nessa parte a total ausência de colunas, pois são usadas apenas pilastras. Nesse trecho, as aberturas do térreo são em verga reta e, nos demais pavimentos, são em arco de meio ponto, tal como na fachada principal. A fachada mais extensa ao longo da rua Caldas Júnior se caracteriza pelas soluções mais simplificadas: térreo demarcado pela rusticação e com aberturas em verga reta; segundo pavimento com acabamento liso e aberturas de verga reta encimadas por frontões curvos e triangulares alternados; e terceiro pavimento com janelas em verga reta. Na extremidade da fachada, adjacente ao edifício construído posteriormente, foi escrito o nome do arquiteto, conforme Figura 213. No passeio público da rua Caldas Júnior é possível identificar as aberturas com gradil de ferro, que iluminam o subsolo do edifício e seguem o alinhamento das aberturas da fachada.

A sede do jornal “A Federação” destaca o rigor clássico que caracteriza a arquitetura de Barros. O interior, de grandes salões para abrigar o maquinário de impressão do jornal, contrasta com os exteriores rigorosamente modulares e precisos na ornamentação clássica. O apego de Barros à linguagem clássica num momento em que novos programas exigiam respostas diferentes dos arquitetos, é uma das questões básicas desse momento na arquitetura de Porto Alegre.



Figura 212- Fachada leste, rua Caldas Júnior.



Figura 213- Nome do arquiteto registrado na fachada.



Figura 214- Passeio público com aberturas para iluminar o subsolo.



Figura 215- Grande Hotel Pelotas

GRANDE HOTEL PELOTAS

Localização: Pelotas

Ano da construção: 1925-1928

Área construída: 4.300 m²



Figura 216- Vista da praça Coronel Pedro Osório, ao fundo o Grande Hotel.



Figura 217- Localização do Grande Hotel.

Localização e Histórico

Pelotas é uma cidade da porção sul do Estado do Rio Grande do Sul e apresenta uma série de edificações de grande valor histórico e arquitetônico, dentre as quais se encontra o Grande Hotel Pelotas. A construção do Grande Hotel, que ocorreu de 1925 a 1928, está relacionada ao período de desenvolvimento socioeconômico da cidade. No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a cidade se destacou pelas charqueadas, que resultaram em um desenvolvimento no âmbito econômico.

Ademais, a cidade de Pelotas sempre se destacou pela localização privilegiada, sendo conhecida como um ponto de ligação entre as cidades da região sul com a capital gaúcha. “Pelotas é um ponto obrigatório para aqueles que, por via marítima, se destinam ao interior ou à capital do Estado”.¹⁸⁰

O progresso econômico da cidade estimulou um processo de modernização. Comerciantes, políticos, viajantes, e diversas pessoas foram atraídas para a cidade, o que levou a instalação de hotéis. No início do século XX, Pelotas já contava com estabelecimentos de hotelaria que se localizavam nas ruas centrais da cidade.

Alguns destes hotéis haviam sido construídos durante o século XIX. O Hotel D’Alliança foi o primeiro hotel da cidade, tendo começado a funcionar em 1843. Logo seguiram o Hotel Moreau, o Hotel dos Emigrados e o Hotel do Commercio. Posteriormente, no início da década de 1870 foram surgindo vários outros hotéis.

Em 1922 surge a ideia de construção do Grande Hotel, lançada pelo intendente Pedro Luís Osório.

180 Diário Popular de 19 de dezembro de 1922.

“Um grande e moderno hotel [...] para que a cidade pudesse receber mais um melhoramento de valia.”¹⁸¹. A construção começou em 1925 e sua inauguração foi em 1928. A obra, de autoria do arquiteto Theóphilo Borges de Barros, caracteriza-se pela sua monumentalidade diante da praça principal da cidade, marcada por edifícios de pequena altura. O hotel foi construído em um terreno de esquina, localizado no centro da cidade, em frente à atual praça Coronel Pedro Osório (antiga Praça da República), na Rua Lôbo da Costa esquina com a Rua Padre Anchieta, como pode ser observado na Figura 217.

“Uma lacuna, que nos apontavam os forasteiros - a falta de hotéis vai desaparecer, com a construção desse moderno e elegante edifício do <Grande Hotel de Pelotas>, magestosamente erguido no coração da cidade e cuja inauguração está para breve prazo.”¹⁸²

Para viabilizar a construção do Grande Hotel Pelotas, 21 empreendedores se uniram e formaram a Companhia Incorporadora Grande Hotel Pelotas – CIA GH. A escolha do projeto para o Grande Hotel Pelotas deu-se através de concurso público. Participaram desse concurso seis concorrentes, entre eles o projeto da Companhia Constructora em Cimento Armado do Rio de Janeiro, elaborado pelo engenheiro Paulo M. Gertum e o projeto da Companhia Constructora de Santos, Figura 218. O projeto vencedor foi do Arquiteto Theóphilo Borges de Barros, titular da Diretoria de Obras Públicas do Estado e ligado ao partido PRR, mesmo partido de diversos acionistas da Companhia.

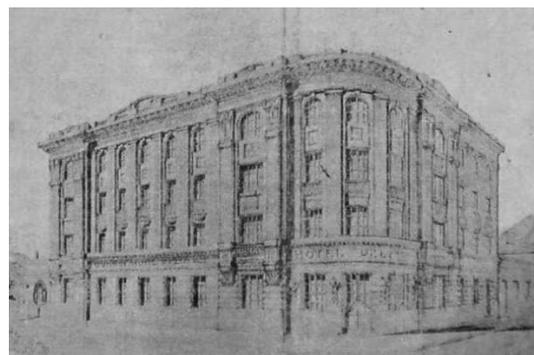
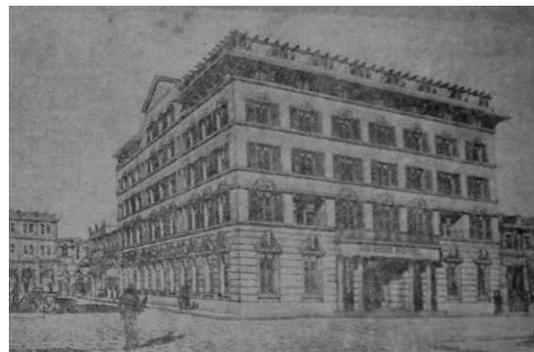


Figura 218- De cima para baixo: projeto da Companhia Constructora de Santos; projeto do eng. Paulo Gertum; projeto da Companhia Constructora em Cimento Armado do Rio de Janeiro.

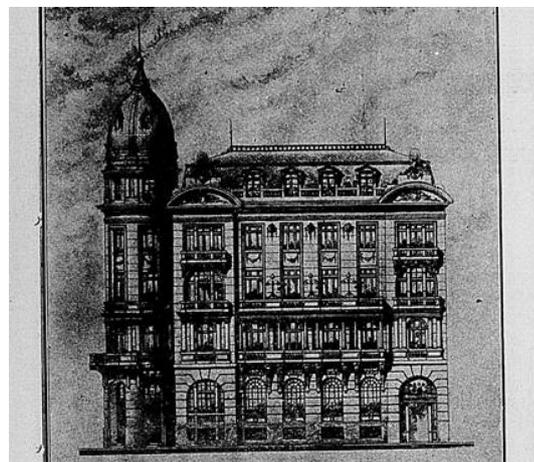


Figura 219- Projeto vencedor, autoria de Barros.

181 MUNICIPIO DE PELOTAS. Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1922 pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osorio. Pelotas: Diário Popular, 1922, p. 37-38.

182 Gazeta de Notícias (RJ), 16 de abril de 1928. Edição 00089, p. 9.



Figura 220- Lançamento da pedra fundamental da construção.

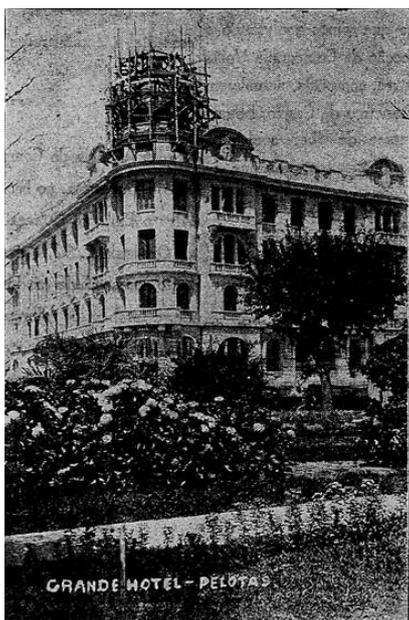


Figura 221- Grande Hotel em construção, 1928.

A obra iniciou no ano de 1925, sendo que a pedra fundamental para oficializar a construção foi lançada no dia 14 de julho¹⁸³ do mesmo ano.

“Devem ter início, hoje, os trabalhos de construção do “Grande Hotel Pelotas, com a escavação de tres metros para o preparo do sub-terraneo do grandioso edificio, onde ficarão localizadas varias dependencias.”¹⁸⁴

A partir de 1926, a CIA GH passou a enfrentar uma série de problemas financeiros, trazendo à tona a hipótese de venda ou municipalização do Grande Hotel para saldar os empréstimos e dar continuidade à obra. De acordo com Schlee (1993), frente a essa situação e ao desejo de contar com um novo hotel em Pelotas, em abril de 1928, o intendente municipal adquiriu o edifício.

“Considerando que não obstante os esforços empenhados pela referida comissão, além da intervenção do governo municipal junto às associações locais, não foi possível conseguir a subscrição integral do capital necessario á definitiva realização do mencionado empreendimento;

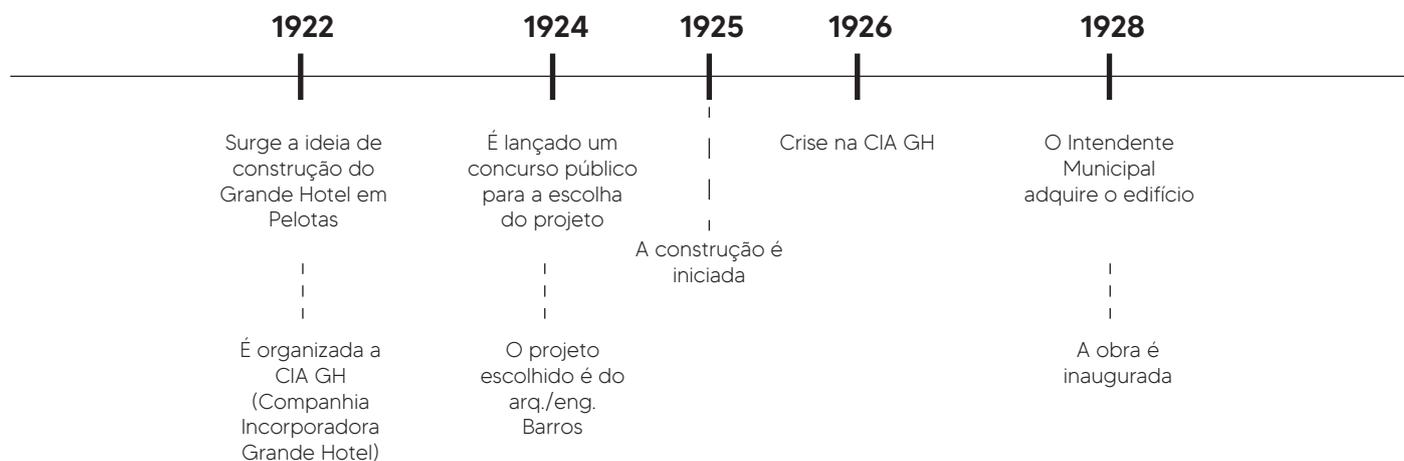


Figura 222- Linha do tempo: histórico do Grande Hotel.

183 Data em que se comemorava a “Queda da Bastilha” (marco da Revolução Francesa).

184 A Federação, 14 de maio de 1925, edição 00111, p. 4.

...
 Resolve adquirir o edifício situado à Praça da República, n. 51, nos termos de autorização do Conselho Municipal, constante da Lei n. 204 de 31 de Dezembro de 1927, promulgada por Acto n. 1668 da mesma data..."¹⁸⁵

Em 26 de abril de 1928, o Grande Hotel Pelotas é inaugurado. A Figura 223 mostra um dos anúncios da inauguração do Grande Hotel, com destaque para os serviços oferecidos – apartamentos, quartos, salão de festas e restaurante. O evento de inauguração incluía um jantar dançante, a ser realizado no dia seguinte a inauguração, nas dependências do Grande Hotel. O aspecto monumental do edifício foi motivo de destaque, sendo considerado na época o “primeiro arranha céu de Pelotas”.¹⁸⁶



Figura 223- Propaganda de inauguração.

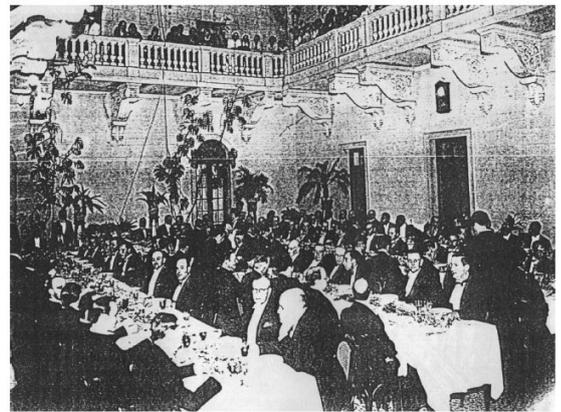


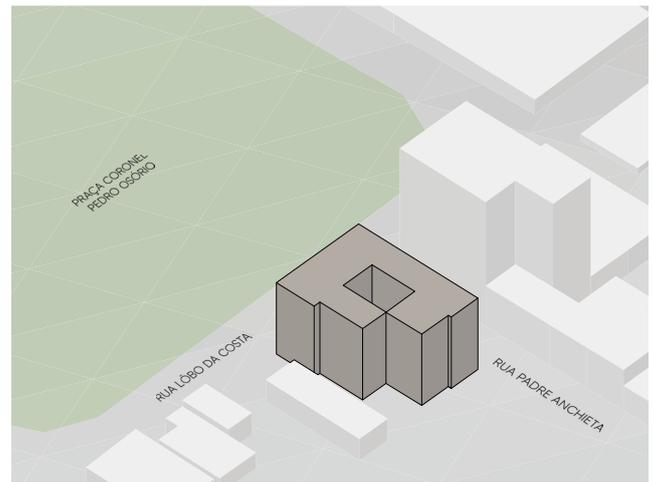
Figura 224- Evento de inauguração.

Terreno para a construção do Grande Hotel Pelotas



Figura 225- Diagrama com as fases da construção.

1925-1928 - Construção de acordo com projeto de Theóphilo Borges de Barros



185 A Federação, 12 de abril de 1928, edição 00086, p. 6.

186 DIÁRIO POPULAR, 31 de mar 1926, p. 2

O hotel permaneceu em funcionamento até o ano de 2002, quando encerrou suas atividades. No ano de 1986 o Grande Hotel foi tombado pelo município, tornando-o um patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas, parte integrante do conjunto urbano em frente a praça Coronel Pedro Osório.

Após o tombamento municipal, o edifício recebeu intervenções de restauro. O primeiro projeto de intervenção foi executado no ano de 2004, que compreendeu a restauração da fachada e da cobertura pelo Programa Monumenta - Iphan. Outras intervenções parciais aconteceram em 2007, e não foram concluídas. Posteriormente, no ano de 2011, o Grande Hotel foi doado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) através de uma Lei Municipal para implantação de um Hotel Escola.

O projeto para Hotel Escola da UFPel consiste na adaptação da edificação existente para abrigar o hotel escola e a faculdade de hotelaria. O projeto foi desenvolvido no ano de 2014 pelo Escritório VRP Arquitetura Estratégica. A execução iniciou em novembro de 2019 e atualmente está em andamento. De acordo com informações obtidas com a equipe do escritório, a intenção foi manter o máximo possível de elementos originais e que eram passíveis de restauração.



Figura 226- Perspectiva do Grande Hotel.

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

O Grande Hotel foi projetado para proporcionar à população visitante um espaço adequado para hospedagem, com opções de acomodações nobres ou mais simples, áreas de apoio e espaço para eventos.

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, espaços internos e composição de fachadas)

O prédio conta com subsolo habitável mais quatro pavimentos: andar térreo alto; um pavimento nomeado como andar nobre; e dois pavimentos superiores. O projeto apresentava uma mansarda que não foi construída e previa o crescimento vertical para mais dois pavimentos.

“Traduz uma dupla preocupação de arte e conforto do moderno, com admirável disposição interna e previsão de crescimento vertical do edifício, no excelente e bem orientado terreno á praça da Republica, esquina da rua general Victorino, cujo aproveitamento tecnico é, deveras inteligente, sendo que no corpo principal o alteroso e imponente edifício de cimento armado, medirá 30 metros de altura e 40 metros até a chave da cupola da grande torre, dominando a cidade.”¹⁸⁷

A construção de esquina caracteriza-se pela ocupação periférica com um átrio central. O acesso principal do prédio é pelo torreão cilíndrico da esquina, que conta com três portas e direciona ao hall de entrada e a circulação vertical. Além do acesso principal, há um acesso independente para o bar na fachada em frente à praça. Na Figura 228 podem ser observados o acesso principal e o acesso secundário.

Sobre o programa do projeto para o Grande Hotel Pelotas, no subsolo localizavam-se os serviços, como cozinha, adega, despensa, frigorífico, depósitos e instalações sanitárias para os funcionários. O andar térreo, Figura 230, contava com o bar americano, um salão de refeições e um grande hall de convivência na parte central do edifício, que contém um pátio coberto medindo 18 x 12 metros. Durante os eventos realizados no hotel, o hall de convivência transformava-se em um

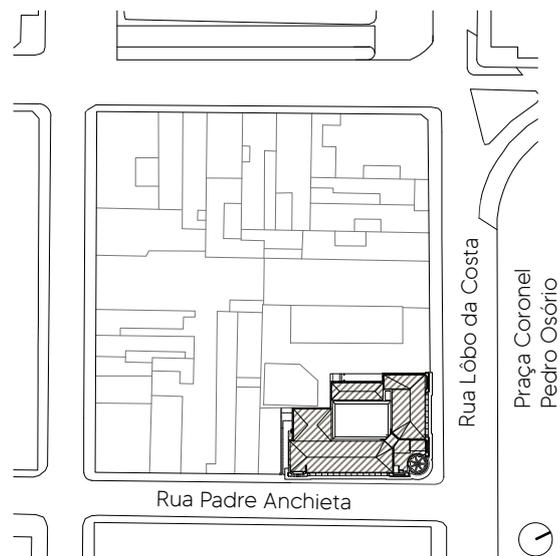


Figura 227- Implantação.

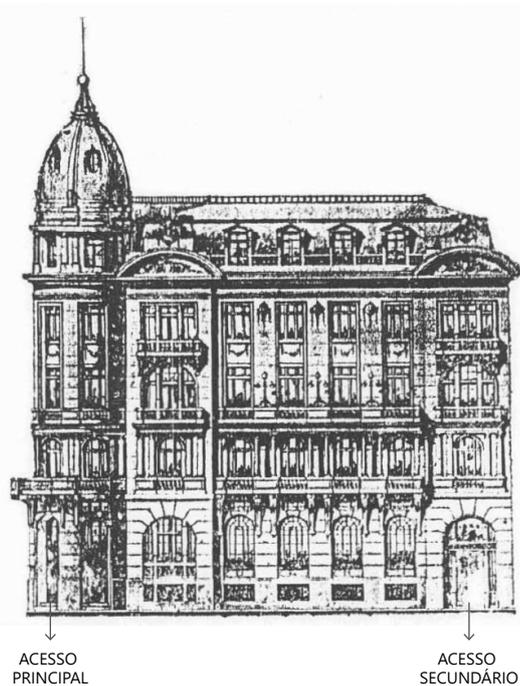


Figura 228- Desenho de autoria de Barros, adaptado pela autora com indicação dos acessos.

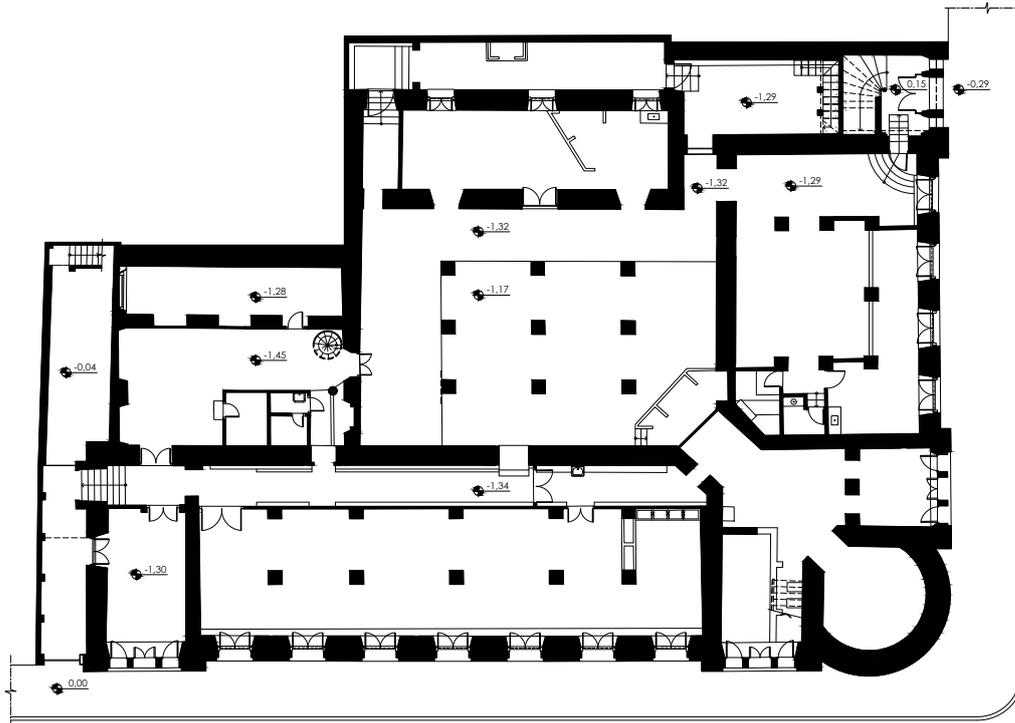


Figura 229- Planta do subsolo.

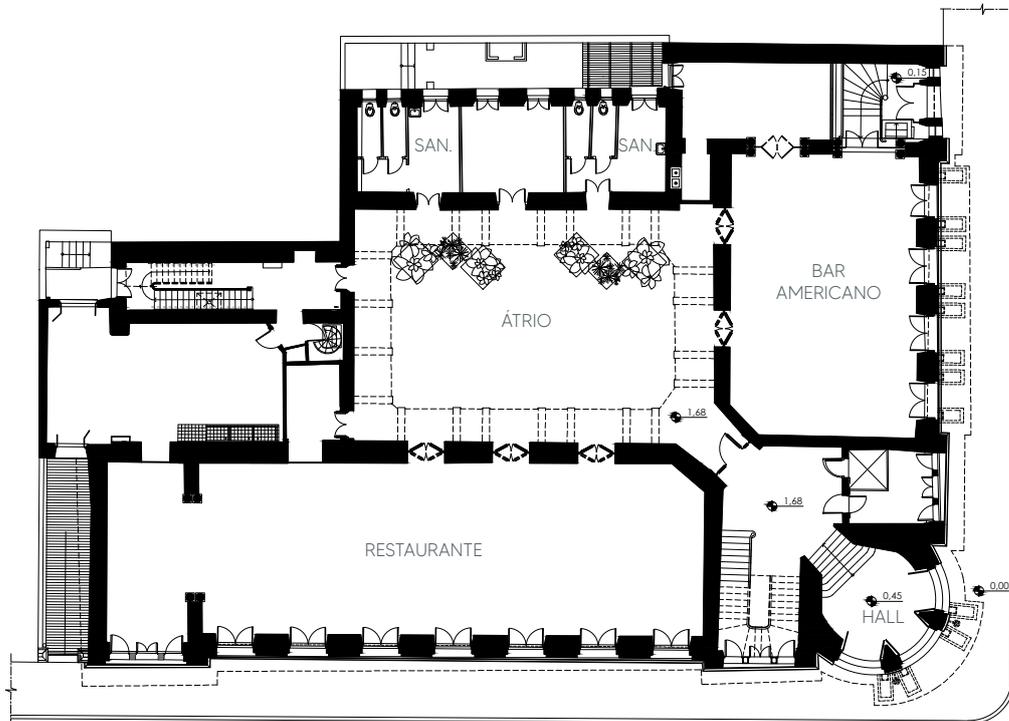
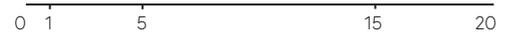


Figura 230- Planta do andar térreo.



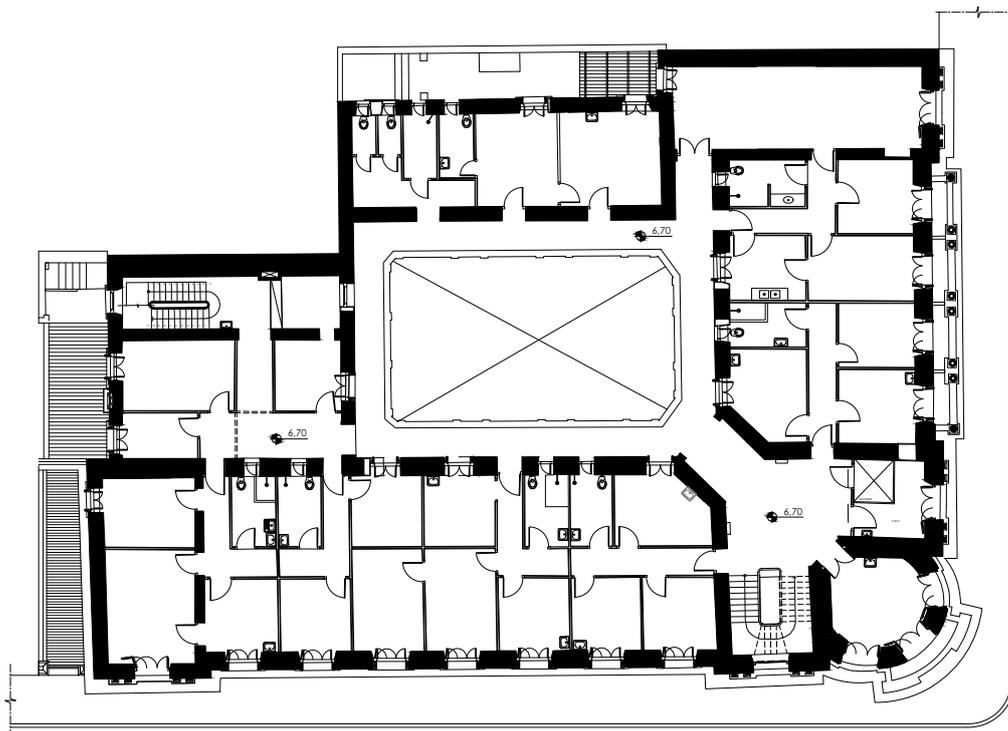


Figura 231- Planta do andar nobre, segundo andar.

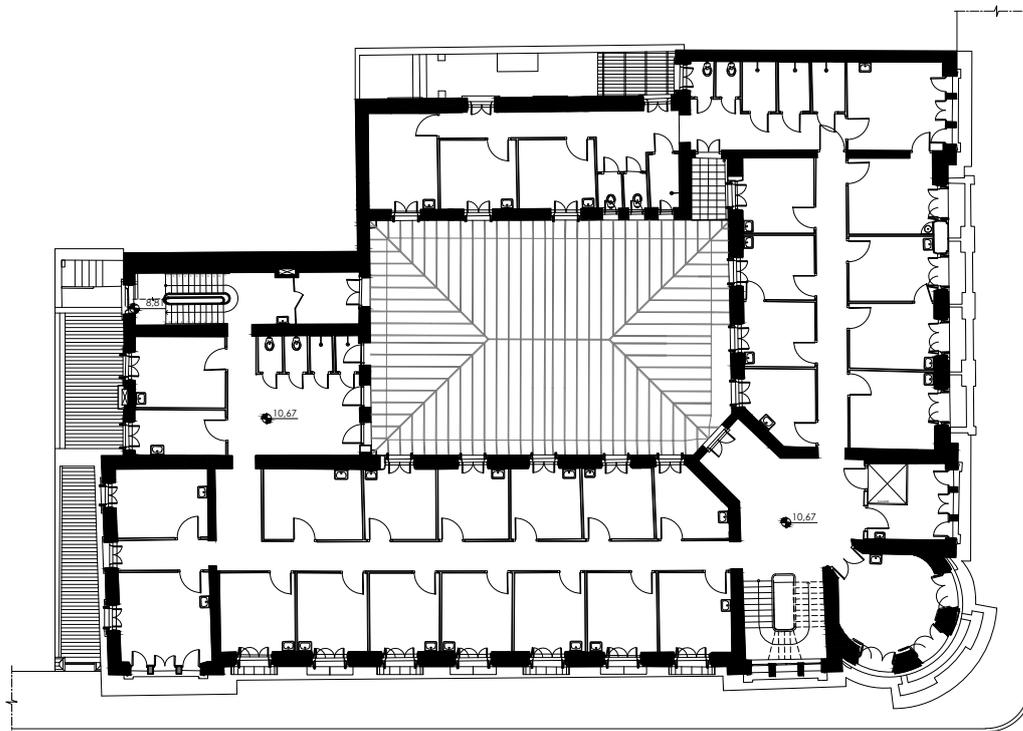


Figura 232- Planta do terceiro e quarto andar.



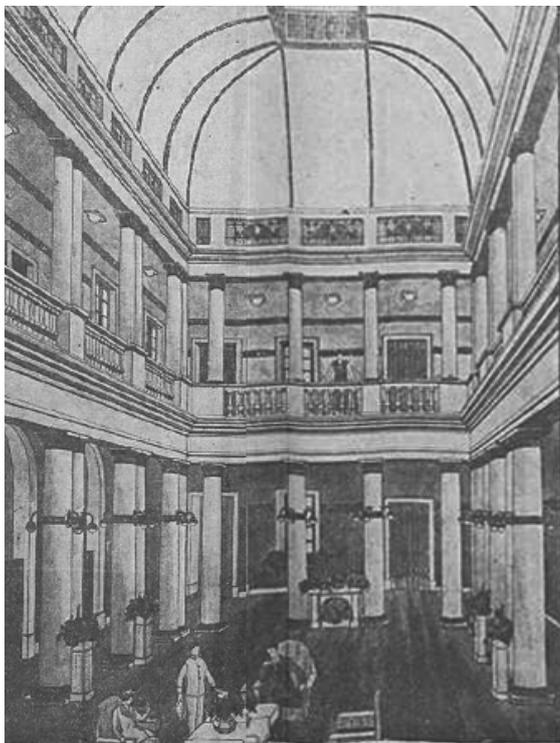


Figura 233- Átριο do hotel, desenho de autoria de Barros.



Figura 234- Átριο com cobertura de ferro e vidros coloridos, fotografia de 2003.



Figura 235- Vista superior do átριο, fotografia de 2003.

grande salão de festas, funcionando junto com o salão de refeições e o bar. Além disso, no térreo, estava presente a copa principal, uma sala administrativa e toaletes.

“No centro, ocupando quasi umterço de toda a área deste andar térreo, está o grande e lindo <<hall>>, que é formado por duas ordens de columnas surperpostas, em rigoroso estylo classico (dorico e corinthio) e abrigado por cobertura de vidro.

Este magnifico <<hall>>, que dará ao hospede uma impressão forte de desafogo, está em communicação, por meio de galerias, com as demais peças do andar terreo e com os appartamentos do primeiro andar.

Em virtude desta sua disposição será o >>hall<<, ao mesmo tempo, aprasivel jardim de inverno, sendo que em noites de verão poder-se-á abrir a cobertura, ficando a céu aberto.”¹⁸⁸

O hall atual é bastante distinto daquele projetado por Barros (Figura 233). A ilustração nos mostra dois níveis de colunas superpostas típicas do classicismo rigoroso do arquiteto. O espaço interno resultante teria grande impacto, pela elegância rítmica das colunatas, contrapostas às linhas de entablamentos, que possuem balaustradas no andar nobre. A verticalidade das linhas de colunas teria seu coroamento na cobertura metálica de vidro.

Como a varanda sustentada por colunatas não foi executada, no seu lugar foram construídas mísulas para sustentar a circulação em avanço. No pavimento acima, andar nobre, localizavam-se sete apartamentos com banheiro privativo, totalizando 19 dormitórios. A circulação de acesso aos apartamentos (Figura 234), acima do térreo, circundava o hall e é iluminada pela grande cobertura de vidro sobre o pátio central.

A cobertura de vidros coloridos é apoiada numa estrutura metálica que cobre todo o espaço sem pilares. Os apartamentos eram compostos por vários compartimentos, que podiam ser alugados em conjunto ou separados.

Os pavimentos de acomodações mais simples estavam situados no terceiro e quarto andar e apresentavam 29 unidades habitacionais com banheiro compartilhado. Os quartos eram de uma ou duas camas, todos amplos, arejados e iluminados. Nesses dois últimos pavimentos a estratégia de circulação é diferente, pois os quartos não são acessados pela varanda interna. Nesses andares, há um corredor central entre duas alas de quartos. Esta solução possibilitou a todas unidades habitacionais ventilação e iluminação natural, pois as janelas ficaram voltadas para a parte externa do prédio, ou para a parte interna, acima da claraboia, conforme Figura 235. Todos os pavimentos de apartamentos contavam com áreas de apoio, como copa, salão de visitas e vestibulo, garantindo a autonomia de cada pavimento. Os banheiros foram sobrepostos, facilitando as instalações hidráulicas.

Nota-se, analisando as plantas, o cuidado com a distribuição do programa de acordo com as melhores orientações solares. Na orientação solar menos privilegiada, sul, foram posicionados os banheiros e a escada. Os espaços de maior permanência, as unidades habitacionais e os apartamentos, foram posicionados nas melhores orientações, norte e leste. Estas soluções demonstram a preocupação do arquiteto em garantir a funcionalidade do edifício aliada ao conforto térmico.

O estilo eclético da construção se expressa nas fachadas do edifício. Destaca-se o volume cilíndrico da esquina com uma cúpula de bronze fundido na parte superior,



Figura 236- Átrio com cobertura, fotografia de 2014.



Figura 237- Perspectiva do Grande Hotel.

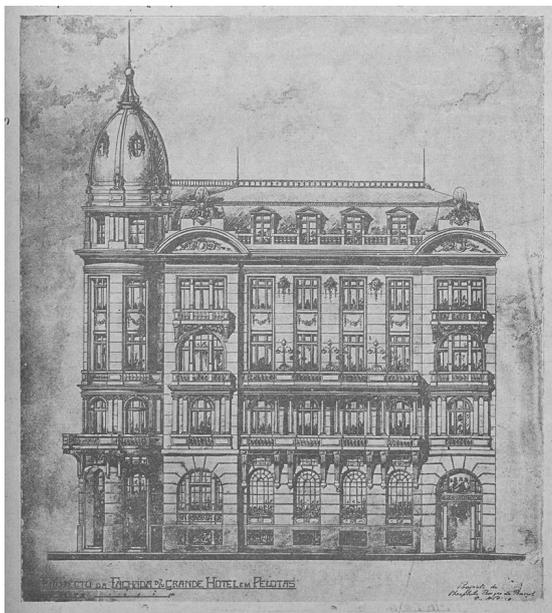


Figura 238- Fachada principal voltada para a praça, desenho de autoria de Barros.

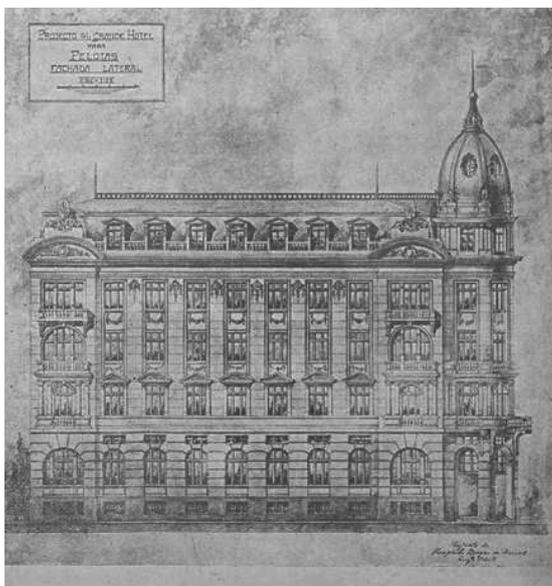


Figura 239- Fachada voltada para a rua Anchieta, desenho de autoria de Barros.

que foi importada da França. Essa cúpula esconde o volume da caixa d'água e marca o acesso principal. As extremidades de cada fachada apresentam um frontão curvo, onde está inscrito em relevo o monograma do Grande Hotel: GH. A altura total da edificação é de 30 metros, sendo o pé-direito 3,27m no subsolo, 5m no andar térreo e 4,25 nos demais pavimentos. As fachadas receberam tratamento diferente, conforme o pavimento.

A fachada principal, voltada para a praça, apresenta mais elementos ornamentais, conforme Figura 238, sendo composta por pilastras, colunas e balcões com balaústres. O térreo se caracteriza pela rusticação mais pesada, com aberturas em arco pleno e ausência de ordens clássicas. No andar nobre, há uma linha de sacadas apoiadas em grandes mísulas e demarcada por colunas de ordem coríntia, que ocorrem aos pares nos tramos intermediários. As colunas se apoiam em bases sólidas, com balaustradas entre elas. Nas duas extremidades dessa fachada há um trecho vertical em projeção, que repete a temática ornamental da parte central. No caso do piso nobre, ocorre outra sacada, mas as colunas se tornam pilastras. Não há sacadas na parte central nos dois pisos superiores. Surgem grandes pilastras de dupla altura, terminadas por uma cornija. Nas laterais em projeção, há sacadas, mas as janelas são distintas, tendo terminação em arco no terceiro piso e verga reta no quarto. A fachada da rua lateral repete a solução da fachada principal com maior simplificação.

A análise das fachadas do Grande Hotel mostra um classicismo mais eclético em sua combinação de elementos, em relação aos prédios públicos de Barros em Porto Alegre. Embora a referência estilística seja



Figura 240- Fachada principal voltada para a praça.

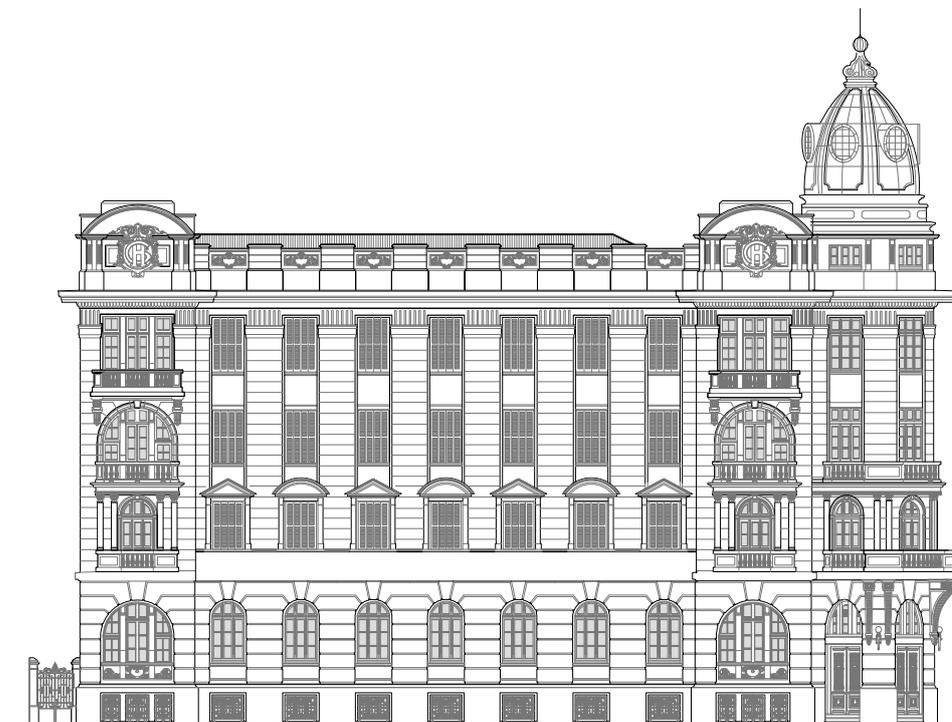


Figura 241- Fachada voltada para a rua Anchieta.

a linguagem clássica, existe uma variedade maior de elementos e uma combinação mais inventiva dos mesmos. O tipo de programa deve ter sido um fator importante nisso.

O Grande Hotel de Pelotas representou um marco para a cidade de Pelotas, ao estabelecer um novo gabarito urbano semelhante a outras cidades no mundo ocidental. Essa identidade urbana vinha se afirmando desde meados do século XIX. A arquitetura eclética de base clássica do Grande Hotel se assemelha ao que estava sendo construído em São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires. Não houve continuidade por meio de outros empreendimentos similares em Pelotas na época, o que impediu a monumentalização da praça na mesma escala e estilo.



Figura 242 - Quartel do Comando Geral da Brigada Militar.

QUARTEL DO COMANDO GERAL DA BRIGADA MILITAR

Localização: Porto Alegre

Ano da construção: 1927-1929

Área construída: 3600 m²

Localização e Histórico

O Quartel do Comando Geral da Brigada Militar está localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, em uma das ruas mais antigas da capital, na rua dos Andradas, em um terreno adquirido da Companhia Predial e Agrícola, pela Fazenda do Estado, em 1897. O novo quartel do Comando Geral foi construído para substituir as antigas instalações que não atendiam mais às necessidades da Corporação. Assim, em janeiro de 1927 foi iniciada a demolição do antigo prédio que havia no local, com exceção da parte localizada na rua Sete de Setembro, onde estava instalada a administração do 1º Batalhão de Infantaria (1º BI), para onde foram transferidos, provisoriamente, o Comando-Geral e suas repartições¹⁸⁹.

A edificação está inserida em uma área com outras construções de Comando Militar do Sul (CMS), do Exército Brasileiro, que constituem o “Quartel-General Integrado (QGI)”. O conjunto completo é composto por cinco prédios que abrigam diversas repartições: Seção de Veteranos e Pensionistas do Comando da 3ª Região Militar do Exército (1828); Museu Militar do CMS (1867); Comando Militar do Sul; Quartel General Auxiliar do Comando Militar do Sul (1908); Museu Militar do Comando Militar do Rio Grande do Sul.

“Este QG foi o terceiro a ser construído especialmente no Rio Grande do Sul para servir o Exército.”¹⁹⁰

A pedra fundamental do Comando Geral da Brigada Militar foi lançada em 14 de julho de 1927. O projeto foi desenvolvido por Theóphilo Borges de Barros e a



Figura 243- Localização.



189 Conforme publicação em Boletim Geral nº 15, de 19 de janeiro de 1927.

190 História do Comando Militar do Sul 1953-2018 e Antecedentes, 2018.

construção ficou sob a responsabilidade do engenheiro Carlos Sylla, sendo iniciada em 1927 e concluída em 13 de maio de 1929.¹⁹¹

“Aprovado pelo Governo do Estado o projecto dessa importante obra, foi elaborado o respectivo orçamento para a construção, de momento, de pouco mais da metade, ficando a parte restante para melhor oportunidade. [...] Aberta concorrência pública, em 20 de Janeiro de 1927, a ella se apresentaram vários proponentes, sendo julgada mais vantajosa a proposta do engenheiro Carlos Sylla, com quem esta Directoria firmou o respectivo contracto.”¹⁹²

O edifício do Quartel do Comando Geral da Brigada Militar está implantado no terreno limitado pela rua dos Andradas, rua General Canabarro e pela rua Sete de Setembro. Caracteriza-se por apresentar três pavimentos (embasamento mais dois pavimentos), pátio interno e terraços no pavimento superior.

“O edifício, que obedece o estylo dórico, foi projectado pelo Engenheiro, chefe de secção desta Directoria, Theophilo Borges de Barros. Comprehende uma área coberta de 700 metros quadrados e compõe-se de 3 pavimentos que são:

Subsólo com 4m30 de pé direito;

1 pavimento com 5 metros;

*2 pavimento com 4 metros;”*¹⁹³

Em virtude da umidade do solo, ganho ao rio por meio de aterro, houve necessidade de fazer as fundações com um extenso radier de concreto armado e alicerces de concreto numa profundidade que variou entre 4 e 6 metros. Após a conclusão das obras de fundação, foram construídas as alvenarias de tijolo. No decorrer

191 Informação obtida em banner exposto no Museu da Brigada Militar, disponível em <<https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/historia>>.

192 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 60.

193 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 60.



Figura 244- Antigo Quartel do Comando Geral.



Figura 245- Rua dos Andradas e Quartel General na década de 1920.

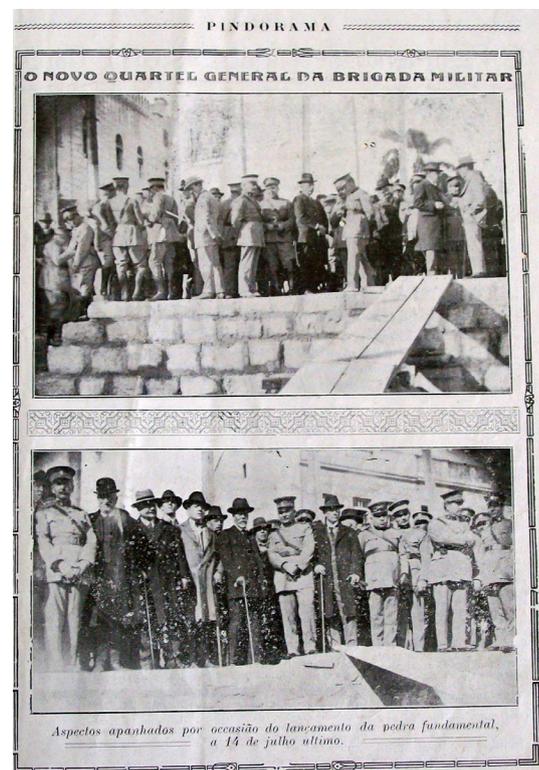


Figura 246- Lançamento da pedra fundamental do Quartel do Comando-Geral da Brigada Militar.



Figura 248- Fotografia do Novo Quartel do Comando-Geral da Brigada Militar em 1930.



Figura 249- Perspectiva Quartel do Comando-Geral da Brigada Militar.

das obras foram feitas algumas alterações, sendo elas:

“No decorrer das obras foram substituídos por pisos de cimento armado os projectados de madeira e houve também necessidade de se preparar a construção para receber, futuramente, mais um andar. Dahi o se haver augmentado a espessura das paredes, resultando um accrescimo de volume de cerca de 1000 metros cubicos de alvenaria de tijolo. O augmento é também devido aos pisos de cimento armado que, pelo seu peso e devida acomodação, exigem mais base.”¹⁹⁴

No último pavimento do edifício, destacam-se os volumes com aspecto de torreão no centro da fachada da rua dos Andradas e da rua General Canabarro:

“Este pavimento tem o feitio de torreão, erguido ao centro da cada uma das fachadas. E’ elle destinado á moradia do commandante e a aulas. A moradia do commandante é ampla e tem todas acomodações de uma casa moderna.”¹⁹⁵

No início de 1929 as obras estavam praticamente prontas:

“Esta contrucção está hoje prompa, isto é, uma parte, faltando a dos fundos, cuja conclusão é urgente, não só porque o exigem os multiplos serviços da administração central da Brigada Militar, como também porque o conjunto de obras assim o requer, afim de não ficar defeituoso.”¹⁹⁶

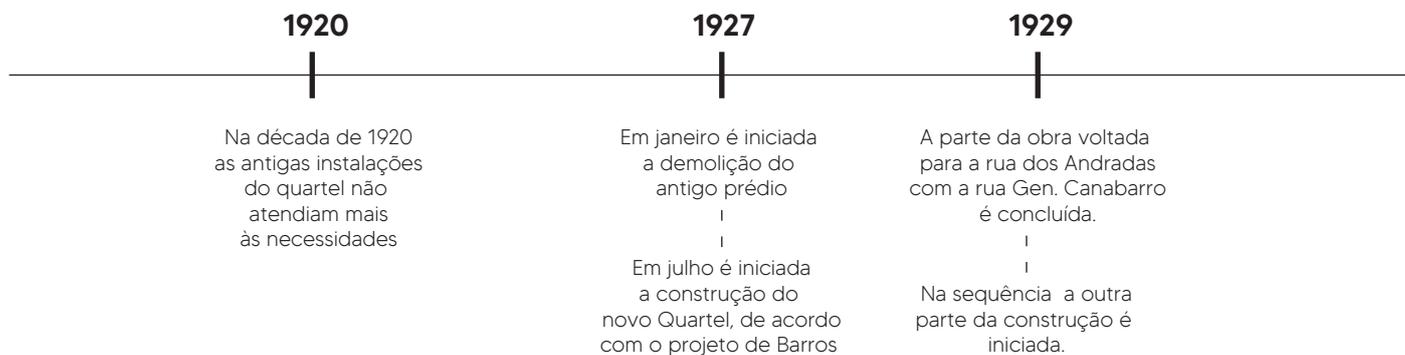


Figura 247- Linha do tempo: histórico do Quartel General da Brigada Militar.

194 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 60.

195 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1928, p. 60.

196 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1929, p. 14.

Em 13 de maio de 1929, aproximadamente 2/3 partes estava concluída, exceto a parte correspondente para a rua Sete de Setembro e o trecho da parte da rua General Canabarro. A obra da parte faltante foi iniciada na sequência, sem interrupção.¹⁹⁷

"No momento em que escrevo estas linhas já se encontra concluído o edifício do novo Quartel da Brigada Militar, - construção iniciada sob os auspícios do Governo transacto.

E' um edificio que faz honra a esta Capital, - mercê de sua apurada esthetica, de sua feição architectonica perfeitamente dentro dos moldes apropriadosa edificios de natureza militar.

Domina-o a ordem dorica, em estylo neo-classico, que lhe imprime feição caracteristicamente marcial.

Possue andar térreo e subsolo e primeiro andar, encimado este por torreões amplos onde, em um deles, o que deita para a rua dos Andradas, está confortavelmente instalada a residência do Commandante."¹⁹⁸



Figura 250- Implantação.

1927-1929 - Construção da parte voltada para a rua dos Andradas esquina com a rua Gen. Canabarro

1929 - Continuação da construção com a parte voltada para a rua Sete de Setembro

Obra completa de acordo com o projeto de Barros

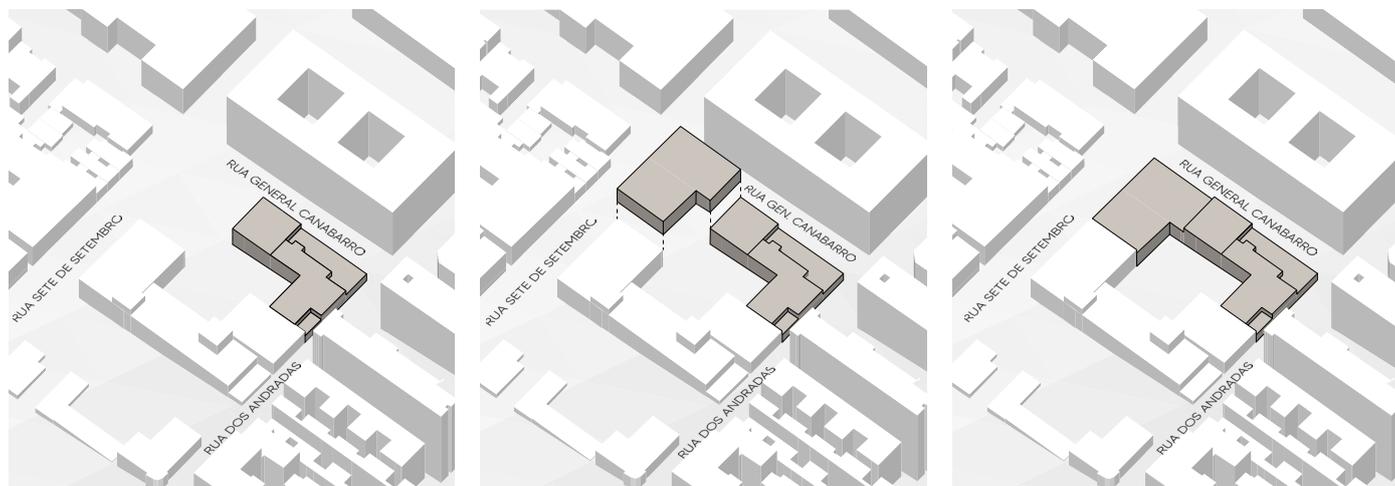


Figura 251- Diagrama com as fases da construção.

197 Diário de Pernambuco, 13 de junho de 1929, p. 5, edição 00135.

198 Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1929, p. 57.



Figura 252- Escada do acesso principal, fotografia da época.



Figura 253- Escada do acesso principal, fotografia atual (2022).

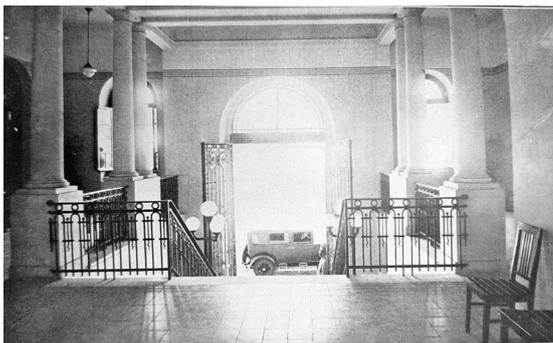


Figura 254- Vista interna do acesso.

A primeira parte foi construída para servir ao Comando Geral da Brigada Militar. A parte construída na sequência, correspondente ao trecho da rua Sete de Setembro, foi projetada para acomodar a Chefia de Polícia do Estado, com todas as delegacias da capital, gabinete médico legal e os demais departamentos da repartição.

Requerimentos funcionais (programa e atividades)

Os torreões eram destinados à moradia do Comandante da Brigada, Assistente do Pessoal e ao Curso de Preparação Militar. No andar térreo localizavam-se os alojamentos, material de limpeza, pessoal de serviço, armamento, equipamento, fardamento, além de salas para oficinas. No primeiro andar encontrava-se o expediente, arquivo, auditoria, assistência do pessoal, inspeções, salão de honra, sala dos conselhos, gabinete do secretário, gabinete do presidente do conselho e do auditor, gabinete dos chefes, sala de armas e biblioteca.¹⁹⁹

Atributos formais (volumetria, arranjo de plantas, espaços internos e composição de fachadas)

Visto da rua, notam-se os torreões da fachada que demarcam os acessos: o acesso principal, pela rua dos Andradas, que conduz a uma escadaria; e o acesso de caráter secundário pela rua General Canabarro, que adentra ao pátio interno.

O acesso principal encaminha ao primeiro ambiente, que é um hall de entrada de pé-direito duplo com uma escadaria que conduz ao pavimento superior. A escada caracteriza-se pela presença de degraus revestidos com mármore, guarda-corpo de ferro e

199 Revista Pindorama, n. 10, janeiro de 1927.

duas luminárias nas extremidades do primeiro degrau. Na Figura 252 e Figura 253 observa-se uma fotografia da época e uma atual. Consta-se que a escada ainda apresenta seus elementos originais, como guarda-corpo e luminárias. No entanto, o mármore da base do degrau parece ter sido substituído por outra pedra.

Esse primeiro ambiente, o hall de entrada, revela a importância conferida pelo arquiteto ao hall de entrada do palácio. Embora o hall não seja amplo, ele tem uma espacialidade singular. O acesso térreo possui um recinto quadrado quase totalmente ocupado pela escadaria. Guardadas as devidas proporções, essa estratégia lembra o recinto da escadaria da Biblioteca Laurenziana (Ricetto) de Michelangelo. No entanto, ao contrário do possível precedente, o espaço do hall de Barros se abre ao nível superior. Nota-se que surgem seis colunas clássicas de ordem dórica, apoiadas nos muros do recesso da escadaria. Essas colunas estão arranjadas em quatro pontos, pois as anteriores são duplas e as posteriores simples. Isso gera um arranjo que lembra a sala tetrástila ou de quatro colunas, de origem vitruviana e retomada por Palladio. Barros já havia usado este tipo de espaço no hall da Secretaria da Fazenda.

Uma vez alcançado o piso principal do palácio, o hall ampliado sugere a continuidade da circulação axial ascendente, por meio de nova escadaria, agora metálica e com três lances que acompanham as paredes de um recesso posterior. A escada tem, ao fundo, um vitral artístico que ilumina o espaço e confere acentuação espacial ao percurso. O emprego cuidadoso dos elementos clássicos, como as colunas, associado ao uso de guarda-corpos de ferro trabalhado e aos revestimentos em mármore, conferem caráter apropriado a este espaço de entrada.



Figura 255- Nível superior do hall de entrada.



Figura 256- Hall de entrada.



Figura 257- Escadaria da Biblioteca Laurenziana.



Figura 258- Salão nobre.

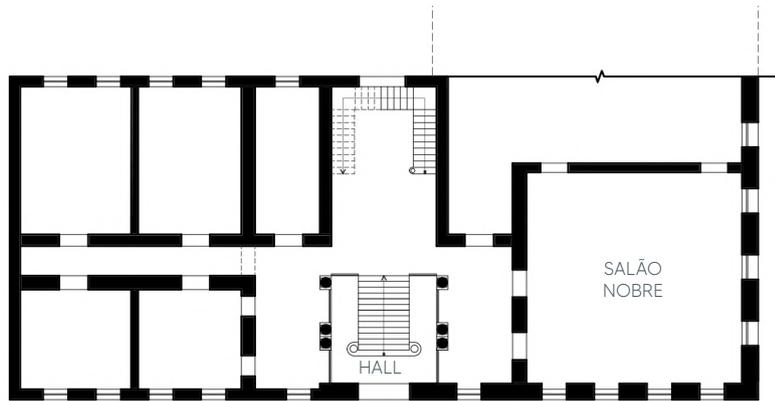


Figura 259- Redesenho do trecho da planta do 1º pavimento.²⁰⁰

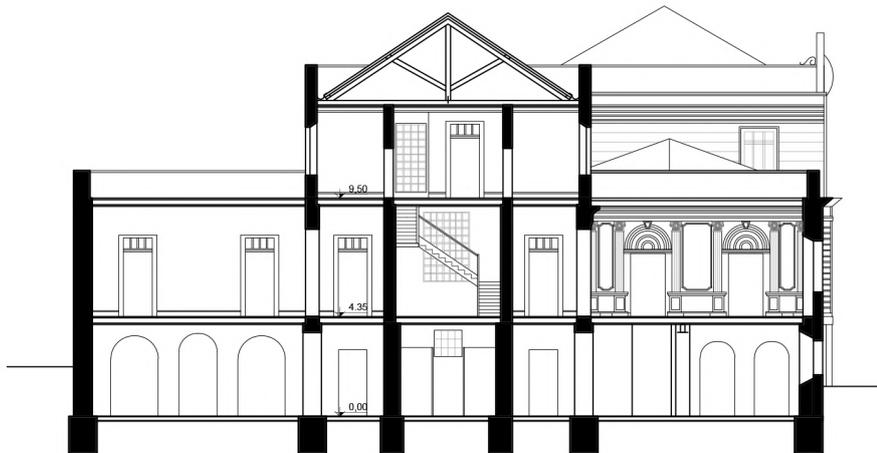


Figura 260- Redesenho do corte transversal.

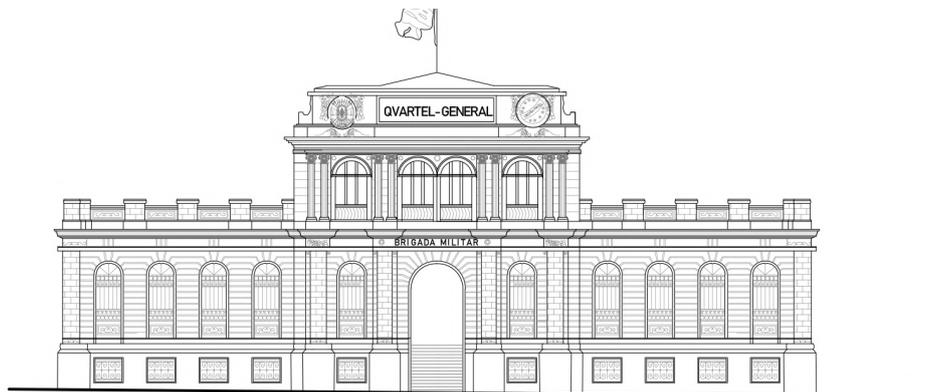


Figura 261- Redesenho da fachada nobre, voltada para a rua dos Andradas.

0 1 5 15 20



200 Redesenho realizado pela autora através de uma planta obtida no arquivo da Secretaria de Obras Públicas do Estado (SOP). A planta estava em baixa resolução e tratava-se de um estudo de reforma, ou seja, não se trata de um documento do projeto original. Devido a isso, o desenho foi ajustado conforme as dimensões do corte e com o auxílio das imagens atuais. O Quartel da Brigada Militar não forneceu as plantas da obra, apenas o material histórico disponibilizado pelo Museu da Brigada Militar.

No primeiro pavimento, o hall de entrada dá acesso a um salão nobre utilizado para eventos importantes do quartel-palácio. Esta sala localiza-se na esquina da rua dos Andradas com a rua General Canabarro. Trata-se de um salão nobre com tratamento especial, piso em parquet, aberturas em arco pleno, e paredes com as figuras esculpidas dos governadores do estado. O teto é dividido em 12 caixotões ornamentados com mísulas nos encontros com a parede. O mobiliário da sala é composto por mesa, cadeiras e poltronas em estilo Luís XV com estofado de veludo na cor vermelha e verde. Por sua decoração, esse espaço é o lugar de grandes eventos e recepções da instituição. A sala tem planta quadrada e Barros foi cuidadoso em decorá-la com elementos clássicos como festões, mísulas e caixotões. Na sala há um quadro com a imagem do coronel Affonso Emílio Massot.

“O coronel Affonso Emílio Massot foi instituído patrono da Brigada Militar em virtude de ter sido o comandante-geral que dedicou a maior parte de sua existência ao serviço do Estado e da Corporação.”²⁰¹

Os outros ambientes da edificação caracterizam-se por soluções mais simplificadas, com praticamente nenhuma ornamentação. No corredor interno, Figura 264, identifica-se o piso original em mármore e as aberturas em madeira. O forro constitui uma alteração posterior, assim como as instalações de incêndio. No terraço da cobertura identifica-se o uso de um piso que não é original da construção. Além disso, foram colocadas condensadoras de ar condicionado nas fachadas, comprometendo a integridade da obra.

O trecho da fachada correspondente ao acesso principal apresenta portal monumental em arco pleno,



Figura 262- Salão nobre.



Figura 263- Teto do salão nobre.

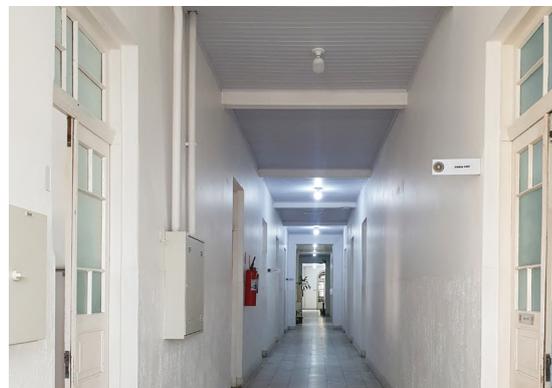


Figura 264- Corredor interno.



Figura 265- Terraço da cobertura.

201 Disponível em: < <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/historia> >



Figura 266- Fachada rua dos Andradas.



Figura 267- Fachada rua General Canabarro.

pilastras que se apoiam no embasamento do edifício e janelas em arco pleno. Neste nível, observa-se a textura rusticada nas paredes, em continuidade às alas laterais. De forma inesperada, as pilastras do primeiro nível não tem base nem capitel, sendo apenas ressaltos verticais. Isso contrasta com as pilastras duplas do nível acima, cujo ressalto é acompanhado pelo entablamento e pelo ático. O entablamento, situado acima da porta de acesso, possui o nome “Brigada Militar” em alto relevo. Acima do entablamento, há duas janelas centrais em arco pleno e uma pequena sacada com guarda-corpo composto por balaústres. Há mais duas janelas laterais em arco pleno, com parapeito de balaústres, intercaladas por pares de pilastras de ordem compósita. O coroamento do acesso é dado por entablamento com o nome Quartel General e com dois brasões – das armas nacionais e das armas do Rio Grande do Sul – e é finalizado com cornija composta por dentículos. O arranjo geral se assemelha a um arco triunfal clássico, com a adição de um nível intermediário entre a parte da abertura principal em arco e a parte superior (ático). Solução praticamente igual foi reproduzida no acesso pela rua General Canabarro. No entanto, neste acesso não há um portal de entrada, mas apenas uma abertura no nível do embasamento do edifício. Outra diferença está na presença de duas aberturas em arco pleno nas laterais dos dois níveis superiores do pavilhão, pois na entrada principal há somente uma abertura nas laterais. O tratamento formal do volume é dotado de soluções que conferem rigor e unidade ao edifício. O embasamento foi executado com reboco liso, com aberturas regulares dotadas de moldura dividindo visualmente os pavimentos. O primeiro pavimento apresenta rusticação mais pesada, seguindo a curvatura do arco pleno das aberturas, e janelas com

peitoril composto por molduras. No último pavimento a rusticação é mais leve e o ático ornamentado exerce a função de parapeito dos terraços. As esquinas caracterizam-se pelos vértices curvos em ressalto. Em todo o arranjo são identificados elementos que representam a linguagem clássica da arquitetura, inclusive nos pormenores da fachada, como nos balaústres do guarda-corpo, no capitel das pilastras, e no entablamento superior com a presença de gotas, conforme Figura 268.

Diferentemente da solução das duas fachadas principais, a fachada da rua Sete de Setembro não apresenta um pavilhão em destaque. No entanto, também observa-se a marcação do eixo central, por meio do tratamento das aberturas e da tridimensionalidade do coroamento. Tal como nas outras fachadas, as aberturas da base possuem verga reta e, no primeiro pavimento, possuem arco pleno com rusticação. No plano central da fachada estão dispostas janelas mais estreitas e quatro pilastras sem capitel. O plano à esquerda possui quatro linhas de aberturas, enquanto o plano à direita possui cinco linhas de aberturas, o que compromete a proporção entre as partes. No alinhamento da divisa a finalização é com um cunhal em ressalto.



Figura 268- Detalhes do trecho da fachada aproximada.



Figura 269- Fachada rua Sete de Setembro.



Figura 270- Vista através do pátio interno.



Figura 271- Vista interna do vitral e da escada.



Figura 272- Quartel-general da Brigada Militar.

As fachadas voltadas para o pátio interno diferem das fachadas principais pela absoluta falta de coordenação e ornamentação. O único elemento de destaque é uma janela de vitral com o desenho de um cavalo e um cavaleiro. Contudo, a visualização interna do vitral é prejudicada pelo posicionamento da escada, que rompe com a leitura visual da imagem. Locais militares geralmente possuem grande preocupação com a segurança. Por esse e outros fatores a edificação é mais voltada para o pátio interno e a conexão externa acontece pelos acessos principais, com fachadas alinhadas com o passeio público.

Barros trabalhou com formas que conferiram sobriedade à edificação e hierarquizou os dois acessos com o uso de pavilhões destacados das alas do edifício. Nestes pavilhões, estão presentes motivos e ornamentos que dão identidade ao edifício.

O quartel-general da Brigada Militar é mais um exemplar de edifício público tratado por Barros como um verdadeiro palácio. O uso da linguagem e composição clássicas no edifício segue aquilo que ele já tinha empregado em seus outros projetos. Nota-se alguma simplificação no emprego dos recursos do classicismo, mas isso provavelmente se deve ao orçamento mais limitado da obra. Os exteriores já não apresentam os mesmos recursos ornamentais encontrados na Secretaria da Fazenda, na Escola Complementar e na sede do jornal A Federação. No interior do prédio, o hall de entrada e o salão de recepções são os únicos espaços com tratamento palaciano. Apesar disso, o edifício demonstra a habilidade de Barros com o manejo da linguagem e da composição clássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A catalogação analítica da produção do arquiteto Theóphilo Borges de Barros revela a importância do seu legado para a arquitetura gaúcha e fornece uma perspectiva da sua produção como um todo. Esta perspectiva permite selecionar alguns temas importantes verificados em sua produção arquitetônica.

Monumentalização clássica urbana

Theóphilo Borges de Barros atuou como arquiteto-chefe das Obras Públicas do estado. Nesse papel, foi responsável por edifícios estatais importantes executados na capital gaúcha. Sua atuação coincide justamente com os anos finais dos governos estaduais do Partido Republicano Riograndense (PRR), de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Barros levou adiante a tarefa de “representar” o estado positivista, e o fez usando a tradição clássica como referência. Comissões expressivas desse gênero já haviam sido concretizadas ou projetadas, como os palácios estadual (Piratini) e municipal (Paço Montauray), a Biblioteca Pública e o Arquivo Público. Coube a Barros ter o grande edifício da atual Secretaria da Fazenda como sua grande encomenda. Esta obra ocupa um quarteirão na área monumental da Praça da Alfândega, junto ao pórtico do porto e a outros monumentos como a Delegacia Fiscal (hoje MARGS) e os Correios e Telégrafos (hoje Memorial do RS). Infelizmente, ao contrário de seus dois palácios vizinhos, a Secretaria da Fazenda sofreu modificações que lhe tiraram o brilho original. Mesmo assim, o grande edifício é um testemunho das virtudes do autor do projeto, ao serem reconstituídos os traços originais de sua composição.

Os projetos da sede do jornal “A Federação”, da Escola Complementar e do Quartel General da Brigada Militar

também contribuem, em menor medida, para constituir uma paisagem monumental clássica no centro da cidade de Porto Alegre. O mesmo ocorre em Pelotas com o Grande Hotel na praça Pedro Osório.

O uso do classicismo

Uma característica em comum identificada em todos os projetos do engenheiro arquiteto, é o uso da linguagem clássica da arquitetura. Desde a sua fase inicial, a carreira de Barros foi marcada por um ecletismo fortemente relacionado com a arquitetura clássica da antiguidade, por meio da presença dos princípios de composição clássica (proporção, simetria e harmonia) e pela manipulação dos elementos como colunas, pilastras, entablamentos, frontões e demais ornamentos clássicos.

Neste período inicial, destaca-se o primeiro projeto conhecido do arquiteto, a Escola de Belas Artes, uma obra de expressão arquitetônica clássica e de proporção monumental. Essa obra é notável por sua conexão com os princípios de composição da École des Beaux Arts de Paris, demonstrada em sua disposição simétrica bilateral, em seu arranjo hierárquico de alas ligadas à pavilhões de terminação e central, e em sua disposição axial. Em termos de linguagem, colunas e pilastras colossais demarcam os pavilhões e as alas de ligação de todo o projeto. Esse projeto de Barros mostra que a formação arquitetônica na Escola de Engenharia, em Porto Alegre, tinha evidentes ligações com a tradição acadêmica francesa.

O projeto de conclusão de curso foi seguido pela participação de Barros como coautor na conclusão do projeto da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande

do Sul, sem a presença do autor do projeto original, Affonso Hebert. Na definição das decorações internas, Barros revela seu lado eclético, ao manipular diferentes estilos. Nos exteriores de seus edifícios, porém, ele jamais abdicou da linguagem clássica.

A obra do Colégio Complementar mostra uma grande desenvoltura no uso dos elementos clássicos. Barros usa a pilastra colossal coríntia como ritmo básico para dividir verticalmente a fachada. A inclinação da rua é resolvida pela adoção de uma base rusticada, que se torna a plataforma sobre a qual um prisma regular definido por um ritmo clássico é assentado. As quatro fachadas são sutilmente distintas, embora seu arranjo geral unitário fique claramente demonstrado. Barros emprega semicolunas, pilastras, entablamentos, frontões, rusticação e demais elementos do classicismo, numa combinação que evita a saturação eclética mais comum, como vista na fachada principal do Paço Municipal de Porto Alegre, obra de Giovanni Colfosco (1898-1901). Em outras obras, a superposição de ordens é utilizada em trechos de fachada mais curtos, como ocorre no jornal “A Federação”, onde a situação de esquina e a pouca largura do terreno limitam o campo visual. No caso dos edifícios gêmeos da Secretaria da Fazenda, onde trabalha com extensas fachadas, Barros novamente recorre à ordem colossal. Lamentavelmente, as alterações promovidas no edifício prejudicaram muito a percepção de suas virtudes.

Barros foi um dos últimos arquitetos classicistas do estado. Na década de 1930, ele deixou de assumir novos projetos, embora seguisse atuando na Secretaria de Obras Públicas. Como inexitem registros de novas obras suas após 1930, entendemos que ele encerrou sua carreira sem abdicar do estilo clássico. No ambiente

local, houve grandes mudanças em favor das novas tendências que se consolidaram com a Exposição Farrroupilha de 1935. Portanto, Barros foi um dos últimos expoentes da arquitetura de tradição clássica no Rio Grande do Sul.

O classicismo de Barros comparado a seu antecessor Hebert

O antecessor de Barros na Secretaria de Obras Públicas foi o arquiteto Affonso Hebert. Segundo Diefenbach (2008), Hebert foi pioneiro na introdução do ecletismo classicista em Porto Alegre. Ao comparar as obras dos dois arquitetos, constata-se que Barros seguiu um classicismo mais rigoroso do que o seu antecessor. Os dois profissionais foram responsáveis por projetar uma escola: Hebert projetou a Escola Elementar da Praça General Osório (1913) e Barros projetou a Escola Complementar (1919), ambas localizadas em Porto Alegre. A volumetria e o arranjo de planta dos dois edifícios são semelhantes, apresentando um partido arquitetônico em forma de “U”, com um pátio e um pórtico de entrada. Já em termos compositivos da

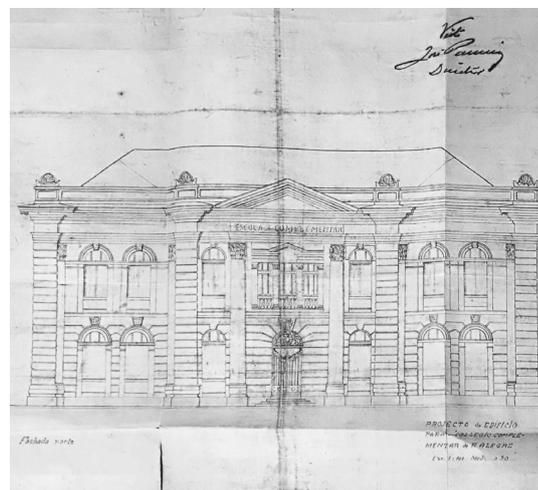


Figura 273- Fachada Escola Complementar, projeto de Barros.

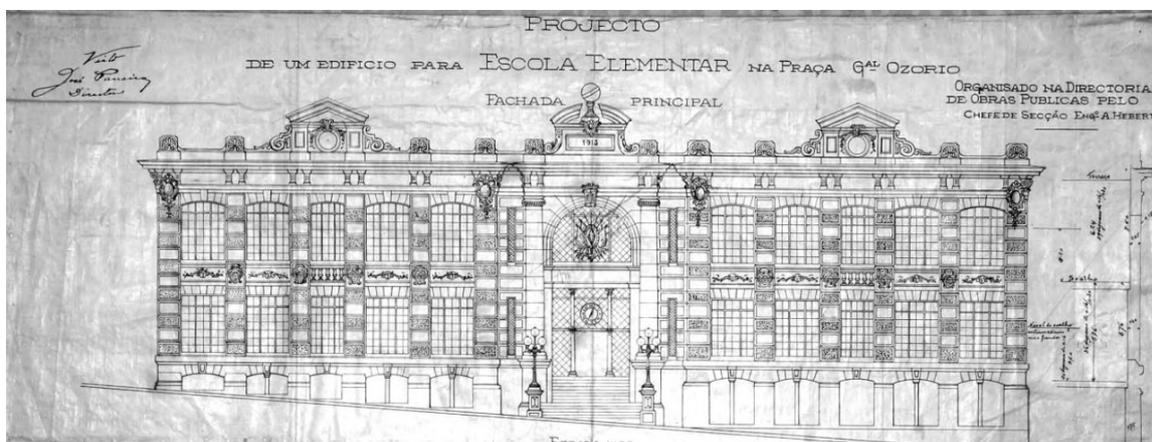


Figura 274- Fachada Escola Elementar, projeto de Hebert.

fachada, as soluções se diferenciam. O projeto de Hebert para a Escola Elementar caracteriza-se por apresentar em sua generalidade um ecletismo mais exótico com elementos e ornamentos diversificados, contrastando com a referência clássica presente nas colunas de entrada. Por sua vez, o projeto de Barros para a Escola Complementar destaca-se pelo rigor clássico da ordem coríntia em todas as fachadas.

Também podem ser comparados o projeto de autoria de Hebert para a Secretaria da Fazenda (1912), o qual não foi construído, com o projeto construído por Barros para a Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas (1920). Ambos estavam previstos para o mesmo terreno. Hebert propõe um partido de volume único com dois pavimentos, um pátio central e ressaltos nas extremidades das fachadas e nos acessos. Nas soluções compositivas das fachadas destaca-se o acabamento rusticado, pilastras com capitéis de ordem clássica e um pórtico de entrada com a altura da base e com as duas únicas colunas do edifício. Hebert adota coberturas com telhados altos, em referência à arquitetura francesa. Isso mostra sua preferência pela variedade do ecletismo. Diferentemente da solução proposta por Hebert, Barros propõe dois edifícios gêmeos com dois pavimentos separados por uma rua interna. No tratamento formal das fachadas, nota-se a preocupação de Barros em expressar a monumentalidade da obra segundo a linguagem clássica e hierarquizando os acessos. Para isso, manipula os elementos clássicos, conferindo tridimensionalidade e monumentalidade à obra. Os pórticos de entrada são de proporção monumental com colunas colossais.



Figura 275- Fachada Secretaria da Fazenda, projeto de Hebert.



Figura 276- Fachada Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas, projeto de Barros.

Contraponto entre interior e exterior

Sobre a obra de Barros também é possível identificar o contraponto entre interior e exterior. Os exteriores de seus edifícios expressam monumentalidade, com composição simétrica, afirmação de um eixo central e modulação na organização dos planos. A ornamentação emprega as ordens clássicas com seus elementos constituintes, como colunas, pilastras, entablamentos, frontões e balaustradas. Já com respeito aos interiores, nota-se que a ornamentação clássica se concentra em alguns espaços de recepção, estando ausente na maior parte dos demais compartimentos. A exceção são os espaços internos da Biblioteca Pública, que conta com diversos estilos de decoração historicista.

Na Escola Complementar, o vestíbulo de entrada e o auditório são os únicos ambientes internos com a presença do ornamento clássico. No caso do vestíbulo, a decoração se deve ao fato de que este ambiente faz a ligação entre ambiente externo e interno, sendo o primeiro ambiente que recebe o visitante. Solução semelhante pode ser identificada no edifício da Secretaria da Fazenda, cujo hall apresenta a ideia da sala tetrastila de Vitruvius e Palladio. Contudo, no edifício da Secretaria de Obras Públicas, voltado para a rua Siqueira Campos, o hall já não tem maior expressão, destoando da monumentalidade do pórtico com seis colunas coríntias que o antecede. Os demais espaços internos dos edifícios gêmeos das duas secretarias, são desprovidos de maior destaque ornamental quanto à linguagem clássica. O despojamento ornamental das salas de aula da Escola Complementar é compreensível, mas a falta dele nos palácios das duas secretarias de estado revela uma mudança no tratamento de interiores que pode refletir as novas tendências estéticas da

época. No edifício sede do jornal “A Federação”, o tratamento exterior rigorosamente clássico contrasta com o interior de grandes salões despojados para abrigar a administração, a redação e o maquinário do jornal. No Grande Hotel, a proposta inicial para o hall de entrada com dois níveis de colunas superpostas representa o típico classicismo rigoroso do autor. Todavia, o hall não foi edificado conforme o projeto. No Quartel do Comando Geral da Brigada Militar, há um hall de entrada com o uso dos elementos clássicos e um salão nobre que recebeu um tratamento especial, mas os outros ambientes caracterizam-se por soluções bem mais simplificadas, com praticamente nenhuma ornamentação.

O último suspiro do classicismo em Porto Alegre

A arquitetura clássica em Porto Alegre teve suas primeiras manifestações mais evidentes com a obra do arquiteto alemão Phillip Von Normann, responsável pelo conjunto do Teatro São Pedro (1849-55) e da Casa de Câmara (1856-1871) e de outras obras em estilo Neoclássico, como o Liceu Dom Afonso (iniciado em 1852). A partir desse momento, o estilo clássico passou a predominar na cidade. Esse panorama não mudou com o advento do ecletismo, que trouxe como novidade o neogótico, usado na arquitetura eclesiástica. O neobarroco, outro estilo novo trazido pelos arquitetos alemães, era uma vertente clássica, pois empregava as ordens em fachadas e interiores. Entre 1900 e 1930, o ecletismo classicista predominava entre os projetos de obras oficiais, compreendendo o período de atuação profissional de Barros com a construção de suas obras monumentais. Esse período de predomínio eclético-clássico pode ter seu início demarcado pela construção do novo Paço Municipal

(Colfosco, 1898-1901) e encontrar sua conclusão com as obras de Barros entre 1919 e o início da década de 1930. Portanto, Barros é o responsável pelo último período de predominância da arquitetura clássica na cidade. Após seu período de atuação, pouquíssimas obras de maior porte registram o uso dessa linguagem.

As construções clássicas posteriores a 1930 são uma manifestação tardia do estilo. Dentre os raros exemplos de edifícios monumentais estão a Unidade Central do Colégio Metodista IPA (Instituto Porto Alegre), projetado em 1947 pelo engenheiro Oliveira Ramos, e a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, projetada em 1954 pelo arquiteto Victorino Zani²⁰². Os edifícios assemelham-se no uso do pórtico de templo clássico em sua fachada principal. O prédio do IPA apresenta um pavilhão central com pórtico tetrastilo jônico, apoiado em um pódio alto com escadaria e terminado com um frontão. Na Igreja de N. S. Auxiliadora, o pórtico é aplicado ao plano mural da fachada, com seis colunas colossais de ordem coríntia. Um grande frontão com entablamento faz a terminação da fachada. Estas obras podem ser consideradas a última “descendência” da linhagem clássica, cujo último integrante pleno foi Barros.

Como não foram encontrados registros de projetos novos de Barros após 1930, permanece um certo mistério sobre o encerramento precoce de sua carreira como arquiteto projetista. Ele nasceu em 1881 e faleceu em 1953, aos 72 anos de idade. Formou-se em 1914, com 33 anos, e iniciou sua carreira de arquiteto em 1919, com o projeto da Escola Complementar e a participação na conclusão da Biblioteca Pública. Em 1922, assume a chefia das obras de arquitetura do estado, com a aposentadoria de Affonso Hebert. A partir de 1929, seu



Figura 277- Pórtico da Unidade Central do Colégio Metodista IPA, Porto Alegre.



Figura 278- Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, Porto Alegre.

único envolvimento é com a construção dos edifícios da atual Secretaria da Fazenda, até o ano de 1935, quando tinha 54 anos. Desde as suas duas primeiras obras de 1919 até a última, decorrem apenas 16 anos de carreira. Conforme referido anteriormente, Barros atuou como chefe da diretoria estadual de obras pelo menos até 1940 (pág. 38), mas não há registros de projetos de sua autoria. É possível que a dificuldade em seguir projetando no estilo clássico o tenha desmotivado a atuar como arquiteto e feito com que preferisse ficar apenas com o comando administrativo das obras públicas do estado. Ainda que sua carreira profissional tenha sido relativamente breve, as obras documentadas e analisadas ao longo deste trabalho demonstram a importância de sua contribuição na história da arquitetura de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Cícero. **Palácio da Justiça de Porto Alegre: construção e recuperação da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1952 - 2005**. 2008. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15332>. Acesso em: 16 maio 2023.
- A RUA CALDAS JÚNIOR. 2021. Disponível em: <https://www.musecom.com.br/noticias/184/a-rua-caldas-junior>. Acesso em: 9 mar. 2023.
- BAKOS, Margaret Marchiori. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. **Estudos Avançados**, v. 12, p. 213-226, 1998.
- BEDNARZ, Adriana Maria Laste. **Beco da desordem : rua 3 de novembro e as reformas urbanas na administração José Loureiro da Silva (1937-1943)**. 2011. Monografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36994>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- BICCA, Briane Elisabeth Panitz; INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (org.). **Programa Monumenta: Porto Alegre**. Brasília, Distrito Federal, Brazil: Programa Monumenta / IPHAN, 2011.
- BLANCATO, Vicente S. **As Forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º centenário da independência do Brasil 1822 - 1922**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.
- BRANDÃO, Angela. Vignola em Português: anotações a partir das Regras das Cinco Ordens de 1787. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, v. 19, p. 80-92, 2021.
- CALDAS, Karen Velleda. **Contrapontos entre teoria e prática da conservação/restauração do patrimônio histórico edificado: o caso do Grande Hotel de Pelotas/RS**. 2013. 218 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5375>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- CALOVI PEREIRA, Cláudio. A CASA DO PODER. A arquitetura do Palácio Piratini em Porto Alegre. **Bloco (7): arquiteturas de morar**, p. 42-55, 2011.
- CALOVI PEREIRA, Cláudio; DIEFENBACH, Samantha Sonza; CALOVI, Ricardo. Arquitetura e imagem metropolitana nas praças centrais de Porto Alegre na República Velha. **Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Recife, UFPE, 2008.
- CALOVI PEREIRA, Cláudio; FABRÍCIO, Lídia; ALVAREZ, Cícero. **Um Palácio para a Justiça. As sedes do**

Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

CALOVI PEREIRA, Cláudio. “Theo Wiederspahn, Carlos Barbosa e o pórtico portuário de Porto Alegre”, publicado em Grieneisen, Vera (org.). **Arquiteto Wiederspahn. Olhares contemporâneos sobre sua obra** (catálogo de exposição). Porto Alegre: Editora Unisinos, 2022, pp. 82-91.

CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre.** 1. ed. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

CORONA, Fernando. **50 anos de formas plásticas e seus autores.** In. BECKER, Klaus. (Org.). Enciclopédia Rio-grandense. 3º Volume: O Rio Grande Atual. Canoas: Editora Regional Ltda, 1957, p. 217-270.

COSTA, Miguel Ângelo Silva da; SILVEIRA, Éder. **Relatório da Pesquisa Histórica sobre o prédio da Secretaria da Fazenda/RS.** Porto Alegre, 2005.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **PALACETE ARGENTINA História, Arquitetura, Preservação.** Arquivo do IPHAN, 2018.

DIEFENBACH, Samantha Sonza. **Affonso Hebert : ecletismo republicano no Rio Grande do Sul.** 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14974>. Acesso em: 7 mar. 2023.

DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. **Porto Alegre, 1900-1920: estatuária e ideologia.** Porto Alegre: SMC, 1992.

ELSNER, Jaś “Style.” In: **Critical Terms for Art History.** Chicago: The University of Chicago Press, 2003. Disponível em: <http://proxy.uchicago.edu/login?url=http://search.credoreference.com/content/entry/uchicagoah/style/0> . Acesso em: 28 fev. 2014.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico.** Porto Alegre: UFRGS, 1988.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. **A instrução pública, a educação da mulher e a formação de professores nos jornais partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937).** 2013. 307 f. Tese de Doutorado - PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3999>. Acesso em: 26 abr. 2023.

GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. **Arquitetura bajeense: o delinear da modernidade: 1930-1970.** 2006. - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8623>. Acesso em: 7 mar. 2023.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra; FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Escola de Engenharia / **UFRGS : um século.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996. E-book. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/85937>. Acesso em: 8 mar. 2023.

HEINZ, Flavio M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, p. 263-289, 2009.

JARDIM, Jaci Aquino. **Biblioteca onde circula o espírito do mundo**. Rio de Janeiro: Elape, 2002.

MACIEL, João Moreira. **Projecto de Melhoramentos e Orçamentos apresentados ao Intendente Dr. José Montaury de Aguiar Leitão**. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Livraria do Commercio, 1914.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1940.

SCHÄFFER, Barbara. **Porto Alegre, arquitetura e estilo - 1880 a 1930 -**. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49939>. Acesso em: 2 out. 2023.

SCHAPIRO, Meyer. Style. In: **Anthropology Today : An Encyclopedic Inventory**. Chicago: University of Chicago Press, 1953. p. 287-311.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1752>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O Grande Hotel de Pelotas**. 1991. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

SONTAG, Susan. **On Style**. 1965. Disponível em: <http://www.coldbacon.com/writing/sontag-onstyle.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SUMMERSON, John. **A Linguagem Clássica da Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TOLOTTI FILHO, José Luiz. **Ecletismo e reciclagem: o edifício do MARGS, do memorial do RS, e do Santander Cultural**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/26716>. Acesso em: 14 maio 2023.

VELEDA, Renata Kaupe. **O Jornal Correio do Povo**. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, 2021. Disponível em: <https://www.musecom.com.br/noticias/182/o-jornal-correio-do-povo>. Acesso em: 19 maio 2023.

WEIMER, Günter. **A arquitetura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul 1892/1945**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

WEIMER, Günter. ARQUITETOS ALEMÃES NO SUL DO BRASIL. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 153, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihrgs/article/view/71766>. Acesso em: 7 mar. 2023.

WEIMER, Günter. **A vida cultural e a arquitetura na fase positivista do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

WEIMER, Günter. **O positivismo gaúcho e sua arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1985.

FONTES DE CONSULTA

Instituições:

- Arquivo Histórico Moysés Vellinho, Porto Alegre, RS.
- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Arquivo Municipal de Porto Alegre, RS.
- Arquivo Público do Rio Grande do Sul.
- Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Biblioteca da Faculdade de Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Colégio Paula Soares.
- Programa Monumenta.
- Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.
- Museu da Brigada Militar.
- Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, RS.
- Quartel do Comando Geral da Brigada Militar.
- Secretaria da Fazenda.
- Secretaria de Obras Públicas do RS.

Jornais e Revistas:

- “A Federação”.
- “Correio do Povo”.
- “Gazeta de Notícias (RJ)”
- “Ilustração Pelotense”.
- “Jornal do Brasil”.
- “Jornal Musecom”.
- “Revista Mascara”.
- “Zero Hora”.
- “Revista Pindorama”.

Relatórios:

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA REFERENTE AO ANNO DE 1908. . Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1909.

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE REFERENTE AO ANNO DE 1909. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1910.

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE REFERENTE AO ANNO DE 1910. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1911.

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE REFERENTE AO ANNO DE 1911. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1912.

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA REFERENTE AO ANNO DE 1912. . Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1913.

RELATÓRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA REFERENTE AO ANNO DE 1913. . Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1914.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1913.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1914.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1915.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. . Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1916.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. . Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1917.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. . Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1918.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1919.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1920.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1921.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1922.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1924.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1928.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1929.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1930.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. Porto Alegre: Oficinas Tipográficas A Federação, 1931.

RELATORIOS DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS (RS). 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720500&pesq=%22edif%C3%ADcio%20superior%20tribunal%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=2454>. Acesso em: 16 mar. 2023.

RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS (RS). 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720500&pesq=&pagfis=2506>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Observações:

Alguns jornais estão disponíveis para consulta online através da Hemeroteca Digital Brasileira: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Algumas edições dos Relatórios da Secretaria das Obras Públicas (1914, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922) foram digitalizados pelo Google Books. No entanto, é necessário contatar o Google e solicitar acesso, pois não estão em domínio público.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Porto Alegre, Atillio Trebbi. Fonte: TREBBI, Átilio. Planta da cidade de Porto Alegre. P. Alegre: Casa Editora-Livraria do Commercio. 1906 (fac-símile Nova Roma Livraria e Editora, Porto Alegre, 2007).

Figura 2- Palácio Piratini, década de 1920-30. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo. Coleção Dr. João Pinto Ribeiro Netto. Foto 4601f

Figura 3- Monumento a Júlio de Castilhos, década de 20-30. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo. Fototeca Sioma Breitman.

Figura 4- Praça da matriz por volta de 1920. Fonte: Banco de imagens do Programa Monumenta.

Figura 5- O monumento a Castilhos, na praça da Matriz, vendo-se no fundo, à esquerda, uma torre da velha Sé e, à direita, o novo Palácio do Governo. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 6- Attilio Trebbi: projeto de ampliação e embelezamento da praça Mal. Deodoro e abertura de uma avenida até o cais projetado. Fonte: Relatório S.O.P. 1909.

Figura 7- Projeto da praça da Alfândega junto ao cais. Fonte: Mapoteca DEPRC.

Figura 8- Praça da Alfândega e avenida Sepúlveda, 1922. Fonte: Banco de imagens do Programa Monumenta e IPHAE

Figura 9- Vista dos Correios e Telégrafos e da Delegacia Fiscal, década de 1930. Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breitman.

Figura 10- Vista geral da Praça da Alfândega por volta de 1929. Fonte: IPHAE e Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Figura 11- Mapa Plano Geral de Melhoramentos. Fonte: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Figura 12- Planta da cidade de Porto Alegre, 1916. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 13- Linha do tempo. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 14- Engenheiro Arquiteto Theóphilo

Borges de Barros. Fonte: Revista Mascara, 1920, edição 00016, p. 23.

Figura 15- Alunos do Instituto de Engenharia em excursão, 1910. Fonte: Relatório da Escola de Engenharia referente ao ano de 1910.

Figura 16- Alunos do Instituto de Engenharia em excursão, 1913. Fonte: Relatório da Escola de Engenharia referente ao ano de 1913.

Figura 17- Escola de Belas Artes de Porto Alegre. Fonte: BLANCATO, Vicente S. As Forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1o centenário da independência do Brasil 1822 - 1922. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.

Figura 18- Nomeação como Diretor da Secretaria de Obras Públicas, Jornal do Brasil, 1937. Fonte: Jornal do Brasil, ano 1937, edição 00256.

Figura 19- Capa da Revista Mascara, num. XXIX, 1920. Ilustração do fotógrafo Ildelfonso Robles. Fonte: Revista Mascara, num. XXIX, 1920.

Figura 20- Associado da Academia de Letras Rio Grandense. Fonte: Revista Mascara, 1918, edição 00029, p. 15.

Figura 21- Investidura como Vice-Intendente do município de Porto Alegre, 1924. Fonte: A Federação, 1924, edição 00240, p. 1.

Figura 22- Representantes da Rádio Difusora Porto Alegrense. Fonte: Correio do Povo, Porto Alegre, 28 out. 1934 p. 9.

Figura 23- Endereço do Escritório de Barros. Fonte: Revista Mascara, 1918, edição 00001, p. 1.

Figura 24- Endereço do Escritório de Barros. Fonte: Almanak Laemmert Rio de Janeiro, 1935, edição A00091.

Figura 25- Em 1940 Barros seguia como Diretor da Secretaria de Obras Públicas. Fonte: Diário de Notícias (RJ) , 1940, edição 02588.

Figura 26- Cinco ordens de Giacomo Vignola. Fonte: Giacomo Barozzi da Vignola, Five orders: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=File:Vignolafiveorders.jpg>

Figura 27- Tratado de Vignola. Entablamento e Capitel Coríntio. Fonte: <http://hdl.handle.net/10316.2/2611>

- Figura 28- Escola de Belas Artes de Porto Alegre. Fonte: BLANCATO, Vicente S. As Forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1o centenário da independência do Brasil 1822 - 1922. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.
- Figura 29- Biblioteca Pública do Estado do RS. Fonte: <http://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/historia/>.
- Figura 30- Colégio Complementar. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1922.
- Figura 31- Imagem da maquete do Pantheon do Rio Grande do Sul - vista frontal. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.
- Figura 32- Imagem da maquete do Pantheon do Rio Grande do Sul - vista lateral. Fonte: Revista Mascara, 1920, edição 00016, p. 24.
- Figura 33- Pantheon de Paris. Fonte: <https://www.britannica.com/topic/Pantheon-building-Paris-France#/media/1/441569/116972>.
- Figura 34- Projeto para o Teatro de Bagé. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.
- Figura 35- Fachada principal da Administração do Porto, autoria de Theóphilo Borges de Barros. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1927.
- Figura 36- A Federação. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.
- Figura 37- Grande Hotel Pelotas. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas./ Organizado por Luis Rubira (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte) v. 2: Arte e Cultura. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade - Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS Gráfica e Editora Pallotti, 2014, p. 576.
- Figura 38- Fachada principal da moradia em Pelotas. Fonte: Acervo NEAB.
- Figura 39- Fotografia atual do Hostel Vila Santa Eulália. Fonte: <https://vila-santa-eulalia-hostel.negocio.site/>
- Figura 40- Perspectiva do Matadouro Modelo para Pelotas. Fonte: SCHLEE, Andrey Rosenthal. O Grande Hotel de Pelotas. 1991. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, 1991.
- Figura 41- Fachada principal do Albergue noturno Padre Agnello. Fonte: Arquivo Municipal - Secretaria de Administração e Patrimônio.
- Figura 42- Albergue noturno Padre Agnello. Planta do pavimento térreo e pavimento superior. Fonte: Arquivo Municipal - Secretaria de Administração e Patrimônio.
- Figura 43- Antiga sede da Federação Espírita do RS na Av. André da Rocha, 49 - Porto Alegre. Fonte: <https://www.fergs.org.br/historico-gestoes-federativas>.
- Figura 44- Quartel do Comando Geral da Brigada Militar. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.
- Figura 45- Teatro São Pedro, à esquerda, e ao lado o Superior Tribunal de Justiça antes da ampliação, década de 1920. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.
- Figura 46- Superior Tribunal, entre 1927 e 1935. Fonte: Álbum Recordações de Porto Alegre. Lembrança da Exposição Farroupilha.
- Figura 47- Mapa topográfico de Porto Alegre, 1939-1941. Fonte: Secretaria Municipal de Obras e Viação - SMOV.
- Figura 48- Palacete Argentina, início do séc. XXI. Fonte: Foto Eneida Serrano, Arquivo IPHAN.
- Figura 49- Planta baixa e planta do primeiro andar (1901). Fonte: Arquivo IPHAN.
- Figura 50- Projeto de reforma e ampliação em 1928. Fonte: Arquivo IPHAN.
- Figura 51- Biblioteca Pública do estado do RS. Fonte: <http://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/historia/>.
- Figura 52- Localização. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2023.
- Figura 53- 1ª fase - plantas de 7 de janeiro de 1912, por Affonso Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.
- Figura 54- Obra concluída, 1918. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública.
- Figura 55- 1ª fase - projeto para ampliação, 16 de setembro de 1913, por Affonso Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 56- 2ª Fase - Obra Concluída, 1922. Fonte: <http://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/historia/>.

Figura 57- Corte transversal da Biblioteca Pública por Theóphilo Borges de Barros, 22 de novembro de 1920. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 58- Documento encaminhado com justificativa para alteração do projeto devido ao peso da estante e dos livros em 22/11/1920. Fonte: Acervo pessoal de Lira Buzatti, Arquivo Histórico do RS.

Figura 59- Ao fundo o elevador instalado na Biblioteca, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 60- Linha do tempo: histórico da Biblioteca Pública do RS. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 61- Implantação. Fonte: Adaptado de redesenho de ROCCA, Luísa Durán. Levantamento e Diagnóstico da Biblioteca Pública do Estado RS. Porto Alegre. Programa Monumenta, 2006.

Figura 62- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 63- Fachada principal, rua Riachuelo. Fonte: <https://cultura.rs.gov.br/imponente-predio-da-biblioteca-publica-comemora-97-anos>

Figura 64- Planta baixa do pavimento térreo. Fonte: Adaptado de redesenho de ROCCA, Luísa Durán. Levantamento e Diagnóstico da Biblioteca Pública do Estado RS. Porto Alegre. Programa Monumenta, 2006.

Figura 65- Planta do pavimento superior. Fonte: Adaptado de redesenho de ROCCA, Luísa Durán. Levantamento e Diagnóstico da Biblioteca Pública do Estado RS. Porto Alegre. Programa Monumenta, 2006.

Figura 66- Corte AA. Fonte: Adaptado de redesenho de ROCCA, Luísa Durán. Levantamento e Diagnóstico da Biblioteca Pública do Estado RS. Porto Alegre. Programa Monumenta, 2006.

Figura 67- Livro ornamental na porta de entrada. Fonte: VIANA, Bento. Programa Monumenta, 2010.

Figura 68- Vestíbulo de entrada, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 69- Escada do vestíbulo de entrada, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 70- Salão Nobre, 1922. Fonte: <http://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/historia/>

Figura 71- Salão Nobre, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 72- Sala de leitura para senhoras, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 73- Antiga sala de leitura, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 74- Gabinete do Presidente do Estado, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 75- Em restauração: Gabinete do Presidente do Estado, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 76- Sala das estantes, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 77- Sala das estantes, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 78- Sala da Secretária, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 79- Em restauração: antiga Sala da Secretária, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 80- Sala dos professores, salão mourisco, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 81- Salão mourisco, 2022. Fonte: Tainá Manfredini. Maio/2022.

Figura 82- Jardim interno com escultura, 1922. Fonte: Álbum de inauguração da Biblioteca Pública, 1922.

Figura 83- Colégio Paula Soares. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 84- Vista aérea atual do Colégio Paula Soares. Fonte: Tainá Manfredini. Agosto/2022.

Figura 85- Localização do Colégio. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2021.

Figura 86- Edificação construída em 1908 na esquina da Duque de Caxias com a rua General Auto. Fonte: Relatório de Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Sul, 1924, s/p.

Figura 87- Colégio Complementar em construção no início da construção, 1919. Fonte: Revista Mascara, 1919, edição 00003.

Figura 88- Colégio Complementar em construção no período de início da construção, 1919. Fonte: Revista Mascara, 1919, edição 00003.

Figura 89- Colégio Complementar na década de 1920, vista do pátio interno. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1922.

Figura 90- Colégio Complementar na década de 1920, vista da rua General Auto. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1922.

Figura 91- Linha do tempo: histórico do Colégio Complementar. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 92- Colégio Complementar na década de 1920. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 93- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 94- Volume anexo: Pavilhão de ginástica. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 95- Rampa construída posteriormente. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 96- Sala de aula. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 97- Implantação. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros.

Figura 98- Plantas da época da construção. Fonte: Arquivo do Colégio Paula Soares.

Figura 99- Redesenho da planta do porão semienterrado (planta da época da construção). Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros.

Figura 100- Redesenho da planta do pavimento térreo (planta da época da construção). Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do

material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros.

Figura 101- Redesenho da planta do pavimento superior (planta da época da construção). Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio.

Figura 102- Escada interna. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 103- Vestíbulo de entrada, vista para o corredor. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 104- Vestíbulo de entrada, vista para a porta de acesso. Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 105- Auditório/sala de honra. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 106- Vista da rua General Auto. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 107- Trecho da fachada oeste, voltada para a rua General Auto. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 108- Vista do pórtico de entrada. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 109- Perspectiva da fachada norte e oeste. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 110- Fachada norte da época de construção. Fonte: Arquivo do Colégio Paula Soares.

Figura 111- Redesenho da Fachada norte. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros

Figura 112- Redesenho com as proporções do pórtico de entrada. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros

Figura 113- Imagem da fachada norte, vista da edificação da esquina (antiga escola, atual Casa Civil), 1924. Fonte: Relatório da Diretoria de Instrução Pública-RS, 1924.

Figura 114- Fachada sul. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 115- Trecho da fachada sul. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 116- Pavilhão de ginástica. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 117- Redesenho da planta baixa do pavilhão de ginástica. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros

Figura 118- Redesenho da planta da galeria do pavilhão de ginástica. redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros

Figura 119- Redesenho da fachada principal do pavilhão de ginástica. redesenho por Tainá Manfredini a partir do material arquivado no colégio de autoria de Theóphilo Borges de Barros

Figura 120- Trecho do capitel e do entablamento do pórtico de entrada. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Janeiro/2023.

Figura 121- Fachada da rua General Auto composta por elementos clássicos. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2022.

Figura 122- Secretaria da Fazenda. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 123- Vista aérea atual do conjunto. Fonte: adaptado pela autora http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=53

Figura 124- Localização. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2022.

Figura 125- Projeto da praça da Alfândega junto ao cais. Fonte: Mapoteca DEPRC.

Figura 126- Planta baixa Secretaria da Fazenda, Affonso Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 127- Fachada principal Secretaria da Fazenda, Affonso Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 128- Fachada principal Administração do Porto. Autoria Theóphilo Borges de Barros. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1927.

Figura 129- Vista da Av. Mauá, década de 1930. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11016311213/in/photostream/>

Figura 130- Vista da Av. Mauá, década de 1930. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 131- Imagem interna Tesouro do Estado. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 132- Imagem interna Tesouro do Estado. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 133- Edifício da Administração do Porto construído e edifício gêmeo em construção. Fonte: IPHAE e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Figura 134- Secretaria do estado para os negócios das Obras Públicas. Fonte: Arquivo SEFAZ.

Figura 135- Vista da rua Siqueira Campos, 1939. Fonte: BASTOS, Ronaldo Marcos. Porto Alegre – um século em fotografia. CD-ROM.

Figura 136- Enchente do ano de 1941. Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Figura 137- Corte transversal, 1942. Fonte: Arquivo SEFAZ.

Figura 138- Fachada do edifício voltado para a Av. Mauá. Fonte: Arquivo SEFAZ.

Figura 139- Em perspectiva o edifício voltado para a Av. Mauá. Projeto de Barros. Fonte: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Figura 140- Planta da ampliação, edifício da Secretaria de Obras Públicas, 1948. Fonte: Arquivo SOP.

Figura 141- Linha do tempo: histórico Secretaria da Fazenda e Secretaria de Obras Públicas. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 142- Imagem da edificação e do entorno, 1955. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo – Fototeca Sioma Breitman.

Figura 143- Imagem da edificação e do entorno, 1958. Fonte: Museu Joaquim José

Felizardo – Fototeca Sioma Breitman.

Figura 144- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini

Figura 145- Área de tombamento. Fonte: Adaptado do processo de delimitação da área histórico cultural da Alfândega – Portaria 06/87 IPHAE – Processo 10.382/87-19.00

Figura 146- Pórtico voltado para a rua Cassiano do Nascimento. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 147- Implantação. Fonte: Redesenho da autora através de material da SEFAZ.

Figura 148- Sala de quatro colunas desenhada por Palladio, 1570. Fonte: Isaac Ware edição “I Quattro Libri”(1738).

Figura 149- Redesenho planta do porão, Secretaria da Fazenda, 1942. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SEFAZ.

Figura 150- Redesenho planta do 1º andar, Secretaria da Fazenda ,1942. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SEFAZ.

Figura 151- Redesenho planta do 2º andar, Secretaria da Fazenda ,1942. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SEFAZ.

Figura 152- Redesenho planta do 3º andar, Secretaria da Fazenda, 1942. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SEFAZ.

Figura 153- Entrada do edifício pela Av. Mauá. Fonte: Cláudio Calovi. Agosto/2022.

Figura 154- Sala de entrada com quatro colunas. Fonte: Cláudio Calovi. Agosto/2022.

Figura 155- Entrada pela rua Siqueira Campos. Fonte: Tainá Manfredini. Agosto/2022.

Figura 156- Guarda-corpo original. Fonte: Tainá Manfredini. Outubro/2022.

Figura 157- Sala do pavilhão de esquina, Secretaria da Fazenda. Fonte: Cláudio Calovi. Agosto/2022.

Figura 158- Um dos grandes salões em reforma, Secretaria da Fazenda. Fonte: Cláudio Calovi. Agosto/2022.

Figura 159- Redesenho planta do porão, Secretaria de Obras Públicas. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SOP.

Figura 160- Redesenho planta do 1º andar, Secretaria de Obras Públicas. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SOP.

Figura 161- Redesenho planta do 3º andar, Secretaria de Obras Públicas. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SOP.

Figura 162- Fachada voltada para a Av. Mauá. Projeto e desenho de Barros. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1927.

Figura 163- Fachada voltada para a Av. Mauá, Secretaria da Fazenda. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 164- Colunas do pórtico de entrada com capitéis coríntios. Fonte: Tainá Manfredini. Outubro /2022.

Figura 165- Redesenho da fachada principal da Secretaria da Fazenda. Projeto de Barros. Fonte: Adaptado por Tainá Manfredini de arquivo da SEFAZ e de imagens da época.

Figura 166- Redesenho da fachada principal da Secretaria da Fazenda com o acréscimo de um pavimento. Projeto de Barros. Fonte: Adaptado por Tainá Manfredini de arquivo da SEFAZ e de imagens da época.

Figura 167- Redesenho com as proporções do pórtico clássico. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 168- Janela “serliana”. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 169- Redesenho com as proporções do pórtico estendido. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 170- Redesenho da fachada principal da Secretaria de Obras Públicas com o acréscimo de um pavimento. Fonte: Adaptado por Tainá Manfredini de arquivo da SEFAZ e de imagens da época.

Figura 171- Fachada voltada para a rua Siqueira Campos, Secretaria de Obras Públicas. Fonte: Tainá Manfredini. Junho/2021.

Figura 172- Pórtico estendido. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 173- Fachada lateral. Projeto e desenho de Barros. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1927.

Figura 174- Pórtico voltado para a Av.

Sepúlveda. Fonte: Tainá Manfredini. Agosto/2022.

Figura 175- Em perspectiva a fachada voltada para a Av. Mauá e a fachada lateral. Projeto de Barros. Fonte: Arquivo SEFAZ.

Figura 176- Conjunto de edifícios, 2021. Fonte: Tainá Manfredini. Junho/2021.

Figura 177- Museu Hipólito José da Costa. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 178- A Federação, 1922. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 179- Localização. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2022.

Figura 180- A Federação em julho de 1922. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 181- Planta da cidade de Porto Alegre em 1881. Fonte: <https://www.analuzakoehler.com/becodorosario/o-beco-do-fanha/>

Figura 182- Beco do Fanha. Fonte: Fototeca Sioma Breitman, Museu Joaquim José Felizardo.

Figura 183- O Grande Hotel já desativado e o edifício A Federação. Fonte: Agencia RBS.

Figura 184- Imagem do entorno em 1976. Na área em obras, em primeiro plano, hoje está o atual prédio da Caixa Econômica Federal. Na área vazia ao fundo localizava-se o Antigo Grande Hotel. Fonte: Foto de Maurecy Santos. <http://antigaportoalegre.no.comunidades.net/fotos-1961-1980>

Figura 185- O novo edifício da “A Federação”, 1922. Fonte: A Federação, 7 de setembro de 1922, edição 00208, p. 25.

Figura 186- O novo edifício da “A Federação”. Fonte: https://acervocm.caus.gov.br/caminhadadopatrimonio_trienal/edificio-a-federacao/

Figura 187- Edificação ampliada, rua Caldas Júnior. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2021.

Figura 188- Linha do tempo: histórico do Edifício Sede do Jornal A Federação. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 189- Implantação. Fonte: Tainá Manfredini

Figura 190- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini

Figura 191- Redesenho planta do subsolo. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 192- Redesenho planta do pavimento térreo. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 193- Redesenho planta do segundo pavimento. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 194- Redesenho planta do terceiro pavimento. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 195- Vista da fachada principal e lateral. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 196- Escada do vestíbulo de entrada. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 197- Antiga sala da gerência, atual recepção do museu com área para exposição e mezanino. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 198- Vista do subsolo. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 199- Vista do corredor. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 200- Segundo pavimento com atual setor de exposições. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 201- Antigo salão de visitas, atual setor administrativo do Museu. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 202- Uma das salas do último pavimento, hoje é utilizada como sala do setor de acervo. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 203- Atual setor de exposição das máquinas antigas, localizado na edificação construída posteriormente. Fonte: Tainá Manfredini. Setembro/2022.

Figura 204- Perspectiva do edifício. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 205- Corte AA. Fonte: Redesenho através de arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 206- Fachada norte, rua dos Andradas. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 207- Óculo com o nome do edifício. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 208- Redesenho com as proporções do pavimento térreo. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 209- Escultura de autoria do Luis Sanguin. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 210- Fachada norte, rua dos Andradas. Fonte: Arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 211- Fachada leste, rua Caldas Júnior. Fonte: Arquivo disponibilizado pelo IPHAE.

Figura 212- Fachada leste, rua Caldas Júnior. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 213- Nome do arquiteto registrado na fachada. Fonte: Fotografia de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 214- Passeio público com aberturas para iluminar o subsolo. Fonte: Eduardo Aires de Oliveira. Junho/2021.

Figura 215- Grande Hotel Pelotas. Fonte: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/06/19/ufpel-recebe-secretario-especial-da-cultura-em-visita-ao-grande-hotel/>

Figura 216- Vista da praça Coronel Pedro Osório, ao fundo o Grande Hotel. Fonte: <https://climaonline.com.br/pelotas-rs/foto/praca-coronel-pedro-osorio-grande-hotel-pelotas-rs-47-23278>

Figura 217- Localização do Grande Hotel. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2020.

Figura 218- De cima para baixo: projeto da Companhia Constructora de Santos; projeto do eng. Paulo Gertum; projeto da Companhia Constructora em Cimento Armado do Rio de Janeiro. Fonte: Diário Popular, 7 set. 1923.

Figura 219- Projeto vencedor, autoria de Barros. Fonte: Revista da Semana (RJ), 1925, edição 00037, p. 8.

Figura 220- Lançamento da pedra fundamental da construção. Fonte: Ilustração Pelotense, 16 de agosto de 1925, edição 00016, p. 11.

Figura 221- Grande Hotel em construção, 1928. Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 15 de abril de 1928.

Figura 222- Linha do tempo: histórico do Grande Hotel. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 223- Propaganda de inauguração. Fonte: DIÁRIO POPULAR, 13.04.1928, p. 6 e DIÁRIO POPULAR, 17.04.1928, p. 6; respectivamente.

Figura 224- Evento de inauguração. Fonte: SCHLEE, Andrey Rosenthal. O Ecletismo na Arquitetura Pelotense até as décadas de 30 e 40. 1993. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, 1993.

Figura 225- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 226- Perspectiva do Grande Hotel. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas./ Organizado por Luis Rubira (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte) v. 2: Arte e Cultura. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade - Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS Gráfica e Editora Pallotti, 2014, p. 576.

Figura 227- Implantação. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pelo IPHAN.

Figura 228- Desenho de autoria de Barros, adaptado pela autora com indicação dos acessos. Fonte: PARADEDA, 1927, s. p.

Figura 229- Planta do subsolo. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 230- Planta do andar térreo. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 231- Planta do andar nobre. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 232- Planta do terceiro e quarto andar. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 233- Átrio do hotel, desenho de autoria de Barros. Fonte: Ilustração Pelotense, 01 de maio de 1925, edição 00009.

Figura 234- Átrio com cobertura de ferro e vidros coloridos, fotografia de 2003. Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 235- Vista superior do átrio, fotografia de 2003. Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 236- Átrio com cobertura, fotografia de 2014. Fonte: Katiele Radünz.

Figura 237- Perspectiva do Grande Hotel. Fonte: Fotografia de Katiele Radünz.

Figura 238- Fachada principal voltada para a praça, desenho de autoria de Barros. Fonte: Ilustração Pelotense, 01 de maio de 1925, edição 00009.

Figura 239- Fachada voltada para a rua Anchieta, desenho de autoria de Barros. Fonte: Ilustração Pelotense, 01 de maio de 1925, edição 00009.

Figura 240- Fachada principal voltada para a praça. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 241- Fachada voltada para a rua Anchieta. Fonte: Adaptado de arquivo disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas/SECULT/Programa Monumenta.

Figura 242- Quartel do Comando Geral da Brigada Militar. Fonte: Fotógrafo de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 243- Localização. Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora, 2022.

Figura 244- Antigo Quartel do Comando Geral. Fonte: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/historia>.

Figura 245- Rua dos Andradas e Quartel General na década de 1920. Fonte: Revista Mascara, número comemorativo do Centenário da Independência.

Figura 246- Lançamento da pedra fundamental do Quartel do Comando-Geral. Fonte: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/historia>.

Figura 247- Linha do tempo: histórico do Quartel General da Brigada Militar. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 248- Fotografia do Novo Quartel do Comando-Geral da Brigada Militar em 1930. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 249- Perspectiva Quartel do Comando-Geral. Fonte: Fotógrafo de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 250- Implantação. Fonte: Redesenho da autora.

Figura 251- Diagrama com as fases da construção. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 252- Escada do acesso principal, fotografia da época. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 253- Escada do acesso principal, fotografia atual (2022). Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 254- Vista interna do acesso. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

Figura 255- Nível superior do hall de entrada. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 256- Hall de entrada. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 257- Escadaria da Biblioteca Laurenziana. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/87683427@N00/6928688463/in/photostream/>

Figura 258- Salão nobre. Fonte: Tainá Manfredini. Outubro/2022.

Figura 259- Redesenho do trecho da planta do 1º pavimento. Fonte: Tainá Manfredini.

Figura 260- Redesenho do corte transversal. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SOP.

Figura 261- Redesenho da fachada nobre voltada para a rua dos Andradas. Fonte: redesenho por Tainá Manfredini a partir de arquivo da SOP.

Figura 262- Corredor interno. Fonte: Tainá Manfredini. Outubro/2022.

Figura 263- Salão nobre. Fonte: Tainá Manfredini. Outubro/2022.

Figura 264- Teto do salão nobre. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 265- Terraço da cobertura. Fonte: Tainá

Manfredini. Outubro/2022.

Figura 266- Fachada rua dos Andradas. Fonte: Tainá Manfredini. Junho/2021.

Figura 267- Fachada rua General Canabarro. Fonte: Tainá Manfredini. Junho/2021.

Figura 268- Detalhes do trecho da fachada aproximada. Fonte: Fotógrafo de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 269- Fachada rua Sete de Setembro. Fonte: Fotógrafo de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 270- Vista através do pátio interno. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 271- Vista interna do vitral e da escada. Fonte: Cláudio Calovi Pereira. Outubro/2022.

Figura 272- Quartel-general da Brigada Militar. Fonte: Fotógrafo de Arquitetura Gabriel Konrath, integrante do arqpoa. Setembro/2021.

Figura 273- Fachada Escola Complementar, projeto de Barros. Fonte: Arquivo do Colégio Paula Soares.

Figura 274- Fachada Escola Elementar, projeto de Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 275- Fachada Secretaria da Fazenda, projeto de Hebert. Fonte: Acervo da Secretaria de Obras Públicas do Estado.

Figura 276- Fachada Secretaria da Fazenda e de Obras Públicas, projeto de Barros. Fonte: Relatório da Secretaria das Obras Públicas, 1930.

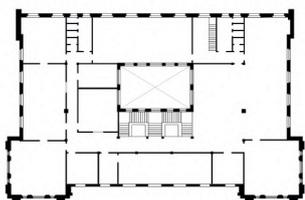
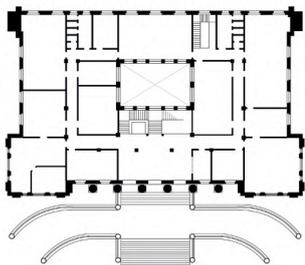
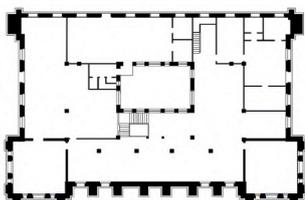
Figura 277- Pórtico da Unidade Central do Colégio Metodista IPA, Porto Alegre. Fonte: Igor Sperotto.

Figura 278- Igreja de Nossa Senhora de Auxiliadora, Porto Alegre. Fonte: <https://igrejaauxiliadora.blogspot.com/2011/09/blog-post.html>.

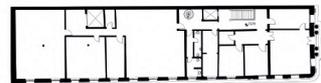
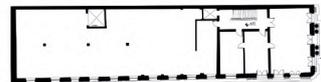
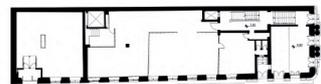
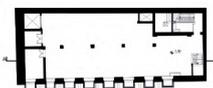
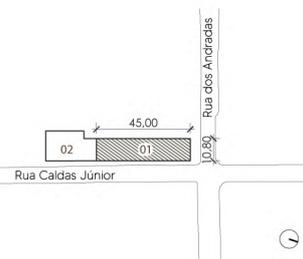
ANEXO I : redesenhos

	BIBLIOTECA PÚBLICA DO RS	COLÉGIO COMPLEMENTAR	SECRETARIA DA FAZENDA DO RS
Implantação			
Planta subsolo			
Planta térreo (1º pav.)			
Planta 2º pav.			
Planta 3º pav.			

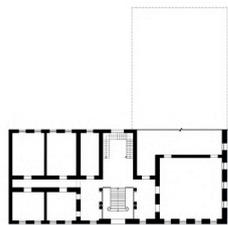
**SECRETARIA DE OBRAS
PÚBLICAS DO RS**



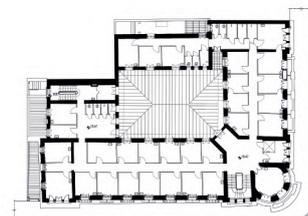
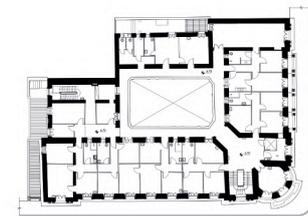
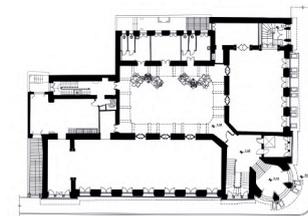
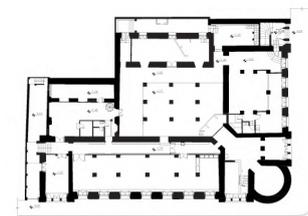
A FEDERAÇÃO



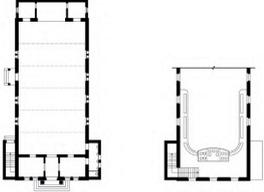
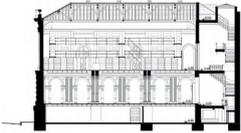
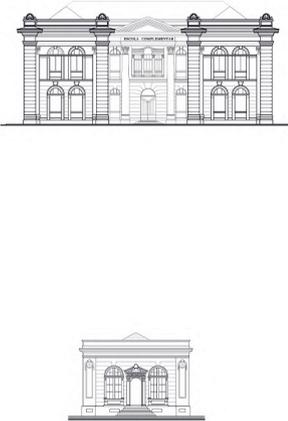
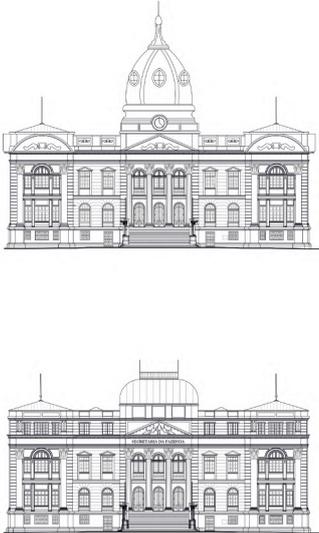
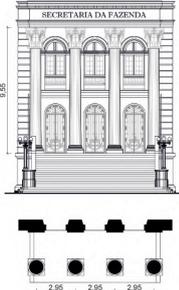
GRANDE HOTEL PELOTAS



**QUARTEL DO COMANDO
GERAL DA BRIGADA
MILITAR**



0 10 20

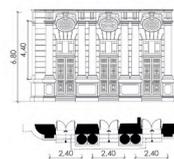
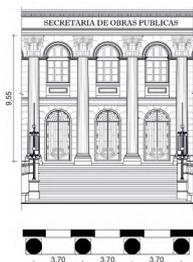
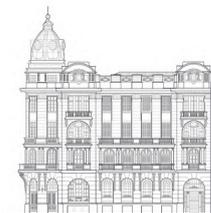
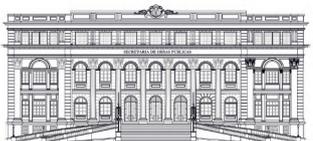
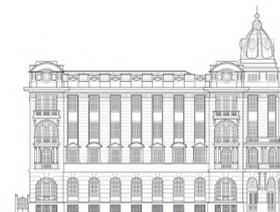
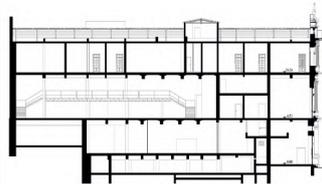
	BIBLIOTECA PÚBLICA DO RS	COLÉGIO COMPLEMENTAR	SECRETARIA DA FAZENDA DO RS
Plantas volume anexo			
Cortes			
Fachadas			
Trechos ampliados			

SECRETARIA DE OBRAS
PÚBLICAS DO RS

A FEDERAÇÃO

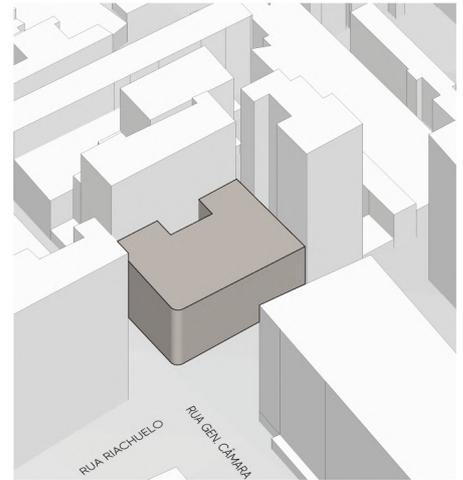
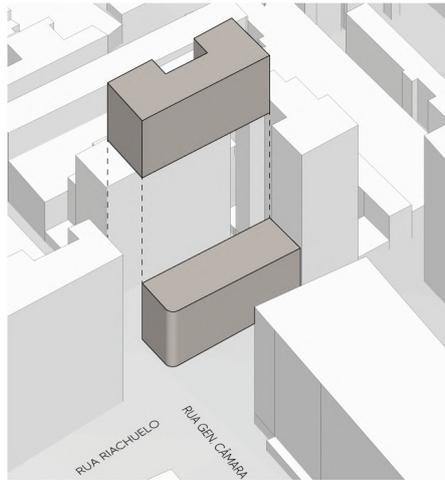
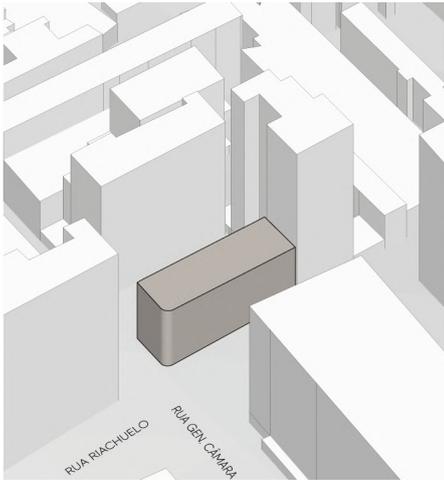
GRANDE HOTEL PELOTAS

QUARTEL DO COMANDO
GERAL DA BRIGADA
MILITAR

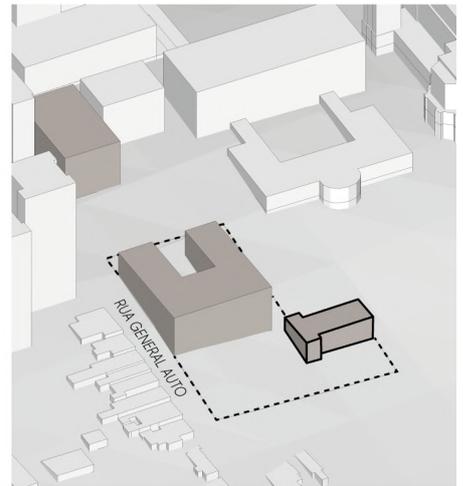
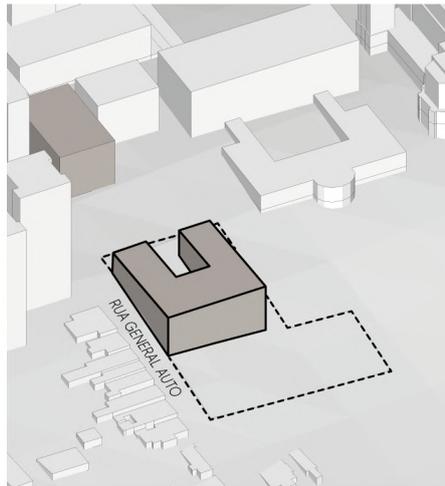
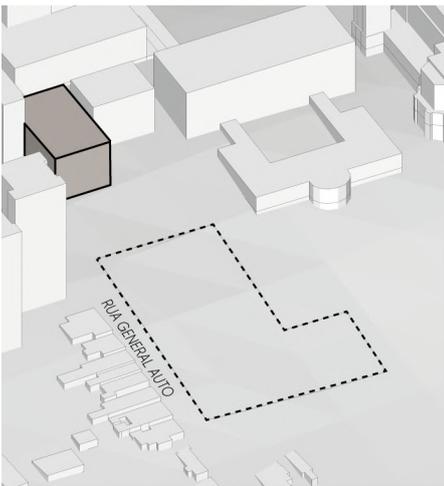


ANEXO II: diagramas

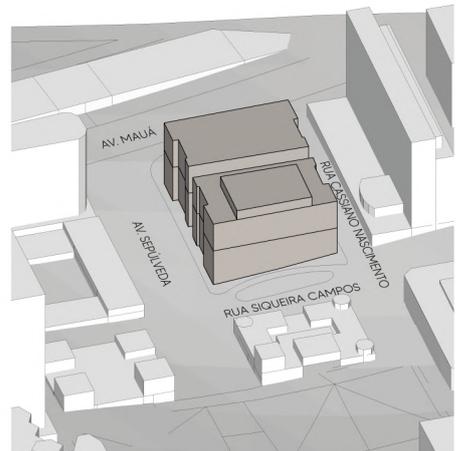
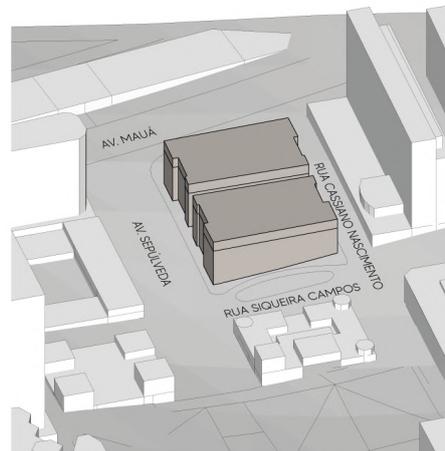
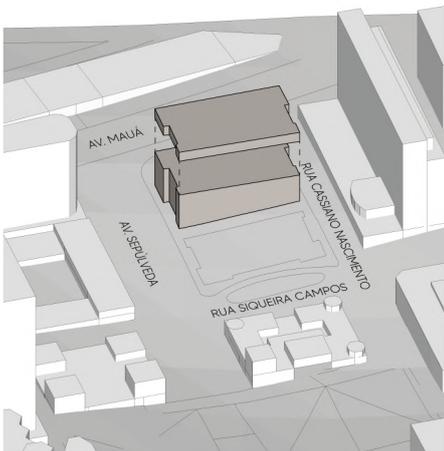
BIBLIOTECA PÚBLICA DO RS



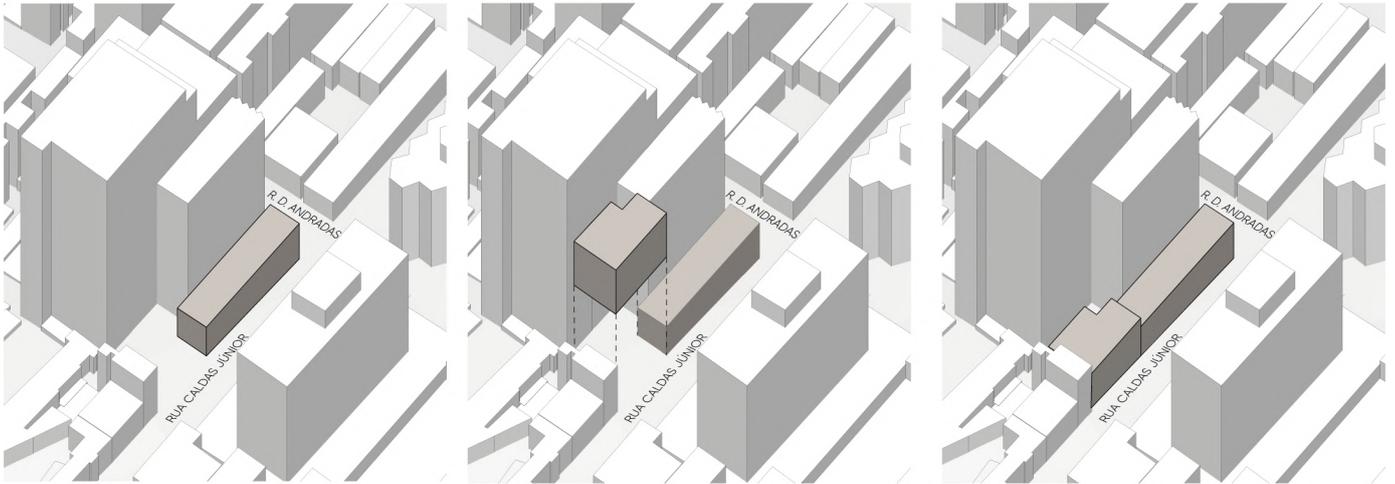
COLÉGIO COMPLEMENTAR



SECRETARIA DA FAZENDA E DE OBRAS PÚBLICAS DO RS



A FEDERAÇÃO



GRANDE HOTEL PELOTAS



QUARTEL DO COMANDO GERAL DA BRIGADA MILITAR

